STAR WARS
A ALTA REPÚBLICA
A LUZ DOS JEDI
CHARLES SOULE
TRADUTORES DOS WHILLS

nível."

A LUZ DOS JEDI

CHARLES SOULE

Tradução

ENCLAVE DA FORÇA

Tradução, Revisão e Edição

Para Hannah, Sam, Chris, e Jay, que amam *Star Wars* tanto quanto eu

Índice

Parte Dois: Os Caminhos

Parte Três: A Tempestade

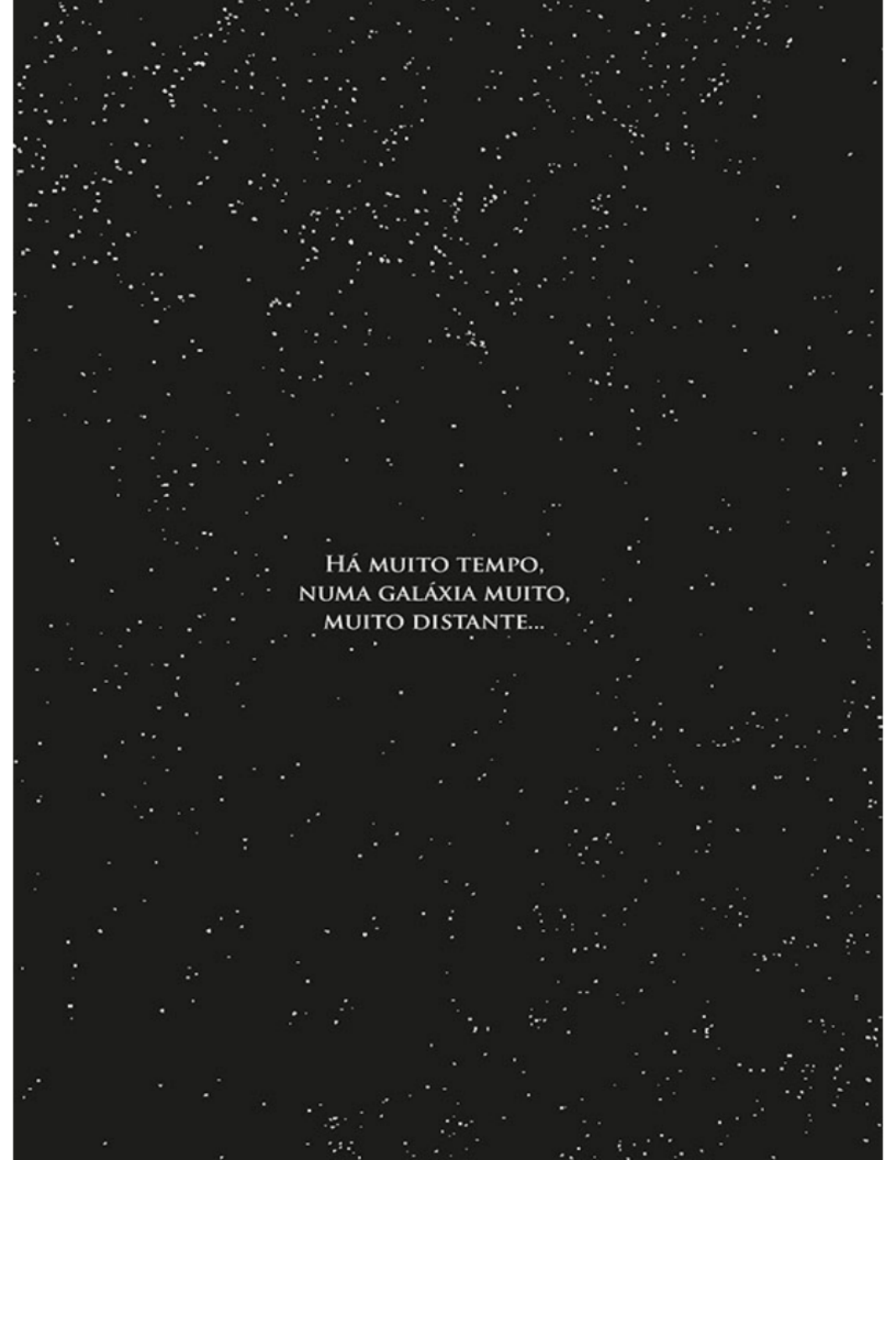
TRADUTORES DOS WHILLS

corrigi-lo. Este livro digital está disponível gratuitamente no Blog dos ***Tradutores dos Whills***. Visite-nos na nossa página para encontrar a versão mais recente, outros livros e histórias, ou para enviar comentários, críticas ou agradecimentos: tradutoresdoswhills.wordpress.com

Introdução

A Força está com a galáxia.

É a época da Alta República: uma união pacífica de mundos de pensamento semelhante, onde todas as vozes são ouvidas e a governança é alcançada por meio do consenso, não da coerção ou do medo. É uma era de ambição, de cultura, de inclusão, de Grandes Obras. A visionária chanceler Lina Soh lidera a República da elegante cidade-mundo de Coruscant, localizada perto do centro brilhante do Núcleo Galáctico.

Além do Núcleo e de suas muitas colônias pacíficas, contudo, existe a Orla Interna, a Média e, finalmente, na fronteira do que é conhecido: a Orla Externa. Esses mundos estão repletos de oportunidades para os corajosos o suficiente para viajarem pelas poucas vias bem mapeadas do hiperespaço que levam a eles, embora também haja perigo. A Orla Externa é um refúgio para qualquer um que busca escapar das leis da República e está repleta de predadores de todo tipo.

A chanceler Soh se comprometeu em trazer os mundos da Orla Externa para os braços da República por meio de programas ambiciosos de divulgação, como o Farol Estelar. Mas até que seja colocado online, a ordem e a justiça são mantidas na fronteira galáctica pelos Cavaleiros Jedi, guardiões da paz que dominaram habilidades incríveis originadas de um misterioso campo de energia conhecido como Força.

Os Jedi trabalham em estreita colaboração com a República e concordaram em estabelecer postos avançados na Orla Exterior para ajudar qualquer um que precise de ajuda. Os Jedi da fronteira podem ser os únicos recursos para pessoas que não têm mais para onde recorrer.

Embora os postos avançados operem de forma independente e sem assistência direta do grande Templo Jedi em Coruscant, eles agem como um impedimento eficaz para aqueles que fazem o mal nas sombras.

Poucos podem enfrentar os Cavaleiros da Ordem Jedi. Mas sempre haverá quem tente...

HÁ MUITO TEMPO,
NUMA GALÁXIA MUITO,
MUITO DISTANTE...

STAR WARS
A ALTA REPÚBLICA

A galáxia está em paz, governada pela gloriosa República e protegida pelos nobres e sábios CAVALEIROS JEDI.

Como um símbolo de que tudo é bom, a República está prestes a lançar o Farol Estelar nos confins do Anel Exterior. Este novo espaço servirá como um raio de esperança para todos verem.

Mas assim como o renascimento magnífico se espalha por toda a República, o mesmo acontece com um novo adversário assustador. Agora, os guardiões da paz e da justiça devem enfrentar uma ameaça a si próprios, à galáxia e à própria Força...

PARTE UM

O Grande Disastre

CAPÍTULO UM

HIPER ESPAÇO. A *LEGACY RUN.*

3 horas para o impacto.

Tudo está bem.

A capitã Hedda Casset revisou as leituras e as telas embutidas em sua cadeira de comando pela segunda vez. Sempre os examinava pelo menos duas vezes. Ela tinha mais de quatro décadas de voo em sua carreira e imaginou que a verificação dupla era uma grande parte do motivo pelo qual ainda estava voando. A segunda checagem confirmou tudo o que viu na primeira.

— Tudo está correto. — disse ela, desta vez em voz alta, anunciando à equipe da ponte. — Hora das minhas rondas. Tenente Bowman, Assuma a ponte.

— Confirmado, capitã. — respondeu o seu primeiro oficial, levantando-se de seu próprio assento, preparando-se para ocupar o dela até que voltasse de sua caminhada noturna.

Nem todo capitão de cargueiro de longas distâncias dirigia a sua nave como uma embarcação militar. Hedda tinha visto naves espaciais com chão manchado, canos vazando e rachaduras nas janelas da cabine, lapsos que a perfuravam à sua própria alma. Mas Hedda Casset começou a sua carreira como piloto de caça na Força-Tarefa Conjunta entre Malastare e Sullust, mantendo a ordem em seu pequeno setor da Orla média. Ela começou a pilotar um Incom Z-24, o caça de assento único que todos chamavam de

Buzzbug. Principalmente missões de ação policial, caçando piratas e afins. Eventualmente, porém, ela se ascendeu para comandar um cruzador pesado, uma das maiores naves da frota. Uma boa carreira, fazendo um bom trabalho.

Ela deixou a Mallust JTF com distinção, mudou-se para um emprego de capitã de embarcações mercantes para a Guilda Byrne, a sua versão de uma aposentadoria tranquila. Mas mais de trinta anos nas forças armadas significavam que a ordem e a disciplina não estavam apenas no sangue dela, eram o sangue dela. Então, todas as naves que voou até agora estavam sendo executadas como se estivessem prestes a travar uma batalha decisiva contra uma armada Hutt, mesmo que estivesse apenas carregando uma carga de peles de ogrut do mundo A para o mundo B. Esta nave, a *Legacy*, não era exceção.

Hedda se levantou, aceitando e devolvendo a saudação do tenente Jary Bowman. Ela se espreguiçou, sentindo os ossos de sua coluna estalarem e triturarem. Muitos anos em patrulhas em cabines minúsculas, muitas manobra com muita força gravitacional, algumas vezes em combate, outras apenas porque isso a fazia se sentir viva.

O problema real, porém, ela pensou, colocando uma mecha de cabelos grisalhos atrás de uma orelha, *são muitos anos.*

por um corredor compacto para o mundo maior e mais caótico da *Legacy*. A nave era um Transporte Modular de Carga Classe A dos estaleiros Kaniff, quase tão velho quanto ela. Isso colocou a embarcação um pouco além de sua vida operacional ideal, mas dentro de parâmetros seguros, se ela fosse bem mantida e com manutenção regular, como era. Sua capitã tratava dela.

A *Run* era uma nave de uso misto, classificada para carga e passageiros, portanto "modular” em sua designação. Era composta por um imenso compartimento central, em forma de um prisma longo e triangular, com engenharia à popa e o restante do espaço destinado à carga. A ponte se conectava ao casco central por meio de longos braços na forma de lança, um dos quais ela estava atravessando naquele exato momento. Módulos menores adicionais poderiam ser anexados à seção central, até cento e quarenta e quatro, trocados dentro e fora do pátio de pouso, dependendo da necessidade da operação.

Hedda gostou das qualidades variáveis da nave, porque significava que nunca sabia o que iria receber, quais desafios estranhos você pode enfrentar de um emprego para o outro. Uma vez ela havia voado quando a metade de sua carga foi reconfigurada em um enorme tanque de água, para transportar um gigantesco peixe-sabre dos mares Tempestuosos de Spira até o aquário

particular de uma condessa de Abregado-rae. Hedda e a sua equipe haviam levado o animal para lá em segurança, não era uma tarefa fácil. Foi ainda mais difícil, porém, levar a criatura de volta a Spira três ciclos depois, quando a maldita coisa ficou doente porque o pessoal da condessa não fazia ideia de como cuidar dela. Porém, deu crédito à mulher, que pagou o frete total para enviar o peixe-sabre para casa. Muitas pessoas, especialmente os nobres, teriam simplesmente o deixado morrer.

Essa viagem em particular, em comparação, era tão simples quanto surgiu. As seções de carga da *Legacy* estavam cerca de oitenta por cento cheias de colonos que se dirigiam para a Orla Exterior dos mundos superpovoados do centro e Colônias, buscando novas vidas, novas oportunidades, novos céus. Ela poderia se relacionar com isso. Hedda Casset ficou inquieta a vida toda. Ela tinha a sensação de que morreria assim também, olhando pela janela esperando que os seus olhos pousassem em algo que nunca tinha visto antes.

Como se tratava de uma operação de transporte, a maioria dos módulos da nave eram configurações básicas de passageiros, com assentos abertos que se transformavam em camas que eram, em teoria, confortáveis o suficiente para dormir. Instalações sanitárias, armazenamento, algumas holo telas, cozinhas pequenas e só. Para os colonos dispostos a pagar pelo maior conforto e conveniência, alguns tinham cantinas automáticas operadas por droides e compartimentos particulares para dormir, mas não muitos. Essas pessoas eram frugais. Se eles tivessem dinheiro para começar, provavelmente não iriam para a Orla Exterior para tentar conseguir um futuro. O limite sombrio da galáxia era um lugar de desafios emocionantes e mortais. Mais mortais do que emocionantes, na verdade.

Até a estrada para sair dali é complicada, Hedda pensou, com o seu olhar atraído pelo turbilhão do lado de fora da grande janela pela qual passava do o hiperespaço. Ela desviou os olhos, sabendo que poderia ficar ali por vinte minutos se deixasse ser sugada. Não se pode confiar no hiperespaço. Ele é útil, claro, leva você daqui pra lá, foi a chave para a expansão da República do núcleo, mas ninguém realmente entendia. Se o seu droide navegador calculasse mal as coordenadas, mesmo que um pouco, você poderia terminar fora da rota marcada, da estrada principal do hiperespaço, e então você estaria em um caminho sombrio que levaria a quem sabe onde. Isso chegou a acontecer mesmo nas hiperrotas bem percorridas perto do centro galáctico, e aqui fora, onde os garimpeiros mal haviam mapeado nenhuma rota… bem, era algo que precisava-se ficar de olho.

Ela deixou isso de lado e continuou o seu caminho. A verdade era que a *Legacy* estava atualmente acelerando ao longo da rota mais conhecida e bem percorrida até os mundos da Orla Exterior. Essa era uma viagem em que ela também teria carga para trazer de volta. As naves se moviam ao longo desta hiperrota constantemente, em ambas as direções. Nada para se preocupar.

Mas mais de nove mil almas a bordo desta nave estavam dependendo da capitã Hedda Casset para levá-las em segurança ao seu destino. Ela se preocupou, mas era o seu trabalho.

Hedda saiu do corredor e entrou no casco central, emergindo em um grande espaço circular, um ponto aberto necessário à estrutura da nave que havia sido reaproveitada como uma espécie de área comum não oficial. Um grupo de crianças chutou uma bola, enquanto os adultos ficavam conversando nas proximidades, ou apenas desfrutavam de uma pequena pausa dos confinamentos apertados dos módulos onde passavam a maior parte do tempo. O espaço não era chique, apenas um ponto de junção vazio onde vários corredores curtos se encontravam, mas era limpo. A nave empregava, por insistência da capitã, uma equipe de manutenção automatizada que mantinha o seu interior limpo e higiênico. Um dos droides estava andando ao longo de uma parede naquele momento, realizando uma das infinitas tarefas necessárias em um nave do tamanho da *Run*.

Ela levou um momento para fazer uma avaliação desse grupo, umas vinte pessoas ou mais, de todas as idades e de vários mundos. Humanos, é claro, mas também alguns Ardennianos de quatro braços, cobertos de peles, uma família de Givins com os seus distintos olhos triangulares, e até mesmo um Lannik, com a sua face apertada, coque samurai, e enormes orelhas pontiagudas salientes do lado de sua cabeça, não se viam muitos deles por aí. Mas não importava o planeta de origem, todos eram apenas pessoas comuns, esperando a hora que as suas novas vidas pudessem começar.

Uma das crianças olhou para cima.

— Capitã Casset! — o menino disse, um humano, de pele morena e cabelos ruivos. Ela o conhecia.

— Olá, Serj. — disse Hedda. — Alguma novidade? Está tudo bem por aqui?

As outras crianças pararam o jogo e se amontoaram ao seu redor.

— Poderíamos usar novos holos. — disse Serj. — Vimos tudo do sistema.

— Tudo o que temos é tudo o que temos. — respondeu Hedda. — E pare

de hackear o arquivo para ver os títulos com restrição de idade. Você acha que eu não sei? Esta é a minha nave. Eu sei tudo o que acontece na *Legacy*.

Ela se inclinou para frente.

— *Tudo*.

Serj corou e olhou para os amigos, que de repente também encontraram coisas muito interessantes no chão, no teto e nas paredes da câmara absolutamente desinteressante.

— Não se preocupe com isso. — disse ela, endireitando-se. — Entendi. Este é um passeio bastante chato. Você não acredita em mim, mas em pouco tempo, quando os seus pais plantarem campos, construírem cercas ou lutarem contra rancores, estarão sonhando com o tempo que passaram nesta nave. Apenas relaxe e aproveite.

Serj revirou os olhos e voltou a qualquer jogo improvisado que ele e as outras crianças tinham inventado.

Hedda sorriu e atravessou a sala, assentindo e conversando enquanto caminhava. Pessoas. Provavelmente algumas boas, outras ruins, mas pelos próximos dias, o seu pessoal. Ela adorava essas viagens. Não importa o que eventualmente aconteceu na vida dessas pessoas, estavam indo para a Orla para tornar os seus sonhos realidade. Ela fazia parte disso, e isso a fez se sentir bem.

A República da Chanceler Soh não era perfeita, nenhum governo era ou jamais poderia ser, mas era um sistema que dava espaço às pessoas para sonhar. Não, melhor ainda. Encorajava os sonhos, dos grandes aos pequenos. A República tinha as suas falhas, mas, considerando tudo, poderia ser muito pior.

As rondas de Hedda levaram mais de uma hora, percorreu os compartimentos dos passageiros, mas também verificou uma remessa de tibana líquida super-resfriada para garantir que as coisas voláteis estivessem adequadamente travadas (e estavam), inspecionou os motores (tudo bem), investigou a situação dos reparos nos sistemas de recirculação ambiental da nave (em progresso e procedendo bem) e garantiu que as reservas de combustível ainda fossem mais do que adequadas para o resto da jornada, com uma margem confortável (elas eram).

A *Legacy* estava exatamente como queria. Um mundo minúsculo e bem conservado no deserto, uma quente bolha de segurança no vazio. Não podia garantir o que estava esperando por esses colonos, uma vez que eles se dispersavam na Orla Exterior, mas ela garantiria que chegassem lá sãos e

salvos para descobrir.

Hedda voltou para a ponte, onde o tenente Bowman quase se levantou no momento em que a viu entrar.

— Capitã na ponte. — disse ele, e os outros oficiais sentaram-se retos.

— Obrigado, Jary. — disse Hedda, enquanto o seu segundo se afastava e voltava ao seu posto.

Hedda sentou-se em sua cadeira de comando, verificando automaticamente as telas, procurando algo fora do comum.

Está tudo bem, ela pensou.

KTANG. KTANG. KTANG. KTANG.

Um alarme alto e insistente. A iluminação da ponte passou para a sua configuração de emergência, banhando tudo em vermelho. Pela janela de visualização frontal, os turbilhões do hiperespaço pareciam alterados, de alguma forma. Talvez fosse a iluminação de emergência, mas tinham um tom avermelhado. Pareciam… doentes.

Hedda sentiu o seu pulso acelerar. A sua mente entrou em modo de combate sem pensar.

— Relatório! — ela bradou, com os seus olhos chicoteando ao longo de seu próprio conjunto de telas para encontrar a fonte do alarme.

— Alarme gerado pelo computador de navegação, capitã. — chamou o navegador Cadete Kalwar, um jovem Quermiano. — Há algo na hipervia. Bem à frente. Grande. Impacto em dez segundos.

A voz do cadete se manteve firme e Hedda estava orgulhosa dele. Ele provavelmente não era muito mais velho que Serj.

Ela sabia que essa situação era impossível. As hipervias estavam vazias. E esse era o propósito. Ela não poderia recitar às pressas toda a ciência envolvida, mas ela sabia que as colisões na velocidade da luz em vias estabelecidas simplesmente não poderiam acontecer. Ouvir os engenheiros falarem sobre isso, era "matematicamente absurdo.

Hedda estava voando no espaço profundo tempo suficiente para saber que coisas impossíveis aconteceram o tempo todo, a cada maldito dia. Ela também sabia que esses dez segundos não eram o mesmo tempo da velocidade que a *Legacy* estava viajando.

Não se pode confiar no hiperespaço, ela pensou.

Hedda Casset apertou dois botões em seu console de comando.

— Segurem-se. — disse ela, sua voz calma. — Estou assumindo o controle.

As duas hastes de pilotagem se ergueram dos braços da cadeira de capitão e Hedda as agarrou, uma em cada mão.

Ela poupou tempo para respirar e voou.

A *Legacy* não era um Incom Z-24 Buzzbug, nem mesmo uma das novas Longbeams da República. Estava em serviço há mais de um século. Era um cargueiro no final da sua vida útil operacional, se não além, carregado até ao limite da sua capacidade máxima, com motores projetados para aceleração e desaceleração lenta e gradual, além de atracar em portos espaciais e instalações de carregamentos orbitais. Ele manobrava como uma lua.

A *Legacy Run* não era uma nave de guerra. Não chega nem perto disso. Mas Hedda voou como se fosse uma.

Ela viu o obstáculo no caminho com os olhos e os instintos de uma piloto de caça, viu-o avançar a uma velocidade incrível, grande o suficiente para que a sua nave e o que quer que fosse, fossem se desintegrar em átomos, a poeira flutuando para sempre através das hiperrotas. Não havia tempo para evitá-lo. A nave não pôde fazer a curva. Não havia espaço e não havia tempo.

Mas a capitã Hedda Casset estava no comando, e não falharia com a sua nave.

O menor ajuste da alavanca de controle esquerda, e uma rotação maior para a direita, e a *Legacy* se moveu. Mais do que queria, mas não menos do que acreditava que podia, e o enorme cargueiro passou pelo obstáculo em seu caminho, a coisa passava pelo casco tão perto de Hedda, que ela tinha certeza de estava bagunçando o seu cabelo, apesar das muitas camadas de metal e blindagem entre eles.

Mas eles estavam vivos. Sem impacto. A nave estava viva.

Turbulência, e Hedda lutou contra ela, sentindo o caminho através dos solavancos e ondulações irregulares, fechando os olhos, sem precisar ver para voar. A nave gemeu, com a sua estrutura sofrendo.

— Você pode fazer isso, velhota. — disse ela em voz alta. — Somos duas senhoras rabugentas, com certeza, mas nós temos muita vida para viver. Eu cuidei muito bem de você, droga e sabe disso. Eu não vou decepcioná-la se não me decepcionar.

Hedda não falhou com a sua nave.

A sua nave falhou com ela.

O gemido do metal se tornou um grito. As vibrações da passagem da nave pelo espaço assumiram um novo timbre que Hedda havia sentido muitas vezes antes. Era a sensação de uma nave que havia ultrapassado seus limites,

desde sofrer muito dano em um tiroteio ou, como aqui, apenas ser solicitado a realizar uma manobra que era mais do que poderia dar.

A *Legacy* estava se despedaçando. Tinha segundos para viver, no máximo.

Hedda abriu os olhos. Ela soltou os controles e digitou os comandos em seu console, ativando a blindagem das anteparas que separava cada módulo de carga em caso de desastre, pensando que talvez isso pudesse dar uma chance a algumas pessoas a bordo. Ela pensou em Serj e seus amigos, brincando na área comum, e como as portas de emergência tinham acabado de bater na entrada de cada módulo de passageiro, possivelmente prendendo-os em uma zona que estava prestes a se tornar vácuo. Ela esperava que as crianças tivessem ido para suas famílias quando os alarmes soaram.

Ela não sabia.

Ela simplesmente não sabia.

Hedda fixou os olhos em seu primeiro oficial, que estava olhando para ela, sabendo o que estava prestes a acontecer. Ele a saudou.

— Capitã. — disse o tenente Bowman. — foi uma...

A ponte se rasgou ao meio.

Hedda Casset morreu, sem saber se havia salvo alguém.

CAPÍTULO DOIS

A ORLA EXTERIOR. SISTEMA HETZAL.
2,5 horas para o impacto.

Técnico de escaneamento (de terceira classe) Merven Getter Estava *pronto*. Pronto para marcar o dia, pronto para levar o transporte de volta ao sistema interno, pronto pra ir para a cantina a algumas ruas de distância do espaçoporto na Lua Enraizada onde Sella trabalhava como garçonete, pronto para ver se hoje era o dia em que ele pode encontrar coragem para convidá-la pra sair. Ela era Twi'lek e ele era Mirialano, mas que diferença isso fazia? *Todos nós somos a República*. O grande lema da Chanceler Soh, mas as pessoas acreditaram nisso. Na verdade, Merven achava que ele também. As atitudes estavam evoluindo. As possibilidades eram infinitas.

E talvez, uma dessas possibilidades girava em torno de uma equipe de técnicos de escaneamento (de terceira classe) em uma estação de monitoramento distante no elíptico Sistema de Hetzal, sozinho no fim do mundo da Orla, tristemente distante das luzes brilhantes e mundos interessantes do Núcleo da República. Talvez aquele técnico de escaneamento (de terceira classe), que passava os seus dias olhando holo telas, registrando o tráfego de naves entrando e saindo do sistema, poderia realmente chamar a atenção da adorável mulher de pele escarlate que lhe servia uma caneca da cerveja local, por três ou quatro noites por semana. Sella geralmente ficava por perto para conversar com ele por um tempo, voltando a trabalhar quando outros clientes entravam e saíam de sua pequena

taverna. Ela parecia achar as histórias dele sobre a vida na outra extremidade do sistema inexplicavelmente interessantes.

Merven não entendia por que ela era tão fascinada. Às vezes as naves apareciam no sistema, surgindo do hiperespaço e aparecendo em suas telas, e outras vezes as naves saíam... Nesse ponto, os seus pequenos ícones desapareciam das suas telas. Nunca aconteceu nada de interessante, os planos de voo eram registrados com antecedência, então geralmente sabia o que estava vindo ou indo. Merven era responsável por garantir que esses planos de voo fossem seguidos, e nada mais. Na eventualidade de algo incomum acontecer, seu trabalho era apenas notificar as pessoas significativamente mais importantes do que ele.

Técnico de escaneamento (de terceira classe) Merven Getter passava os seus dias vendo as pessoas irem a lugares. Ele, em contraponto, ficava parado.

Mas talvez não hoje. Ele pensou em Sella. Ele pensou no sorriso dela, no jeito como ela decorou o seu lekku com aqueles laços intrincados que disse que ela mesma desenhou, no jeito que ela parou o que quer que estivesse fazendo para servir a caneca de cerveja dele no momento em que entrou, sem nem mesmo ter que perguntar para isso.

Sim. Ele ia convidá-la para jantar. Nesta noite. Ele estava economizando e conhecia um lugar não muito longe da cantina. Não muito longe de sua casa, também, mas estava se adiantando.

Ele apenas tinha que passar por seu maldito turno.

Merven olhou para a sua colega, técnica de escaneamento (de segunda classe) Vel Carann. Queria perguntar a ela se poderia fazer a saída um pouco mais cedo naquele dia, para pegar o transporte de volta à Lua Enraizada. Ela estava lendo algo em um datapad, com os olhos extasiados. Provavelmente um dos romances sobre os Jedi pelos quais ela sempre foi obcecada. Merven não entendia. Ele tinha lido alguns, todos estavam posicionados em postos avançados nas fronteiras da República, cheios de amor não correspondido e olhares de saudade... A única ação eram as batalhas de sabres de luz que eram claramente um substituto para o que os personagens realmente queriam fazer. Vel não deveria estar lendo material pessoal no horário de trabalho, mas se ele a chamasse, ela simplesmente tocaria na tela e mudaria para um manual técnico e insistiria que não estava fazendo nada de errado. O problema era que ela era de segunda classe e ele de terceira classe.

Não. Nem vale a pena pedir um horário de encerramento antecipado. Não pra Vel. Ele poderia passar o resto de seu turno. Não falta muito agora, e...

Algo apareceu em uma das suas telas.

— Huh. — disse Merven.

Isso foi estranho. Nada estava programado para entrar no sistema nos próximos vinte ou mais minutos.

Outra coisa apareceu. Uma série de coisas. Dez.

— O que..? — Disse Merven.

— Algum problema, Getter? — Vel perguntou, sem tirar os olhos da tela.

— Não tenho certeza. — disse ele. — Tenho um monte de entradas não programadas no sistema e não estão desacelerando.

— Espere... O que? — Vel disse, largando sua tela de dados e finalmente olhando para seus próprios monitores. — Oh, isso é estranho.

Mais ícones apareceram nas telas de Merven, muitos pra contar à primeira vista.

— É isto... Você acha que são... Asteroides, talvez? — Vel disse, com a sua voz instável.

— Nessa velocidade? Do hiperespaço? Não sei. Faça uma análise. — disse Merven. — Veja se consegue descobrir o que são.

Silêncio da estação de Vel.

Merven ergueu os olhos.

— Eu... Não sei como. — disse ela. — Após a última atualização, nunca me preocupei em aprender os sistemas. Você parecia ter tudo sob controle, e realmente estou aqui para supervisionar, você sabe, e…

— Tudo bem. — disse ele, totalmente sem surpresa. — Você pode rastrear as trajetórias, pelo menos? Essa sub-rotina é a mesma há dois anos.

— Sim. — disse Vel. — Isso eu posso fazer.

Merven voltou para suas telas e começou a digitar comandos em seus teclados.

Haviam agora quarenta e duas anomalias no sistema, todas se movendo a uma velocidade próxima à velocidade da luz. Incrivelmente rápidas, em outras palavras, muito mais rápidas do que os regulamentos de segurança permitiam. Se fossem de fato naves, quem as estivesse pilotando seria multado. Mas Merven não achava que fossem naves. Elas eram muito pequenas, para começar, e não tinham assinaturas.

Asteroides, talvez? Rochas espaciais, de alguma forma lançadas no sistema? Algum tipo de Tempestade espacial estranha ou um enxame de cometas? Não podia ser um ataque, disso ele sabia. A República estava em paz e parecia que continuaria assim. Todos estavam felizes, vivendo as suas vidas. A República funcionava.

Além disso, o sistema Hetzal não tinha nada que valesse a pena atacar. Era apenas um conjunto comum de planetas, o mundo primitivo e as suas duas luas habitadas, a Frutificada e a Enraizada, com um foco profundo na produção agrícola. Tinha alguns gigantes gasosos e bolas de rocha congeladas, mas na verdade eram apenas muitos fazendeiros e todas as coisas que cultivavam. Merven sabia que era importante, que Hetzal exportava alimentos para toda a Orla Exterior, e parte da sua produção até chegava aos sistemas internos. Havia aquele bacta sobre o qual também estava lendo, algum tipo de substituto milagroso para o juvan que estavam tentando cultivar no mundo primitivo, supostamente para revolucionar a medicina se conseguissem descobrir como cultivá-lo em volume... Mas, ainda assim, eram apenas plantas. Era difícil ficar animado com as plantas.

Para ele, a maior reivindicação de fama de Hetzal era ser o mundo natal de uma famosa cantora de guelras chamada Illoria Daze, que podia vibrar seu aparelho vocal de forma a cantar melodias em harmonia em seis partes. Isso, em combinação com uma sagacidade exclusivamente atraente e uma história de fundo da pobreza para a riqueza, a tornou famosa em toda a República. Mas Illoria nem estava aqui. Ela morava em Alderaan agora, com pessoas elegantes.

Hetzal não tinha nada de valor real. Nada disso fazia sentido.

Outra onda de objetos apareceu em suas telas, tantos agora que estava sobrecarregando a capacidade de seu computador de rastreá-los. Ele diminuiu a resolução, mudando para uma visão de todo o sistema, tornando a imagem mais clara. Merven percebeu que as coisas, fossem quais fossem, não se restringiam a entrar no sistema pela segurança da zona de acesso ao hiperespaço. Eles estavam surgindo em todos os lugares, e alguns estavam chegando terrivelmente perto de...

— Oh, não. — disse Vel.

— Eu também vejo. — disse Merven. Ele nem mesmo precisou fazer uma análise de trajetória.

As anomalias foram direcionadas para o Sol, e muitas delas estavam em cursos de interceptação com os mundos habitados e as suas estações orbitais. As coisas também não estavam diminuindo. De modo nenhum. Quase na velocidade da luz, não importava se eles eram asteroides, ou naves, ou bolhas espumosas de doce efervescente. O que quer que acertassem, somente...iria.

Enquanto ele observava, um dos objetos esmagou um satélite de comunicações não tripulado. Tanto a anomalia quanto o satélite desapareceram de sua tela, e a galáxia ganhou um pouco mais de poeira espacial.

Hetzal Prime era grande o suficiente para poder suportar alguns impactos como esse e sobreviver como um corpo planetário. Mesmo as duas luas habitadas podem ser capazes de receber alguns golpes. Mas qualquer coisa viva neles...

Sella estava na Lua Enraizada agora.

— Temos que sair daqui. — disse ele. — Estamos bem na zona-alvo e mais dessas coisas aparecem a cada segundo. Precisamos chegar ao transporte.

— Eu concordo. — disse Vel, alguma semelhança de comando voltando à voz dela. — Mas primeiro precisamos enviar um alerta para todo o sistema. Nós temos que fazer isso.

Merven fechou os olhos por um momento, depois os abriu novamente.

— Você está certa. Claro.

— O computador precisa de códigos de autorização de nós dois para ativar o alarme de todo o sistema. — disse Vel. — Faremos isso ao meu sinal.

Ela digitou alguns comandos em seu teclado. Merven fez o mesmo e esperou que ela assentisse. Ela deu o sinal, e ele digitou o seu código.

Um alarme suave soou pelo convés de operações enquanto a mensagem era transmitida. Merven sabia que um som semelhante agora estava sendo ouvido em todo o sistema Hetzal, desde as cabines das caixas de lixo até o palácio do ministro no mundo primitivo. Quarenta bilhões de pessoas simplesmente olharam para cima com medo. Um deles era uma adorável Twi'lek de pele escarlate, provavelmente se perguntando se o seu Mirialano favorito iria passar na taverna naquela noite.

Merven se levantou.

— Fizemos o nosso trabalho. Hora do transporte. Podemos enviar uma mensagem explicando o que está acontecendo no caminho.

Vel assentiu e se levantou da cadeira.

— Sim. Vamos sair de…

Um dos objetos saltou do hiperespaço, tão perto e se movendo tão rápido que, em termos astronômicos, já estava sobre eles no momento em que apareceu.

Uma explosão de chamas e a anomalia desapareceu, junto com a estação de monitoramento, seus dois técnicos de escaneamentos e todos os seus objetivos, medos, habilidades, esperanças e sonhos; a energia cinética do objeto reduziu a átomos tudo o que tocou em menos de um instante.

CAPÍTULO TRÊS

CIDADE DE AGUIRRE, HETZAL PRIME.

2 horas para o impacto.

— Isto é real? — o Ministro Ecka perguntou enquanto os sinos tocavam em seu escritório – consistentes, insistentes, impossíveis de ignorar. O que, ele supôs, era o ponto.

— Parece que sim. — respondeu o Conselheiro Daan, colocando uma mecha de cabelo pra trás da orelha. — O alerta se originou de uma estação de monitoramento na extremidade do sistema. Ele veio com o nível de prioridade mais alto e atingiu todo o sistema. Cada computador conectado ao núcleo de processamento principal está soando o mesmo alarme.

— Mas o que está causando isso? — perguntou o ministro. — Não havia mensagem em anexo?

— Não. — respondeu Daan. — Pedimos esclarecimentos repetidamente, mas não houve resposta. Nós acreditamos... que a estação de monitoramento foi destruída.

O ministro Ecka pensou por um momento. Ele girou a cadeira para longe de seus conselheiros, a madeira velha rangendo um pouco sob seu peso. Ele olhou pela janela ampla que formava a parede atrás de sua mesa. Até onde ele podia ver: os campos dourados de Hetzal, até o horizonte. O mundo, todo o sistema, na verdade, acreditava em usar cada pedacinho de espaço disponível para crescer, criar, cultivar. Os edifícios eram cobertos com terras agrícolas, rios e lagos eram usados para cultivar algas e plantas aquáticas

úteis, as torres eram cobertas por terraços, com videiras derramando-se de seus lados. Os droides colhedores flutuavam entre eles, colhendo frutas maduras, o que quer que estivesse na estação. No momento, isso seria fruta-mel, amoras e melões de gelo. Em um mês, seria outra coisa. Em Hetzal, sempre havia algo na estação.

Ele amava essa vista. *A mais pacífica da galáxia*, ele acreditava. Tudo exatamente assim. Produtivo e correto.

Agora, com o alarme soando em seus ouvidos, não parecia mais assim. Agora tudo parecia... Frágil.

— Algo está acontecendo lá fora. — disse outro conselheiro, uma mulher Devaroniana chamada Zaffa.

Ecka a conhecia há muito tempo, e esta foi a primeira vez que a ouviu parecer preocupada. Ela estava olhando para uma tela de dados, franzindo a testa.

— Uma plataforma de mineração no meio do sistema acabou de cair. — disse Zaffa. — A rede de satélites também está começando a mostrar falhas. É como se algo estivesse destruindo as nossas instalações, uma por uma.

— E ainda não temos imagens? Isso é uma loucura. — declarou Ecka.

Ele apontou para o seu chefe de segurança, um corpulento humano de meia-idade.

— Borta, por que o seu pessoal não sabe o que está acontecendo?

Borta franziu a testa.

— Ministro, respeitosamente, você sabe por quê. Os seus cortes recentes reduziram a divisão de segurança de Hetzal a um décimo do tamanho anterior. Estamos trabalhando nisso, mas não podemos oferecer muito para suportar.

— É algum tipo de anomalia natural? Não pode ser... Não estamos sob ataque, estamos?

— A esse ponto, não sabemos. O que está acontecendo é compatível com algum tipo de infiltração inimiga, mas não estamos vendo assinaturas de unidades e os locais atingidos são bastante aleatórios. Ainda temos algumas plataformas de defesa orbital por aí e estão todas intactas. Se for um ataque, eles deveriam estar mirando nossa capacidade de contra-atacar, mas não estão.

Os sinos soaram novamente e Ecka girou a sua cadeira e apontou para o conselheiro Daan, que se encolheu.

— Você vai desligar aquele maldito alarme? Não consigo pensar!

Daan se levantou, ficando um pouco mais ereto, e digitou um controle na tela de dados. Os alarmes, felizmente, cessaram.

Outro conselheiro se manifestou, um jovem magro com cabelos ruivos e pele extremamente pálida, Keven Tarr. O Ministério da Tecnologia o havia enviado. Ecka não tinha muita utilidade para tecnologia que não fosse relacionada à produção agrícola. Em seu coração, ele ainda era um fazendeiro, mas sabia que Tarr era considerado muito inteligente. Provavelmente não demoraria muito até que o menino seguisse em frente, encontrasse um emprego em alguma parte mais sofisticada da galáxia. Era assim que as coisas eram em um mundo como Hetzal. Nem todos ficaram.

— Eu acho que posso mostrar o que está acontecendo, Ministro. — disse Tarr.

O homem tinha dedos longos para um humano, e eles dançaram sobre o seu datapad.

— Deixe-me passar os dados para o droide. — ele pode projetar as informações para que todos possamos ver.

Ele digitou alguns últimos comandos, então desenrolou um fio de conexão de seu datapad e conectou-o à porta de acesso do droide de comunicação hexagonal que esperava no canto da sala. Ele rolou para frente, seu único olho verde iluminando-se enquanto se movia.

A partir daquela visão, a máquina projetou uma imagem na grande parede branca do gabinete do ministro a qual era reservada para esse fim. Normalmente, as apresentações na parede de vídeo se preocupavam com os rendimentos das colheitas ou programas de erradicação de pragas. Agora, porém, exibia todo o sistema Hetzal, todos os seus mundos e estações e satélites e plataformas e naves.

E algo a mais.

Para o ministro Ecka, parecia um campo invadido por um enxame de insetos devoradores. Centenas de pequenas luzes se moviam por seu sistema no que parecia ser uma velocidade tremenda, todas na mesma direção: na direção do sol. Mais particularmente, na direção do planeta. Em direção a Hetzal Prime e às luas Frutadas e Enraizadas não tão longe, sem falar em todas aquelas estações, satélites, plataformas, naves... Muitos dos quais tinham pessoas com eles.

— O que eles são? — ele perguntou.

— Desconhecidos. — respondeu Tarr. — Consegui essa imagem ligando os sinais dos satélites sobreviventes e das estações de monitoramento, mas eles estão caindo rapidamente e estamos perdendo a capacidade do sensor.

Quaisquer que sejam essas anomalias, elas estão se movendo quase na velocidade da luz e é muito difícil rastreá-las. E, claro, sempre que atingem algo, é...

— Nada é bom. — concluiu o general Borta.

— Apocalíptico, eu ia dizer. — disse Tarr. — Estou rastreando um bom número de caminhos de impactos com mundos primitivos.

— Não há nada a ser feito? — Ecka disse, olhando para Borta. — Nós podemos... Derrubá-los?

Borta deu a ele um olhar desamparado.

— Uma vez, talvez, nós tivéssemos uma chance. Pelo menos alguma. Mas a defesa do sistema não tem sido uma prioridade aqui por... Muito tempo.

A acusação pairou no ar, mas Ecka não cedeu. Ele havia tomado decisões que pareciam corretas na hora, com as melhores informações de que dispunha. Eles estavam em paz! Todo lugar estava em paz. Por que desperdiçar dinheiro se poderia ajudar as pessoas de outras maneiras? Em qualquer caso, sem olhar pra trás. Era hora de outra decisão. A melhor que poderia tomar.

Ele não hesitou. Enquanto as plantações estavam queimando, não podia hesitar. Por pior que as coisas possam estar, quanto mais você espera, pior elas tendem a ficar.

— Dê a ordem de evacuação. No âmbito do sistema. Em seguida, envie uma mensagem para Coruscant. Deixe-os saber o que está acontecendo. Eles não serão capazes de trazer ninguém aqui a tempo, mas pelo menos eles saberão.

A conselheira Zaffa olhou para ele com os olhos semicerrados.

— Não sei se podemos realmente implementar essa ordem de forma eficaz, Ministro. — disse ela. — Não temos naves suficientes aqui para evacuações planetárias, e se essas coisas estão realmente se movendo perto da velocidade da luz, não há muito tempo até…

— Eu entendo, conselheiro Zaffa. — disse Ecka, com a voz firme agora. — Mas mesmo que o pedido salve apenas uma pessoa, uma pessoa será salva.

Zaffa assentiu e bateu na tela de dados.

— Está feito. — ela disse. — Evacuação de todo o sistema em andamento.

O grupo assistia à projeção na parede, uma linha de estática passando por ela agora. A rede improvisada de Tarr estava perdendo capacidade à medida

que mais satélites encontravam fins ardentes, mas a mensagem ainda era clara. Era como se uma enorme arma tivesse sido disparada contra o sistema Hetzal, e não havia nada que eles pudessem fazer para se salvar.

— Provavelmente deveriam tentar encontrar uma maneira de sair do mundo. — disse Ecka. — Imagino que as naves que temos estarão cheias muito rapidamente.

Ninguém se moveu.

— O que você vai fazer, Ministro? — O conselheiro Daan perguntou.

Ecka voltou-se para a janela, olhando para os campos dourados no horizonte. Era tudo tão pacífico. Impossível acreditar que algo de ruim poderia acontecer ali.

— Acho que vou ficar. — disse ele. — Transmita para as pessoas, talvez, tente manter as pessoas calmas. Alguém tem que cuidar da colheita.

Por todo o Hetzal Prime e pelas amplas extensões das suas duas luas habitadas, a mensagem do Ministro Ecka viajou rapidamente, aparecendo em datapads e holo telas, transmitidas por todos os canais de comunicação, dizendo, em essência: *Nenhum lugar é seguro. Fique o mais longe que puder.*

A explicação era limitada, o que causou especulação. O que estava acontecendo? Algum tipo de acidente? Que desastre poderia ser tão grande que todo um sistema precisava ser evacuado?

Algumas pessoas ignoraram o aviso. Falsos alarmes já haviam acontecido antes, e às vezes os hackers pregavam peças ou se exibiam invadindo sistemas de alerta de emergência de computador. É verdade, nada jamais aconteceu nessa escala, mas realmente, isso tornava mais fácil descartar a coisa toda. Afinal, todo o sistema está em perigo? Simplesmente não era possível.

Essas pessoas ficaram em suas casas, em seus locais de trabalho. Elas desligaram suas telas e voltaram para as suas vidas, porque era melhor do que a alternativa. E se olhassem para os céus de vez em quando e vissem as naves subindo e descendo... Bem, elas diziam a si mesmos que as pessoas naqueles naves eram tolas, facilmente assustadas.

Outras pessoas, em outros lugares, congelaram. Elas queriam encontrar segurança, mas não tinham ideia de como. Nem todo mundo tinha acesso a uma maneira de fugir para fora do mundo. Na verdade, a maioria não conhecia. Hetzal era um sistema de agricultores, pessoas que viviam perto da

terra. Se eles viajassem para qualquer outro lugar da República, era para uma ocasião especial, uma experiência única na vida. Agora, sendo dito para encontrar um caminho para o espaço em qualquer momento... Como? Como eles poderiam fazer uma coisa dessas?

Mas algumas pessoas em Hetzal tinham naves espaciais ou viviam em cidades onde as viagens espaciais eram mais comuns. Elas encontravam os seus filhos, juntavam os seus bens e correiam para os espaçoporto, esperando serem os primeiros a chegar, os primeiros a reservar passagens. Eles, inevitavelmente, não eram. Eles eram recebidos por multidões, por filas, os preços das passagens atingindo a níveis inatingíveis para todos, exceto aos mais ricos, graças a oportunistas inescrupulosos. A tensão aumentou. Começaram as lutas e, embora Hetzal tivesse uma força de segurança para acalmar essas disputas, esses policiais também olharam para o céu e se perguntaram se iriam passar os seus últimos momentos vivos tentando ajudar a outras pessoas a se proteger. Um fim nobre, se for o caso... Mas desejável? Os oficiais de segurança também eram pessoas com famílias próprias.

A ordem começou a ruir.

Na Lua Enraizada, um comerciante gentil decidiu abrir as portas da nave estelar que usava para transportar os produtos extremamente frescos da lua para os mundos vorazes da Orla Externa. Ele ofereceu espaço a todos que pudessem caber e, embora o seu piloto lhe dissesse que a embarcação era velha e os motores estavam um pouco ultrapassados, o comerciante não se importou. Este era um momento de magnanimidade e esperança, e com a luz salvaria o máximo que pudesse.

As naves, com capacidade para 582 pessoas, entre o comerciante e a sua própria família, conseguiu decolar de sua área de pouso, assim que o piloto acelerou com os motores ao máximo. Ele só precisava escapar bem da gravidade da lua. Uma vez que estivessem no espaço, tudo ficaria mais fácil. Eles poderiam fugir, para a segurança.

A embarcação atingiu quase um quilômetro antes de os motores sobrecarregados explodirem. A bola de fogo caiu sobre os que ficaram para trás, e eles não tinham certeza se tinham sorte ou não, considerando que ainda não tinham ideia do que estava por vir. A mensagem do ministro Ecka não disse.

Uma variante dessa mensagem foi enviada de Hetzal para qualquer outro sistema ou nave que pudesse ouvi-la: *Estamos em apuros e desesperados. Enviem ajuda, se puder.*

Foi captado por receptores em outros mundos da Orla Externa, AbDalis, Mon Cala, Eriadu e muitos mais, espalhando-se para fora através do sistema

de retransmissão da República, e então para dentro para os planetas das Orlas Média e Interna, as regiões das Colônias, e até mesmo o núcleo brilhante. Praticamente todas as pessoas que a ouviram queriam fazer algo para ajudar, mas o quê? Estava claro que o que quer que estivesse acontecendo em Hetzal terminaria muito antes que pudessem chegar.

Mas as naves eram enviadas de qualquer maneira, a maioria das naves de ajuda médica, na esperança de que pudessem oferecer tratamento aos cidadãos feridos de Hetzal.

Se alguém sobreviveu.

— Vá para a instalação de transporte extramundo mais próxima. — disse o ministro Ecka a um droide câmera gravando as suas palavras e imagens e transmitindo-as pelo sistema. — Enviaremos as naves para resgatar as pessoas que não têm outra forma de deixar o planeta. Pode levar algum tempo, mas fiquem calmos e em paz. Vocês têm a minha palavra, nós iremos buscá-los. Somos todos da mesma cultura. Uma raça amável. Vamos sobreviver a isso da mesma forma que sobrevivemos a invernos rigorosos e verões secos, unindo-nos.

— Todos nós somos Hetzal. Todos nós somos a República. — disse ele.

Ele ergueu a mão e o droide câmera parou de transmitir. Esta foi a quarta mensagem que ele enviou desde o início da emergência, e ele esperava que suas comunicações estivessem indo bem. Os relatórios sugeriam que não, os motins estavam começando nos espaçoportos nos três mundos habitados, mas o que mais ele poderia fazer? Ele transmitiu as suas mensagens de seu escritório na cidade de Aguirre, demonstrando que não havia abandonado o seu povo, embora certamente pudesse abandonar. Uma demonstração de solidariedade. Não muito, mas algo.

Ao seu redor, o resto de sua equipe coordenava suas próprias tentativas de ajudar de todas as maneiras que podiam. O general Borta trabalhou com sua escassa frota de segurança para manter a ordem e transportar as pessoas para fora do planeta. Com a ajuda do conselheiro Daan, eles organizaram vários dos enormes cargueiros agrícolas atualmente em trânsito para atuarem como pontos de retransmissão, ordenando-lhes que despejassem sua carga e liberassem todo o espaço para os refugiados que chegavam. Cada um podia conter dezenas de milhares de pessoas. Não confortavelmente, é claro, mas esta não era uma situação em que conforto importasse.

Naves menores transportavam os Hetzalianos até as naves de carga, descarregando seu pessoal e correndo de volta para pegar mais. Era um sistema imperfeito, mas foi o que eles conseguiram arranjar sem aviso prévio. Não havia nenhum plano para algo assim.

O ministro Ecka se culpou por isso, mas como ele poderia saber? Isso não deveria acontecer. Era impossível, fosse o que fosse. Afinal, ele era apenas um fazendeiro e…

Não, ele pensou, de repente sentiu vergonha de si mesmo. Ele era o ministro Zeffren Ecka, líder de todo o maldito sistema. Não importava se ele não poderia ter antecipado esse desastre, ele estava acontecendo e precisava fazer tudo o que pudesse.

Ao considerar esse pensamento, ele olhou para Keven Tarr, que nunca havia parado de administrar a sua pequena rede, tentando manter o fluxo de informações. O jovem estava agora trabalhando com três datapads separados e com vários droides de comunicação projetando várias telas nas paredes, recolhendo o máximo de dados que podia sobre o alcance do desastre que continuava a causar estragos no sistema. Ele ainda não tinha respostas reais, a não ser para confirmar continuamente que Hetzal estava sendo atacado por tudo que afligia o sistema. Satélites, matrizes, estações... Despedaçados pela Tempestade da morte que veio chamando. Era como os enxames sazonais de moscas-mastigáveis que costumavam atormentar a Lua Frutificada até serem geneticamente modificados e desaparecerem.

Se o enxame viesse, não havia nada que você pudesse fazer. Você se agachou, sobreviveu e semeou seus campos novamente, uma vez que tudo estava feito.

Ecka observou Keven Tarr enxugar o suor dos olhos e depois voltar a olhar para o datapad principal, aquele que havia apoiado na mesinha lateral que usava como escrivaninha.

Os olhos de Tarr se arregalaram e os seus dedos congelaram, pairando sobre a tela.

— Ministro. — ele disse. — Eu estou... Estou recebendo um sinal.

— Que sinal? — Ecka disse.

— Eu só... Vou passar. — disse Tarr, e havia uma nota estranha em sua voz, de surpresa ou apenas algo inesperado.

Palavras estalaram no ar, um dos droides de comunicação do técnico transmitindo a mensagem para o escritório do ministro Ecka. A voz de uma mulher. Apenas algumas palavras, mas trouxeram consigo, sim... A única coisa mais necessária naquele momento.

— Aqui é a Mestra Jedi Avar Kriss. A ajuda está a caminho.

Essa única coisa.

Esperança.

CAPÍTULO QUATRO

CRUZEIRO DE CLASSE EMISSÁRIO DA REPÚBLICA
A TERCEIRO HORIZONTE.
90 minutos para o impacto.

Uma embarcação apareceu no sistema Hetzal, saltando do hiperespaço e desacelerando rapidamente conforme retornava às velocidades convencionais. Estava profundamente voltada para o sol, e os poços de gravidade de que precisava para navegar destroçariam uma nave menor, ou mesmo este, se a tripulação da ponte não representasse o melhor que a república tinha a oferecer.

A nave era a *Terceiro Horizonte*, e ela era linda. As superfícies da nave ondulavam ao longo de sua estrutura como ondas em um mar prateado, estreitando-se em uma ponta, com torres e ameias ao longo do seu comprimento, como uma fortaleza deitada de lado, todas as asas e pináculos e espirais. Isso falava de ambição, falava de otimismo. Falava de uma coisa tornada bela porque poderia sê-la, sem levar em consideração o custo ou o esforço.

A *Terceiro Horizonte* era uma obra de arte, símbolo da grande República de mundos que representava.

Embarcações menores começaram a sair dos ancoradouros no casco da nave, descascando como pétalas de flores com a brisa, lançando partículas de prata e ouro. Essas eram as embarcações da Ordem Jedi, com seus vetores. Enquanto os Jedi e a República trabalhavam com unidade, o mesmo

acontecia com a grande nave e seu contingente Jedi. Naves maiores também saíram dos hangares da *Terceiro Horizonte*, os diligentes da República: Longbeams. Embarcações versáteis, cada uma capaz de realizar funções em combate, busca e resgate, transporte e qualquer outra coisa que sua tripulação possa exigir.

Os vetores foram configurados como embarcações para um ou dois passageiros, pois nem todos os Jedi viajavam sozinhos. Alguns trouxeram seus Padawans com eles, para que pudessem aprender quais lições seus Mestres tinham a ensinar. Os Longbeams podiam ser pilotados por apenas três tripulantes, mas podiam transportar confortavelmente até vinte e quatro, soldados, diplomatas, médicos e técnicos, o que fosse necessário.

As embarcações menores giraram para dentro do sistema, acelerando para longe do *Terceiro Horizonte* com um propósito. Cada um com um destino, cada um com um objetivo. Cada um com vidas para salvar.

Na ponte da *Terceiro Horizonte*, uma mulher, humana, estava sozinha. A atividade agitou-se ao redor dela, nos espaços em arco e nichos da ponte, enquanto oficiais e navegadores e especialistas começaram a coordenar o esforço para salvar o sistema Hetzal da destruição. O nome da mulher era Avar Kriss, e durante a maior parte de suas três décadas ou mais, uma membro da Ordem Jedi. Quando criança, chegou ao grande Templo em Coruscant, aquela escola, embaixada, monastério e uma lembrança da Força conectando a todos os seres vivos. Ela foi uma Youngling primeiro, e conforme seus estudos avançaram, uma Padawan, depois uma Cavaleira Jedi e, finalmente...

... uma Mestra.

Esta operação era dela. Um almirante chamado Kronara estava no comando da *Terceiro Horizonte*, ele próprio parte da pequena frota de manutenção da paz mantida pela Coalizão de Defesa da República, mas havia cedido o controle do esforço para salvar Hetzal aos Jedi. Não houve conflito ou discussão sobre a decisão. A República tinha os seus pontos fortes e os Jedi tinham os deles, e cada um os usava para apoiar e beneficiar o outro.

Avar Kriss estudou o sistema Hetzal, projetado na tela na parede plana de prata da ponte por um droide de comunicação feito sob medida pairando diante dela. As imagens eram uma composição coletada de fontes do sistema, bem como dos sensores da *Terceiro Horizonte*. Em verde, os mundos, as naves, as estações espaciais e os satélites da Hetzal. Com os seus próprios ativos, Vetores, Longbeams e a própria *Terceiro Horizonte*, eram as azuis. Os problemas mortais moviam-se pelo sistema a uma velocidade incrível,

fonte e natureza ainda desconhecidos, eram vermelhos. Enquanto observava, novas partículas escarlates apareceram na tela. O que quer que estivesse acontecendo ali, ainda não havia acabado.

A Jedi alcançou seu ombro, onde uma longa capa branca estava presa por uma fivela dourada feita no formato do símbolo de sua Ordem... um vívido por do sol. Esta era uma roupa cerimonial, apropriada para o conclave conjunto entre os Jedi e a República ao qual a *Terceiro Horizonte* compareceu na estação espacial recém-concluída, que mudou a galáxia, chamada Farol Estelar. Agora, porém, considerando a tarefa em mãos, as roupas ornamentais eram uma distração. Avar bateu na fivela e a capa se soltou. Ele escorregou para o chão em uma poça de tecido, revelando uma túnica branca mais simples, ornamentada com ouro. Em seu quadril, em uma bainha branca, um cilindro de metal, uma única peça de eletro branco prateado e lustroso, como o cabo de uma ferramenta sem a própria ferramenta. Ao longo do seu comprimento, uma linha em espiral incisada de pedra do mar verde brilhante, servindo como empunhadura e ornamento, subindo até uma proteção cruzada em uma extremidade. Uma arma com a qual ela era habilidosa, mas ela precisaria dela hoje. Os sabres de luz dos Jedi não salvariam Hetzal. Seriam os próprios Jedi.

Avar desceu até o chão, acomodando-se com as pernas cruzadas. O seu cabelo amarelo na altura dos ombros, aparentemente por si próprio, moveu-se para trás e para longe de seu rosto. Dobrou-se num nó complexo, como em uma mandala, cuja criação era uma ajuda para focar. Ela fechou os olhos.

A Mestre Jedi desacelerou a sua respiração, alcançando a Força que a rodeava, a inundava. Lentamente, se levantou, parando assim que flutuou um metro acima do convés.

Ao redor da ponte, a tripulação da *Terceiro Horizonte* percebeu. Eles acenaram com a cabeça, ou sorriram levemente, ou simplesmente sentiram a esperança florescer, antes de retornarem às suas tarefas urgentes.

Avar Kriss não percebeu. Havia apenas a Força, e o que dizia a ela, e o que deveria fazer.

Ela começou.

CAPÍTULO CINCO

HETZAL PRIME. EM ÓRBITA.
80 minutos para o impacto.

Bell Zettifar sentiu as primeiras lambidas da atmosfera tocando a nave. Seu vetor não tinha um nome, não oficialmente, todas as naves eram basicamente as mesmas e, em teoria, intercambiáveis entre seus operadores Jedi, mas ele e o seu mestre sempre usavam a mesma, com as marcas nas asas de uma Tempestade de íons a qual uma vez atravessaram. O padrão parecia pequenas explosões estelares, então Bell, apenas em sua mente, nunca falado em voz alta, chamou a sua nave de *Nova*.

Os Vetores eram projetados minimamente como uma nave estelar poderia ser. Pouca proteção, quase nenhum armamento, muito pouca assistência de computador. As suas capacidades eram definidas por seus pilotos. Os Jedi eram o escudo, o armamento, as mentes que calculavam o que a nave poderia realizar e para onde poderia ir. Os Vetores eram pequenos, ágeis. Uma frota deles juntos era um espetáculo a ser visto, os Jedi dentro coordenando os seus movimentos por meio da Força, alcançando um nível de precisão que nenhum droide ou piloto comum poderia igualar.

Pareciam um bando de pássaros, ou talvez folhas caídas girando em uma rajada de vento, todos puxados na mesma direção, ligados entre si por alguma conexão invisível... alguma Força. Bell vira uma exposição sobre Coruscant uma vez, como parte dos programas de divulgação do Templo. Trezentos Vetores movendo-se juntos, dardos de ouro e prata brilhando ao sol acima da Praça do Senado. Eles se separaram e se teceram em tranças e

passaram um pelo outro a uma velocidade incrível e impossível. A coisa mais linda que já tinha visto. As pessoas chamam isso de Drift. Uma Corrente de Vetores.

Mas agora a *Nova* estava voando sozinho, com apenas dois Jedi a bordo. Ele, o aprendiz Jedi Bell Zettifar, e mais à frente no assento do piloto, o seu Mestre, Loden Greatstorm. O contingente Jedi a bordo da *Terceiro Horizonte* havia se dividido, Vetores indo para todos os locais no sistema. Havia muitas tarefas a serem realizadas e muito pouco tempo.

O seu destino era o maior corpo planetário habitado, Hetzal Prime. A tarefa deles, vaga mas crucial: ajudar.

Bell olhou para fora da janela de visualização para ver a curva do mundo abaixo, verde, dourado e azul. Um lugar lindo, pelo menos daquela altura. Na superfície, suspeitava que as coisas poderiam ser diferentes. As assinaturas das unidades de naves podiam ser vistas até o horizonte, um êxodo em massa de embarcações saindo do mundo. A *Nova* e alguns outros Vetores e Longbeams da República que podia ver aqui e ali eram as únicas naves se dirigindo para o interior do planeta.

— Entrando na atmosfera superior, Bell. — Loden disse, sem se virar. — Está pronto?

— Você sabe que eu amo essa parte, Mestre. — disse Bell.

Greatstorm deu uma risadinha. A nave mergulhou ou caiu, era difícil perceber a diferença. Um rugido filtrado de fora como o trânsito do espaço para a atmosfera. A precisão... bordas das asas de ataque de Vetor, fabricadas com precisão, cortavam o ar tão delicadamente quanto qualquer lâmina, mas mesmo elas encontraram alguma resistência.

A *Nova* abriu caminho através dos níveis mais elevados da atmosfera de Hetzal Prime, não, não rasgou. Loden Greatstorm era um bom piloto para isso. Alguns Jedi usavam seus Vetores dessa forma, mas ele não. Ele teceu a nave, deslizando pelas correntes de ar, conduzindo-as para baixo, deixando a nave se tornar apenas mais uma parte da interação da gravidade e do vento acima da superfície do planeta. A nave queria cair e Greatstorm deixou. Era emocionante, mortal, impossível de sobreviver, e o Vetor foi projetado para transmitir cada vibração e oscilação aos Jedi dentro, para que pudessem deixar a Força guiá-los para a melhor resposta. Bell cerrou os punhos. O seu rosto se esticou em um sorriso.

— Espetacular. — disse ele, sem pensar. O seu mestre riu.

— Nada demais, Bell. — Loden disse. — Eu apenas nos apontei para o planeta. A gravidade está cuidando do resto.

Uma curva longa e deslizante, suave como a curva de um rio, e então a *Nova* se endireitou, agora perto o suficiente da superfície do planeta para que Bell pudesse distinguir os edifícios, os veículos e as outras características menores abaixo. Parecia tão pacífico. Nenhuma indicação do desastre em andamento no sistema. Nada além do número crescente de naves sendo lançadas da superfície.

— Onde deveríamos pousar? — Bell disse. — A mestra Kriss te falou?

— Foi deixado a nosso critério. — Greatstorm respondeu, olhando para um lado, o seu perfil era escuro, escarpado, como uma montanha, o seu lekku de Twi'lek varria por trás de seu crânio. Os seus olhos rastrearam as trilhas da evacuação planetária em curso. — Nós ajudamos de qualquer maneira que pudermos.

— Mas é um planeta inteiro. Como saberemos para onde...

— Me diz você, garoto. — disse Loden. — Encontre-me um lugar pra ir.

— Treinamento? — Perguntou Bell.

— Treinamento.

A filosofia de Loden Greatstorm como professor era muito simples: se Bell fosse teoricamente capaz de algo, mesmo que Loden pudesse fazê-lo dez vezes mais rápido e cem vezes mais habilmente, então Bell acabaria fazendo, não Loden.

— Se eu fizer tudo, ninguém aprenderá nada. — seu mestre gostava de dizer.

Loden não tinha que fazer tudo, mas Bell estaria bem se, ocasionalmente, fizesse algo. Ser o aprendiz do grande Greatstorm era um desafio de tarefas impossíveis sem fim. Ele vinha treinando no Templo Jedi por quinze de seus dezoito anos, e nunca tinha sido fácil, mas ser o Padawan de Loden estava em um nível totalmente diferente. Todos os dias, sem exceção, o levava ao seu limite. Qualquer tempo pessoal que Bell já teve era gasto desesperadamente caindo no sono, mais profundo da sua vida até que tudo começava de novo. Mas... Ele estava aprendendo. Agora estava melhor do que há seis meses, em tudo.

Bell sabia o que o seu mestre queria que fizesse. Outra tarefa impossível, mas ele era um Jedi, ou chegando lá, e por meio da Força todas as coisas eram possíveis.

Ele fechou os olhos e abriu o seu espírito, e lá estava, a pequena luz dentro dele que nunca parava de queimar. Sempre, pelo menos, a chama de uma vela e, às vezes, se ele se concentrasse, poderia se transformar em chamas. Algumas vezes, se sentiu tão brilhante quanto o sol, tanta luz

passando por ele que teve medo de ficar cego. Honestamente, porém, não importava. Da centelha ao incêndio, qualquer conexão com a Força afugentava as sombras.

Bell mergulhou na luz dentro de si mesmo, sentindo os pontos de conexão com a outra vida, a outros repositórios da Força no planeta abaixo. Muito perto dele, sentiu uma fonte de grande poder e energia. No momento, estava acuado, como carvão no fogo, mas enormes reservatórios de força estavam claramente disponíveis, se necessário. Este era o seu mestre, Loden. Bell passou por ele. Estava procurando por outra coisa.

Lá. Como um holo de longa distância entrando em foco quando o sinal finalmente ganhou intensidade o suficiente, a teia da Força conectando as mentes e espíritos dos bilhões de Hetzal Prime estalou na mente de Bell. Não era uma imagem totalmente clara; mais como impressões, um mapa de zonas emocionais, não muito diferente da colcha de retalhos de terras cultivadas piscando bem abaixo da *Nova*.

Principalmente, o que sentia era o pânico e o medo, emoções que os Jedi trabalharam arduamente para limpar de si mesmos. De acordo com os ensinamentos, o único contato de um verdadeiro Jedi com o medo era para senti-lo em outros seres; uma experiência bastante comum. Bell havia sentido essas emoções refletidas muitas vezes, mas sempre ao lado do amor, esperança e surpresa e muitos tons de alegria; o espectro de sentimentos inerentes a todos os seres.

Bem, normalmente. Em Hetzal Prime, neste momento, era praticamente só pânico e medo.

Bell não ficou surpreso. Ele ouviu a ordem de evacuação:

— *Desastre em escala de sistema em andamento. Todos os seres são imediatamente ordenados a deixar o sistema Hetzal por qualquer meio disponível e permanecer a uma distância mínima de segurança.* — Nenhuma explicação, nenhum aviso, e a matemática tinha que ser óbvia para todos. Bilhões de pessoas, e claramente não há espaçonaves suficientes para evacuar todas elas. Quem não entraria em pânico?

Em um mundo fervilhando com esse tipo de energia negativa, era difícil pensar no que dois Jedi seriam capazes de realizar. Mas Loden Greatstorm havia dado uma tarefa a Bell, e então ele continuou a estender a mão, procurando um lugar onde pudessem ajudar.

Alguma coisa... Um nó de tensão, enrolado, denso... Um conflito, uma pergunta, um sentimento de que as coisas não estão como deveriam, um sentimento de injustiça.

Bell abriu os olhos.

— Leste. — disse ele.

Se havia injustiça por aí, bem... Eles trariam justiça. Os Jedi eram justos.

A *Nova* inclinou, acelerando suavemente sob o controle de Loden. O mestre de Bell o deixava voar ocasionalmente, a nave podia ser controlada de qualquer assento, mas os Vetores exigiam quase tanta habilidade de manuseio quanto um Sabre de Luz. Dadas as circunstâncias, Bell estava feliz em deixar Loden assumir a liderança.

Em vez disso, serviu como navegador, usando a sua conexão ainda forte com a Força para guiar o seu Vetor em direção à área de intenso conflito que ele sentiu, indicando as direções para Loden, ajustando o caminho da nave.

— Devemos estar diretamente acima dele. — disse Bell. — O que quer que seja.

— Estou vendo. — Loden disse, com a sua voz cortada, firme. Normalmente, as suas palavras carregavam um sorriso, mesmo quando fazia uma crítica brutal ao academicismo Jedi de Bell. Agora não. O que quer que Bell estivesse sentindo, ele sabia que Mestre Greatstorm também podia sentir, e provavelmente em um nível mais intenso. Na superfície, logo abaixo de onde o Vetor circulava, pessoas iriam morrer. Talvez já tenham morrido.

Loden inclinou a nave *Nova*mente enquanto voava em um círculo fechado, dando a ambos uma visão clara do solo através do painel transparente da bolha da cabine da *Nova*.

Cem metros abaixo havia um tipo de composto, murado. Grande, mas não enorme, provavelmente a casa de um indivíduo ou família rica, em vez de uma instalação governamental. Uma enorme aglomeração de pessoas cercou os muros, concentrando-se nos portões. Um único olhar deu a Bell o motivo.

Ancorada dentro do complexo estava uma grande nave. Parecia um iate de lazer, grande o suficiente para acomodar confortavelmente vinte ou trinta passageiros mais a tripulação. E se os passageiros não se importassem com o conforto, o iate provavelmente poderia abarrotar dez vezes mais pessoas. A nave tinha que ser visível do nível do solo, o seu casco se projetava acima dos muros do complexo e as pessoas que lotavam os portões pensavam claramente que era o único caminho para fora do mundo.

Guardas armados postados nos muros em todos os lados pareciam se sentir de forma diferente. Enquanto Bell observava, um raio de blaster disparou pelo ar perto do portão, um tiro de aviso, felizmente, mas estava claro que o tempo para avisos estava chegando ao fim rapidamente. A tensão na multidão estava aumentando, e não precisava ser um Jedi para saber disso.

— Por que eles não deixam as pessoas entrarem? — Perguntou Bell. — Essa nave pode levar muitas delas em segurança.

— Vamos descobrir. — disse Loden.

Ele acionou uma chave seletora em seu painel de controle. A bolha da cabine deslizou suavemente para trás, desaparecendo no casco do *Nova*. Loden se virou, sorrindo, com o vento chicoteando entre ambos, enviando os lekku de Loden e as tranças de Bell saindo de suas cabeças.

— Vejo você lá embaixo. — disse ele. — Lembre. A gravidade faz a maior parte do trabalho.

Então ele saltou.

CAPÍTULO SEIS

SISTEMA HETZAL. LONGBEAM DA REPÚBLICA *AURORA IX*.
75 minutos para o impacto.

— Tem certeza disso, capitão? — o Suboficial Innamin disse, apontando para a sua tela, que exibia o caminho irregular de uma das anomalias do hiperespaço enquanto acelerava em direção ao centro do sistema. — Precisamos derrubar essa coisa antes que mate alguém. Talvez um monte de alguém. O problema é que nossos computadores de mira não conseguem calcular a trajetória. A anomalia está se movendo muito rápido. Na melhor das hipóteses, eu diria que teríamos uma em três chances de acertar o alvo.

O capitão Bright balançou a cabeça, com os seus tentáculos farfalhando contra seus ombros. Sabia que provavelmente deveria repreender Innamin por questionar as suas ordens. O garoto fazia isso o tempo todo, ele era jovem para um ser humano, com pouco mais de duas décadas, e por via de regra achava que sabia mais. Bright geralmente o deixava escapar impune. A vida era muito curta, e as naves em que voavam eram, no geral, pequenas demais para trazer a tensão desnecessária à mistura. Uma pergunta cuidadosa de vez em quando não era exatamente insubordinação.

Uma em três, ele pensou. Ele não sabia exatamente o que esperava. Somente... Melhor do que uma em três chance de que pudessem realmente cumprir a sua missão.

A Longbeam, indicativa que se chamava *Aurora IX*, era de última

geração, um projeto totalmente novo dos estaleiros da República em Hosnian Prime. Não era uma nave de guerra per se, mas também não era tarefa fácil. A embarcação distribuiu processadores que podiam lidar com soluções de tiro com múltiplos alvos e preparar uma série de disparos, mísseis e contramedidas defensivas em uma única salva. Não é muito difícil para os olhos também. Bright pensou que se parecia com um dos peixes-martelo que ele costumava caçar em Glee Anselm, um crânio grosso e cego afinando-se em uma única elegante e sinuosa cauda. Era uma besta bela e dura, sem dúvida. Por outro lado, seu alvo, um dos objetos misteriosos correndo pelo sistema Hetzal, estava se movendo a uma velocidade próxima à velocidade da luz. Tinha saído do hiperespaço como uma bolinha em brasa disparada de um slugthrower. A *Aurora IX* pode ser de última geração, mas isso não significava que a nave pudesse fazer milagres.

Milagres eram para os Jedi.

E eles estavam, aparentemente, ocupados de outra forma no momento.

— Dispare seis mísseis. — Bright ordenou.

Innamin hesitou.

— Esse é o nosso conjunto total, senhor. Você tem certeza...

Bright concordou. Ele gesticulou para a tela da cabine de Innamin. Um indicador de ameaça vermelho, o projétil, em uma trajetória de colisão com um disco verde maior, representando uma estação de coleta solar equidistante de todos os três sóis do sistema Hetzal. A coisa ainda estava a alguma distância, mas se aproximando a cada momento.

— A anomalia está indo direto para aquele painel solar. Os dados que obtivemos da Hetzal Prime dizem que a estação tem sete tripulantes a bordo. Não podemos chegar lá a tempo de evacuar antes que sejam atingidos, mas nossos mísseis podem. Se tivermos uma em três chances de atirar no objeto, enviar seis dobra as nossas chances. Ainda não são chances perfeitas, mas...

O último membro de sua tripulação, o alferes Peeples, zumbiu a sua tromba como se estivesse prestes a falar, mas Bright o dispensou, continuando sem parar.

— Sim, Peeples, eu sei que a matemática está errada. Estou mais preocupado com uma equação diferente: se dispararmos seis mísseis, podemos salvar sete pessoas. Vamos ver o que podemos fazer.

Os sistemas de mira da *Aurora IX* funcionavam, não parecendo tão de última geração agora, enquanto o mortal ponto vermelho se aproximava das pessoas presas em uma fazenda solar sem nenhuma maneira de escapar. A Longbeam disparou em direção à matriz em sua própria velocidade máxima,

diminuindo a distância que as suas armas tinham que percorrer, uma espécie de problema interessante de trajetória, aceleração e física, algo que despertou os próprios instintos tridimensionais de Bright baseados em grande parte da vida vivida debaixo d'água. Ele balançou a cabeça novamente, farfalhando a nuvem de tentáculos verdes e grossos que emergiam de sua nuca, com raiva de si mesmo por se distrair enquanto as pessoas oravam por suas vidas.

Os mísseis dispararam, seis *humfs* rápidos transmitidos pelo casco da nave, e a *Aurora IX* estava reduzida a lasers apenas. As armas dispararam, deixando rastros finos de fumaça por trás ao marcar o seu caminho. Eles estavam fora do alcance visual em um instante, acelerando à velocidade máxima em segundos.

— Mísseis longe. — disse Innamin.

Agora dependia daquele sofisticado processador distribuído e se havia transmitido com sucesso as soluções de disparo eficazes para os mísseis. Talvez todos os seis acertassem. Não era impossível.

A tripulação do convés parecia unida na tela do monitor rastreando os seis mísseis, a anomalia em movimento rápido, a sua própria nave e o painel solar que estava rapidamente se tornando o ponto de colisão para todos os nove objetos.

O primeiro dos mísseis piscou na tela. Nada mais mudou.

— O míssil um se perdeu. — disse Innamin, desnecessariamente.

Mais dois mísseis desapareceram. Bright ergueu a mão antes que Innamin pudesse falar novamente.

— Todos nós pudemos ver, suboficial. — disse ele.

Mais duas perdas. Sobrando um. Todo o resto permaneceu inalterado.

O último míssil desapareceu da tela, longe da anomalia que se aproximava. Um suspiro comum de desespero percorreu a ponte.

— Blasters? — Bright perguntou, sabendo a resposta.

— Sinto muito, senhor. — disse o Alferes Peeples, com a sua voz num lamento esganiçado. — Mesmo o melhor artilheiro do universo não poderia dar aquele tiro, e acho que estou apenas entre os dez primeiros.

Bright suspirou. A espécie de Peeples tinha uma compreensão radicalmente única de humor, não as próprias piadas, que muitas vezes eram decentes o suficiente, mas o momento apropriado para aplicá-las.

— Obrigado, Alferes. — disse Bright.

A matriz solar agora estava visível na tela, uma estrutura grande e delgada, como um dos corais pluma na casa do Bright. Centenas de longos

braços dispostos em uma espiral girando a partir de uma esfera central na qual a tripulação vivia e trabalhava. Cada um desses braços tinha coleção de olhos ao longo de seu comprimento, piscando e girando lentamente enquanto bebiam da luz dos três sóis que deram a Hetzal Prime e a seus mundos satélites as suas estações de crescimento excepcionalmente longas. A matriz alimentava a luz do sol de volta para os mundos agrícolas, armazenando e transmitindo-a por meio de tecnologia proprietária que era o orgulho do sistema.

A disposição era linda. Bright nunca tinha visto nada parecido. Parecia crescido, e talvez fosse. Supostamente, todas as plantações da galáxia poderiam crescer em algum lugar dos mundos de Hetzal. Talvez isso se estendesse às estações espaciais.

Em seguida, uma faixa brilhante, muito rápida para processar mesmo com olhos tão capazes quanto as grandes e escuras orbes de Bright, projetadas pela evolução para destacar detalhes nas profundezas sem luz dos mares de Glee Anselm. Em um instante, o painel solar foi destruído. Por um momento estava intacto, desempenhando a sua função. No próximo, estava em chamas, metade dos braços de coleta despedaçados, vagando lentamente pelo espaço.

A esfera central permaneceu, embora as chamas lavassem o seu casco externo, a dança silenciosa do fogo em gravidade zero. Enquanto Bright observava, a iluminação externa do painel piscou, tremeluziu e se apagou.

Bright levou a mão à testa. Ele piscou também. Uma vez, devagar.

Então ele se virou para a sua tripulação.

— Não sabemos ao certo se as pessoas a bordo daquela estação estão mortas. — disse ele, olhando para os rostos solenes da sua tripulação.

— Eu gostaria de tentar um resgate, mas isso. — aqui ele apontou a tela para os destroços e em chamas, ficando maior conforme a *Aurora IX* se aproximava. — poderia desmoronar a qualquer momento. Ou explodir. Ou implodir. Eu não sei. A questão é que, se estivermos ancorados enquanto for embora, também estaremos mortos.

Bright bateu em um de seus tentáculos com a ponta do dedo.

— Eu sou Nautolano, um fato do qual tenho certeza que vocês dois sabem. Pele verde, grandes olhos negros, o que mais eu seria? O que você talvez não saiba é que esses meus tentáculos me permitem pegar feromônios de outros seres, o que traduzi em uma compreensão de seus estados emocionais. É assim que conheço vocês dois... Estão apavorados.

Peeples abriu a boca e, de alguma forma, milagrosamente, pensou melhor antes de fazer uma piada e fechou-a novamente.

— Vejo que você está com medo. — continuou Bright. — mas temos um dever. Eu sei disso, e vocês dois também sabem disso. Precisamos fazer isso.

Innamin e Peeples se entreolharam e depois se voltaram para o capitão.

— Todos nós somos a República, certo? — Disse Innamin.

Bright concordou. Ele sorriu, mostrando os dentes.

— Sim, somos, suboficial.

Ele apontou para Peeples.

— Alferes, leve-nos para lá.

CAPÍTULO SETE

SISTEMA HETZAL. ACIMA DA LUA FRUTIFICADA.
70 minutos para o impacto.

Três Vetores Jedi e uma Longbeam da República voaram pelo espaço, girando em torno da esfera laranja e verde que era a Lua Frutificada de Hetzal, lendária em toda a galáxia por sua generosidade. Quatro bilhões de pessoas residiam lá, cultivando, cultivando e vivendo suas vidas. Todas estariam mortas em menos de trinta minutos se os quatro Jedi e dois oficiais da República não pudessem destruir ou de alguma forma desviar o objeto dirigido diretamente para a lua.

A anomalia estava no lado maior, maior do que a Longbeam, e em rota de colisão com a massa de terra primária da lua. Devido à sua velocidade, uma porção significativa da camada externa da lua seria instantaneamente vaporizada no impacto, surgindo na atmosfera. Então viria o calor, as chamas, limpando a superfície de toda a vida, vegetal, animal e senciente.

Isso presumindo que a lua inteira não se estilhace quando a anomalia atingir, , Te'Ami pensou enquanto inclinava a sua nave suavemente, seguindo uma curva precisa com os outros dois vetores pilotados por seus colegas Jedi, realizando a manobra tanto por meio de sua conexão com a Força quanto com suas mãos nos manípulos de controle.

A destruição total da Lua Frutificada não era impossível. A quantidade de energia transferida com o impacto do objeto cairia como um golpe de martelo no pequeno planetoide. Os mundos pareciam inquebráveis quando estava sobre eles, mas Te'Ami tinha visto muitas coisas em sua época... A

galáxia não se importava com o que pensava que não poderia ser quebrado. Isso quebraria as coisas só para mostrar que pode.

A pequena frota estava se movendo a uma velocidade incrível, indo diretamente para a anomalia. Mestra Kriss de volta a *Terceiro Horizonte* havia designado isso como uma missão de alta prioridade, a qual Te'Ami entendeu. Quatro bilhões de pessoas, uma alta prioridade, de fato.

Ela podia sentir Avar no fundo de sua mente, não com palavras, mais como uma sensação da presença da mulher. A Mestra Kriss tinha um conjunto de habilidades raras entre os Jedi: podia detectar os laços naturais entre os usuários da Força e fortalecê-los, usá-los quase como uma espécie de rede de comunicação. Era inexato, melhor para transmitir sensações, locais, mas ainda era uma habilidade útil, particularmente em um cenário em que cem Jedi estavam tentando salvar um sistema de uma vez.

Não era apenas útil, no entanto. Era reconfortante. Ela não estava sozinha. Nenhum deles estava. Fracasso ou sucesso, os Jedi estavam juntos nisso.

Mas não vamos falhar, pensou Te'Ami. Ela estendeu um dedo longo e verde e girou um dos interruptores finamente trabalhados em seu console. O seu comunicador foi aberto.

— Longbeam da República, está na hora. Eu preciso que vocês transfiram os seus sistemas de armas para o meu controle. — ela disse.

— Entendido. — foi a resposta da Longbeam, falada por seu piloto, Joss Adren. A sua esposa, Pikka, estava no assento do copiloto. Te'Ami não os conhecia pessoalmente, sabia apenas que não faziam parte da tripulação da *Terceiro Horizonte*, e ofereceram a sua ajuda imediatamente quando o cruzador caiu no sistema e a escala do desastre ficou clara. O Almirante Kronara atribuiu-lhes a uma Longbeam, melhor colocar outra nave lá para ajudar em vez de deixá-la ociosa em seu hangar. A pequena conversa não orientada para a tarefa no caminho para o Lua Frutificada sugeria que Joss e Pikka eram empreiteiros de algum tipo, trabalhadores do Farol Estelar pegando uma carona de volta ao Núcleo agora que o seu trabalho estava feito.

Eles pareciam boas pessoas. Te'Ami esperava que fossem qualificados também. Isso não seria fácil.

Uma luz âmbar piscou na tela de Te'Ami, então ela ficou em prontidão.

— As armas estão sob o seu controle. — disse Joss.

— Obrigada. — disse ela, em seguida, acionou mais alguns interruptores antes de mover rapidamente as mãos de volta para os bastões. Os Vetores podem ser complicados em uma nave, a capacidade de resposta fluída nos

controles significa que podem realizar manobras incríveis, mas apenas se um foco significativo puder ser mantido.

— Tudo bem, meus amigos. — ela disse. — Estamos prontos?

As respostas chegaram através do canal Jedi apenas.

A voz baixa de Mikkel Sutmani retumbou em seus alto-falantes, imediatamente traduzida para o Básico através dos sistemas de bordo.

— Pronto pra ir. — disse ele. Mikkel. O Ithoriano mais estável que já conheceu. Ele nunca falou muito, mas o trabalho sempre foi feito.

— Também estamos prontos. — disse Nib Assek, o terceiro e último Cavaleiro Jedi em seu pequeno esquadrão. O seu Padawan, Burryaga Agaburry, não disse nada. Nenhuma surpresa nisso. Ele era um jovem Wookiee e falava apenas Shyriiwook, embora entendesse o Básico. Nib falava bem a língua dele, ela havia aprendido especificamente para aceitá-lo como seu aprendiz. Não era fácil para uma garganta humana recriar os grunhidos e gemidos que compunham a fala Wookiee, mas ela fez o esforço. Te'Ami e Mikkel, entretanto, não conseguiram entender uma palavra do que Burryaga disse.

Independentemente disso, se Nib Assek disse que ela e seu Padawan estavam prontos, eles estavam.

— Estenda a mão. — disse Te'Ami. — Faremos isso juntos. Como um só.

Ela conectou os seus sentidos através da Força, procurando o meteoro mortal, ou seja o que for, pois as varreduras permaneceram inconclusivas, arremessando-se através do espaço em direção a eles. Lá. Ela podia sentir, distorcendo a gravidade ao longo de seu caminho. Considerou, pensando sobre onde o objeto tinha estado, onde estava, onde estaria.

Mais especificamente, onde estaria quando todo o poder dos sistemas de armas dos Vetores e Longbeam o atingisse de uma só vez.

Esta foto não pode ser calculada usando computadores. Tinha que ser feito pelo tato, com a Força, por todos os Jedi de uma vez em um único momento.

— Tenho o alvo em mira. — ela disse. — Estamos bem?

Nenhuma resposta de outro Jedi, mas não precisava de uma. Podia sentir o consentimento deles através da ligação que a Mestra Kriss mantinha na superfície de Hetzal Prime. Era mais rápido do que falar e mais eficaz.

— Vamos nos tornar lanças. — disse ela, falando uma frase ritual de seu próprio povo, os Duros.

Não querendo tirar as mãos de seus manches de controle em um momento tão crucial, Te'Ami economizou um tentáculo da Força e o usou para levantar

o seu sabre de luz do coldre em seu cinto. O cabo era de cerakote escuro com uma travessa de cobre muito manchada. A lâmina, quando acesa, brilhava em azul. A coisa era arranhada e desgastada pelo uso, e tinha uma bolha de solda feia perto da extremidade onde soldou um dos componentes de volta quando caiu. Se havia um sabre de luz mais feio na Ordem, ainda ela não o tinha visto.

Mas ligava quando ela queria, e o cristal kyber que o movia permanecia tão puro e ressonante como no dia em que o encontrou em Ilum há muito tempo.

Poderia Te'Ami ter atualizado a lâmina, se quisesse? Absolutamente. Muitos Jedi trocavam os punhos regularmente, seja por ajustes nas técnicas de luta, inovações tecnológicas ou mesmo, ocasionalmente, apenas... Estilo. Estética. Moda, você poderia chamá-la assim.

Te'Ami não tinha interesse em nada disso. O seu sabre de luz, por mais feio que fosse, servia como um reflexo perfeito da grande verdade da Força: não importava o que a pessoa fosse do lado de fora...

... por dentro, todos eram feitos de luz.

O sabre de luz passou pela cabine apertada. Posicionou-se contra uma placa de metal no painel de controle do Vetor com um clique suave e muito satisfatório, permanecendo no lugar por meio de um pequeno campo de força localizado. Um zumbido baixo vibrou através do casco da nave enquanto os seus sistemas de armas eram ativados. Um novo conjunto de telas e mostradores foi ativado, brilhando com o azul brilhante de sua lâmina do sabre. As armas em um Vetor só podiam ser operadas com uma chave de sabre de luz, uma forma de garantir que não fossem usadas por não-Jedi e que toda vez que fossem usadas, seria uma ação bem pensada.

Uma vantagem adicional, o laser da nave pode ser aumentado ou diminuído por meio de um botão nos painéis de controle. Nem todo tiro tinha que matar. Eles podem desativar, avisar... Todas as opções estavam disponíveis pra eles. Nesse caso, porém, as configurações seriam no máximo. Eles precisavam desintegrar a anomalia do hiperespaço, transformá-la em vapor, e isso exigiria todos os três Vetores em potência máxima, mais do que tudo que a Longbeam tinha. Um grande tiro.

Isso iria funcionar. Tinha que funcionar. Quatro bilhões de seres indefesos na Lua Frutificada estavam na balança.

Te'Ami estendeu a mão novamente, verificando a prontidão de seus colegas. Havia algo... Do fio que conduz a nave de Nib Assek. Medo... Quase... Pânico.

— Nib, estou sentindo... — ela começou, e a resposta veio antes que pudesse terminar.

— Eu sei, Te'Ami. — veio a voz de Nib. Calma, mas talvez um pouco envergonhado. — É Burryaga. Está tendo dificuldade em controlar as suas emoções. Acho que é o estresse do que estamos passando. Com todas as vidas em jogo.

— Está tudo bem, pequenino. — veio o tom rouco de Mikkel, traduzido pelo comunicador. — Você é apenas um Padawan, e estamos pedindo muito de você. Te'Ami, podemos livrá-lo do fardo de nos ajudar a calcular o tiro?

— Sim. — disse Te'Ami. — Não há vergonha nisso, Burry. Apenas uma oportunidade de aprender.

Te'Ami estendeu a mão e se conectou com a Força, suavemente curvando a para longe do Padawan de Nib Assek. O Wookiee ficou em silêncio. Ainda podia sentir o turbilhão de emoções dele. Bem, sem vergonha, como ela havia dito. Cada Jedi encontra o seu próprio caminho, e alguns demoraram mais que outros.

— Vamos embora. — disse Nib, talvez tentando compensar o atraso causado por seu aluno. — Estamos ficando sem tempo.

— Concordo. — disse Te'Ami.

CAPÍTULO OITO

CIDADE DE AGUIRRE, HETZAL PRIME.
65 minutos para o impacto.

A Força cantou para a Mestra Jedi Avar Kriss, um coro que era a totalidade do sistema Hetzal, vida e morte em constante movimento de contraponto. Era uma música que conhecia bem, a ouvia o tempo todo, em todos os lugares que ia. Ali, a melodia da Força estava desligada, um barulho discordante de morte, medo e confusão. Pessoas estavam morrendo ou sentiam pavor de sua morte iminente.

Enfiado através dessa canção, os Jedi, e o bravo pessoal da República e os heroicos cidadãos de Hetzal, usando os recursos que tinham para tentar salvar o povo desses mundos.

A *Terceiro Horizonte* pousara não muito longe da Residência Ministerial na cidade de Aguirre, capital de Hetzal Prime. A República estava coordenando os seus esforços com o governo Hetzaliano para tentar conter a maré de desastre, garantindo que a evacuação procedesse da forma mais ordenada possível, rastreando os projéteis que chegavam, ajudando como podiam.

Avar Kriss ainda estava na ponte da nave, servindo como ponto de conexão para os Jedi no sistema, permitindo que sentissem a presença e localização uns dos outros e estados emocionais. Às vezes, palavras ou imagens vinham espontaneamente, mas poucas vezes. Era tudo apenas uma música, e Avar cantou e foi cantado pra ela.

Ainda assim, era capaz de reunir uma grande quantidade de informações do que ele disse a ela. Ela sabia que cinquenta e três vetores Jedi estavam atualmente ativos no sistema Hetzal. Ela sabia quais Jedi estavam trabalhando no planeta, por exemplo, naquele momento, Bell Zettifar, o promissor Padawan da Grande Loden Greatstorm, estava se aproximando da superfície de Hetzal Prime em uma velocidade extraordinária.

Elzar Mann, o seu amigo mais antigo e mais próximo na Ordem, estava em um Vetor próprio, voando em uma versão individual da nave perto de um dos três sóis do sistema. Ele quase sempre estava sozinho. Avar era um dos dois únicos Jedi com quem ele trabalhava regularmente, era apenas ela e Stellan Gios. Isso era principalmente porque Elzar era... "não confiável" não era exatamente a palavra certa. Ele era um inovador, se esse termo pudesse se aplicar às técnicas Jedi. Ele nunca gostou de usar a Força da mesma forma duas vezes.

Os instintos de Elzar eram bons e não tentava nada de muito incomum quando as apostas eram altas. Normalmente, os seus experimentos em técnicas da Força expandiam a compreensão da Ordem e, ocasionalmente, realizava coisas incríveis.

Mas às vezes ele falhava, e outras vezes falhava espetacularmente. Além disso, nunca quando haviam vidas em jogo, mas até aquele pouco de incerteza, juntamente com a relutância geral de Elzar Mann em perder tempo para explicar o que quer que estivesse tentando fazer... Bem, alguns na Ordem o achavam frustrante de lidar. Avar acreditava que isso poderia explicar a sua situação contínua como Cavaleiro Jedi ao invés de Mestre. Ela sabia que isso incomodava a Elzar. Ele achava isso injusto. Ele não se importava com os caminhos de outros Jedi através da Força, por que deveriam se preocupar com os dele? Só queria seguir seu caminho para onde o levasse.

Avar não entendia as explorações de Elzar mais do que a maioria dos Jedi, mas a chave para o relacionamento deles era que nunca pediu que se explicasse. Nada, nunca. Esse arranjo havia alimentado a sua amizade desde os dias em que eram Younglings no Templo Jedi em Coruscant. Era isso, e simplesmente gostava dele. Ele era engraçado e inteligente, e eles haviam crescido juntos através da Ordem, Stellan, Elzar e ela, os três inseparáveis durante todos os anos de treinamento.

Ela afastou a sua mente de Elzar Mann, ouvindo a Força. Sentiu os Jedi nos mundos do sistema, os Jedi em Vetores, e ainda mais em estações ou satélites ou naves, em todo o sistema, ajudando aonde podia, geralmente em conjunto com os 28 Longbeams da República implantados pela *Terceiro*

Horizonte.

A cadeia de conexão através da Força até disse a ela que outros de sua Ordem estavam a caminho, fazendo o melhor para responder ao pedido de socorro original do Ministro Ecka, apesar de estar tão longe de Hetzal. O mais próximo era o Mestre Jora Malli, futuro comandante do quartel Jedi no recém-concluído Farol Estelar, junto com o seu segundo em comando, o imponente Trandoshano Mestre Sskeer. Stellan Gios estava chamando de seu posto avançado do Templo em Hynestia como se convocado por seus pensamentos sobre ele alguns momentos antes, voando através do hiperespaço em uma nave emprestada. E outros mais.

Avar enviou uma saudação de boas vindas e chamou a todos os outros Jedi que pudesse alcançar, perto de Hetzal ou não. A distância não era nada para a Força. Quem sabia como poderiam ajudar?

Até agora, o número de mortos do desastre era baixo, pouco acima da agitação básica de vida e morte constantemente em ação em qualquer grande grupo de seres. Ela estava preocupada que isso pudesse mudar a qualquer momento, eles não tinham um bom entendimento do que estava acontecendo ali. Nada sobre isso parecia natural. Ela nunca tinha ouvido falar de algo assim...

...uma grande quantidade de projéteis aparecendo em um sistema, saindo do hiperespaço sem aviso prévio.

Ela não conseguia imaginar o que teria acontecido ali se a *Terceiro Horizonte* não estivesse em trânsito nas proximidades após uma parada para reabastecimento, ou se a excursão de inspeção do Farol Estelar não fosse interminavelmente atrasada pela supervisora do projeto, uma oficial Bith chamada Shai Tennem. Ela insistiu em mostrar aos seus visitantes Jedi e da República todos os elementos obscuros da construção do Farol Estelar, adiando a sua partida programada e irritando o Almirante Kronara imensamente. Mas se eles tivessem saído a tempo, a *Terceiro Horizonte* estaria profundamente no hiperespaço quando a ordem de evacuação do Ministro Ecka foi emitida, longe demais para chegar a Hetzal em qualquer período de tempo razoável.

Se não fosse por uma administradora Bith excessivamente zelosa, Hetzal estaria lidando com esse apocalipse sozinho.

A canção da Força.

Entre o que ela disse a Avar diretamente e a conversa que ouviu ao seu redor dos oficiais de convés da *Terceiro Horizonte*, ela era capaz de manter uma imagem atualizada do desastre, em todos os seus momentos grandes e pequenos.

Acima de Hetzal Prime, um técnico da República concluiu os reparos em uma nave de evacuação que havia perdido potência ao sair do planeta, para que pudesse continuar em segurança.

Perto do segundo maior gigante gasoso, dois vetores dispararam as suas armas e um fragmento foi incinerado.

Uma Longbeam ultrapassou os seus limites enquanto corria para alcançar uma estação danificada na orla externa do sistema. Os seus motores falharam, catastroficamente. Avar engasgou um pouco com a sensação fria e sombria.

E acima da Lua Frutificada, uma impressão muito clara, o mais próximo de uma mensagem que poderia ser enviada através da Força sob essas circunstâncias...

...a percepção de um Cavaleiro Jedi chamado Te'Ami de que o seu entendimento do que estava acontecendo ali era total e tragicamente incompleto.

— Não. — disse Avar, perturbada com a urgência do que Te'Ami estava tentando repassar. As suas emoções turvaram, e a canção da Força tremeluziu em sua mente, tornando-se mais silenciosa, menos distinta.

Concentre-se, ela disse a si mesma. *Você é necessária.*

Avar Kriss acalmou as suas emoções e ouviu. Agora, graças a Te'Ami, sabia o que procurar. Buscou o rosto do outro Jedi à sua mente, pele verde, crânio em cúpula alta, grandes olhos vermelhos, e quase não demorou para descobrir o que Te'Ami tentara mostrar a ela. Na verdade, agora que estava olhando, era óbvio. Avar espalhou a sua consciência pelo sistema, levando-se ao limite.

Não posso perder nada, ela pensou. *Nenhum deles.*

Ela abriu os olhos e desdobrou as pernas, colocando os pés mais uma vez no convés da *Terceiro Horizonte*. Os oficiais da ponte olharam para ela, surpresos. Ela não falava ou se mexia há algum tempo.

O Almirante Kronara estava falando com a Chanceler Lina Soh, que ligou por meio de uma transmissão de alta prioridade de Coruscant. Os seus traços delicados e amplos foram exibidos em uma das paredes comuns da ponte. Ela parecia frágil, o que absolutamente não era. Kronara, em contraste, tinha um rosto que parecia que um martelo se quebraria contra ele. Parecia duro, o que absolutamente ele era. Vestia o uniforme da Coalizão de Defesa da República, cinza claro com detalhes em azul, o boné enfiado debaixo do braço em respeito ao cargo da Chanceler.

A resolução na tela era baixa, com linhas nítidas de estática cruzando o rosto de Lina Soh a cada poucos segundos, mas isso era de se esperar. Coruscant estava muito longe.

— Graças à luz, que a sua nave estava perto o suficiente de Hetzal para responder, Almirante. — a Chanceler Soh estava dizendo. — Enviamos naves de ajuda o mais rápido que pudemos, mas demorou até receber o sinal de socorro de Hetzal. Você sabe como os relés de comunicação são instáveis na Orla Exterior.

— Sim, Chanceler. — Kronara respondeu. — Agradecemos por tudo o que você pode fazer. Estamos progredindo aqui, mas definitivamente haverá um grande número de feridos, e tenho certeza de que uma variedade de sistemas essenciais precisarão de conserto. Vou avisar ao Ministro Ecka que você está enviando ajuda. Tenho certeza que ele vai gostar.

— Claro, Almirante. Todos nós somos a República.

Avar atravessou o convés, passando por Kronara enquanto encerrava a transmissão para Coruscant. Ele a olhou, curioso, enquanto ela parou diante da tela mostrando o status do esforço de mitigação do desastre, todas as naves, as pessoas, os Jedi, a República e os moradores. Em vermelho, verde e azul, os mundos, as vidas, a esperança, o desespero.

Ela bateu em algumas das anomalias vermelhas na tela com a ponta do dedo. Ao fazer isso, foram destacados, cada um rodeado por um círculo branco. Quando terminou, cerca de dez dos projéteis foram indicados.

Avar se afastou da tela e se virou para olhar a tripulação da ponte. Eles estavam confusos, mas educados, esperando que explicasse o que tinha feito.

— Odeio dizer isso, meus amigos. — disse ela, — mas tudo ficou muito mais difícil. Temos um novo objetivo.

As feições desgastadas do Almirante Kronara se transformaram em uma carranca. Avar não levou isso para o lado pessoal.

— Isso substitui os parâmetros de missão existentes? — ele disse.

— Isso seria bom. — disse ela. — Mas não. Ainda temos que fazer tudo o que viemos fazer aqui, impedir que os fragmentos destruam Hetzal, mas agora há outra coisa.

Ela gesticulou para a tela, com seus pontos vermelhos destacados, correndo em direção ao sol.

— As anomalias que indiquei aqui contêm seres vivos. Não se trata mais apenas de salvar os mundos deste sistema.

A compreensão surgiu no rosto de Kronara. Sua carranca se aprofundou.

— Portanto, é uma missão de resgate, acima de tudo.

— É isso mesmo, Almirante. — disse Avar.

Um coro de vozes consternadas se ergueu quando os oficiais perceberam que todo o progresso até agora era apenas o preâmbulo para um esforço muito maior.

— Como isso é possível?

— São quantas pessoas? Quem são elas?

— Essas são naves? Isso é uma invasão?

O Almirante Kronara ergueu a mão e as vozes pararam.

— Mestra Kriss, se disser que algumas dessas coisas trazem pessoas a bordo, então elas trazem. Mas como propõe que montemos um resgate? Esses objetos estão se movendo a velocidades incríveis. Os nossos sistemas de segmentação mal podem atingi-los como estão, e agora precisamos... Atracar a eles?

Avar assentiu.

— Não sei como vamos fazer isso. Ainda não. Espero que um de vocês tenha uma ideia. Mas direi que cada uma dessas vidas é tão importante quanto qualquer vida neste mundo ou em qualquer outro. Devemos começar acreditando que é possível salvar a todos. Se a vontade da Força for outra, que seja, mas não vou aceitar a ideia de abandoná-los sem tentar.

Ela moveu a mão em um amplo círculo, abrangendo todo o painel de exibição.

— Isso é tudo o que vocês têm para trabalhar, o que trouxemos conosco. Cada nave Hetzaliana está ocupada com o esforço de evacuação, então tudo o que temos são os Vetores e os Jedi voando sobre eles, além das Longbeams e as suas tripulações. Encontrar um caminho. Eu sei que você pode. Mandarei recado para os Jedi. A Força pode ter uma resposta para nós.

Os oficiais da ponte se entreolharam, então começaram a se mover com uma nova onda de atividade, enquanto começavam a planejar dez missões de resgate totalmente impossíveis.

Avar Kriss fechou os seus olhos. Ela se ergueu no ar. A Força cantou para ela, contando-lhe sobre o perigo, a bravura e o sacrifício, sobre os Jedi cumprindo os seus votos e agindo como guardiões da paz e da justiça na galáxia.

A canção da Força.

CAPÍTULO NOVE

HETZAL PRIME.
60 minutos para o impacto.

Bell estava caindo. Ele esperava estar planando, mas não. Definitivamente caindo. Ele tinha seguido seu mestre ao lado do *Nova*, saltando para fora da cabine do Vetor para cair no chão abaixo. Ele havia praticado manobras como esta muitas vezes no Templo, mas geralmente havia algum tipo de acolchoamento envolvido nessa situação, uma medida de segurança se o Jedi em treinamento não consiga reunir a concentração necessária para usar a Força para amortecer a sua queda.

Agora, gravidade era gravidade, e mesmo a Força não poderia desligá-la (embora Bell pensasse que talvez Mestre Yoda pudesse fazer acontecer, se ele se concentrar bastante). Mas você poderia convencer a Força a desacelerar você, reduzir o impacto quando você pousar. Perfeitamente executado, você pousaria no chão como uma folha ou um floco de neve.

O que Bell estava fazendo... não foi executado com perfeição. A Força parecia estar ocupada em outro lugar, sem vontade de ouvir seus pedidos de assistência. À medida que o solo se aproximava com uma velocidade alarmante, o foco de Bell o deixou inteiramente. Ele jogou os braços para cima, abriu a boca para gritar. Como um Jedi, ele sabia que deveria enfrentar sua morte com dignidade, mas isso era quase tão indigno quanto poderia ser. Bell Zettifar estava prestes a encerrar a sua carreira de Padawan se espatifando no chão como um pedaço de fruta podre e provavelmente

respingando em tudo e...

...ele não o fez.

Bell diminuiu a velocidade e girou no ar até que seus pés estivessem apontados para o chão, e pousou nele... como uma folha ou um floco de neve.

— Você precisa de mais treinamento — o seu Mestre disse, não de muito longe. Com um sorriso na voz.

Bell abriu os olhos, e lá estava o Mestre Jedi Loden Greatstorm, uma mão levantada, um sorriso no rosto, também.

— Provavelmente — disse Bell.

— Definitivamente — disse Loden, abaixando o braço. — Vamos trabalhar nisso.

Ele olhou para o *Nova*, movendo-se cerca de cem metros acima deles em círculos suaves, com piloto automático, ganhando tempo até que o Jedi exigisse novamente.

— Aquilo não foi uma queda, na verdade — disse Loden. — Você mal teve tempo para pensar antes de o chão começar a chamar. Eu percebo isso, Bell. Isto é minha culpa. Mas não se preocupe, eu posso consertar. Quando estivermos de volta em Coruscant, vou jogar você do alto das torres que encontrarmos. Talvez você só precise de mais tempo para se comunicar com a Força. Algumas dessas torres têm milhares de andares de altura. Você pode cair por minutos. Muito tempo.

— Parece uma ideia maravilhosa, Mestre — disse Bell.

— Eu concordo — disse Loden.

Bell se virou para ver o motivo pelo qual Loden não tinha primeiro pousado a nave. Centenas de nativos de Hetzal Prime zangados aglomerados ao redor do complexo que os dois Jedi tinham visto de seu Vetor, a casa deste rico comerciante, artista ou empresário. Acima das paredes altas e pontiagudas, a curva elegante da nave estelar esperando dentro do complexo era claramente visível.

Cada pessoa naquela multidão tinha ouvido a ordem de evacuação do Ministro Ecka e sabia que um caminho fora do planeta esperava dentro dos portões. Os guardas no topo das paredes pareciam pouco inclinados a permitir que qualquer um entrasse, cada um segurava um poderoso rifle, e se suas armas não estivessem apontadas diretamente para a multidão que se aglomerava, certamente não estavam apontadas para longe. Se as coisas ficassem feias, as pessoas morreriam. Muitas pessoas.

Bell e Loden haviam chamado a atenção dos evacuados, o que não era

surpreendente. Dois Jedi caindo do céu foram notados, mesmo nas circunstâncias desesperadoras que essas pessoas enfrentavam. Loden caminhou até o grupo mais próximo, dois homens e uma mulher, um dos homens segurando uma criança enfaixada. Eles estavam com medo, infelizes, no limite da esperança, e Bell não precisava da Força para sentir isso.

— Olá. — Loden disse. — Meu nome é Loden Greatstorm. Eu sou um membro da Ordem Jedi. Meu aprendiz aqui é o Bell

— Zettifar. Nós estamos aqui para ajudar. O que está acontecendo? Por que você não tem permissão para embarcar naquela nave? — Um dos homens olhou para os guardas na parede do complexo e depois para Loden.

— Porque a nave pertence à família que mora na casa chique do outro lado daquele portão cheio de pontas. Eles são chamados de Ranorakis. Eles pagam aqueles guardas para garantir que ninguém saia voando daqui, exceto eles.

— Eles estão se preparando para ir embora, embalando as suas meias extravagantes ou algum lixo assim. Tomando o seu tempo enquanto o resto de nós espera aqui. — A mulher falou, com a sua voz estava falhando.

— Não sobraram naves. Todas se foram e não vão voltar. Esta é a única maneira de sair do mundo, e aordem do ministro Ecka fez soar como... soou como...

Loden estendeu a mão, tocando o lado do rosto da mulher, e ela se acalmou, voltando a ficar mais tranquila.

— Você não vai se preocupar. — disse ele, em um tom baixo e ressonante que Bell reconheceu. Loden estava usando a Força para adicionar peso a suas palavras, para cortar o caos e a ansiedade circundantes. — Concentre-se em sua família, seu filho. Mantenha-os salvos. Eu vou cuidar do resto.

A mulher assentiu e até sorriu.

— Venha, Padawan. — Loden disse, e ele começou a caminhar em direção aos portões, seu passo estava determinado. Ele não olhou para trás para ver se Bell estava seguindo, mas ele realmente não precisava. Onde Loden foi, Bell o seguiu. Sem nada mais, apenas para ver o que seu mestre iria fazer.

Os dois Jedi caminharam no meio da multidão, que se abriu facilmente para eles assim que as pessoas perceberam quem eram. Ainda estavam vestidos com as roupas cerimoniais que usaram para a inspeção do Farol Estelar, com tecidos macios de branco e ouro, com detalhes coloridos aqui ou ali, mantidos juntos por um fecho dourado moldado na insígnia da Ordem

Jedi. Para operações no campo, eles usariam normalmente seus couros, às vezes até mesmo armadura, dependendo da tarefa em mãos, mas não houve tempo para mudar. A *Terceiro Horizonte* saiu no sistema e foram embora.

Bell achou que isso era bom, talvez. Ninguém iria confundi-los com outra coisa senão o que eram.

Às vezes, apenas ser um Jedi pode resolver problemas. Ele sabia que ele e Loden eram um par imponente também, um humano e um Twi'lek, ambos altos e de pele escura, com sabres de luz em seus quadris... seus passos ecoavam com toda a autoridade do Conselho Jedi.

Murmúrios se espalharam de sua passagem como ondas na água, e os gritos raivosos morreram, até que caminhou por

uma multidão silenciosa, todos os olhos estavam neles. Parecia que Bell não era o único que queria saber o que mestre estava planejando.

Loden se aproximou dos portões. Ele olhou para cima, onde dois dos guardas estavam posicionados no topo da parede em ambos os lados. Isso não parecia mais uma casa, era mais como uma pequena fortaleza. Bell se perguntou o que esta família fazia, esses Ranorakis, para que fosse exigido que contratassem uma equipe de segurança tão extensa. Pelo menos duas dúzias de homens e mulheres montavam guarda nas paredes e, provavelmente, mais pessoas esperavam lá dentro.

— Ei, Mestre Jedi. — Um dos guardas disse, seu tom foi amigável o suficiente. — Não posso deixar você entrar, também, desculpe. Além disso, parece que você tem sua própria nave. Por que vocês dois não retornam para ela e voam de volta para os Mundos Centrais? Isto é propriedade privada.

— Eu ainda estou fora do portão. — Loden disse. — Certamente, qualquer autoridade que você tenha não se estende além das paredes.

O guarda ergueu a arma e deixou-a pousar em seu ombro. Ele cuspiu, o pedaço de catarro caiu no chão, fora das paredes, comum respingo molhado.

— É o que você diz. — disse ele.

— Disseram-me que você não deixaria nenhuma dessas pessoas acessar aquela nave, apesar da ordem de evacuação emitida pelo líder? Está certo.

— Mas a nave poderia conter a maioria deles. Talvez todos eles, se você for criativo. Não é meu trabalho deixá-los embarcar, Jedi. É meu trabalho garantir que não o façam.

— Talvez você deva considerar uma aposentadoria precoce. — disse Loden.

Como sempre, havia um sorriso em sua voz, mas Bell reconheceu o significado desse sabor particular de sorriso, assim como ele sabia quando

seu mestre estava usando o toque mental Jedi para acalmar a mulher refugiada. Bell moveu parte de sua túnica para o lado, expondo o punho do sabre de luz no coldre.

Sem olhar para ele, Loden levantou a mão em direção a Bell e bateu dois dedos juntos, o primeiro e o segundo de sua mão esquerda, um sinal combinado de antemão. Significava uma coisa muito simples: *Não. Não faça isso.*

Bell se forçou a relaxar.

O capitão da guarda parecia totalmente despreocupado. Até um pouco divertido.

— O que você pensa que vai fazer, Jedi? Cortar as paredes com seu sabre de luz? Lutar contra todos nós?

O seu mestre se inclinou para frente, um sorriso agora em seus lábios, bem como em sua voz.

— Claro. — disse ele. — Por que não?

O rosto do guarda mudou. Não estava mais divertido. Agora... confuso. Preocupado.

— Abra os portões. — disse Loden Greatstorm. — Eu prometo. É o melhor caminho a seguir. Para todas essas pessoas aqui, mas também para você. E todos os seus amigos lá também.

O guarda olhou para Loden, e Loden olhou para o guarda. Bell sabia como isso iria acontecer, e ele não poderia ajudar, mas saboreá-lo, embora soubesse que momentos saborosos como aquele eram muito poucos para os Jedi.

Loden nem mesmo teve que sacar sua arma. Não tinha usado o truque mental. Loden Greatstorm tinha acabado de falar algumas palavras bem escolhidas, e agora...

— Abra os portões. — disse o capitão da guarda, seu tom cansado, derrotado.

— Obrigado. — disse Loden.

Ele se virou, olhando para Bell.

— Vamos ficar um pouco. — disse ele. — Certifique-se de que tudo corra bem. Então vamos sair e ver se há outro lugar onde podemos nos tornar úteis. Sim? Sim. — disse Bell.

Sons, atrás deles, e os dois Jedi giraram. Eles não eram bons sons. Eram blasters disparando e gritos. Eles não conseguiam ver o que estava acontecendo, não através da multidão.

— Pra cima. — disse Loden, e ele saltou para o topo da parede, pousando ao lado do muito surpreso capitão da guarda pessoal dos Ranoraki.

Bell o seguiu, e do ponto de vista superior, eles puderam ver speeders, dois deles, com coisas volumosas e pesadas, cada um com canhões blaster montados no convés, disparando diretamente contra a multidão.

Saqueadores, Bell pensou, vieram levar a nave para dentro do complexo, tão desesperados quanto qualquer um que partiu em Hetzal Prime, mas significativamente melhor armado.

Eles estavam atacando a multidão indefesa, tirando-os do caminho para que pudessem entrar no composto e roubar a nave estelar.

— Sabres. — disse Loden Greatstorm, dando o comando.

O sorriso em sua voz se foi.

CAPÍTULO DEZ

SISTEMA HETZAL. ACIMA DA LUA FRUTIFICADA
50 minutos para o impacto.

— Não podemos fazer isso. É impossível. — disse Joss Adren, atual comandante da Longbeam da República de designação *Aurora III*. — Apenas atirar na maldita coisa teria sido difícil o suficiente.

Ele olhou para a tela de sua cabine, retratando sua própria nave, as três escoltas voadoras de modelo Vetor dos Jedi, a enorme anomalia do hiperespaço, que de alguma forma continha seres vivos, chicoteando através do espaço e, claro, a densa lua habitada que a dita anomalia iria impactar e provavelmente erradicar em, oh, digamos doze minutos. Em outras palavras, o problema que se esperava que eles resolvessem.

Quando eles se ofereceram para tirar uma Longbeam e ajudar onde pudessem, a principal motivação de Joss foi que ele queria experimentar uma das novas naves chiques da República. Ele nunca tinha voado com este modelo antes, e supostamente tinha feito alguns pequenos ajustes no último design.

Não que não estivesse feliz em ajudar, claro, mas agora ele tinha a vida das pessoas em suas mãos. Tipo... muitas vidas, e embora as pessoas pudessem celebrá-lo se ele tivesse sucesso, com certeza o culpariam se ele falhasse. Joss praguejou. Então ele praguejou de novo, depois mais quatro vezes.

— Isso é realmente útil? — disse sua co-piloto, Pikka Adren, segunda em

comando do *Aurora III* e primeira em comando de seu coração.

— Não me diga que você não consegue se relacionar. — disse ele.

Ela parecia um pouco confusa, um pouco irritada e muito concentrada. Também muito bonita, com olhos claros, cabelos negros e cacheados, uma pilha de sardas escuras em uma pele ligeiramente mais clara que ele adorava ver e tocar. Sua esposa gostava de dizer que ele era bonito, mas ele sabia a verdade: ele parecia um bloco de motor com uma cabeça presa no topo, com o cabelo que ele mantinha cortado rente ao seu crânio para que ele nunca tivesse que pensar sobre isso. Joss Adren presumiu que ele devia ter algumas boas qualidades, caso contrário nunca teria conseguido alguém como Pikka..., mas ele sabia que sua aparência não estava na lista.

— Me identifico com a sua frustração, querido. — disse a sua esposa. — Ainda quero tentar salvar essas pessoas.

— Bem, é claro que quero tentar, Pikka. — disse Joss. — Eu simplesmente não vejo como.

A missão havia começado como uma busca e destruição. O alvo era um dos misteriosos projéteis que apareceram no sistema Hetzal. Estava se movendo rápido, mas estava desarmado e não parecia ser capaz de alterar sua trajetória. Eles só tinham que explodi-lo antes que atingisse a lua. Difícil, mas não impossível.

Mas agora, graças a Te'Ami e seus outros três colegas Jedi nesta missão, eles sabiam que o objeto era, de alguma forma, habitado. Haviam pessoas a bordo. Pessoas vivas.

Assim, enquanto a parte de *busca* da missão estava concluída, a parte de *destruição* estava fora de questão, pelo menos até que eles conseguissem resgatar as pessoas lá dentro. Uma vez que isso fosse feito, do jeito que eles pudessem fazer, e isso ainda não estava muito claro - eles ainda teriam que explodir a coisa, porque estava em rota de colisão com a Lua das Frutas, ou seja lá qual for o modo que as pessoas neste sistema a chamam.

Uma missão complicada tornou-se impossível, com a missão complicada original ainda aninhada dentro dela.

Joss suspirou e começou a examinar seus espólios operacionais.

Uma Longbeam, com todas as suas capacidades, armas e ferramentas, uma nave magnífica, honestamente. Você poderia fazer muito com uma Longbeam. Além disso, eles tinham três Vetores contendo quatro magos espaciais, e ele sempre foi um pouco confuso sobre o que eles eram realmente capazes. Os Jedi poderiam fazer coisas incríveis, com certeza, mas

quais coisas incríveis?

Ele ponderou isso, extremamente consciente de que cada momento que passava tentando e não conseguindo encontrar uma solução significava que este fragmento, esta nave, seja o que for, chegou perto de colidir com a lua, obliterando todos a bordo, bem como o próprio planetoide.

Então, o que os Jedi poderiam fazer?

Eles poderiam usar muito bem aquelas espadas laser deles. Sempre foi divertido vê-los em ação, mas ele não imaginou muito bem o que eles iriam fazer ali. Os Jedi podem pular alto e correr rápido - mas não tão alto quanto o espaço e não tão rápido quanto uma nave se movendo em uma boa porcentagem da velocidade da luz.

Eles podiam ficar parados e parecer legais. Ele os tinha visto fazer isso muitas vezes. Eles podiam... mover as coisas com as suas mentes.

Huh, Joss pensou.

Ele se virou para Pikka.

— Pinças magnéticas? — ele disse, sabendo que não precisava explicar mais. Ela entenderia imediatamente — uma das razões pelas quais trabalham bem juntos, dentro e fora de serviço.

— Talvez. — Pikka disse, pensando. — Com que tipo de cabeamento estão equipados?

— Seda Egariana. — respondeu Joss. — Eles acabaram de fazer uma reforma em todas essas Longbeams, trocando-os em vez da linha duralloy.

— Isso é bom. A Egariana tem maior resistência à tração e elasticidade variável. Quanto mais eletricidade você executa através dele, mais rígido fica. Se pudéssemos agarrar o objeto, começar bem esticado e aumentar a tensão lentamente…

— Exatamente. Faça gradativamente, para que os cabos não se rompam.

Pikka acenou com a cabeça, batendo o dedo no painel de controle, pensando muito.

— Mas nunca vamos acertar. Essas pinças não são como blasters. Elas são grandes, desajeitadas. Ruins para trabalhos de precisão. Estão projetadas para rebocar destroços estacionários de volta à doca para reparos. A anomalia está se movendo muito rápido. — Sim, bem. — disse Joss. — também tive uma ideia sobre isso. — Ele ativou seu sistema de comunicação.

— Mestre Te'Ami. — ele disse. Ele não tinha certeza se a Jedi Duros realmente era uma Mestre Jedi, ou uma Cavaleiro Jedi, ou algum outro posto na Ordem, mas ele chamou todos eles de Mestre. Melhor prevenir do que remediar. Joss não sabia se a Jedi *ficaria* ofendida, mas por que arriscar?

— Certo, Capitão Adren? — veio a voz da Jedi, fria e totalmente sem tensão, embora ela estivesse enfrentando os mesmos problemas impossíveis que ele.

— Posso ter uma ideia. Mas eu tenho uma pergunta. Vocês sabem como podem mover as coisas pensando só de pensar nelas?

Uma pequena pausa.

— Usamos nossa conexão com a Força, mas sim, eu sei o que você quer dizer.

— Você pode impedir as coisas de se moverem? — Outra pausa mais longa.

— Vejo aonde quer chegar com isso, capitão, mas não somos deuses. Não podemos simplesmente parar essa coisa fria. — Não estou pedindo. — disse Joss, revirando os olhos para Pikka, que sorriu para ele. — Temos algo a bordo que pode ser capaz de desacelerá-lo, mas não é fácil de usar. Teremos que tentar combinar a velocidade com o fragmento, e todos nós sabemos o quão rápido está indo. Vai levar toda a potência do motor que temos, e muito do nosso combustível, apenas para acelerar até onde nós precisamos ir.

— Se você puder desacelerar um pouco, até cinco por cento, até mesmo um por cento, pode fazer uma grande diferença. Nessas velocidades, mesmo uma pequena mudança para baixo na velocidade ainda significaria uma redução significativa nos recursos que teríamos para gastar.

— Um momento. — disse Te'Ami. A linha ficou fria e Joss percebeu que ela provavelmente estava conversando com o outro Jedi, vendo se eles pensam que isso iria funcionar. O comunicador voltou à vida.

— Faremos o que pudermos. — disse a Jedi.

— Excelente. — disse Joss. Então, um pensamento e ele se inclinou para frente e falou no comunicador novamente.

— E, uh, você pode tentar segurar o fragmento junto, também, quando você o diminuir? Por quê?

— Porque vamos atingi-lo com essas coisas grandes de braçadeira de metal, e não sabemos o quão frágil é. Nós nem mesmo sabemos o que é. Pode apenas fazer com que se estilhace. Então, se houver algo que você possa fazer para, você sabe... evitar que... pode ser bom.

Uma longa pausa.

— Esta é a melhor ideia que você tem?

— É a única ideia que tenho, Mestre Jedi. Se pudermos nos conectar à coisa, podemos reverter os motores, potência total, mas gradual, desacelerá-la. Não estamos vendo nenhuma assinatura de drive dele - é como um projétil

de um slugthrower. Como se alguém tivesse chicoteado uma pedra muito rápido. Se pudéssemos colocar alguma força oposta sobre ele, drenaria a velocidade bem rápido. Se, hum, não se romper. Mas é aí que vocês entram. — A pausa mais longa até agora.

— Como eu disse, capitão... faremos o que pudermos. Ótimo. — disse Joss.

Ele desligou o comunicador e se virou para Pikka.

— Os magos do espaço não parecem muito animados com isso. — disse ela.

— Eh. — ele respondeu. — Eles ficarão entusiasmados quando funcionar.

— Vai funcionar? — ela perguntou. — Ou a coisa vai se quebrar, ou os cabos se rompem e nos empurram para dentro do espaço, ou simplesmente não seremos capazes de nos agarrar, não importa o que tentemos? Eh. — Joss disse novamente.

Ele empurrou o acelerador totalmente para frente, e a Longbeam saltou para o espaço, os motores rugindo em todas as superfícies vibrando com poder.

— Vamos descobrir.

CAPÍTULO ONZE

SISTEMA HETZAL. ESPAÇO INTERPLANETÁRIO.
40 minutos para o impacto.

Uma linha de quatro embarcações, transportando aproximadamente 3.500 pessoas, moveu-se em um ritmo constante para longe de Hetzal Prime. Eles buscaram estar seguros da barragem de projéteis mortais que se infiltraram no sistema e continuaram a espalhar caos. Dos lugares mais distantes até os postos de coleta de gás perto dos três sóis que abasteciam as intermináveis estações de cultivo de Hetzal, a destruição reinou.

Duas das naves eram transportes de passageiros e duas eram cargueiros temporariamente reaproveitados como transportes durante a emergência. Embora as naves de passageiros fossem capazes de ter maior velocidade do que os cargueiros, todos os quatro capitães optaram por permanecer juntos enquanto cruzavam o espaço em seu caminho para fora do sistema, a fim de prestar ajuda um ao outro se necessário.

A ordem de evacuação do Ministro Ecka havia pedido a todos as naves que alcançassem "distância mínima de segurança. — mas foi vaga sobre o que isso pode realmente significar. Para encontrar seu caminho para a segurança, os capitães estavam contando com a nave da República que havia transitado no sistema no início de tudo isso. A nave estava coordenando esforços da superfície de Hetzal Prime, enviando um feed de rastreamento. A partir daí, os capitães puderam ver o caminho da chuva mortal de projéteis caindo sobre o sistema, o que deu a eles uma noção de onde a segurança poderia estar.

Com base no que puderam ver, eles estariam fora da zona de perigo em breve. Depois disso... quem sabe? Aparentemente, a República e seus colegas Jedi estavam executando algum tipo de plano, mas ninguém nas naves sabia o que era, ou quando seria possível retornar ao seu mundo natal. Supondo que eles pudessem. Pelo que sabiam, a situação era permanente, e eles nunca poriam os pés em Hetzal Prime novamente. Isso acabou por ser verdade.

Em menos de um piscar de olhos, as naves desapareceram, substituídas por quatro balões de fogo e vapor que se expandiam lentamente, metal triturado e restos moleculares de milhares de pessoas a bordo. Um dos projéteis havia saído do hiperespaço diretamente em direção a eles, e por conta dos transportes que se agruparam por segurança, ele perfurou todos eles, um após o outro, como um espeto em pedaços de carne. As naves foram embora.

Na *Terceiro Horizonte*, a Mestre Jedi Avar Kriss ouviu o novo silêncio de todas aquelas almas, perdidas para a Força para sempre. A sua boca se apertou.

Ela continuou a ouvir. Algo estava errado, uma nota ruim na melodia. Ela tentou entender o que estava ouvindo, sentindo, sabendo que estava levando suas habilidades ao limite. Havia muita coisa acontecendo no Sistema Hetzal de uma vez, e sua mente não era realmente capaz de processar tudo. Ela estava empurrando, tentando fazer que a força lhe mostrasse as respostas, não era esse o caminho. Ela precisava recuar, não empurrar para frente. Deixar a Força dar a ela o que quisesse, em seu próprio tempo.

Avar desacelerou a sua respiração, desacelerou o seu coração, sentiu a calma retornar à sua mente e espírito. Ela ouviu novamente a nota ruim... enquanto o fazia, um projétil finalmente atingiu a superfície de Hetzal Prime, em um impacto no mar, destruindo milhares de quilômetros quadrados de fazendas de algas, enviando vapor de água para a atmosfera e tsunamis para fora em um círculo em rápida expansão. Pessoas morreram, mas centenas, não milhares ou milhões, como eram fazendas na maior parte automatizadas e gerenciadas por droides. Talvez mais se perdesse quando as ondas atingissem a costa, mas tudo poderia ser pior, muito pior. O fragmento do hiperespaço era pequeno e muito foi retido pela água. Não penetrou na crosta do planeta.

Uma nota ruim, certamente, mas não pior do que a outra. O sistema permaneceu fora de equilíbrio, apesar dos esforços contínuos dos Jedi e da República para salvá-lo. Não, o que estava procurando não era uma nota

ruim.

Era uma nota que *faltava*. Havia um buraco bem no meio de sua consciência. Algo que ela não estava ouvindo, algo que a Força estava tentando apontar para ela. Mas com tudo o mais que ela estava rastreando, as anomalias, o medo das pessoas presas a bordo, suas próprias equipes tentando ajudar, e apenas a teia da vida dentro do sistema, era tudo muito complexo, muito perturbador.

Ela estava perdendo alguma coisa. E se ela não conseguisse encontrar uma maneira de ouvir isso, acreditava que tudo o que eles estavam fazendo poderia, no final, não significar nada.

Avar Kriss abriu seu espírito tanto quanto pôde. Ela escutou.

CAPÍTULO DOZE

PAINEL SOLAR 22-X. LONGBEAM DA REPÚBLICA
AURORA X
35 minutos para o impacto.

— Agora, Oficial Petty. — Ordenou o capitão Bright, e Innamin ativou os sistemas supressores de incêndio. Uma linha de espuma verde formou um arco para fora dos bocais montados abaixo da cabine da Longbeam, impactando as chamas que ondulavam através do anel de ancoragem da sunfarm.

No momento em que o fogo foi apagado, Bright manobrou a nave para frente, tentando obter uma boa vedação com o mecanismo da doca. Não foi fácil. A matriz havia sido gravemente danificada quando o projétil do hiperespaço quebrou seus braços externos, e toda a estação estava em um giro rápido e desarticulado. A bagunça gigante de painéis solares, suportes de sustentação e o grande compartimento central da tripulação estava todo equipado com propulsores externos, que tentavam compensar o giro. Mas qualquer que fosse o cérebro de droide encarregado do sistema anti-giro, não parecia entender que a massa do conjunto tinha mudado drasticamente quando perdeu tantos braços na colisão.

Todos os pequenos ajustes de posição, o vapor saindo para o espaço dos jatos de manobra... apenas tornaram as coisas piores. A esfera central, onde a equipe de operações vivia e trabalhava, estava vibrando, zumbindo como uma colmeia cheia de insetos irritados. Conectar o *Aurora IX* ao sistema de

atracação da estação sem destruir a nave, a estação ou ambos exigiam o voo mais habilidoso possível.

Felizmente, o capitão Bright era um piloto muito habilidoso.

— Vamos entrar lá. — disse ele, observando o painel de controle ficar verde enquanto o diagnóstico indicava que a vedação de encaixe foi boa. Ele olhou para cima e viu sua equipe, Suboficial Innamin e Alferes Peeples, ambos vestidos em equipamento de resgate de emergência retirado dos armários da Longbeam.

— Esta estação tem uma tripulação de sete pessoas. — disse Bright. — Não é tão grande, mas ainda há muitos lugares para se esconder. Eles não estão respondendo às nossas comunicações, o que significa que estão feridos ou os sistemas de matriz foram danificados quando o projétil os atingiu.

Teremos que fazer uma varredura. Vamos nos separar, cada um de nós ficando com um terço dos deques. Se você achar alguém, traga-os de volta para a eclusa de ar. Se precisar de ajuda, chame o droide.

Ele acenou com a cabeça em direção ao cilindro prateado flutuante pairando fora da cabine, orientado verticalmente e arredondado de cima para baixo. Um droide de pílula. Design muito simples, com um grande olho de cristal redondo e uma grade de alto-falante embaixo. Não parecem particularmente funcionais, mas isso engana. Bright tinha visto essas coisas funcionarem. O droide tinha uma variedade de braços extensíveis escondidos atrás de painéis elegantes em seu corpo, e podem usá-los para tudo, desde remover destroços de vítimas presas e até a realização de cirurgia básica no local. Máquina prática para ter por perto.

— Vamos. — disse Bright, e apertou o botão de liberação que abriu a comporta de ar do *Aurora IX*.

Uma corrente de ar semelhante a uma fornalha saiu da estação danificada, trazendo consigo odores de fumaça quimicamente tingida, plastóide derretido e metal superaquecido.

— Está queimando. — disse o alferes Peeples, sua tromba vibrando quase tão intensamente quanto a própria estação. — Isso fede. Talvez o painel solar tenha muito pharphar para o almoço.

— Sim, bem, estou entendendo também, os meus tentáculos são quase tão sensíveis quanto seu nariz, Peeples. É só colocar sua máscara e respirar superficialmente. Temos um trabalho a fazer.

Os três agentes espalharam-se pela estação. A fumaça engrossou e, apesar dos óculos de proteção aprimorados que todos eles usavam, rapidamente ficou óbvio que uma busca visual seria ineficaz. Os pesquisadores gritaram

enquanto se moviam ao longo do convés, fizeram uma pausa para ouvir as respostas, então continuaram.

Bright estava cada vez mais certo de que todos na estação estavam mortos quando ouviu uma voz fraca gritar por trás de um console de controle colapsado.

— Por favor, estou aqui... por favor...

Ele se moveu em direção ao som e viu uma humana de pele escura sentada com as costas contra uma antepara. Sangue correu pelo lado do rosto devido a um ferimento no couro cabeludo. Outro membro da tripulação estava deitado ao lado dela, inconsciente. Ela tinha levado a cabeça dele no colo dela, mas não parecia ser capaz de oferecer mais nada para ajudar o homem.

— Eu sou da República. — disse Bright para a mulher. — Meu nome é Capitão Bright. Não se preocupe, senhora, vamos buscá-la e levar ambos fora daqui. Qual o seu nome?

— Sheree. — ela disse, sua voz fraca. — Este é o Venn. Eu… não tenho certeza se ele… Ele pode estar morto. Ele não se moveu por enquanto.

— Não se preocupe com isso agora, Sheree. Os outros membros da sua tripulação ainda estão vivos?

— Não sei. — disse ela. — Perdemos contato um com o outro quando... tudo pegou fogo. Os comunicadores da estação não funcionam.

Como eu esperava, pensou Bright.

Ele puxou um comunicador do cinto e o levou à boca.

— Innamin. Peeples. Eu tenho dois sobreviventes. Um está ferido demais para se mover. Vou ligar para o droide de cápsula e levá-los de volta para a Longbeam. Algum de vocês teve sorte?

Enquanto falava, ele batia um controle remoto preso ao cinto que chamaria o droide de resgate para sua localização. Esperançosamente a máquina seria capaz de fazer algo pelo homem inconsciente, Venn. E se não, a baía médica na *Aurora IX* foi equipada para lidar com uma série de emergências diferentes.

O comunicador de Bright ganhou vida.

— Nenhum outro sobrevivente ainda, capitão. — disse Innamin, sua voz estava nublada pela estática - evidentemente o dano à estação estava causando interferência. — Mas temos outro problema.

— Fale comigo. — disse Bright, observando o droide de resgate deslizar silenciosamente para a sala.

Ele sinalizou para Sheree que continuaria se movendo, continuaria sua busca. Ela acenou com a cabeça, com expressão de dor mas grata.

— Comecei no nível mais baixo. — continuou Innamin. — É onde eles colocaram o material operacional da estação de potência, suporte de vida, tudo isso. Tive um palpite e queria verificar o reator principal. Estou feliz por ter feito isso. Teve danos sérios. Está instável. Se não for consertado, com certeza vai explodir.

Maldição, pensou Bright. Não que ele esperasse que fosse fácil, mas esse era um nível de desafio totalmente diferente.

— Quanto tempo nós temos? — ele disse.

— Honestamente, senhor, se dependesse de mim, nos retiraríamos agora. Eu iria a qualquer momento.

— Você pode fazer alguma coisa? Estabilizá-lo, mesmo que seja apenas o suficiente para continuarmos nossa busca? Encontrei dois sobreviventes, devem haver mais.

Innamin era engenheiro por formação. Dos três tripulantes do *Aurora IX* , ele era o único com o conjunto de habilidades para até mesmo considerar consertar um reator danificado. Isso também significava que ele era o único que seria capaz de avaliar se poderia fazer algo sobre isso. Innamin poderia simplesmente dizer: *Desculpe, não, não posso fazer nada, precisamos sair agora, fizemos o nosso melhor*, e quem saberia a diferença? O garoto era jovem, tinha muito pelo que viver. Bright quase não o teria culpado se ele tivesse dito que era hora de ir.

— Eu posso tentar. — disse Innamin. — Posso ganhar alguns minutos. — Bright sentiu uma onda de orgulho tomar conta dele.

— Somos todos a República. — disse ele.

— Somos todos a República. — respondeu Innamin.

— Estaremos todos *mortos* se não terminarmos de vasculhar a estação. — disse o alferes Peeples de outro convés. — Eu tenho outro sobrevivente. Gravemente ferido. Envie-me a cápsula.

Um tremor atingiu a estação exatamente naquele momento, um estalo rápido e forte, como se alguém de fora a tivesse golpeado com uma haste e duraço com cem metros de comprimento. Isso derrubou Bright, e ele mal se segurou evitando uma queda desagradável. Ele tinha certeza do que era. Todos seriam reduzidos a vapor, três aspirantes a heróis desaparecidos em um instante junto com as pessoas que eles estavam tentando salvar. Mas o tremor diminuiu, e ele ainda tinha um deque sob os seus pés e paredes para qualquer lado. A estação ainda estava intacta. Bright decidiu considerar o

incidente um valioso lembrete de que eles deveriam dar o fora dali.

— Ganhe tempo para nós, suboficial. — disse ele, colocando-se de pé. — E alferes Peeples, vou enviar o droide para você assim que terminar de lidar com os meus dois sobreviventes. Vou continuar procurando.

Bright começou a correr, varrendo os olhos de um lado para o outro, procurando na névoa contornos em forma de pessoas.

— Mas pela luz... vocês dois... se *apressem.*

CAPÍTULO TREZE

HETZAL PRIME.
30 minutos para o impacto.

Os dois Jedi, Bell Zettifar e Loden Greatstorm, aprendiz e mestre, correram em direção aos speeders dos saqueadores. As lâminas de seus sabres de luz zumbiram e estalaram no ar enquanto corriam. As armas soavam como nada mais na galáxia. Para Bell, era o som da habilidade, do treinamento, do foco, da escolha, do último recurso e da arte dos Jedi.

Sabres de luz foram projetados para encerrar conflitos. Eles foram projetados para ferir não mais do que o necessário, e na circunstância horrível em que a morte era o único resultado possível, eles matariam rapidamente. Não haveria mais danos feitos por um sabre de luz do que os que o seu portador escolheu. Não há danos colaterais com o sabre de luz.

O zumbido de sua lâmina fez Bell pensar em todas essas coisas ao mesmo tempo. Ele suspeitou que os saqueadores estivessem se aproximando rapidamente, isso atribuiu um significado totalmente diferente ao som. Ele pensou que provavelmente soava como... consequências.

Os saqueadores os viram chegando, como não poderiam? Bell também achava que isso fazia parte do propósito de um sabre de luz. Estava claro, brilhava, era impossível ignorar. Entre o som e a luz, um inimigo foi avisado, todas as chances possíveis de simplesmente *não* lutar, e esse não foi sempre o melhor resultado?

Essas pessoas más não pareciam pensar assim. Mal... essa era a palavra certa. Qualquer um que disparasse contra uma multidão de pessoas indefesas em um esforço para abrir caminho até um complexo e roubar uma nave estelar... isso era mal em sua definição mais pura. Cerca de vinte dos saqueadores esperaram, distribuídos uniformemente entre seus dois speeders. Ambos os veículos tinham grandes canhões montados no convés traseiro, e eles viraram para apontar para os Jedi, um zumbido alto dividindo o ar com as armas enormes energizadas.

— Por que a Força nos chamou para lutar hoje? — Loden disse.

— Pela vida e pela luz. — respondeu Bell.

Os canhões do speeder dispararam, enviando um fluxo denso de raios blaster, um opressivo, crescente, lançando caos, o som da morte.

Bell ainda não era especialista em muitas artes Jedi. Loden estava certo em pressioná-lo, em aproveitar todas as oportunidades para treiná-lo, para solidificar suas habilidades. Ele era um Padawan, e provavelmente o seria por algum tempo. Mas o sabre de luz que tinha veio naturalmente para ele desde o início.

Loden e Bell desviaram os tiros de blaster, cada um deles. Os tiros foram mortais, núcleos grossos de alta potência e energia correndo a uma velocidade incrível, e tudo isso não significava nada para os sabres de luz dos Jedi. Nada para a Força. A maioria dos tiros foram desviados para o céu, longe da multidão, mas ambos os Jedi mandaram alguns tiros cuidadosamente apontados para trás em direção aos speeders. Eles não precisavam se coordenar, Bell pegou o speeder pela esquerda, Loden pela direita, cada Jedi fez uma escolha óbvia para o outro através da Força. Os raios retiniram de suas lâminas com um chiado de poder.

Os canhões do convés explodiram, transformando-se em destroços retorcidos, fumegantes e derretidos. Os saqueadores operando essas armas morreram, Bell sentiu isso acontecer, mesmo envolto da forma que ele estava no foco que ele trouxe para proteger a si mesmo e aqueles ao redor dele, e através da conexão que ele sentia com os outros Jedi no sistema através dos esforços da Mestre Kriss na *Terceiro Horizonte*.

Os canhões haviam sumido, mas não eram as únicas armas que os saqueadores possuíam. Tiros de armas pequenas disparados dos speeders fumegantes, rifles, espingardas e pistolas blaster. Não importa. Loden e Bell avançaram, inexoráveis, com suas lâminas brilhando.

Uma granada estilhaçada disparou de um tubo segurado por um dos saqueadores, diretamente em um grupo de refugiados em fuga. Loden Greatstorm estendeu a mão sem diminuir o passo e a granada fez uma curva

em ângulo reto, passando da horizontal para as verticais, disparando direto para o ar, finalmente explodindo inofensivamente centenas de metros acima deles. Fragmentos de metal afiado que teriam transformado dezenas em carne ensanguentada caíram na terra cultivada do composto Ranoraki.

Bell percebeu o grande descontentamento de seu Mestre com a escolha dos atacantes e quase, quase se sentiu mal por eles. Os dois Jedi pularam no ar, dando cambalhotas, defletindo mais tiros de blaster enquanto subiam. Diga isso para os saqueadores, essas pessoas sombrias e egoístas - eram atiradores decentes. Não que isso importasse.

Bell pousou no speeder à esquerda, Loden no speeder à direita, como se eles tivessem discutido o assunto. Os saqueadores finalmente ficaram espertos, saltando de seus veículos, espalhando-se na multidão, mas não antes dos Jedi desarmarem alguns, com qualquer impulso de sabre de luz bem posicionados ou usando a Força para puxar suas armas.

— Maldição. — Loden disse enquanto os vilões restantes, cerca de oito, desapareciam na multidão. — Alguns deles ainda estão armados. Eles podem fazer reféns. Precisamos ir atrás deles, agora.

— Eu sei, Mestre, mas como nós...

Um estalo e, de repente, Bell não viu nada além de uma luz dourada, brilhante, ofuscante, preenchendo a sua visão. Deixando as suas narinas cheias de cheiro de ar superaquecido e ionizado. Calor, luz e cor, uma lâmina de sabre de luz. Um raio desintegrador atingiu inofensivamente o céu, um raio de luz que até um momento antes estava destinado a fazer um buraco na testa de Bell.

Bell entendeu. Seu mestre acabara de salvar sua vida.

Ele olhou além da lâmina de Loden para ver que os guardas Ranoraki, ainda em seus postos no topo de seus portões ainda fechados, tinham levantado suas armas e atiraram diretamente neles.

— Tolos. — disse Loden.

— O que eles estão fazendo? — Bell disse, levantando sua própria lâmina e desviando um tiro de blaster. — Eu pensei que você tinha um acordo com eles?

— Eles devem ter entendido mal. — Loden rosnou. — Eles estão se arriscando. Eles pensam que entre eles e os saqueadores, eles podem nos derrubar.

— Isso é loucura. — disse Bell. — Com tudo o mais acontecendo, eles querem lutar?

— Eles estão com medo. Estão tentando obter um pouco de controle de

uma situação incontrolável. — Da multidão, mais tiros explosivos enquanto os saqueadores restantes viam sua chance e lutavam em direção aos portões. Estava se tornando em um caos, uma batalha total, enquanto famílias de refugiados lutavam - claramente alguns tinham suas próprias armas, levadas em caso de emergência.

E ainda assim, a cada momento, o desastre maior se aproximava. Quanto mais tempo essas pessoas permanecessem no planeta, maior a chance de que todos morreriam quando um projétil atingisse a superfície. Na verdade, parecia que algo já havia acontecido. Bem a oeste, uma nuvem enorme e escura estava crescendo no céu em uma coluna gigantesca, espalhando-se em um espesso disco quando atingiu a atmosfera superior. Gemidos de terror percorreram a multidão de refugiados. Enormes nuvens de escuridão no horizonte raramente eram um bom sinal.

— Isso tem que parar. — disse Loden.

— Eu concordo... — Bell disse. — …mas como?

Seu mestre olhou para a luta. Então ele olhou para o céu, onde o *Nova* ainda circulava lentamente acima. Ou talvez ele estivesse procurando por trilhas de fogo surgindo do espaço, significando a destruição do planeta, nada que um sabre de luz pudesse rebater, não importa o quão bom fosse o seu portador. Acontece que ele estava avaliando, decidindo. Fazendo um plano.

— Aprendiz. — Loden disse. — Me proteja.

Sem esperar para ver como seu Padawan interpretaria essa ordem, Loden desativou seu sabre de luz. Na hora certa, Bell desviou um raio que teria feito um buraco no peito de seu professor.

Favor retribuído, Mestre, ele pensou.

Loden fechou os olhos, segurando a mão na frente dele, palma para fora. Ele estalou os dedos, espalhando-os como uma estrela.

Isso foi tudo que Bell pôde ver, deu um passo na frente de seu mestre, com o seu sabre de luz em uma posição de guarda, defletindo tiros de blaster em direção aos guardas na parede.

Nada vai passar, ele pensou. *Eu protegerei o meu mestre.*

Ele sentiu uma onda de força atrás dele, e oito figuras dispararam da multidão, elevando-se no ar. Os saqueadores restantes. A maioria largou as armas, mas alguns enviaram alguns tiros descontroladamente para o ar, sem acertar em nada, gritando em fúria, seus membros se debatendo, antes que seus blasters fossem arrancados de suas mãos.

Bell estava pasmo. Esse era o poder dos Jedi. Este, algum dia, poderia ser ele. Seria ele.

Até mesmo os guardas Ranoraki pararam de atirar enquanto todos os olhos observavam os atacantes subirem no ar. Mais alto, mais alto, três metros, cinco, dez... e então eles caíram. Eles caíram, como pedras jogadas de um penhasco, gritando, por talvez um segundo e meio. Então eles bateram, e os gritos mudaram para gemidos de dor.

Eles não estavam mortos. Bell teria percebido isso. Mas essas pessoas não matariam mais ninguém. Não hoje, ou talvez nunca. Aplausos irromperam da multidão, os quais ambos os Jedi ignoraram. Eles fizeram o seu trabalho porque era certo e por nenhuma outra razão.

— Obrigado, Bell. — Loden disse.

— De nada, Mestre.

Loden ergueu o cabo do sabre de luz. Ele apontou para os portões do complexo, ainda trancados, ainda selados. Ele travou os olhos no capitão da guarda.

Ele acendeu o sabre e, quando o núcleo de fogo e luz brilhou na existência, os portões explodiram para dentro com uma poderosa rachadura, o bloqueio obliterado pela Força e o domínio de Loden. As pesadas portas de metal se chocaram contra as paredes internas do complexo tão forte que parecia que iam se arrancar das dobradiças.

— Agora você entende? — ele gritou para os guardas enquanto os refugiados entravam no complexo, em direção a nave estelar.

O capitão da guarda observou os refugiados por um longo momento, depois olhou para Loden. Ele largou o rifle, assim como o resto dos guardas.

Loden abaixou seu sabre de luz. Ele olhou para Bell.

Ele sorriu.

Então, um momento de incerteza, tanto para mestre quanto para o aprendiz.

— Você sente isso? — Bell disse. — Da Mestre Kriss, na *Terceiro Horizonte*.

— Sim. — respondeu Loden. — Algo está errado.

CAPÍTULO QUATORZE

A *TERCEIRO HORIZONTE*
25 minutos para o impacto.

Avar Kriss ficou por trás da parede de projeção da ponte do *Terceiro Horizonte*, ainda exibindo o sistema Hetzal. A crise evoluiu de uma fase de reação para uma de gestão. Nenhum novo fragmento apareceu do hiperespaço em algum tempo, e muitos dos projéteis existentes foram tratados de uma forma ou de outra.

Ela ainda estava ouvindo a música da Força, e ela sabia que Jedi adicionais estavam começando a chegar ao sistema, para usar suas habilidades para ajudar.

Enquanto ela observava a tela, ela viu Jora Malli e Sskeer executar uma manobra complexa ao lado de duas Longbeams da República, destruindo um fragmento momentos antes que pudesse impactar um transporte levando vários milhares de evacuados.

— Está feito. — Jora disse sobre o comunicador da ponte, totalmente casual.

— Obrigado, Mestre Malli. — disse o almirante Kronara, de pé à esquerda de Avar. — Eu... não tinha certeza de que você chegaria a tempo.

— Agradeça à Força, Almirante. — Jora disse. — e as suas equipes. Foi um esforço em conjunto. Agora, se me der licença, vou ver o que mais Sskeer e eu podemos fazer por aqui.

Algo está errado, Avar pensou. Ela sabia que isso era verdade, até os ossos, mas ela não conseguia descobrir o que parecia tão estranho.

— Chamada vindo de Coruscant, almirante. — chamou um dos oficiais da ponte. — É a Chanceler Soh, pedindo uma atualização de situação.

— Passe-a, tenente. Acho que ela ficará feliz com as boas notícias.

Kronara se virou para ela, sorrindo. Ele não estava comemorando, exatamente, as pessoas morreram neste sistema, e ainda não se sabe o que causou o desastre em primeiro lugar, mas ele claramente sentiu que havia feito seu trabalho bem, com pouca antecedência e sem planejamento. Habilidade, treinamento e improvisação inspirada salvaram o dia aqui: o resultado perfeito para um homem Militar.

— Eu deveria saber melhor para dizer isso. — disse o almirante Kronara. — Mas acredito que o pior já passou.

Você deveria saber melhor para dizer isso, Avar pensou. A Força ainda estava cantando em sua mente, e bem no meio dela, ainda, um enorme ponto em branco. Silêncio. Algo que ela estava perdendo.

O almirante foi até uma estação de comunicação para atender a ligação da Chanceler. Avar não tirou os olhos da tela.

O que estou perdendo? Ela se perguntou. *O que?*

Algo chamou sua atenção, uma das anomalias do hiperespaço, nas profundezas do sistema, não muito longe do maior dos três sóis de Hetzal.

Avar acenou para o oficial de ponte mais próximo e apontou para a tela.

— Isso. — disse ela, apontando para a anomalia perto do sol. — O que é isso, tenente? — O oficial olhou para onde ela indicou.

— Um dos fragmentos, Mestre Kriss. — ele respondeu. — Não tem seres vivos a bordo e, felizmente, podemos mais ou menos ignorar. — Ignorar isto? Por quê?

Ele tocou um controle em um datapad. Uma linha pontilhada apareceu no visor, mostrando a trajetória do projétil.

Seguiria um curto arco através do sistema interno antes de desaparecer profundamente no sol.

— Como você pode ver. — disse o tenente, gesticulando para o visor. — ele simplesmente cairá na estrela e será vaporizado.

Felizmente, não temos nenhuma nave perto dele. Ele saiu do hiperespaço nas profundezas do sistema, e a maioria de nossos recursos são implantados em outro lugar.

Avar franziu o cenho.

— Há algo mais. Algo sobre isso. A Força chamou minha atenção para isso e precisamos entender por quê.

— Você sabe o que é isso? Especificamente, quero dizer?

O oficial hesitou, semicerrando os olhos para a tela como se isso pudesse lhe dizer algo novo.

— É muito longe para nossos sensores de bordo obterem qualquer informação adicional, senhora. — disse o oficial. — Eu posso checar com os administradores Hetzalianos, no entanto. Eles podem ter alguns satélites mais próximos que podem fornecer mais informação.

— Por favor. — disse Avar. — E se apresse.

O oficial acenou com a cabeça e se afastou, indo para um console de comunicações.

O almirante Kronara, de volta de sua conversa com a Chanceler, deu um passo ao lado dela. — O que é, Mestra Jedi? — ele perguntou.

— Eu não sei ainda, almirante. — Avar respondeu. — Confie na Força. Bem, obviamente. — Kronara disse.

— Como está a Chanceler?

— Aliviada, eu diria. Este não foi um bom dia, mas ela sabe que poderia ter sido muito pior. A Chanceler Soh me fez muitas perguntas que ainda não consegui responder, sobre a origem das anomalias, se aconteceria novamente, coisas assim. Ela está pensando a longo prazo.

— Esse é o trabalho dela. — disse Avar. — O que você acha que ela vai fazer?

— Se eu tivesse que adivinhar, ela está preocupada que isso seja algum tipo de ataque. Eu sei que é improvável, mas não é impossível. Inimigos não costumam anunciar suas intenções de atacá-lo previamente.

— Eles também não costumam enviar compartimentos de passageiros sem motor cheios de pessoas, almirante. O que aquilo deveria ser?

Algum tipo de força de invasão?

— Não vou fingir que sei, Mestra Kriss. Pode ser alguma tática bizarra que ainda não entendemos. O importante é que estávamos aqui para ajudar a impedir isso, e...

— Senhor, senhora. — disse o tenente, e o almirante e a Jedi se viraram para olhar para ele. O oficial estava pálido, e Avar podia sentir que o homem estava à beira do desespero. Como se ele tivesse acabado de cair de um penhasco.

— Você sabe que temos agrupado nossos próprios dados de sensor com

os recursos do sistema sendo coordenados por meio do escritório do ministro na cidade de Aguirre . — disse ele. — O técnico principal deles é um homem chamado Keven Tarr, ele foi capaz de fazer algumas coisas verdadeiramente notáveis, mantendo suas redes de satélite funcionando apesar de todos os danos das incursões do hiperespaço. É tudo muito impressionante, na verdade, e — Tenente, por favor. — disse o almirante Kronara. — O que é isso? — O oficial acenou com a cabeça e falou novamente.

— Tarr desviou tudo o que lhe restou para fazer uma varredura da anomalia que Mestra Kriss indicou, aquela que a, ah, Força apontou para ela. Acontece que é um módulo de contêiner de algum tipo, enorme, e deve ter sido danificado de alguma forma. Está vazando. Só um pouco, mas o suficiente para que a rede de Tarr pudesse fazer uma análise espectrográfica. Está… — O tenente respirou fundo.

— … É Tibanna líquido. A coisa toda. E a estrela para a qual se dirige é uma de classe R. — O Almirante Kronara praguejou, o que foi um leve choque para Avar.

— Ruim, suponho? — ela perguntou.

O Almirante olhou para a tela por um longo momento, sua mandíbula cerrada.

— Honestamente? — ele disse.

Ele se virou para olhar pra ela.

— Não poderia ser muito pior.

CAPÍTULO QUINZE

SISTEMA HETZAL. ACIMA DA LUA FRUTIFICADA.
20 minutos para o impacto.

Três Vetores Jedi voaram em formação acima e para ambos os lados da Longbeam da República pilotado por Joss e Pikka Adren. Te'Ami à direita da nave maior, Mikkel Sutmani à esquerda, e Nib Assek e Burryaga acima. Eles tinham acelerado até os limites das capacidades de sua nave, perseguindo o projétil em alta velocidade devido ao impacto da Lua Frutificada em uma questão de minutos, matando bilhões, tanto os da lua quanto as pessoas a bordo da anomalia.

Eles haviam coberto uma grande distância, queimando quase todo o combustível no processo, mas agora estavam dentro do alcance impressionante do objeto. Seus sensores finalmente o identificaram como um compartimento modular de passageiros, o tipo de coisa encaixada em estruturas de naves de carga para permitir temporariamente que eles transportem viajantes. Em grande parte autossuficiente, com sistemas dedicados de suporte à vida e baterias a bordo, até mesmo emissores de campo de hiperespaço individuais ligados à navegação e propulsão da nave-mãe. No momento, ele estava funcionando quase como uma grande cápsula de escape, embora sem motores, incapaz de dirigir ou diminuir a velocidade. Embora isso explicasse como poderia haver pessoas a bordo, não esclarecia como tinha aparecido repentinamente no sistema Hetzal do hiperespaço sem nenhum aviso.

Te'Ami tinha suas suspeitas. Ela visualizou uma nave viajando pelo

hiperespaço, uma nave de carga, com compartimentos dedicados a todos os tipos de carga, matérias-primas, combustível... e passageiros, provavelmente colonos com destino a novas vidas nos mundos habitados da Orla Exterior. Algo acontece com aquela nave na hiper rota e ela se quebra. Todos esses pedaços e peças reaparecem do hiperespaço de uma vez, e esse evento tem o azar de ocorrer no ponto de trânsito próximo de Hetzal.

A maior parte dos destroços ficaria inerte, apenas pedaços de metal. Mas alguns, se devidamente protegidos, podem ser os compartimentos de passageiros, as pessoas dentro ainda vivas, mas sem nenhuma maneira de parar seu voo cambaleante pelo espaço, preenchido com o medo e pânico que Burryaga sentiu, esperando para morrer. Esperando por uma ajuda que não viria. Mas a ajuda chegou, apesar de tudo. Os Jedi e a República estavam aqui e salvariam a vida de cada uma dessas pessoas, e todos na Lua Frutificada também.

— Agora. — disse Te'Ami, o comando transmitido simultaneamente para Nib, Mikkel e Burryaga, bem como Joss e sua copiloto Pikka. Era hora de todos fazerem a sua parte.

Os Jedi haviam discutido sua abordagem, mas apenas brevemente. A tarefa deles era, aparentemente, simples. Eles alcançaram com a Força, tocaram o compartimento de passageiros por todos os lados, abraçaram-no com toda a força e energia que podiam comandar e compreenderam sua natureza da melhor maneira que puderam. Cada superfície, cada viga, suporte e cabo, e mais importante, as vidas dentro dele, os seres que eles estavam tentando salvar.

Eles manobraram a Força ao redor do fragmento em alta velocidade. Te'Ami uma vez viu um rodeio, em um mundo chamado Loucura de Chandar. O objetivo era subjugar os animais enfurecidos usando apenas longos comprimentos de corda ou cabo. Os bravos idiotas que participaram enrolaram os laços ao redor do pescoço de cada criatura, saltando em suas costas e montando-as até que estivessem sido lançados para longe ou se a besta eventualmente ficasse calma.

Principalmente, os aspirantes a cavaleiros eram lançados quatro ou cinco metros no ar antes de cair no chão. Às vezes pousar era difícil, às vezes suave.

Era assim, eles estavam laçando o compartimento de passageiros com a Força, mas as chances de um pouso pareciam improváveis. Os Jedi fecharam suas voltas em torno dos destroços em movimento e recuaram. A respiração de Te'Ami a deixou com um *suspiro*, dos seus pulmões esvaziando. Nada havia mudado sobre a sua localização física, ainda estava sentada na cabine

de seu Vetor, acelerando na mesma velocidade que tinha um momento antes, mas não parecia assim. Parecia que havia sido puxada para um espaço aberto e estava sendo arrastada, totalmente fora de controle.

Parecia impossível que qualquer coisa que os quatro Jedi pudessem fazer influenciasse a velocidade dessa coisa de alguma forma, mas eles tinham que tentar. Joss Adren foi claro, até uma mudança de um por cento poderia ser significativa.

— Diminua... diminua... — ela conseguiu dizer, falando com os dentes cerrados. Ela podia sentir o óleo acumulando-se nas bolsas ao longo das suas costelas, a resposta involuntária de seu corpo à grande tensão. O fedor acre do material encheu sua cabine, um retrocesso de evolução e mecanismo de defesa dos dias em que os Duros eram passíveis de serem comidos por uma série de coisas rondando seu mundo.

— Tentando... — Mikkel cuspiu de volta, a tensão em sua voz natural escapando aos esforços do tradutor para contê-la. Te'Ami se perguntou como os Ithorianos respondiam ao estresse. Provavelmente não pela produção de grandes quantidades de óleo de sabor horrível.

— Capitão Adren. — Te'Ami disse. — Nós fizemos o que podíamos. Se você vai fazer algo, agora é o momento.

— Entendido, Mestre Jedi. — Joss respondeu. Ele parecia tenso também. — Lembre-se, se você puder tentar segurar o módulo junto, uma vez que travarmos, seria apreciado. Isso pode ficar um pouco turbulento.

— Faremos o nosso melhor.

— Tudo certo. Disparando pinças magnéticas em três... dois...

Quatro discos de metal dispararam para o espaço antes de sua formação, dobrando em direção ao compartimento de passageiros. A coisa estava exalando vapor de um refrigerador ou de um sistema de suporte de vida, criando uma névoa espessa na qual os discos desapareceram. Linhas grossas e prateadas desenroladas, o cabeamento preso aos guinchos do Longbeam, como tentativa de retardar os destroços. Três das linhas ficaram tensas, a outra girando e enrolando no espaço.

Acertamos três de quatro. Tão bom quanto podemos esperar. Vamos aplicar propulsores reversos. Prepare-se. Através da Força. — Te'Ami pôde sentir novas tensões e estressores no sistema, todas as suas ligações complexas e conexões. Longbeam para destroços, Força para Jedi, destroços para Força e agora uma nova nota de confusão dos pobres sobreviventes dentro do compartimento, que devem ter ouvido os baques quando os grampos se encaixaram, provavelmente parecendo chutes de um gigante, sem

ideia do que estava para acontecer com eles.

Honestamente, Te'Ami também não sabia. A Longbeam ativou seus propulsores e saiu de formação, os cabos longos e grossos esticando-se, tornando-se finos, depois impossivelmente finos e então desaparecendo a olho nu.O Capitão Adren disse a ela que isso iria acontecer, a seda que compunha os cabos foi capaz de se esticar quase até o nível molecular e reteve sua força. Os cabos estavam segurando. O compartimento ao qual eles estavam presos... talvez nem tanto.

— Vai se desintegrar. — disse Nib Assek. Burryaga choramingava tristemente ao fundo.

— Não, não vai. — grunhiu Mikkel. — Não vamos deixar. Apenas... segurem juntos.

— Pare de falar e faça. — disse Te'Ami.

A caixa sobrecarregada de metal, plastóide e fiação não queria continuar a existir em sua forma atual. Tinha passado por muito e sabia disso. Queria se desintegrar, escapar do peso e do calor e se tornar um enxame de pedaços muito menores, todos livres para seguir suas próprias trajetórias.

Se não fosse pelos Jedi, teria feito exatamente isso. Eles usaram a Força para manter o recipiente inteiro, os laços de resistência que eles usaram para retardá-lo agora usados para manter a sua integridade. Não parecia que iria funcionar. Era muito de uma vez, além de tudo, os Jedi exaustos precisavam manter os seus Vetores voando em velocidade máxima, perto o suficiente do compartimento de passageiros para que pudessem manter suas ligações. E, no fundo de suas mentes, distração, pois alguma nova crise surgia em outra parte do sistema. Um aumento de sensação de alarme crescendo ao longo da rede de Avar Kriss, mas não tinham tempo para isso. Eles tiveram sua própria crise bem aqui. Os destroços à frente deles mudaram, como uma pilha de pedras prestes a ruir depois que uma é removida, e Te'Ami abriu sua boca e gemeu, um som de intensa tensão, tão física quanto interna. Ela ainda podia sentir o compartimento puxando sobre ela, e agora ela sabia que se ela o soltasse, se ela soltasse um pouco, seu Vetor poderia se despedaçar ao redor dela. Agora não eram apenas as vidas das pessoas a bordo do compartimento, ou mesmo na lua, agora, tão perto, ela podia ver seu disco ameaçador no espaço, crescendo a cada segundo.

Te'Ami parou de pensar em qualquer uma dessas coisas. Ela fechou os olhos e deixou a Força guiá-la. Por muitos segundos, nada além de caos, tensão, estresse. E então... uma diminuição. O menor alívio da tensão, mas fez tudo mais simples. Como o capitão Adren havia dito, mesmo uma redução de um por cento era significativa.

Então um se tornou dois, e mais, e os objetos trabalhando um contra o outro se tornaram um único sistema.

O compartimento diminuiu a velocidade. Mais e mais, até que parou lentamente, a Longbeam enrolando-se em seus cabos.

— Uau. — veio a voz do Capitão Adren pelo comunicador. — Eu realmente não achei que isso funcionaria.

— Você certamente esperou o suficiente para nos contar. — foi a resposta de Mikkel. Mesmo por meio de seu tradutor, ele parecia totalmente exausto.

— Quase sem combustível. — disse Joss, ignorando o comentário. — mais alguns segundos e teríamos que desligar nossos propulsores.

— Não teríamos conseguido fazer isso sozinhos. — Obrigado, Jedi.

— Também não teríamos conseguido fazer isso sozinhos. — disse Te'Ami. — E a ideia foi sua. Se você pensou se isso funcionaria ou não, funcionou.

Pikka Adren falou.

— Podemos nos preparar e ir até lá, ver se tem como tirar os passageiros. Se não, nós podemos rebocá-lo para uma estação, acoplá-lo lá. No mínimo, podemos conseguir algum atendimento médico. Tenho certeza que eles estão machucados.

— Tudo bem. — Te'Ami respondeu. — Obrigado. Vamos passar adiante como conseguimos isso - tenho certeza que outras equipes de resgate vão achar as informações úteis.

Ela manobrou seu Vetor para cima e ao longo do compartimento de passageiros, aproximando-se. O módulo tinha vigias ao longo de seu comprimento, e nelas podia ver rostos. Seres de todos os tipos, todas as idades, todos vivos. Ela sentiu o medo deles começando a diminuir, substituído por...

Um enorme flash de alarme disparou através da rede de consciência de todo o sistema mantida por Avar Kriss. De novo, sem palavras, mas se a sensação pudesse ser traduzida, seriam apenas estas palavras:

— Jedi. Precisamos de vocês. Agora.

Algo estava muito, muito errado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

PAINEL SOLAR 22-X

10 minutos para o impacto.

A Estação se agitou, A Estação se agitou, derrubando o Capitão Bright e jogando-o contra uma parede. Ele bateu forte, mal conseguindo se segurar em um pilar antes de um impacto que certamente teria rachado seu crânio.

O droide cápsula flutuando apenas alguns metros à frente dele no corredor em chamas não pareceu notar a sacudida em tudo, mas não estava em contato com o convés. Ele estava flutuando, sereno como sempre, seu acessório de maca desdobrado de sua carapaça, atualmente ocupada por um pequeno Anzellano inconsciente, gotas roxas de sangue deixando um rastro atrás do droide.

Eles não estavam longe do *Aurora IX*, e o Anzellano resgatou sete tripulantes do painel solar...

o complemento total. O trabalho estava feito e, até agora, todos eles sobreviveram, milagre dos milagres. Era só uma questão de se eles poderiam se afastar o suficiente da estação antes que ela explodisse. Que era iminente, como sugeria a série de mensagens cada vez mais urgentes que ele recebeu do deque de engenharia.

Bright ergueu seu comunicador.

— Suboficial Innamin. — ele rosnou. — Que diabos foi isso? Eu pensei que você me disse que poderia manter esta estação estabilizada?

— O que eu disse a você, Capitão, é que explicitamente não poderia fazer isso. — respondeu Innamin, sua voz oscilando entre aborrecimento e pânico total. — O reator vai explodir. Não há nada que eu possa fazer a respeito. Só precisamos ir embora.

— Tudo bem. — disse Bright. — Eu tenho o último membro da tripulação. Estaremos na Longbeam em cerca de trinta segundos. Levante-se daqui, e nós nos separaremos e vamos embora.

O droide cápsula havia alcançado a câmara de ar, onde o alferes Peeples estava esperando; ele tinha a tarefa de estabilizar os outros membros da tripulação feridos do painel solar na baía médica da *Aurora IX*. Seu focinho em forma de agulha zumbiu quando ele viu o Anzellano.

— Aaaah. — ele murmurou. — Quem é o bebezinho fofo?

Peeples pegou o tripulante ferido e o aninhou contra o peito. A maca do droide cápsula se juntou ao acessório e se dobrou de uma maneira engenhosa antes de desaparecer de volta dentro de sua carapaça.

— Maldição, Peeples, isso não é um bebê. Leve-o para a baía médica e certifique-se de que todos estejam amarrados e prontos para ir. Precisamos voar e pode ficar difícil.

Peeples piscou os olhos, todos dezenove deles, e os tentáculos de Bright lhe disseram que o Alferes estava frustrado, presumivelmente por sua diversão estar arruinada. Mas ele se virou, levando o Anzellano com ele.

Então ele se voltou.

— A propósito, chegou um pedido da *Terceiro Horizonte*. — disse Peeples. — Sistema completo de evacuação. Todos os esforços de resgate devem terminar, e todas as naves devem ir para as zonas de acesso ao hiperespaço e deixar Hetzal imediatamente.

— Eles dizem por quê? Muitas pessoas vão ficar para trás.

Peeples encolheu os ombros ou teve um espasmo estranho que parecia um encolher de ombros e foi embora, sussurrando para o pequeno ser inconsciente em seus braços.

Outro estrondo vindo da estação e uma rajada de chamas percorreu o corredor. Bright mal registrou o que estava acontecendo antes que o droide cápsula se movesse com uma velocidade que escondia sua graça lânguida usual. Ele se inseriu entre o inferno e Bright. Um de seus painéis laterais se abriu e um bico surgiu. A espuma do supressor disparou dele, cruzando com as chamas, derrubando-os, e apenas uma onda de calor atingiu Bright.

Ele soltou a respiração que estava segurando, em seguida, respirou fundo, percebendo o quão perto estava de ser cozido vivo. Ele deu um tapinha no

topo do cilindro do droide cápsula.

— Obrigado, amigo. — disse ele.

O droide cápsula emitiu dois bipes curtos. Bright não conseguia entender binário sem um tradutor, mas ele interpretou o som como “apenas fazendo meu trabalho, senhor. — uma espécie de estoicismo, do qual ele gostava.

Ele ergueu o comunicador novamente.

— Innamin! Onde diabos você está? Se você não subir aqui, vou deixá-lo para trás!

— Não vai ser possível.... — Foi a resposta. Não mais irritado, não mais em pânico. Apenas... resignado.

Isso, Bright não gostou. — Qual é o problema, suboficial?

— Eu não posso sair. Tenho que executar uma sequência no console de controle do reator, injetando líquido de refrigeração a cada poucos segundos, e se eu parar, vai explodir imediatamente. Eu estava tentando configurar algum tipo de automação, mas os processadores estão danificados. Eu... — Sua voz

rachada.

— Não, vamos tirar você daqui. — disse Bright. — Vou trazer o droide cápsula. Podemos mostrar a sequência. Ele irá executá-lo para nós enquanto saímos e vamos embora.

— Capitão... você deve ir. Vai levar tempo para descer para me salvar e...

— Cale a boca, Innamin. — disse Bright.

Ele gesticulou para o sensor ocular do droide cápsula, dando-lhe o comando para seguir, e então começou a correr em direção ao conjunto mais próximo de escadas de convés.

Ele desceu o convés o mais rápido que pôde, finalmente chegando ao nível do reator. Innamin olhou para cima, seu rosto coberto de suor, tão aliviado que parecia que ia desmaiar.

— Controle-se. — disse Bright ao oficial subalterno.

A estação tremeu de novo e não parou.

— Não temos *tempo*. — disse Innamin.

— Claramente. — disse Bright. — Mostre a sequência ao droide.

— Isso tem que acontecer quando este medidor entra no vermelho. — disse Innamin, um cenário convenientemente acontecendo exatamente aquele momento. Ele apertou uma rápida sequência de cinco botões no console, e o medidor caiu alguns pontos para trás.

Não para verde, mas para laranja, e isso teria que servir.

A sequência não foi complicada. Bright pegou a sequência apenas ao vê-la uma vez. Evidentemente, o droide tinha memorizado também. Ele avançou, tomando o lugar de Innamin no console, esperando pela próxima oportunidade de entrar no comando.

— Vá, agora mesmo. — disse Bright a seu subordinado. — Vá para a Longbeam.

— Você não vem?

— Eu quero ter certeza que o droide pode fazer isso. — ele disse. — Apenas vá. Ajude Peeples. A luz só sabe o que ele está fazendo lá em cima.

— Obrigado, capitão, isso... significa muito.

— Somos todos a República. — disse Bright.

Innamin acenou com a cabeça e saiu correndo, saindo da câmara do reator, em direção à escada do convés mais próxima.

— Tudo bem, sua máquina linda. — disse Bright, voltando-se para o droide cápsula. — Mostre-me que você entendeu.

O medidor deslizou para o vermelho, e o droide cápsula moveu-se rápido e certeiro, batendo nos cinco botões. O medidor caiu para trás- menos do que da vez anterior, Bright percebeu, e a estação parecia um pouco menos propensa a se destruir.

— Tudo bem, é todo seu. — disse Bright. — Eu tenho que correr. Foi maravilhoso trabalhar com você.

Desta vez, o droide não respondeu, o que Bright decidiu interpretar como uma espécie de acordo resignado. Ele se virou e correu para fora da sala, seguindo o caminho que Innamin havia tomado. Ele alcançou a escada e colocou a bota no primeiro degrau.

Isso funcionará, pensou ele, mais desejo do que crença.

E então ele sentiu, ou melhor, seus tentáculos sentiram, com sua capacidade de arrancar feromônios até mesmo do ambiente mais poluído. Havia outro ser aqui, alguém vivo. Vivo e ferido, se seus receptores não o orientassem errado.

Bright seguiu a trilha do cheiro, e lá, atrás de um painel, estava um Twi'lek, masculino, pesado, machucado, sangrando e inconsciente. Ele estava vestido com o uniforme da estação, e Bright não sabia se Innamin não tinha vasculhado completamente este convés porque ele estava distraído pelo reator danificado, ou porque o homem ferido estava quase todo escondido, ou... bem, não importava, não é?

Só para ver, Bright se agachou e tentou erguer o Twi'lek. Seus músculos tensos, mas o homem inconsciente era um peso morto. Ele mal se moveu.

Não, ele pensou. *De jeito nenhum.*

Bright deu a si mesmo um momento, apenas um, para pensar sobre sua vida, as coisas que tinha feito e as coisas que pensava que poderia fazer. Ele pensou sobre a República, e o que ela significava, e seus próprios juramentos de servir a ela e a todo o seu povo.

E então ele correu de volta para o reator.

— Eu cuido disso. — disse ele, empurrando o droide cápsula para fora do caminho e assumindo sua posição no console de controle. Ele apontou o polegar para trás, por cima do ombro.

— Você tem um paciente, cerca de nove metros depois da escada do convés. Leve-o de volta para a nave. Agora.

O droide girou, afastando-se rapidamente.

Bright digitou na sequência de comando e o medidor recuou um pouco, mas menos do que da última vez.

Ele falou em seu comunicador.

— Innamin. — ele disse. — Você fez isso?

— Sim, capitão. — foi a resposta. — Mas onde você está? Você deveria estar bem atrás de mim.

— Mudança de planos. — disse Bright. — Estou enviando o droide cápsula com mais um evacuado.

— Mas já temos todos os sete membros da tripulação.

— Acho que eram oito. — disse Bright.

— Mas o reator. — Innamin disse, parando. Bright quase podia ouvir a mente da criança trabalhando, chegando a compreender a realidade do que estava para acontecer.

— Decole no minuto em que você tiver o droide a bordo. Não espere. Saia dos poços de gravidade do sistema e pule para longe.

Encontre a *Terceiro Horizonte*, se puder. Se não, volte para Coruscant. Parece que as coisas estão desmoronando sobre o sistema, não apenas aqui.

— Mas capitão, talvez...

— Não. Veja. Tenho sido complacente com você desde que voamos juntos, Innamin. A insubordinação, a brincadeira por aí... a vida é muito curta e a nave muito pequena, eu sempre imaginei. Mas tudo isso acaba agora. A vida *é* curta, suboficial, muito curta mesmo. Eu dei a você uma ordem, e se você não segui-la, eu o verei em corte marcial. — Um longo silêncio no comunicador. Ambos sabiam o quão vazia era essa ameaça. Não é o ponto. Por fim, Innamin falou, sua voz reprimida.

— Eu posso ver o droide. Tem o tripulante. Um Twi'lek?

— Isso mesmo.

Bright entrou na sequência novamente. O medidor caiu para trás. Um pouco menos.

Os tremores na estação haviam atingido o nível de um evento sísmico. A matriz estava se despedaçando.

— Vá, Innamin!

— Nós... já desatracamos, capitão. Invertendo os propulsores agora. Chegando à distância mínima de segurança. Não deve demorar.

— Ótimo. — disse Bright.

O medidor estava vermelho novamente. Bright entrou na sequência. Desta vez, a agulha não se moveu. Apenas ficou no vermelho.

Bright suspirou.

— Capitão, estamos fora. — disse Innamin. — Somos todos a República.

— Certo. — disse Bright. — Somos todos...

Calor e luz e nada mais.

CAPÍTULO DEZESSETE

HETZAL PRIME – A *TERCEIRO HORIZONTE*

04 minutos para o impacto.

— Mestra Jedi, tem certeza de que esta é a escolha correta? — O almirante Kronara perguntou.

Avar Kriss podia sentir sua preocupação. Ele era um bom comandante, e embora ela não fosse tecnicamente parte de sua tripulação, ela sabia que ele se sentia responsável por sua segurança. Especialmente considerando que se ele fizesse o que ela estava pedindo, ele provavelmente a estava condenando à morte.

— Tenho certeza, almirante. — disse ela. — Carregamos tantos refugiados quanto podemos segurar, e muito mais.

Ela olhou ao redor do hangar. Era verdade. Esta sala sozinha continha centenas de seres, com nada além de roupas nas costas. Ninguém foi autorizado a trazer mais nada. Cada pedaço de espaço disponível no enorme cruzador foi alocado para salvar vidas. E mesmo assim, as pessoas ainda estavam presas na superfície do planeta. O almirante Kronara e sua tripulação haviam feito o melhor, mas a *Terceiro Horizonte* era apenas uma máquina, e houve um ponto onde assumir uma massa adicional significaria que a nave não poderia decolar e ninguém seria salvo.

— Essas pessoas estão com medo. — disse Avar. — Eu posso sentir isso. Você precisa colocá-los em segurança.

— Mas se você falhar, você morrerá. — Kronara disse, fazendo uma

última tentativa.

— Eu sei disso, almirante, mas há bilhões de pessoas lá embaixo que não conseguiram encontrar uma saída de Hetzal Prime. — Ela apontou, para o céu aberto visível fora da rampa de saída do hangar.

A nave estava a cem metros de altura, estacionada acima da área cultivada fora da cidade de Aguirre, tendo deixado o porto estelar depois de aceitar tantos refugiados quanto possível.

— Se eu não tentar fazer isso. — Avar continuou. — eles definitivamente morrerão. Cada um.

— Mas você pode realmente salvá-los? Nunca ouvi falar que algo assim fosse possível, mesmo com os Jedi.

Avar sorriu para ele.

— Todas as coisas são possíveis por meio da Força. — disse ela. — Agora pegue a *Terceiro Horizonte* e vá embora. Tenho trabalho a fazer, e é importante que você entregue um relatório direto à Chanceler Soh sobre o que testemunhou aqui. Não é o suficiente para dizer a ela através do comunicador. Nada disso deveria ter acontecido. Tem alguma coisa errada. Eu posso sentir isso. O hiperespaço está... doente,

por falta de palavra melhor.

— Claro, Mestra Jedi. — disse o almirante. — Mas você deve entregar esse relatório sozinha. Eu ainda não entendo por que você não pode realizar sua tarefa em um espaço aberto? Não sei muito sobre a Força, mas sei que funciona em grandes distâncias, e se você estiver segura na nave, pelo menos você terá uma maneira de escapar se...

Avar Kriss acreditava que a melhor maneira de ganhar discussões era simplesmente não tê-las. Ela correu pela saída da rampa e saltou, para o ar livre. A nave estava pairando sobre um campo de alguns grãos azuis que ela não conhecia – ela sabia que todos eram era absolutamente lindos. Ela usou a Força para se desacelerar, deu uma cambalhota e pousou levemente no solo arado entre duas fileiras organizadas do material.

A *Terceiro Horizonte* já era apenas uma partícula minguante no céu quando ela olhou para cima. O almirante Kronara aceitara a derrota e não perdia tempo para sair do sistema. Isso foi bom. Eles tinham muito pouco.

Foco, ela disse a si mesma. O tempo realmente era curto, e a tarefa a ser realizada aqui era quase impossível.

Um tanque de Tibanna líquido super-resfriado, tão grande quanto uma nave estelar de tamanho decente, dirigia-se diretamente para um dos três sóis do sistema Hetzal, uma estrela de classe R. Quando atingisse, a natureza

volátil da substância, combinada com o intenso calor da estrela e sua composição única de nitrogênio pesado, causaria uma rápida reação em cadeia que resultaria no sol se expandindo, queimando quase o dobro de seu tamanho, emitindo radiação que cozinharia todo o sistema em questão de minutos. O sistema Hetzal, em pouco tempo, deixaria de existir.

A menos que a Força deseje o contrário e use seus instrumentos, os Jedi, para evitá-lo.

Kronara jamais entenderia por que era tão importante para ela ficar no planeta. Ele não podia tocar a

Força.

Avar precisava estar na superfície de Hetzal Prime porque o mundo era um planeta com vida. Agora, a Força estava em todos os lugares, é claro, mesmo nos confins mais profundos e frios do espaço. Ela sempre podia ouvir sua música, mas aqui, de pé neste campo, cercado por coisas que crescem que foram cultivadas com amor e cuidado pelos fazendeiros deste mundo, a música estava *alta*. Alta e doce.

Aqui, ela não teve que gastar nenhum tempo ou energia extra buscando uma conexão profunda com a Força. Estava tudo em volta dela.

Avar Kriss ergueu seu comunicador. Ela configurou para apenas transmissão, sabendo que o que ela estava prestes a dizer traria perguntas de muitos dos outros Jedi no sistema, alguns dos quais a superavam. Jora Malli era um membro do Conselho Jedi, e mesmo que ela estivesse planejando renunciar a fim de assumir seu posto no Farol Estelar, ela não tinha deixado o Conselho ainda. Tecnicamente, ela poderia ordenar que Avar parasse o que ela estava fazendo.

Não que ela fosse fazer isso, provavelmente, mas por que arriscar?

Ela pensou em Elzar Mann, que fazia coisas assim o tempo todo. *Melhor pedir perdão do que permissão* era basicamente todo o seu credo.

Ele vai adorar isso, ela pensou, e falou.

— Meus amigos Jedi, aqui é Avar Kriss. Estou na superfície de Hetzal Prime. Vocês sabem que tenho observado todos vocês trabalharem tão arduamente para salvar este sistema e seu povo. Vocês se saíram incrivelmente bem. Mas algo mais está para acontecer, algo terrível, e todos nós precisamos agir juntos para impedi-lo.

— Uma das anomalias do hiperespaço se dirige diretamente para o maior sol do sistema, e é um recipiente de Tibanna líquido. Disseram-me que, quando acertar, ocorrerá uma rara reação em cadeia que destruirá tudo neste sistema.

— Cabe a nós mover o contêiner para um novo caminho. Pediremos à Força que venha em nosso auxílio. Pode não ser possível, e quem fica corre o risco de morrer se falharmos. A *Terceiro Horizonte* está prestes a transitar pelo sistema.

Quem quiser sair pode atracar com ele. Meus bons votos irão com você.

Avar esperou. Embora ela tivesse silenciado seu comunicador às respostas, a música do sistema disse a ela que nenhum Vetor tinha curso alterado em direção a *Terceiro Horizonte* em rápida aceleração. Todos eles decidiram ficar. Os Jedi estavam com ela.

— Vamos começar. — disse ela.

Ela baixou o comunicador. Isso não seria feito com palavras.

Avar enviou os conceitos através do link com seus companheiros Jedi. Cada um receberia à sua maneira, uma série de impressões que ela esperava que ressoassem apropriadamente em cada um deles. Um plano muito simples, realmente:

Há uma coisa se movendo muito rápido. É muito grande e muito pesado. Precisa mudar de direção. Todos nós vamos encontrar juntos, e todos nós aplicaremos a Força a ele juntos no mesmo lugar, da mesma maneira e exatamente ao mesmo tempo, e vamos movê-lo para que não atinja o sol.

Simples... mas extremamente difícil. O espaço era grande e havia muitos Jedi, e coordenando seus esforços para que eles não lutassem um contra o outro ou se anulassem ou tocassem a Força em momentos ligeiramente diferentes... bem.

Essa era a tarefa. Não adianta reclamar disso.

O sabre de luz de Avar ergueu-se do coldre, planando no ar através da Força. Ele flutuou até que o punho foi diante de seu rosto, à altura entre as tiaras e seus olhos. O sabre de luz acendeu com um estalo e um assobio, um feixe verde brilhante lançando-se diretamente para o céu azul e iluminando o campo de grãos azuis ao seu redor.

A arma começou a girar, lentamente, como a lâmina de um moinho de vento. Ele fez um som enquanto se movia pelo ar, um zumbido baixo e monótono. Avar inspirou, inspirou, expirou, e a lâmina lentamente acelerou. O tom de sua passagem pelo ar mudou, não mais um zumbido grave, mas um tom mais alto, uma adorável nota redonda. O sabre de luz se moveu mais rápido, sua lâmina agora muita rápida para ser vista; um círculo de luz verde com um centro metálico brilhante.

Foi lindo, mas Avar fechou os olhos. Ela não precisava ver. Ela precisava ouvir. Seu sabre de luz não era apenas uma arma. Aqui, agora... era um

instrumento.

A nota da lâmina aumentou, tornando-se um zumbido claro, o zumbido normal e crepitante de um sabre de luz em combate substituído por um tom puro e cristalino.

Sua consciência era o canto do sabre, e ela ajustou a velocidade de sua rotação até que a nota produzida fosse precisamente em sincronia com—

Sim, pensou Avar Kriss. *Eu ouvi isso.*

Sua mente estalou para fora, a canção do sabre soando em harmonia com o coro maior da Força, em um único instantaneamente tornando-se todo o sistema e tudo dentro dele, e mais particularmente cada Jedi, cada um conectado à Força a sua maneira.

O que ela ouviu como uma música, Elzar Mann viu como um mar profundo, infinito e agitado pela Tempestade. O Wookie Burryaga era uma única folha em uma árvore gigantesca com raízes profundas e galhos muito altos. Doug Sunvale viu a Força como um grande conjunto de engrenagens interligadas, feito de uma variedade infinita de materiais, do cristal ao osso. Bell Zettifar dançou com o fogo. Loden Greatstorm dançava com o vento.

Esta não era a rede simples que ela havia construído antes. Isso era mais profundo. Todos os Jedi eram a Força, e a Força era tudo isso. E ela, Avar Kriss, poderia tocar todos eles, não importa como eles vissem a Força.

Agora, porém, ela tinha que encontrar seu alvo. O módulo de Tibanna correndo em direção ao sol. Era difícil agora, com tantos Jedi cantando em sua mente, um refrão da sinfonia da Força explodindo no volume máximo. Tantas pessoas, tantos seres, tanta vida. Cada grão no campo vagamente detectado ao redor dela pipocava como flautas.

Em algum lugar disso tudo estava o módulo de Tibanna líquido correndo em direção ao sol para destruir todos eles. Não fez cantar uma canção própria, mas isso já era algo a se sentir. Um silêncio, uma cesura, uma *fermata* de duração e tamanho precisamente corretos.

Pronto, ela pensou.

Ela a tinha, sem dúvida. Foi, se. Ela a tinha perdido.

— Explodam-no! — ela disse em voz alta, e tudo vacilou e quase desapareceu.

Ela havia perdido a anomalia e agora não conseguia encontrá-la novamente, não dentro do caos de tudo que se movia dentro do sistema. Era como olhar para uma determinada flor em uma campina agitada pelo vento, desviar o olhar e, em seguida, olhar para trás e tentar encontrar a flor precisa novamente.

O tempo estava se partindo, fragmentos de momentos voando para o nada, para nunca mais voltar. Ela tinha que encontrar. Ela tinha que, ela não podia falhar. Era sua responsabilidade. Ninguém mais poderia...

Não. O que ela disse?

Nós o encontraremos juntos.

Ela tinha um sistema cheio de Jedi trabalhando ao lado dela. Cada um deles tinha sua própria conexão com a Força – talvez diferente da dela, mas não menos poderosa.

Avar Kriss pediu ajuda e a ajuda veio.

Estala Maru a descobriu primeiro. Avar podia ver a Força através de seus olhos, para Maru, a bomba Tibanna era uma única luz em uma única janela em um único prédio pequeno de uma cidade noturna em espiral infinita. Mas uma vez que Estala a tinha, era apenas uma questão de apontar aos outros Jedi para olhar naquela direção também, e então todos o fizeram.

Mas agora a tarefa coube a Avar.

Ela chamou sua atenção de volta, avaliando o quão perto a bomba estava de atingir a estrela, não demoraria muito. O calor do sol já estava fazendo com que o vapor subisse da borda dianteira da estrutura externa do tanque. Eles tiveram que agir.

Há uma coisa se movendo muito rápido. É muito grande e muito pesada.

Precisa mudar de direção.

Aplicaremos a Força a ela juntos, no mesmo lugar, da mesma maneira e ao mesmo tempo.

Avar Kriss mostrou aos Jedi o que fazer e, como um só, os Jedi alcançaram a Força. Eles não se seguraram de volta. Eles agiram com desespero disciplinado, não poupando nada.

Vamos movê-lo.

Não muito longe da Lua Frutificada, Te'Ami perdeu a consciência, ichor amarelo escorrendo de sua boca.

Vamos movê-lo.

Um grupo de cinco vetores voando em formação cerrada perdeu o controle de sua direção, muito de seu foco dedicado ao esforço para deslocar a bomba Tibanna. Duas das naves colidiram antes que o controle pudesse ser restabelecido, e os três Jedi a bordo dessas naves foram perdidos.

Vamos movê-la.

Agora, Avar pensou.

Em todo o sistema, os Jedi estenderam as mãos para a Força. Alguns

fecharam os olhos, alguns levantaram os braços, alguns se levantaram, alguns se sentaram meditando no chão enquanto outros pairavam acima dela. Alguns estavam em naves estelares, outros na superfície. Muitos eram sozinhos, mas outros estavam com membros de sua Ordem, ou cercados por pequenos grupos de pessoas que podiam sentir, de alguma forma, a importância do que estava acontecendo, mesmo que eles próprios não pudessem tocar a Força.

Dezenas de Jedi agindo como um só.

A galáxia *zumbiu*. Uma mão invisível agarrou a bomba Tibanna com firmeza e a jogou para o lado. Gentil, mas preciso, como atirar um ovo para alguém que você esperava que o pegasse sem que a coisa se espatifasse em suas mãos.

Avar ouviu.

Eles tiveram sucesso. Eles mudaram o Tibanna.

Mas eles também falharam.

O tanque não se moveu o suficiente. Ainda iria atingir o sol, e mesmo agora, ela podia sentir o aquecimento do líquido dentro do contêiner, a pressão aumentando, preparando-se para uma explosão que pressagiaria a explosão maior que viria.

Novamente, ela disse aos Jedi, aqueles que ainda podiam ouvir e responder. Muitos ficaram inconscientes com a pressão da primeira tentativa, o que significava que o fardo para aqueles que permaneceram era muito maior.

Temos que tentar novamente.

Avar podia sentir o cansaço na música, de todos os seus companheiros em sua grande Ordem, esses heróis que tinham tudo ficaram para salvar pessoas que nunca conheceram e provavelmente nunca iriam, pessoas que nunca conheceriam a escolha ou o sacrifício sendo feito em seu nome. Nada disso importava.

Ela sentiu seus companheiros deixarem de lado a exaustão, se erguerem, renovarem o foco.

Não apenas isso, mas ela sentiu que outros Jedi trouxeram seu foco para suportar também, de Coruscant, do outro lado da galáxia. Até mesmo Yoda, onde quer que estivesse com seu pequeno grupo de jovens, sua grande e sábia mente cantava sua própria parte do refrão, dolorosamente belo, uma voz de pura luz desmentindo sua aparência física. Não que isso importasse, de fato.

Avar não teria acreditado que tal coisa fosse possível, mas como ela disse

ao almirante, por meio da Força, não havia uma coisa maldita que não pudesse ser feita. Sua grande Ordem estava com ela, assim como ela estava com eles, e a Força estava com todos eles.

Vamos movê-lo.

Outro momento escolhido, outro grande esforço.

Vamos movê-lo.

Ela sentiu os Jedi dizendo as palavras com ela, cada um à sua maneira, através de suas próprias lentes particulares na Força.

Não, não estou dizendo. Cantando. Cantando.

Vamos movê-lo.

Mais Jedi caindo, a maioria apenas desmoronando onde estavam, ou espiralando em seus vetores. Alguns conseguiram recuperar o controle, mas outros foram perdidos para sempre. Rohmar Montgo. Lio Josse.

O cavaleiro Jedi Rah Barocci cambaleou e caiu da torre da fazenda na Lua Enraizada, onde ajudava uma

família cuja filha havia sofrido uma convulsão devido ao estresse da ordem de evacuação. A filha estava calma, sua crise acabou, mas Rah caiu vinte andares e não se recuperou a tempo de se salvar.

Com cada Jedi perdido, o trabalho ficava mais difícil.

Elzar Mann, sozinho em um promontório rochoso com vista para uma farmácia onde o novo medicamento milagroso bacta estava sendo produzido em quantidades extremamente limitadas, sentiu a tensão, a inércia da bomba Tibanna que não queria ser movida.

Para Mann, a Força era um mar sem fundo, sem fim, no qual todas as coisas nadavam. Bem iluminado em sua parte superior, desaparecendo na escuridão abaixo, mas todo um grande oceano. Ele estendeu a mão para ele, permitindo-se correr ao longo de suas correntes, indo mais profundo do que nunca, vendo e sentindo coisas que ele nunca tinha conhecido antes. O mar nunca acabou, e houve assim tanto dele como ele nunca tinha visto. A força o inundou, sua exaustão desaparecendo. Ele adicionou esse poder ao de seus companheiros, dando-lhes tudo o que podia.

Vamos movê-lo.

…

…

…

…

E não vai bater no sol.

O Tibanna entrou na fotosfera externa da maior estrela do sistema Hetzal. Por um momento, um longo momento, a música parou. Avar Kriss não ouviu nada além de silêncio.

O fragmento estourou fora do sol, apenas tendo tocado suas camadas mais externas, aquecidas, mas intactas, em um caminho que iria tirá-lo do sistema sem causar danos.

A música voltou à vida.

A Mestra Jedi Avar Kriss caiu de joelhos lá no campo em Hetzal Prime. O cabo do sabre de luz, agora desativado, atingiu o chão um momento depois, cravando-se no solo macio.

Avar se deixou respirar. Duas respirações longas, depois três. Então ela levantou seu comunicador.

— Obrigada. — disse ela

Nem Avar Kriss nem qualquer outro Jedi em Hetzal sabiam que os eventos daqueles momentos haviam sido transmitidos à orla externa. O sinal ainda encontrou seu caminho para os mundos internos da República, embora ligeiramente atrasado devido às limitações da rede de comunicações galácticas. O sinal foi enviado por Keven Tarr, trabalhando a partir do escritório do Ministro Ecka na cidade de Aguirre, ainda fazendo seu trabalho, apesar de ter tido a oportunidade de sair na *Terceiro Horizonte*.

A transmissão foi originalmente apenas um feed enviado ao gabinete da Chanceler em Coruscant a seu pedido, de banda estreita e segura, para permitir que Lina Soh e seus auxiliares tivessem as informações mais atualizadas sobre o desastre à medida que progrediu para esta fase final.

Mas Keven Tarr tomou uma decisão. Se esses fossem os últimos momentos de Hetzal, sua casa e a de bilhões de outros, ele não queria um lugar tão bom para morrer desconhecido. Ele mudou as configurações no feed, eliminando os códigos de segurança e enviando-os para cada canal, cada retransmissão, cada ouvido e olho que pudesse encontrar.

Isso, à sua maneira, era uma façanha de tecnologia tão impossível quanto o que os Jedi estavam tentando.

Em qualquer caso, o povo da República assistiu à decisão do destino de Hetzal. Eles pararam de respirar enquanto os Jedi se uniram para salvar esses mundos, cheios de pessoas que eles não conheciam. Este pequeno grupo de

pessoas corajosas arriscou suas próprias vidas para salvar outros e usaram seus dons exclusivos para preservar, para ajudar.

Um suspiro de consternação cresceu em mil mundos quando a primeira tentativa falhou, e estava claro que os Jedi não tiveram sucesso. Talvez não tivessem sucesso. Alguns desviaram o olhar, não querendo ver o clarão de luz quando a estrela explodiu, seguido de perto pela morte de bilhões de seres sencientes.

Outros não conseguiam desviar o olhar e essas pessoas viram o que aconteceu a seguir. A estrela não explodiu. As pessoas não morreram.

Por toda a galáxia, gritos de alívio e alegria. Sim, carrancas daqueles que viviam na escuridão, esperando que os Jedi falhassem, fossem esmagados, morressem, mas eles eram poucos.

Esta foi uma República que valorizou e celebrou a vida e aqueles que a preservaram.

Esta foi uma vitória.

Nesse dia, pelo menos, a luz prevaleceu.

Tinha acabado.

CAPÍTULO DEZOITO

Isso não tinha acabado.

No sistema Ab Dalis, mais adiante na mesma hipervia que a *Legacy Run* estava viajando quando encontrou seu fim, sete fragmentos daquela nave emergiram do hiperespaço, logo após o ponto de transferência. Nem o maior nem o menor era um pedaço da superestrutura da enorme nave de carga, uma viga de suporte duraço ainda presa a uma grande parte do casco da nave.

Os fragmentos estavam se movendo logo abaixo da velocidade da luz, mas todos estavam sem energia, eletronicamente inertes e bem dentro do ponto de transferência normal do hiperespaço por onde as embarcações podem chegar ao sistema. As matrizes de sensores e os sistemas de alerta não detectavam as anomalias até que fosse tarde demais e, mesmo que o tivessem feito, não havia um Cruzador da República cheio de Jedi por perto para salvar o dia.

Todos os sete fragmentos viajavam ao longo da eclíptica do sistema, mas Ab Dalis não era tão densamente povoado quanto Hetzal.

O espaço era imenso e os fragmentos eram, em comparação, minúsculos.

Seis deles não acertaram nada, passando pelo sistema e saindo pelo outro lado sem incidentes.

O sétimo acertou em cheio o mundo mais densamente povoado do sistema, um terreno baldio pantanoso

interrompido apenas por fábricas do tamanho de uma cidade, favelas habitadas pelos trabalhadores que operavam essas fábricas, e, aqui e ali, as torres habitadas por quem lucrou com ambas. O fragmento foi vaporizado com o impacto, mas uma concussão arrasou uma dessas cidades, as favelas e as torres.

Aproximadamente 20 milhões de pessoas foram mortas.

Esta foi a primeira emergência.

Interlúdio

Os Nihil

Ab Dalis. Nunca um mundo adorável, sempre envolto em redemoinhos, nuvens tingidas de marrom como se os pântanos na superfície fossem tentando escapar da gravidade do planeta. Agora, porém, parecia ainda pior do que o normal. O impacto orbital forçou uma enorme nuvem de água vaporizada e lama no ar, e muito disso havia ionizado, causando Tempestades de raios enormes que cintilam na atmosfera do planeta.

Parecia uma espécie de inferno.

Um comboio de seis cargueiros percorreu o sistema, para longe do planeta devastado. Eles seguraram todo a força de trabalho, juntamente com suas famílias, da Tecnologia Garello, uma empresa de pesquisa e fabricação de materiais de nível médio com sede no distrito de Keftia. Além das pessoas, os porões dos cargueiros também continham a maioria das pesquisar mais importantes da empresa, bancos de dados, maquinário e recursos financeiros. Tudo isso tinha sido carregado a bordo das seis naves estelares para trazê-lo para fora do mundo por segurança enquanto o desastre se desenrolava em Ab Dalis, um esforço enorme que consumiu todo o dia e a noite que havia passado desde o impacto.

O presidente-executivo da empresa, Larence Garello, disponibilizou as outras naves da empresa para o Governo Ab Dalisiano para esforços de socorro, mas ele escolheu cuidar de seu povo e seus negócios primeiro. Muitas pessoas confiavam na Tecnologia Garello, e ele queria garantir que,

quando a crise diminuísse, todas as pessoas que confiavam nele estariam sãs e salvas, e ainda estariam trabalhando para uma empresa que poderia continuar a produzir as ideias e produtos que ajudaram a tantos.

Muitos proprietários de negócios Ab Dalisianos no nível de Larence zombaram dele por ter gasto tanto dinheiro temporariamente para empacotar sua operação e movê-la para fora do planeta, mas ele não se importou. Os oligarcas e trilionários se importavam mais com uma única viga de duraço em suas fábricas do que com as pessoas que nelas trabalhavam. Larence era rico, sim, mas isso era porque boas pessoas a seu serviço deram-lhe tudo. Ele iria cuidar muito bem de cada um.

O comboio se dirigia para o limite externo do sistema, onde iria parar para ver como a situação evoluía.

Mas antes que as naves pudessem chegar ao seu destino, eles encontraram algo estranho.

Parecia uma Tempestade, ou uma nuvem de Tempestade, talvez. Um enorme redemoinho de vapor cinza-azulado no espaço, denso e ameaçador, e diretamente no caminho do comboio. Luzes fracas piscaram de dentro dele, como faíscas ao anoitecer acima dos pântanos Ab Dalisianos.

A nave líder do comboio era a *Arbitragem*, capitaneado por um Shistavaneano de pele escura chamado Odabba, um bom mão firme que trabalhou para a Tecnologia Garello por mais de uma década. Ele examinou a nuvem, mas os sensores podiam não fornecer nenhuma informação. Ele deu ordem para que todas as naves desviassem o curso, contornassem a coisa, fosse o que fosse.

Melhor prevenir do que remediar.

Mas não havia segurança, não mais.

A nuvem de Tempestade iluminou-se. Um pico enorme e irregular de energia disparou do meio da nuvem, passando pela *Arbitragem* para atingir um das outras naves do comboio, a *Diligência de Maree*, em homenagem à mãe de Larence Garello.

A outra nave brilhou intensamente por um momento, cercada por um fogo fosforescente, então escureceu, as luzes se apagando ao longo de seu casco e os motores falhando. A *Diligência de Maree* começou a se distanciar do resto do comboio, todos os seus sistemas claramente offline.

O capitão Odabba ordenou que o comboio levantasse escudos e se preparasse para a batalha, mas todas as seis naves eram cargueiros, não naves de guerra, e na pressa de evacuar o planeta, nenhum guarda-caça foi arranjado. As naves de carga eram quase desarmadas, com apenas alguns

canhões laser de luz cada.

Outro clarão da nuvem, depois outro, e agora era impossível pensar neles como algo além de relâmpagos, grandes explosões de energia em uma escala difícil de processar. Cada um desses dois últimos ataques acertou um alvo no comboio de Garello, mas agora os escudos estavam levantados, e embora eles não paralisassem as naves da mesma forma que o primeiro contra a *Diligência de Maree*, as defesas de ambas as naves sofreram um impacto significativo.

Mas cada flash de luz iluminou a nuvem por dentro e, por apenas um momento, os seres a bordo do comboio tinham visto o que os esperava. Naves. Muitas naves.

Como se o terceiro e último golpe fosse um sinal, as embarcações escondidas na nuvem estranha dispararam, um zumbido, um enxame barulhento. Eram coisas feias e grossas, com pontas saindo delas em nenhum padrão perceptível. Eles pareciam ferramentas projetadas para espancar alguém até a morte. A maioria era dimensionada para um ou dois pilotos, mas alguns eram maiores, e no

centro da nuvem uma nave muito maior esperava. Era pelo menos igual em tamanho a um dos cargueiros do comboio, mas esta não era uma nave de carga. Isso era uma coisa cruel, construída para a guerra, para a destruição.

Todas as naves tinham duas coisas em comum, não importando seu tamanho ou design, três barras brilhantes nas laterais, como tinta de guerra, e um estranho anexo aos seus motores, uma estrutura de metal como uma meia-lua cheia de fogo verde ondulante, de propósito desconhecido.

Raios laser começaram a sair dos cargueiros do comboio, anêmicos e magros em comparação com a ameaça que eles enfrentavam. Havia... tantos.

A notícia começou a se espalhar entre o pessoal da Tecnologia Garello e as tripulações do comboio. A esperança morreu, substituída por pânico e terror. Eles tinham visto os relâmpagos e as insígnias das naves. Eles acreditavam que sabiam quem os estava atacando

Os Nihil.

O capitão Odabba deu ordem para correr, virar e correr de volta para Ab Dalis. Ele sabia que era inútil, mas era melhor do que lutar, e talvez algumas das naves pudessem de alguma forma chegar a um lugar seguro.

Os Nihil. Um ano atrás, nem Larence Garello nem ninguém a seu serviço tinha ouvido o nome. Mas nos últimos meses, a palavra tinha assumido uma qualidade quase talismânica ao longo da Orla Externa, como uma praga, ou uma besta de caça que não poderia ser evitada ou combatida.

Os Nihil eram invasores, ladrões, assassinos, sequestradores. Eles podem estar em qualquer lugar, a qualquer momento, aparecendo do nada. Eles trabalharam no espaço, em planetas, em cidades, no deserto. Eles se moviam como espíritos e matavam como demônios.

Se eles eram realmente monstros ou apenas agiam com selvageria monstruosa, não estava claro. O que se sabia sobre eles foi diminuído pelo que não se sabia.

As coisas mais importantes conhecidas sobre os Nihil eram estas: Eles pegavam o que queriam e destruíam o que não queiram, e embora ocasionalmente você ouça uma história sobre alguém que sobreviveu a um encontro com os Nihil, você nunca ouve uma história sobre alguém lutando contra eles.

Um grande segmento de naves inimigos cercou a *Diligência de Maree* desativada, girando em torno dela de uma maneira caótica, mas de alguma forma consciente, como insetos alados enxameando um cadáver, mas nunca colidindo uns com os outros.

Projéteis disparados de cada uma das naves de ataque Nihil. Não são explosões de laser ou mísseis. Eram algo como arpões, e cada um cravou fundo no casco do cargueiro sem blindagem e indefeso.

Como se fossem um, as naves Nihil giraram 180 graus, então seus motores enfrentaram a *Diligência de Maree*, e em seguida esses motores dispararam. Longos tentáculos de chamas dispararam de cada nave, e as embarcações Nihil esticaram os cabos que os prendiam ao cargueiro.

Da ponte da *Arbitragem*, Larence Garello assistia horrorizado, pensando nas pessoas naquela nave, as

milhares de pessoas naquela nave.

Suas famílias. Ele havia dito a eles para trazerem suas famílias, que ele iria mantê-los seguros.

A Diligência da Maree se despedaçou.

Não explodiu, a não ser por algumas chamas aqui e ali. Presumivelmente, isso se deve ao fato de que os sistemas da nave estavam praticamente inertes após o primeiro ataque dos Nihil. Seja qual for a causa, ela quebrou e rasgou, suas passagens interiores e compartimentos voaram para o espaço. Objetos menores e pedaços de entulho saíram em espiral para o vazio, e Larence Garello, presidente-executivo da Tecnologia Garello, sabia que alguns desses objetos eram seu pessoal.

— Continue atirando! — O capitão Odabba gritou para a tripulação da ponte. — Eu pedi ajuda de Ab Dalis, e eles vão enviar o que podem. Só

precisamos aguentar.

Larence não era um militar, mas até ele sabia que essas palavras soavam vazias. Ab Dalis foi consumido por uma catástrofe planetária. Seu governo era corrupto e ineficaz após gerações atendendo a todos os oligarcas e trilionários, e talvez não enviassem ninguém para ajudar, mesmo que pudessem.

Outra explosão disparada da arma semelhante a um relâmpago, emanando da maior nave da força Nihil, a nave de guerra em seu centro. Atingiu um dos outros cargueiros, que ficou frio e morto, assim como a *Diligência de Maree*. Todos que saíram do comboio presumiram que aquela nave também seria em breve destroçada e saqueada pelas moscas-cadáveres Nihil.

Na verdade, as naves inimigas cercaram o cargueiro desativado e os cabos dispararam novamente... mas desta vez algo diferente aconteceu. Talvez o reator do cargueiro não estivesse completamente inerte, ou algum outro erro tenha sido cometido, mas a nave de carga explodiu. Uma bola de luz branca envolveu a embarcação da Tecnologia Garello, bem como muitos do enxame de Nihil em volta dela, e enquanto o coração de Larence Garello doía com a perda de mais gente, ele sentiu uma batida de triunfo selvagem

pensando que pelo menos eles haviam levado alguns dos bastardos com eles.

— Estamos sendo abordados. — disse o capitão Odabba, com a voz sombria, olhando para os alertas e indicadores de ameaça ondulantes em suas telas. — Vou abrir o armário de armas. Não temos blasters suficientes para todos. Qualquer um com experiência militar tem prioridade. Todo mundo... encontre algo para lutar.

Ele se afastou do console de comando em direção ao anexo da ponte, onde o complemento limitado do cargueiro de armamento foi armazenado.

Mas antes que ele pudesse dar dois passos, a escotilha da ponte se abriu, como se chutada para dentro por um gigante. Ele derrapou no convés, colidindo e provavelmente matando um membro da tripulação do Capitão Odabba. A mulher Klatooiniana morreu sem fazer barulho.

Três latas brancas entraram na sala do corredor externo. Antes de atingirem o convés, elas explodiram e a ponte estava cheia de um gás espesso, denso, cinza azulado. Foi instantâneo. Em um momento o ar estava respirável, em seguida, foi como se perder em uma névoa... ou uma nuvem de Tempestade, talvez.

Larence Garello tentou prender a respiração, mas o choque dos acontecimentos deixou seu coração disparado, e ele não estava mais tão

jovem como um dia já foi. Ele respirou fundo, mas não era ar, e seu sistema reagiu quase instantaneamente ao veneno.

Ele olhou para a escotilha, onde os Nihil estavam entrando na ponte. Ele os viu nadando, sua visão falhando, viu as máscaras que usavam e sabia que, o que quer que esteja por baixo, queriam que a galáxia os visse como monstros.

Larence Garello deu um suspiro final e ardente, e sabia que não seria um dos raros a sobreviver a um encontro com os Nihil.

PARTE DOIS

Os Caminhos

CAPÍTULO DEZENOVE

CORUSCANT – PRAÇA DO MONUMENTO

Lina Soh descansou a palma da mão na superfície áspera de Umate, o pico mais alto da cordilheira de Manarai. O cume da montanha ficava cerca de vinte metros acima de sua cabeça, e sua base estava em algum lugar 5.216 níveis abaixo, no exato fundo da cidade-mundo que era Coruscant. Este foi o único ponto que sobrou no planeta onde sua topografia original poderia ser visto. Mais abaixo, a estrutura da montanha havia sido incorporada à cidade, tornando-se uma espécie de colmeia de túneis e passagens e câmaras revestidas por duraço e permacreto, mal distinguíveis de outras partes do planeta. Mas aqui, um pouco de selvageria permaneceu.

Pessoas de toda a República foram a Praça do Monumento para ver Umate, e muitos fizeram como Lina Soh, sentiu sua superfície e tirou um momento para reflexão. Um anel escurecido em torno da base do pico serviu como evidência de inúmeras mãos que o tocaram ao longo das gerações. Todas aquelas mentes, toda aquela sensibilidade, todas aquelas muitas perspectivas. Umate significava coisas diferentes para seres diferentes, resistência, a imperturbabilidade da natureza, apesar dos esforços de seres sencientes para refazer a galáxia, até mesmo a novidade de uma coisa natural em um mundo artificial.

Para Lina Soh, chanceler da grande República que trazia luz aos muitos mundos da galáxia, costurando-os juntos em uma união iluminada em que tudo era possível, Umate significava... escolha.

Os planejadores do mundo da cidade poderiam ter removido a montanha em qualquer momento de seus milênios de história, mas geração após a geração, não o fizeram. Eles haviam repetidamente tomado a decisão, a escolha, de preservar esse único lugar, essa única coisa.

Muitos sistemas políticos reivindicaram Coruscant em seus dias, de impérios brutais às democracias mais puras, mas todos tinham escolhido manter Umate como era, a Praça do Monumento crescendo século após século, conforme novos níveis foram adicionados à superfície da cidade.

O progresso era inevitável e crucial, mas não era o único objetivo. A atenção plena também era importante. Escolha.

A Chanceler Soh recuou da montanha. Ela se virou. Matari e Voru ergueram suas grandes cabeças e deram um passo em sua direção, as enormes e lindas feras percebendo seu humor e sabendo que ela estava pronta para seguir em frente. Os dois targons, gêmeos, um macho vermelho e uma fêmea amarela, ambos mais altos do que ela, com pelos grossos e orelhas em tufos, levaram suas estações usuais ao lado dela, mantendo o ritmo enquanto ela se afastava de Umate. Os gatos gigantes a acompanharam em toda parte, atuando como guardas, companheiros e até mesmo caixas de ressonância. Ela costumava falar em voz alta para eles enquanto trabalhava ideias ou planos. As criaturas não entenderam suas palavras, mas os targons tinham habilidades empáticas de baixo nível, tão incomuns quanto poderiam ser em uma espécie de predadores. Matari e Voru podiam não compreender... mas entenderam. Mais que qualquer coisa, as criaturas eram totalmente leais. Lina trabalhou na política. Lealdade era a qualidade que ela valorizava acima de tudo.

A superfície do Nível 5.216 em torno do pico de Umate foi transformada em um espaço verde, com esforços sendo feitos para replicar as plantas e árvores originais que seriam visíveis na base da montanha incontáveis milênios antes, quando a superfície do planeta ainda estava acessível. Ninguém realmente sabia se as escolhas do designer do parque eram precisas, mas foi certamente adorável o suficiente.

Normalmente, a Praça do Monumento estava cheio de turistas, todos esperando sua vez para tocar em Umate, uma longa fila que se estendia por quase todo o caminho desde o parque até o Senado Hill. Agora, porém, a área estava vazia, limpa pela Força de Segurança de Coruscant.

Lina poderia ter realizado essa reunião em seus escritórios, ou mesmo, em quase qualquer lugar do planeta, mas ela gostou de estar aqui.

Mais do que qualquer outro lugar, era aqui que ela se sentia conectada ao resto da República. Isso levou suas equipes de segurança à loucura, porque

ela era teoricamente vulnerável a ataques aéreos em campo aberto (embora ela pensasse que Matari e Voru poderiam encontrar uma maneira de derrubar um speeder, se houvesse necessidade). Lina não estava preocupada com um ataque, aéreo ou de outra forma. Este era o coração do Núcleo, e a República estava em paz, exceto por disputas regionais ocasionais. Ela estava tão segura na Praça do Monumento quanto em sua própria cama.

Vamos torcer para que isso ainda seja verdade, ela considerou, pensando sobre o que tinha acontecido com a *Legacy Run* e tudo que poderia significar.

Norel Quo, seu assessor principal, um Koorivar não pigmentado, incomum entre seu povo, esperava a uma respeitosa distância.

— Você está pronta, Chanceler? — ele disse.

— Eu estou, Norel. — Lina respondeu. — Espero que ninguém se aborreça por eu ter demorado um pouco. Eu não venho aqui o suficiente, e considerando a conversa que vamos ter, pensei que valeria a pena me concentrar.

— Você é a Chanceler da República. — disse Norel, virando-se para acompanhá-la enquanto eles se afastavam da montanha e entravam no parque, os Guardas da República vestidos de azul de Lina entrando em formação ao redor deles. — Eles vão esperar.

O caminho se curvava em torno de um bosque de bilhões de árvores, suas hastes flutuando assobiando na brisa da noite, levando a uma pequena clareira. Lá, o compromisso de Soh a esperava, um grupo de algumas das pessoas mais poderosas do planeta e, portanto, de toda a República. Quatro Jedi: o Quermiano Yarael Poof e o Togruta Jora Malli, ambos membros de seu Conselho; O segundo homem de Malli, o imponente Trandoshano Jedi Sskeer; e a Mestra Avar Kriss, que esteve diretamente envolvida com a resolução do desastre da *Legacy Run* no sistema Hetzal. O senador Izzet Noor, de Serenno, porta-voz para a maioria dos Territórios da Orla Exterior. Jeffo Lorillia, seu secretário de transporte. E finalmente, o Almirante Pevel Kronara, da Coalizão de Defesa da República, a organização criada a partir dos recursos combinados de muitos mundos para lidar com as raras explosões regionais que não poderiam ser gerenciadas pelas forças de qualquer planeta sozinho. Kronara não comandava o CDR, mas era um membro de alto escalão, com conhecimento direto dos assuntos a serem tratados.

Alguns guardas da Força de Segurança de Coruscant estavam discretamente posicionados ao redor da borda da clareira, e um polido servo droide cor de cobre estava próximo, pronto para fornecer qualquer ajuda necessária.

As sete pessoas conversavam entre si, mas ficaram em silêncio quando Lina se aproximou. Ela caminhou direto para Avar Kriss, sorrindo. Ela estendeu os braços e pegou a mão da Jedi entre as suas, segurando-a e olhando para a outra mulher nos olhos. Avar parecia cansada, mas isso não era surpresa, considerando a provação que ela havia passado.

— Mestra Kriss, em nome de toda a República, por favor, aceite a minha gratidão por tudo o que você fez lá em Hetzal. Você e os outros Jedi salvaram bilhões de vidas, sem mencionar que nos ajudaram a garantir a produção de alimentos para a Orla Exterior.

— Somos todos a República, Madame Chanceler. — Kriss respondeu, dando um pequeno sorriso. — Nós fizemos o que pudemos.

— É inspirador e um símbolo de tudo o que desejo que esta República seja. Todos nós ajudamos uns aos outros, e todos nós crescemos e prosperamos juntos.

Lina soltou a mão da Jedi, dando-lhe outro sorriso ao fazê-lo. Ela olhou para o resto do grupo.

— Decidi expandir o fechamento do hiperespaço em mais quinhentos parsecs em torno de Hetzal até novo aviso.

O senador Noor soltou um assobio baixo. Ele era um homem magro e alto, envelhecido, mas vigoroso, careca, mas com uma franja luxuriante de cabelo branco que ele usava longo, deixando-o cair sobre a gola de suas vestes verdes brilhantes.

— Isso vai estrangular aquela parte da Orla Externa, Chanceler. Você tem ideia de quanto tráfego se move ao longo dessas rotas? Comércio, transporte, remessa...

— Não estou dizendo para sempre, senador. Mas essas emergências continuam acontecendo, quantas temos até agora?

O almirante Kronara gesticulou para o droide servo, e ele projetou um mapa plano da Orla Exterior no ar, centralizado em Hetzal, exibido em vermelho. Vários outros sistemas também foram marcados com a cor, criando um círculo muito aproximado em torno do local do desastre original. Um anel vermelho cercava tudo, os fechamentos de vias do limite atual do hiperespaço.

— Quinze na contagem atual, chanceler. — respondeu o almirante Kronara. — Podemos estar deixando escapar alguns porque, obviamente, nem todos os fragmentos da *Legacy Run* impactam um planeta. Estamos assumindo que outros pedaços estão emergindo do hiperespaço não detectado.

— E ainda não temos ideia do que causou isso?

— Ainda não. — respondeu a secretária Lorillia em seu Básico com forte sotaque. — Meus analistas nunca viram nada parecido, mas estamos trabalhando no problema.

— Então, em teoria. — disse Lina. — é possível que qualquer nave viajando pelo hiperespaço possa ser destruída de forma semelhante?

O secretário de transporte acenou com a cabeça, desconfortável. Ele era um Muun prático e não gostava de incertezas de qualquer tipo. Seu objetivo, o objetivo de todo o bureau que comandava por toda a galáxia, era manter os espaçoportos movimentados, carga sendo transportada e transportes de passageiros que chegando e partindo precisamente na hora certa. A ideia de que pode haver um problema com o hiperespaço, o sistema mal compreendido que permitiu que toda a República existisse... bem, Lina pensou o que isso poderia ser. O pior pesadelo do pobre Jeffo.

— O risco de outro desastre semelhante é o porquê de eu ter fechado as pistas e elas permanecerão fechadas até que saibamos mais. — disse Lina.

Os lábios finos de Lorillia se contraíram e ele ergueu as mãos, batendo os dedos longos e finos uma vez, lentamente, depois novamente.

Lina deu-lhe um tapinha reconfortante no ombro.

— Está tudo bem, Jeffo. Sei que isso torna o seu trabalho mil vezes mais desafiador, mas vou lhe dar todo o apoio que posso. Você entende por que isso é necessário, espero. As emergências são ruins o suficiente. Nós simplesmente não podemos ter outra nave desmoronando como a *Legacy Run*.

Ela gesticulou para Kronara e Avar Kriss.

— Da próxima vez, podemos não ter heróis Jedi e da República por perto para salvar o dia.

O secretário Lorillia deu um aceno de cabeça tenso, se recompondo.

— Claro, Chanceler. Você pode confiar em mim. Eu vou fazer isso funcionar.

Lina levou um momento para considerar os relatórios que havia recebido, então se virou para os membros do Conselho Jedi parados por perto, ouvindo atentamente, mas não oferecendo nada.

— Algo do seu lado das coisas? — Lina perguntou.

— Podemos dizer que esses eventos não parecem ser o resultado de uma ação direta dos usuários da Força. — disse Yarael Poof, a cabeça do quermiano balançando para frente e para trás em seu pescoço alongado como uma flor ao vento. — Não sabemos tudo, mas como agora, não temos

nenhuma evidência nesse sentido.

— Eu estava em Hetzal. — acrescentou Jora Malli, uma mulher pequena com a túnica branca e dourada do Templo Jedi. Ela parecia um pouco frustrada; ficava batendo um dedo contra uma das caudas lindamente listradas que caíam sobre o seu peito. Os Togrutas tinham uma certa realeza como espécie, com seus montrais se projetando de suas cabeças como coroas e as caudas-cabeças como mantos naturais em seus corpos. Até sua coloração contribuiu para o efeito; neste caso a brilhante pele laranja e marcantes marcas faciais brancas que sugerem um baile de máscaras. Lina sabia que essas características não existiam mais do que o resultado da evolução, a coloração da camuflagem, mas combinavam para dar aos Togrutas uma certa autoridade natural quando interagiam com a maioria dos seres sencientes da galáxia. Jora Malli usou isso com todo o efeito, conscientemente ou não.

Lina só tinha lidado com a mulher algumas vezes no passado, mas ela tinha a sensação de que Jora tinha um toque de impaciência nada Jedi. Ela gostava de empurrar os problemas até que as respostas se revelassem, tentando muitas coisas até algo funcionar em vez de considerar todos os ângulos e realizar uma ação decisiva. Ela preferia, em uma palavra, estar ocupada.

Foi por isso que, Lina presumiu que o Conselho Jedi deu a Jora Malli o trabalho de dirigir a seção da Ordem da nova estação Farol Estelar na Orla Externa. A estação seria a primeira resposta para praticamente todo problema relacionado à República ou aos Jedi naquela imensidão de espaço. Ela teria o mesmo comando de um almirante CDR e um administrador territorial da República, com todas as decisões significativas tomadas por maioria de votos. Um problema para resolver, depois outro, negociações e ajustes intermináveis, e mil coisas para fazer ao mesmo tempo. Foi a missão perfeita para ela.

— Enquanto Sskeer e eu chegamos depois que a tragédia da *Legacy Run* já havia começado. — Jora Malli continuou. — Se a Força tivesse sido usada para causar isso, acho que eu ou um dos outros Jedi no sistema teria percebido isso. Mestre Kriss em particular esteve intimamente ligada à Força desde quase o início dos eventos.

Sskeer assobiou em acordo.

O senador Noor deu um passo em direção a Lina, inserindo-se em sua linha de visão, um ato levemente agressivo que fez Matari e Voru achatar as orelhas. O senador pareceu não notar, a ideia de que meros animais ousariam violar sua pessoa nem mesmo cruzou sua mente.

— Chanceler, devo perguntar de novo. — disse Noor. — por quanto

tempo você planeja manter as vias do hiperespaço fechadas? Nem todo mundo da Orla Exterior é auto suficiente. Bilhões de pessoas dependem dessas pistas para obter alimentos e outros itens essenciais.

— Obviamente, não vou deixar as pessoas morrerem de fome, senador. — disse Lina, um pouco exasperada. — Eu já tenho uma crise, não vou começar uma segunda tentando resolvê-la. Eu só quero diminuir as chances de outro desastre, pelo menos até que entendamos com o que estamos lidando. Se necessário, vou autorizar o envio limitado de bens essenciais através das pistas.

Ela se virou para Kronara.

— Vou pedir-lhe para fazer cumprir a proibição, almirante. Você pode coordenar com os outros comandantes CDR nos postos de cruzadores nos sinalizadores de hiperespaço aplicáveis? Não quero ninguém reativando partes da rede de navegação. As não atualizações de navegação evitarão que essas faixas sejam usadas.

— Será uma mobilização maior do que qualquer coisa que já fizemos, Madame Chanceler, mas com certeza.

— Obrigada. — disse Lina.

Ela deu dois passos à frente, até que estava diretamente diante do mapa dos Territórios da Orla Exterior pairando no ar.

— Todos nós queremos que isso acabe o mais rápido possível. Além do objetivo imediato de prevenir mais mortes e destruição, você sabe que tenho planos para esta parte da galáxia. A estação Farol Estelar fará da República mais do que apenas um ideal distante fazendo breves aparições na Orla Exterior quando nossas naves estelares passam voando ou quando tentamos coletar impostos.

Estaremos lá, com eles, ajudando, de Bunduki a Bastion.

A chanceler Soh bateu o dedo indicador no mapa, e um único ponto brilhante parecido com uma estrela apareceu, mais ou menos no centro da região interditada pelo desastre do hiperespaço em curso.

A Farol Estelar. Finalmente concluída após um longo e desafiador processo de construção, a enorme estação foi construída para servir a muitos propósitos: uma embaixada da República que também poderia servir como uma fortaleza se necessário; uma projeção de segurança para desencorajar a atividade de invasores e saqueadores. Um posto avançado Jedi contendo o maior contingente único fora do próprio Templo de Coruscant, onde eles pesquisariam, ensinariam e ouviriam a orientação da Força. Espaços culturais mostrando a beleza dos diversos mundos que compõem o setor. Um relé de

comunicação que aumentaria a transmissão na região dez vezes. As instalações médicas mais modernas da Orla Exterior, mesmo agora, sobreviventes dos desastres nos sistemas Hetzal e Ab Dalis estavam sendo tratados na Estelar, apesar da estação não ter sido formalmente aberta ainda.

A Chanceler Soh tinha planos para muitas grandes obras, estendendo-se da infraestrutura à cultura, a Feira da República, a construção em andamento de relés de comunicação por toda a galáxia, decifrando o código de cultivo de bacta, negociação de um novo tratado entre os Quarren e Mon Calamari, todos os tipos de inovações tecnológicas e outras, mas a Farol Estelar, e as outras estações planejadas da rede Farol... eram como ela seria lembrada. O melhor das grandes obras, trazendo a República do centro e tornando-a verdadeiramente uma entidade galáctica.

Tudo era extremamente caro, tanto em créditos quanto em capital político. Mesmo em uma era de iluminação e paz, quando o comércio floresceu e os cofres estavam relativamente cheios, havia quem preferisse o status quo. A sua visão: Certamente, as coisas estavam boas agora, mas elas sempre podem ficar ruins, e por que gastar créditos agora se você pode precisar mais tarde? A República era enorme e criar um consenso completo era impossível. Um grupo de três pessoas pode enfrentar o mesmo problema e encontrar três soluções totalmente diferentes, multiplique isso por trilhões e terá uma ideia do que era dirigir um governo galáctico. Mas Lina tinha feito isso, não fazendo promessas que ela não tinha intenção de cumprir, ou fazendo ameaças ou abusando do poder de seu cargo. Ela simplesmente fez o seu melhor para mostrar aos mundos da República o que eles seriam se estivessem todos juntos. Como as coisas poderiam ser melhores. Como esse momento foi único na história, e como eles precisavam agarrá-lo e seguir em frente e, idealmente, estendê-lo para que as muitas gerações futuras pudessem saber a paz e a prosperidade de que todos agora desfrutavam.

A Farol Estelar simbolizava tudo o que ela queria para a República, e todos os membros do Senado sabiam disso.

Se desse certo, o resto se tornaria muito mais fácil. Se falhasse...

— Não vou colocar vidas em risco. — disse a Chanceler. — mas todos vocês sabem o quanto é importante, por muitas razões, que a cerimônia de dedicação da Farol Estelar ocorro conforme programado.

Jora Malli falou, seu tom mais suave do que antes, esta era uma pergunta para a qual ela tinha uma resposta.

— Eu estava apenas na Estelar. Está terminada, mas talvez precise de um pouco de polimento e limpeza. — disse ela. — Um pequeno atraso não deve ter muito impacto no cronograma.

Ela gesticulou para Avar.

— Mestra Kriss também esteve lá recentemente, pouco antes do desastre da *Legacy Run* , para a visita de inspeção, revisando o quartel Jedi. O que você achou?

— Como você diz, Mestre Malli. — ela respondeu. — não sou uma especialista, mas a Administradora Tennem disse explicitamente que a Farol Estelar poderia realizar sua cerimônia de dedicação conforme programado. Se não fosse o bloqueio, os últimos pequenos retoques seriam concluídos em algumas semanas. Ela não parece o tipo de exagerar.

— Tudo bem, então. — disse Lina. — Vamos descobrir isso. Eu tenho dúvidas.

Ela ergueu a mão e começou a marcá-las nos dedos, um por um.

— Quantos fragmentos restam da *Legacy Run*? Algum deles contém sobreviventes e, em caso afirmativo, há uma chance dessas pessoas serem resgatadas? Eles são todos cidadãos da República, e se podemos salvá-los, devemos.

— Existe uma maneira de prever onde qualquer emergência restante pode acontecer? E o mais importante...

Ela fechou a mão em punho.

— … O que realmente aconteceu e por quê? O hiperespaço é seguro ou tudo isso está apenas começando?

Ninguém respondeu. Todos eles sabiam que não deviam especular.

— Estou pedindo a todos vocês que descubram. Você representa administradores, políticos, forças de segurança e, claro, os Jedi. Alguns de vocês estiveram presentes no desastre da *Legacy Run*. Entre vocês, deve haver habilidade mais do que suficiente e conexões para determinar o que aconteceu e evitar que aconteça novamente. Os recursos da República e toda a autoridade do meu escritório estão disponíveis para você. Crie as equipes que quiser, escolha quem você acha que pode ser útil. A Farol Estelar deve abrir em trinta dias. Eu gostaria de usar a ocasião para celebrar o triunfo da República sobre adversidade. Eu *não* desejo abrir essa estação, enquanto uma enorme faixa da galáxia é bloqueada, ressaltando a incapacidade da República de manter os seus cidadãos seguros. Use a dedicação no Farol Estelar como seu prazo. *Descubram isso*, meus amigos. Eu acredito que vocês conseguem.

A Chanceler Lina Soh estendeu a mão para os lados, enterrando as mãos na pele de Matari e Voru, se confortando em seu calor e presença. Ela olhou para cima, acima da linha das árvores, até o pico de Umate, apenas vinte

metros acima.

Antes, a montanha deve ter dominado esta parte do planeta, a rainha de toda a cordilheira Manarai. Agora era só um pequeno pedaço de pedra saindo da superfície de um mundo que o engoliu totalmente, diminuído por tudo em torno dele.

Umate permaneceu, no entanto, o benefício de uma escolha feita geração após geração para preservar a montanha mesmo nesta forma atenuada. Lina Soh gostou disso, a forma como as sociedades podem escolher a herança ao invés do progresso, representada aqui em uma pedra viva.

Mas para a Chanceler, Umate tinha um segundo significado. Um simbolismo que ela nunca expressaria, nunca falaria em voz alta, poesia contra o espírito geral de otimismo e esperança e possibilidade que era a pedra angular de seu governo e, na verdade, a própria República.

O significado era o seguinte: não havia nada tão grande que não pudesse ser engolido. Nada tão forte que não pudesse ser humilhado. Nada tão alto que não pudesse ser reduzido. Nem uma montanha, nem a República.

— Não estou sujeita a pronunciamentos terríveis. — disse a Chanceler, ainda olhando para o pico de Umate. — mas se isso continuar a piorar, e de alguma forma perdermos a capacidade de viajar pelo hiperespaço, tudo isso acaba. Não haverá mais República.

Seu olhar mudou da montanha para o céu noturno além. Coruscant era uma cidade-mundo, irradiando luz a todas as horas, o que torna impossível ver muitas estrelas, mesmo nas profundezas da noite. Apenas alguns pontos de luz eram visíveis, brilhando fracamente, separados por grandes faixas de vazio.

— Apenas mundos, sozinhos no escuro.

CAPÍTULO VINTE

SISTEMA HETZAL – A *TERCEIRO HORIZONTE*

O droide de montagem montagem moveu os destroços para o lugar, seus braços manipuladores fazendo ajustes minuciosos para o pequeno fragmento de metal. Como o droide sabia onde colocar a peça no quebra-cabeça geral a ser montado, ou o propósito original de qualquer pedaço de destroços, essa era uma tarefa para um circuito motivador computacional avançado, e além do que Elzar Mann poderia entender facilmente. Para ele, um pedaço esfarrapado de duraço se parecia muito com o outro.

O processo parecia estar funcionando, no entanto. Dentro de uma grande área retangular de espaço, iluminada por enormes holofotes, o contorno da nave que já foi a *Legacy Run* era claramente visível. Cerca de uma dúzia de droides de montagem estavam trabalhando para puxar pedaços de destroços das portas abertas de um enorme cargueiro estacionado em frente a gama de luzes. Um por um, os droides empurraram pedaços de metal e plastóide para o lugar na zona de reconstrução, alguns tão grandes quanto compartimentos completos, e alguns tão pequenos quanto um único fio. Era como se estivessem tentando reconstruir a nave estelar de pedaços de lixo que encontraram aqui e ali.

Essa era mais ou menos a tarefa, na verdade. Os destroços do desastre inicial em Hetzal foram coletados depois que saíram do hiperespaço, rastreados por uma enorme rede de satélites e estações de monitoramento e telescópios. O sistema foi destroçado durante o desastre por um morador

local aparentemente brilhante chamado Keven Tarr, um jovem pálido e quieto que estava neste exato momento parado a um metro ou mais à esquerda de Elzar. Ele também não estava sozinho. Todo um grupo estava reunido para testemunhar a destruição da nave, olhando silenciosamente para os destroços através de um painel de visualização no Deck de observação da *Terceiro Horizonte*.

Não sobrou muito. Os droides de montagem estavam fazendo o seu melhor, mas muitas peças da *Legacy Run* foram destruídas em seu impacto com objetos no sistema Hetzal, ou simplesmente chicotearam o sistema e desapareceram antes que pudessem ser coletados. Alguns haviam aparecido em outros sistemas por meio das Emergências, das quais havia dezoito até o momento.

Essas peças foram trazidas aqui também, quando possível. Mas ainda mais podem estar no hiperespaço, esperando para emergir em seu próprio direito e causar devastação em alguma outra parte da Orla Exterior. Esse foi o objetivo de tentar juntar os destroços: para estimar quanto ainda restava para ser encontrado.

Para ver o quão ruim isso realmente poderia ficar.

Elzar notou que um dos pedaços menores de destroços estava desviando do caminho, possivelmente perturbado por um dos droides de montagem voando para longe, ou apenas movido por uma rajada de vento estelar. Ele ergueu a mão e fez um gesto sutil. A peça voltou ao lugar, como se guiada por um toque invisível.

Ele sentiu olhares sobre ele e olhou para a direita, onde a Mestra Jedi Avar Kriss estava olhando para ele. Claro que ela tinha sentido que ele estava usando a Força, esse era o presente de Avar, um entre muitos. Ela chamou de música, e ela sempre ouviu.

Elzar piscou para ela. Avar revirou os olhos, mas o canto de sua boca se ergueu em um pequeno sorriso. Ela não pôde evitar.

Ele sabia que Avar pensava que ele usava a Força para propósitos frívolos de vez em quando, mas ele não conseguia entender o ponto de vista. Se você pode usar a Força, então você deve usar a Força. O que, você deveria guardá-la para ocasiões especiais? Não era como se a Força fosse acabar. Avar ouviu uma música, e Elzar viu um mar, de profundidade e largura infinitas.

A Força nunca começou ou terminou e era impossível esgotá-la.

Então, se o Cavaleiro Jedi Elzar Mann poderia ajudar um droide de montagem lutando com um pequeno empurrão da Força, por que não?

Qual foi o mal?

Ele sabia que Avar concordava, mesmo que ela nunca admitisse. O pequeno sorriso disse a ele tudo o que ele precisava saber.

— Quanto da *Legacy Run* temos aqui? — perguntou Jeffo Lorillia, Secretário de Transporte da República.

O pobre homem parecia tenso. Um músculo em sua testa infinitamente longa parecia ter desenvolvido uma contração involuntária.

Isso era compreensível. Todo o trabalho do homem era garantir uma viagem segura e confiável por toda a República, e ainda a chanceler tinha acabado de estender seu bloqueio do hiperespaço para a Orla Exterior por mais cinquenta parsecs após a décima oitava Emergência perto de Dantooine.

Keven Tarr consultou um datapad que estava segurando.

— Tenho aqui os esquemas da superestrutura da nave. — disse ele. — e o manifesto da empresa de navegação que lista tudo o que estava carregando. Eu diria que temos cerca de um terço. Seu cérebro pega o contorno que construímos aqui e o preenche, diz que você está vendo uma nave cheia... mas realmente não temos muito.

Elzar achou que parecia o fantasma de uma nave, mas decidiu não fazer essa observação em um sistema onde muitas pessoas morreram. Ab Dalis tinha piorado, é claro, vinte milhões de mortos em seu mundo primário era uma tragédia indescritível, mas Hetzal sofrera muitos danos. E havia mais para acontecer na Orla, parecia.

— Então isso não vai acabar por muito tempo. — o senador Noor quase gemeu. O representante da Orla Exterior entendeu as consequências dos fechamentos do hiperespaço, tanto quanto a secretária Lorillia. Esses mundos já foram considerados por alguns para serem remansos, e se você não pudesse nem mesmo viajar para eles... bem. A galáxia continha muitos mundos. Fácil de esquecer um setor inteiro, se necessário.

— Não sabemos disso, senador. — disse Avar. — A investigação mal começou.

O senador Noor lançou um olhar furioso para Avar. — E enquanto isso, Madame Jedi. — ele cuspiu. — o pobre povo sitiado da Orla Exterior, que depende das rotas espaciais para sua existência, se aproxima do caos a cada momento. Já ouvimos relatos de acumulação em vários mundos, e o impacto econômico aumenta a cada dia que passa.

Noor apontou para o visor nos restos da *Legacy Run*, iluminados e flutuando no espaço.

— Por que estamos aqui? É uma nave cargueira destruída. O que isso importa? Você precisa sair, descobrir o que aconteceu. Descubra quem fez

isso!

— Você acredita que o desastre foi deliberado, senador? — Elzar perguntou. — Um ataque?

Noor ergueu as mãos.

— Que outra conclusão devo tirar? Hetzal é o coração agrícola da Orla Exterior. Talvez algum planeta

mais longe, na direção do Núcleo, ficou com ciúmes dos créditos que fluíam aqui e queria destruir nosso suprimento de comida. Talvez fosse o Selkath, zangado com a perspectiva de o bacta colocá-los fora do mercado. Tudo que eu sei é que nem a República nem os Jedi estão fazendo de tudo para encontrar o culpado. Você está apenas olhando para o espaço! O que você está fazendo aqui? Você não faz parte do comitê da Chanceler!

— Eu lhe asseguro, senador, este homem nunca está apenas olhando para alguma coisa. — disse Avar. — Deixe-me apresentá-lo a Elzar Mann, um Cavaleiro Jedi que conheço há muito tempo. Ele esteve presente aqui no sistema durante o desastre. Ele foi fundamental em ajudar os Jedi a prevenir o fragmento de Tibanna de impactar o sol. Sem sua força, Hetzal não existiria.

— Todos nós fizemos nossa parte. — Elzar murmurou. Em algum lugar lá dentro, entretanto, ele estava satisfeito que Avar notou. Dezenas de Jedi trabalhando juntos naquele momento final, não, milhares, na verdade, se o que Avar disse a ele fosse correto, e apesar de tudo isso, ela sabia o que ele, especificamente, tinha feito.

— Claro. — disse o senador Noor. — Agradecemos seus esforços. Mas meu ponto permanece. Estamos ficando sem tempo.

Afinal, a preciosa Farol Estelar da Chanceler definha no espaço, esperando para ser colocada online. E se uma emergência atinge *isso*, hein? Aposto que *então* vocês finalmente se mexeriam.

Elzar Mann estendeu a mão e colocou a mão sobre a boca do senador. Acima de seus dedos, ele podia ver os olhos do homem se arregalar de choque.

— Shhiu. — disse Elzar. — Estamos mudando, eu prometo. Só não de maneiras que você possa ver. A Força não sente a necessidade de anunciar suas ações. Ela apenas atua.

Ele tirou a mão. O senador ficou atordoado em silêncio, que era a ideia o tempo todo. Na verdade, todos os presentes pareciam muito surpresos também.

Às vezes, acreditava Elzar, era importante lembrar às pessoas que, não

importa o quão importante elas pensassem que eram, elas eram, de fato, apenas pessoas.

Ele provavelmente poderia ter alcançado o mesmo objetivo através do truque da mente, a mente de Noor parecia fraca, como a maioria dos políticos, mas Avar absolutamente não aprovaria, e Elzar sabia disso. Normalmente, isso não importaria tanto. Avar Kriss era uma velha amiga íntima, o que significava que eles podiam discordar, até mesmo brigar como um bando de *screerats*, e no final ficar tudo bem. Mas agora, aqui... as coisas eram diferentes.

O Conselho colocou Avar no comando da resposta dos Jedi às Emergências, devido às suas ações durante o desastre da *Legacy*. Era uma tarefa enorme, e quem ela escolheu como seu parceiro para a investigação? Ai, nenhum outro além do Cavaleiro Jedi Elzar Mann.

Agora, por que ela fez isso? Elzar achava que sabia. Ele e Avar tinham uma história, com certeza, e trabalharam bem juntos, e ele era bom com muitas técnicas da Força, incluindo algumas bem obscuras, mas ele não acreditava que nenhuma delas foi a razão. Muitos outros Jedi eram tão qualificados quanto ele. Elzar percebeu que Avar o escolheu porque ir bem nesta missão poderia ajudá-lo a alcançar a única conquista real com a qual ele se importava dentro dos Jedi – tornar-se Mestre. Quando você se torna um Mestre, você pode prosseguir com seus próprios estudos, avançar através da Força em seus próprios termos. Na verdade, O Conselho esperava que os Mestres fizessem exatamente isso. Parecia o paraíso, mas um paraíso que até agora permanecia indefinido.

Se saindo bem com a investigação da *Legacy Run*, mostrando ao Conselho que ele poderia ajudar a Ordem com seus objetivos, tanto quanto com seus próprios: poderia fazer uma grande diferença.

Em outras palavras, Avar Kriss o escolheu como seu parceiro porque ela estava tentando ajudá-lo... e Elzar não queria dar a ela qualquer motivo para se arrepender da escolha.

Então, nenhum truque mental. Bem, a menos que não houvesse outra maneira.

— Sou bom em antecipar problemas, senador. — disse Avar. — Meu colega aqui, Elzar Mann, é bom em soluções. Ele tende a encontrar um caminho único para a maioria dos problemas, caminhos que outras pessoas não conseguem ver. Eu prometo que vamos descobrir isso. Como você disse, nós estamos

ficando sem tempo.

Ela se virou para olhar mais uma vez para o que restava da *Legacy Run*.

— Vejo aqui dois problemas a serem resolvidos. Eles abrangem tudo o mais. Primeiro, as Emergências. Precisamos garantir que nada como o que aconteceu em Hetzal e Ab Dalis aconteça novamente.

— Em segundo lugar, precisamos descobrir o que está causando as Emergências, que pode ser o que também causou o desastre. Acredito que esses destroços podem nos ajudar com isso, mas isso é apenas um palpite. Não sou um cientista forense. Mesmo assim eu sei coisas incríveis que podem ser aprendidas até mesmo com pequenos pedaços de material, se o tipo certo de análise for aplicado. Estamos fazendo isso?

— Sim. Tenho técnicos do meu departamento examinando os dados e aprendemos mais com cada nova peça que encontramos. — respondeu o secretário Lorillia. — Até agora, nada conclusivo, mas pode haver uma maneira fácil de obter uma imagem muito mais clara.

Ele gesticulou para uma tela de vídeo na câmara, exibindo um esquema detalhado da *Legacy Run* em sua forma original, antes da destruição.

— Esta classe de transportadora de carga tem um sistema de gravador de voo dedicado. Extremamente durável, especificamente endurecido para sobreviver a desastres catastróficos. Isso poderia nos dizer mais sobre o que aconteceu nos momentos finais antes da *Legacy Run* desintegrar.

— Eu pensei nisso também, secretário, mas os droides de montagem ainda não o encontraram. — disse Keven Tarr, revisando suas anotações. — Ele pode já ter surgido em outro lugar ou ainda pode estar no hiperespaço.

— Impossível dizer. — disse Lorillia. — Teremos apenas que esperar e torcer para que seja encontrado.

— Bem. — disse Keven. — eu tive uma ideia sobre isso. A rede de vigilância que desenvolvi durante o desastre foi projetada para monitorar todo o sistema solar em tempo real e rastrear os destroços o mais próximo possível. Pegar novos fragmentos à medida que emergem do hiperespaço e seguir seus percursos. Isso é o que parecia enquanto estava acontecendo.

Ele ergueu seu datapad, acionando sua função de projeção para exibir uma imagem maior do sistema. Linhas longas e finas se teceram através de Hetzal, todos se dirigindo em arcos suavemente curvos em direção aos três sóis em seu centro.

— Há muitos dados aqui. — disse Keven. — E quando eu o associar às outras dezoito Emergências...

Ele bateu em seu datapad algumas vezes, e a imagem mudou, agora se expandindo para abranger uma boa seção da Orla externa. Mais linhas finas

apareceram aqui e ali, dezoito conjuntos tos além da expansão mortal original em Hetzal.

— …Meio que forma uma imagem. Eu realmente não tenho ainda. Não tenho poder de processamento. Mas se eu pudesse conseguir droides suficientes, provavelmente os droides de navegação porque eles são bons em calcular rotas do hiperespaço, eu poderia ser capaz de descobrir onde Emergências aconteceriam. E se eu pudesse fazer isso, poderíamos chegar à frente deles e talvez encontrar o gravador de voo, se ainda estiver lá fora.

Todo mundo ficou em silêncio.

— Isso é... muito impressionante. — Elzar disse. — Você deveria fazer isso.

Keven encolheu os ombros.

— Eu gostaria, mas não posso.

— Por que não?

— Eu já disse. Preciso de droides.

— Há droides por toda parte. Pegue aqueles. — disse o senador Noor, apontando para o painel de visualização de droides de montagem.

— Eu preciso de muitos.

— Quantos?

— Se forem os droides de navegação, os modelos mais novos, então... vinte ou trinta mil, talvez. Como eu disse, eles são bons nesse tipo de coisa. Se forem droides normais ou navvys mais antigos, muito mais. Tipo cem mil. E qualquer tipo que usarmos, todos eles teriam que estar ligados entre si para que funcionasse. Um grande problema para resolver.

Mais silêncio.

— A chanceler disse que poderíamos usar todos os recursos, não disse? — Avar disse.

— Sim, mas dezenas de milhares de droides de navegação... isso é... humm. — disse o secretário Lorillia, franzindo os lábios, pensando no problema. — Muitos desses modelos são integrados diretamente às naves com as quais trabalham. Eles podem chegar aqui rapidamente, mas alguns teriam que ser... humm. A República não tem tantos, mas talvez pudéssemos adquiri-los dos fabricantes... hmm.

— Você deve começar. — disse Elzar. — Quanto mais cedo começarmos, mais cedo poderemos estar à frente dessas Emergências. Podemos salvar vidas e, idealmente, encontrar o gravador de voo.

Avar falou.

— Tenho pensado em algo que a Chanceler disse também. Há pelo menos alguma chance de que esse não seja um problema único, que há algo de errado com o hiperespaço em uma escala maior. Temos alguma ideia de como podemos abordar isso? Não tenho certeza se sei por onde começar.

— Se você quiser saber sobre o hiperespaço, tenho as pessoas com quem você deve falar. — disse o senador Noor. — Eles não vivem mais aqui, eles se mudaram para a Orla Média quando a família ficou rica, mas posso apresentá-los.

— Quem? — Elzar disse.

— O clã San Tekka.

— Eu conheço esse nome... os garimpeiros?

— Eles preferem o termo exploradores. Eles são um grupo estranho, mas ninguém sabe mais sobre o hiperespaço do que eles. E se há algo errado, eles provavelmente serão capazes de ajudar.

— Tudo bem. — disse Avar. — Secretária Lorillia, você trabalhará na questão dos droides de navegação com Keven Tarr? Elzar e eu vamos nos encontrar com os San Tekkas para ver se podemos aprender alguma coisa. Vamos todos manter contato. Como o senador destacou...

Ela olhou novamente para o que antes era a *Legacy Run*.

—... estamos ficando sem tempo.

CAPÍTULO VINTE E UM

SEM ESPAÇO

— Quem somos nós? — Pan Eyta rugiu, sua voz já grave berrando de seu peito enorme, amplificada e distorcida pela máscara que ele usava, que era em si uma versão distorcida de seu rosto Dowutin nativo, com sobrancelhas e chifres enormes e pesados brotando de seu queixo. Suas palavras explodiram no mar de rostos olhando para ele e os outros em sua mesa. A maioria na multidão usava máscaras próprias, com muitos designs, mas um propósito. Alguns milhares de pessoas, de muitos mundos do outro lado da galáxia, unificados por um desejo de assumir e matar e comer.

— *Os NIHIL!* — veio a resposta, um trovão rolando de volta para ele.

— *Em que montamos?* — Lourna Dee gritou, erguendo o punho cerrado sobre um braço magro e nu com músculos. Ela era Twi'lek, de cerca de quarenta anos, magra como um chicote com pele verde da cor da água do pântano, lekku macilento com listras branco-osso penduradas na parte de trás de sua cabeça. Ela usava couro blindado feito da pele de um dragão Kell e uma máscara combinando, com apenas um braço nu e uma única faca de lâmina longa embainhada em sua coxa.

Lourna ficou ao lado de Pan Eyta em uma plataforma elevada em uma extremidade do Grande Salão dos Nihil, em uma mesa de banquete coberta de comida rica e licor forte. Mais dezenas dessas mesas foram colocadas em todo o salão, entre torres de chama empurrando de volta a noite sem fim. Estavam carregadas de indulgências para todos consumirem como

quisessem. Comida, bebida, drogas. Tanto quanto eles gostassem.

— *NA Tempestade!* — os Nihil gritaram de volta.

O terceiro e último dos Viajantes da Tempestade gritou sua própria pergunta. Este era Kassav, um Weequay idoso com pele como carne seca ao sol, vestindo apenas uma capa de pele, calças de couro manchadas e sua própria máscara, uma placa fina de metal com fendas cortadas para os olhos, nariz e boca. Uma horrível paródia de rosto.

— *Quem nos guia?* — ele gritou.

— *O OLHO!* — veio a resposta, e com essas palavras, os Nihil se viraram em direção a outra plataforma, situada mais abaixo do que a dos Viajantes da Tempestade, onde uma pessoa estava sentada sozinha, em uma mesa vazia.

Marchion Ro.

Ele também usava máscara, mas não como os outros. A dele era única, mesmo no Grande Salão dos Nihil. Transparaço defumado com um único símbolo cortado nele, uma gravura brutalista primitiva, redemoinhos e linhas que evocavam uma super Tempestade matadora de planetas estilizada vista do espaço, com seu olho central centrado aproximadamente sobre seu rosto. As roupas dele eram simples- calça e jaqueta pretas sobre uma túnica branca sem mangas e luvas de couro justas com acolchoamento em cada nó dos dedos. Seus membros eram longos e as partes visíveis de sua pele eram cinza-ardósia. Ele não usava armas óbvias.

Marchion inclinou a cabeça para trás, olhando para o vazio que os rodeava. Luzes estranhas piscaram à longa distância, no limite da visão, em todo o espectro. Os Nihil chamaram este lugar de Sem Espaço, e só eles sabiam como chegar lá, por estradas secretas através de hipervias tortuosas não mapeadas nos bancos de dados galácticos. Estradas entregues por Marchion Ro e seu pai antes dele.

O Grande Salão dos Nihil não tinha paredes ou teto, apenas escudos de vácuo invisíveis criando uma cúpula de ar respirável acima de uma ampla plataforma duraço com centenas de metros de comprimento. Parecia e dava a sensação como de estar à deriva no grande nada.

O simbolismo era óbvio, e intencionalmente. Com os Nihil... tudo era luz e vida. Lá fora... frio, o vazio da morte.

— O que eu vejo? — Marchion Ro disse, sua voz baixa, uma respiração, não um grito. A multidão silenciou ao ouvir. — O que seus olhos vêem Nihil?

— *O QUE NÓS QUEREMOS!* — veio o rugido de resposta, imediato, todas as vozes erguidas, famintas, seguras e alegres.

Marchion olhou para Pan Eyta e acenou com a cabeça. Este foi o show do Dowutin. O gigante tendo as lapelas de seu terno de couro ajeitadas, de corte elegante, sua cor turquesa pálida escolhida para realçar sua pele amarela.

— Isso mesmo. — Pan disse. — *O que quisermos*. Exatamente como em Ab Dalis. Matamos aquele comboio *totalmente*. Nós rasgamos aquelas naves até os ossos e levamos tudo o que tinham, e agora todos que lutaram ao meu lado recebem uma parte, através da Regra de Três. Com os Nihil, todos comem.

Pan Eyta apontou para fora da plataforma, para o estranho deserto do Sem Espaço, onde o vazio estava interrompido apenas pela frota de naves que carregaram os Nihil para este lugar. Marchion Ro lançou seus olhos pelas embarcações. Não há duas exatamente iguais, e todas refletem o gosto e a cultura de seus proprietários em algum grau. Todas elas compartilharam uma certa estética brutalista e as meias-esferas verdes brilhantes que eram os motores do "Caminho", o milagre da navegação fornecido à organização por Marchion e o seu pai.

As naves dos Nihil, grandes ou pequenas, pareciam punhos blindados e cravados, vindos para derrubá-lo em nada e colher seu cadáver. Sem curvas onde uma linha reta serviria. Bordas agudas, falta de simetria geral. Os combatentes menores, Strikeships, os maiores Cloudships e Stormships, todos se movendo até as três embarcações do tamanho de uma corveta dos Viajantes da Tempestade. Kassav tinha a *Nova Elite*, Pan Eyta voou em sua *Elegância* e Lourna Dee... chamou a sua nave de *Lourna Dee*. Muito maior, imponente, aparecendo atrás do resto da frota Nihil com uma silhueta de predador marinho, era o palácio voador e a fortaleza de Marchion Ro, com os seus corredores vazios e cheios de ecos, a única casa que ele tinha, a *Olhar Elétrico*.

— É por isso que todos nós viemos aqui hoje. — disse Pan Eyta. — É por isso que estamos comemorando. Voamos juntos e morremos juntos, e quando voltarmos... colheremos as recompensas.

Pan gesticulou em direção a Lourna Dee e Kassav.

— Eu também tenho que agradecer aos meus colegas chefes aqui. Ab Dalis foi um trabalho que veio através do meu *Tempestade*, mas tanto Lourna Dee quanto Kassav deram apoio com suas tripulações. Todos eles receberão sua parte também.

Ele estendeu a mão para a mesa e levantou uma taça enorme de vinho com especiarias, mostrando para a multidão, em seguida, voltando-se para Marchion Ro.

— E um brinde ao Olho dos Nihil, que nos deu os Caminhos para fazer

tudo acontecer. Não poderíamos ter feito isso sem ele.

Pan Eyta inclinou a cabeça para trás, ergueu a máscara e esvaziou a taça, o vinho espirrando no chão. A multidão rugiu sua aprovação, e Marchion Ro ergueu uma mão em agradecimento para o aplauso Nihil.

— Mas você sabe... — Pan disse, largando sua taça. — nós poderíamos ter feito melhor. Havia seis cargueiros naquele comboio, e só pegamos cinco.

Ele exibiu um ar insatisfeito, balançando a cabeça enorme.

— Perdemos um no ataque. Um deles explodiu no momento em que o estávamos rasgando e o que quer que ele tivesse para nós... agora é apenas poeira quente.

Ele arqueou o braço, passando-o pelo Salão Principal.

— Onde está o Storm que estava encarregado da tripulação designada para aquele cargueiro?

Uma onda em toda a assembleia conforme cabeças se viravam, procurando ver quem confessaria o erro. Alguns longos momentos se passaram, mas por fim a pressão ficou muito forte e um homem se levantou. Parte da *Tempestade* de Lourna Dee, pelas roupas minimalistas que ele usava. Sua espécie era difícil de identificar, mas sua máscara tinha chifres grandes e curvos saindo as orelhas, pequenas fendas brancas para os olhos e o conjunto de filtro sempre presente sobre seu nariz e boca, para melhor sobreviver às várias armas químicas que os Nihil costumavam usar em seus ataques. Ele tinha três listras brancas irregulares em sua túnica, significando sua posição dentro da organização.

— Huh. — Pan Eyta disse, virando-se para Lourna Dee. — Parece que ele é um dos seus, Lourna. Você se importa se eu...

— Fique à vontade. — disse Lourna, sua voz sem afetação, ela nunca revelou muito do que estava acontecendo atrás de seus olhos, azuis e gelados. — O nome dele é Zagyar.

— Zagyar! — Pan Eyta gritou, apontando para o homem. — Traga o resto de sua tripulação aqui. Os Clouds e Strikes.

Zagyar acenou com a cabeça para o grupo sentado em sua mesa, e eles se levantaram também. Sete homens e mulheres, todos mascarados, todos diferentes, exceto que eles compartilhavam os olhos brancos e semicerrados de seu líder. Os Clouds tinham duas das listras dentadas

em algum lugar em suas roupas, e os Strikes, apenas uma. Eles caminharam para frente como um grupo, o outro Nihil se separando para deixá-los passar, para ficar diante de Pan Eyta e os outros.

— O que aconteceu, Zagyar? — ele disse. — Por que perdemos um sexto

do que fomos lá buscar?

O Storm, para seu crédito, não tentou disfarçar. Ele apenas respondeu, simples e limpo. Sem embelezar ou esconder a verdade. Marchion Ro respeitava isso.

— Um dos meus Strikes, uma garota chamada Blit, calculou mal o tiro de arpão. Acertou um dos tanques de combustível do cargueiro. Isso é tudo que aconteceu. *BUM*.

— Eu pensei que era algo assim. Ela está aqui, aquela Strike?

— Não. Blit morreu na explosão. A maioria da minha equipe morreu. Eu só tenho esses sete restantes. Alguns Clouds e cinco Strikes.

Zagyar gesticulou para seu povo.

— Entendo. — Pan disse. — Mas alguém tem que pagar por esse erro. Todo mundo perdeu quando isso aconteceu. *Eu* perdi.

Ele apontou para Marchion Ro, ainda sentado em sua mesa, um ou dois metros abaixo dos Viajantes da Tempestade.

— O *Olho* perdeu. Precisa ser corrigido. Para os Nihil.

Zagyar, novamente, não mostrou medo ou raiva, apenas respondeu, claro e honesto. Marchion Ro pôde ver como o homem tinha se tornado um Storm, e isso não era uma coisa fácil de fazer. Você subiu na classificação dos Nihil por ter sucesso e por fazer o que fosse necessário para garantir que outras pessoas não o fizessem.

— O Strike que fez asneira pagou com a vida. Parece que é alguma coisa.

— É alguma coisa..., mas aquele Strike não está aqui. Você e sua equipe são todos responsáveis. Um de vocês poderia ter dado a Blit melhor orientação, poderia tê-la ajudado. Você não fez isso, e tem que haver um preço, e alguém tem que pagá-lo. Eu vou te deixar decidir.

Zagyar hesitou, olhando para sua tripulação, uma após a outra, as máscaras tornando impossível saber o que estavam pensando.

Um canto começou, no fundo do salão e avançando rapidamente, até que todos os Nihil estavam dizendo o mesmas três palavras.

— Pague o preço!

— Pague o preço!

— Pague o preço!

A tripulação de Zagyar ficou tensa. Olharam-se, pequenos olhares furtivos rápidos, sem saber quem seria o primeiro a se mover. Blasters eram proibidos no Salão Principal, mas todos eles tinham suas lâminas e as mãos estavam alcançando os punhos.

— *PAGUE O PREÇO!*

Marchion Ro virou a cabeça, olhando para a borda da plataforma, onde uma linha de luzes brilhantes branco-azuladas marcava a fronteira entre luz e vida, e o vazio congelante. Elen contra os outros.

Todos os Nihil trabalharam sob a mesma bandeira, e todos usaram os Caminhos que a Marchion lhes deu, mas isso foi longe demais. Era o caos. Cada um por si, cada Tempestade pronto para destruir os outros. Qualquer Nihil cortaria a garganta de outro à menor provocação ou oportunidade de lucro.

Os caminhos poderiam levar os Nihil a qualquer lugar na galáxia, mas eles se recusaram a vê-lo. O único que podia ver o potencial da organização era, inevitavelmente, o Olho. Mas o Olho não estava no controle. Cada Tempestade tinha seu próprio chefe, seu Viajante e Marchion Ro não tinha influência real sobre o que qualquer um deles fez. Ele teve sua parte nos pagamentos de qualquer trabalho que usava seus Caminhos, pela Regra de Três... mas isso era tudo.

O Olho podia ver... mas o Olho não podia agir.

Sons de luta chegaram aos ouvidos de Marchion Ro, mas ele não se virou para olhar. Alguém estava pagando o preço.

Ele observou, tudo que o Nihil assistiu, enquanto um dos tripulantes de Zagyar era arrastado para a borda da plataforma, gritando e implorando sobre como tudo era injusto, como eles eram leais. Marchion Ro não sabia quem havia sido escolhido. Talvez o próprio Zagyar. Não importa. A lição foi clara.

Esperava-se que cada Nihil contribuísse. Ou você tornou a organização mais rica ou a tornou mais forte. E uma maneira de tornar algo mais forte... era removendo o que era fraco.

Um corpo foi levado para o vazio do Sem-Espaço, ainda se movendo. Não por muito tempo.

Pan Eyta voltou-se para os Nihil. Ele abriu os braços, levando todos eles, enquanto gesticulava simultaneamente para as mesas de festa e fontes cheias de vários intoxicantes, bastões mortais e pilhas de pólvora e fogo brando.

— Agora se divirtam, meus amigos. — disse ele. — Vocês mereceram isso.

Ele desceu da mesa enquanto os Nihil retomavam suas celebrações. Se algum deles nutria dúvidas sobre

o que acabara de acontecer, ele as mantinha escondidas, atrás de máscaras, punhados de comida e cheiros de pólvora. Música barulhenta, alta,

como um som de folhas de metal sendo marteladas em polir ritmos complexos.

— Precisamos conversar. — disse Marchion Ro, olhando para os três Viajantes da Tempestade.

Kassav franziu a testa.

— É uma festa, Marchion. Você não ouviu Pan? Temos muito que comemorar. Por que você apenas não relaxa?

Marchion Ro olhou para o homem por três segundos inteiros.

— Há negócios para discutir. — disse ele. — É importante e quero falar sobre isso enquanto estamos todos no mesmo lugar, e antes que vocês três fiquem bêbados demais para pensar.

Os Viajantes da Tempestade se entreolharam, nenhum deles feliz.

Lourna Dee encolheu os ombros.

— Tudo bem, Marchion, tudo bem. Vamos voltar.

Marchion Ro desceu da plataforma elevada e caminhou em direção ao final da plataforma, o Viajante da Tempestade caindo ao seu lado. Nihil em todos os níveis estenderam a mão para eles, oferecendo mãos em saudação, desesperados para fazer alguma conexão com a liderança da organização.

O grupo chegou a uma pequena estrutura construída na extremidade do Salão Principal; alojava a antecâmara e mecanismos de acoplagem, bem como um pequeno complexo de quartos que ofereciam privacidade, quando necessário. Dois droides sentinelas guardavam sua entrada e abaixaram suas cabeças quando Marchion e os Viajantes da Tempestade passaram. Os droides tinham bem mais de dois metros de altura, preto fosco, e em vez de características rudimentares, os três raios dos Nihil brilharam em suas placas frontais em branco-azulado. Eles não carregavam armas e não precisavam de nenhuma. Seus membros e corpos foram cravejados com pontas afiadas, as mãos fechadas em punhos feitos de ligas pesadas que podiam quebrar ossos e transformar tecidos em pasta.

Lá dentro, uma vez que o portal de entrada foi selado, Marchion se virou para encarar Kassav, Lourna Dee e Pan Eyta, cada um exclusivamente responsável e com autoridade completa sobre uma Tempestade, uma das três grandes divisões dos Nihil.

— Boa festa. — disse Kassav.

Kassav era sempre o primeiro a falar. Previsível como o nascer do sol. Ou ele odiava o silêncio, ou estava patologicamente focado em garantir que ninguém jamais se esquecesse de que ele estava ali.

Marchion Ro tirou a máscara, estendendo a mão e passando a mão pelo

cabelo comprido e escuro, desembaraçando-o. A energia na sala mudou, embora os Viajantes da Tempestade tivessem visto Marchion desmascarado muitas vezes. Sua aparência tendia a ter um efeito particular sobre aqueles ao seu redor, pele cinza-ardósia, olhos totalmente negros, uma certo magreza angular em seu físico... para muitas espécies da galáxia, as características do povo de Marchion significavam *predador*, em algum nível instintivo profundo.

— É uma boa festa, Kassav? — Marchion disse. — Tudo o que vi foi uma grande festa. Números. Muitos rostos novos por aí. De todas as três de suas Tempestades.

— Sempre precisamos de sangue novo. — disse Pan Eyta. Sua voz estava tão baixa que algumas de suas sílabas caíram para alcance subsônico, dando-lhe um tom ondulante e ressonante. — Os Strikes encontram outras pessoas para se juntar, e quando se cansam de um grupo abaixo deles, se movem para se tornar um Cloud. Se eles fizerem seu nome, se tornarão um Storm. É assim que funciona, desde sempre. Você sabe disso. Tem sido assim desde quando seu pai era o Olho.

Marchion Ro tinha quase certeza de que uma das três pessoas que estavam diante dele havia assassinado seu pai, Asgar Ro. Guardião dos Caminhos e do Olho dos Nihil até que Marchion herdou a posição e tudo o que veio com ela na morte de Asgar. Mas ele não sabia qual dos Viajantes da Tempestade o matou, e ele era apenas o Olho. Eles eram os chefes e tinham mil soldados cada. Ele só tinha uma verdadeira aliada, e ela não seria muito boa em uma luta.

— Eu sei como funciona, Pan. — disse Marchion. — Mas os Caminhos não são um recurso ilimitado. Muitas pessoas significa que podemos nos espalhar muito diluidamente. Precisamos desacelerar as coisas.

— Ninguém vai gostar disso. — disse Lourna Dee. — Não diminuímos a velocidade. Nós somos os Nihil.

Marchion colocou o dedo indicador no capacete.

— Os caminhos vêm de mim. Portanto, agora estou dizendo que precisamos ter um pouco de cuidado com o próximo estágio. Isso é tudo.

— Isso é sobre a República de novo? — Pan Eyta disse. — Já falamos sobre isso. Nós sabemos que eles estão abrindo aquela estação, aquela coisa Farol Estelar, mas isso não significa que eles virão atrás de nós. Eles pensam que somos pequenos. Nunca nos incomodaram antes, e eles nem têm um exército. Como eles nos pegariam, afinal? Nós temos seus Caminhos, certo?

O Dowutin ajustou o terno novamente, aquele couro turquesa polido. Pan

era particular em seus gostos. Tudo foi bem escolhido, desde as roupas à comida que comia à música que ouvia. Os Nihil em sua Tempestade tendiam a ser do mesmo jeito. Desde o início, Pan escolheu seus primeiros Strikes, e eles escolheram os deles, e gostaram disso.

Cada uma das Tempestade refletia seu Viajante, o povo de Pan era preciso... planejadores. O grupo de Kassav era caótico e impulsivo, todos os seus Strikes e Clouds e Storms perseguindo a próxima pontuação, a próxima história insana da qual eles poderiam se gabar enquanto estavam tão chapados que mal conseguiam falar. O grupo de Lourna Dee era sutil, introvertido, escondendo suas intenções até que o resultado fosse alcançado. Além disso, em geral, seu povo era o mais cruel entre todos os Nihil.

— Não é apenas a Farol Estelar, é aquela coisa da *Legacy Run* em Hetzal. — disse Marchion. — Essas emergências estão causando desastres em toda a Orla. Meu povo na República me disse que estão trabalhando duro. Eles criaram uma investigação, até mesmo trouxeram os Jedi.

— Jedi. — Kassav disse, mostrando seus dentinhos afiados. — Eu sempre quis matar um. Essa seria uma história para contar.

Marchion sabia que Kassav nunca enfrentou um Jedi. Nem Marchion Ro, mas sua família tinha uma história com eles, e ele cresceu ouvindo histórias. Mesmo alguns podem desestabilizar ou destruir a aspiração mais grandiosa. Eles poderiam... tocar em algo. Não era apenas a Força. Era a própria Ordem deles. Deu-lhes confiança, estrutura, vontade de fazer escolhas para servir ao propósito maior de espalhar luz na galáxia. Isso os tornou ousados e fortes. Ele não tinha medo dos Jedi, mas apenas um tolo não os consideraria uma ameaça séria.

— Você pode tentar matar quantos Jedi quiser, Kassav. — disse Marchion. — Basta nos dar o nome do

Tempestade que você acha que deveria tomar seu lugar como Viajante da Tempestade depois que você estiver morto.

Ele esperou antes de falar novamente, deixando seu olhar mudar para cada um deles, deixando seus olhos frios e escuros fazerem a maior parte do trabalho. O silêncio se transformou em tensão e Marchion apenas continuou observando, desafiando qualquer um deles a desafiá-lo novamente.

Eles não fizeram. Eles não iriam. Não abertamente, pelo menos. Ele sabia que qualquer um desses três cortaria sua cabeça em um instante se eles soubessem como acessar os Caminhos diretamente, mas ele manteve esse segredo fechado.

— É aqui que estou preocupado. — disse Marchion. — Todos os três

executam suas operações de forma bastante independente e você tem equipes fazendo incursões por toda a Orla Externa. A Chanceler Soh colocou um bloqueio no hiperespaço, e ele fica maior com cada Emergência. Os Nihil tem as únicas naves que podem viajar atualmente, porque temos os Caminhos.

E se a República encontrar uma equipe Nihil e descobrir que podemos fazer o que fazemos? Ou os Jedi? Nós não queremos a Ordem sobre nós, ou a Coalizão de Defesa da República.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu sei que a República não tem militares permanentes. Não importa. Não somos grandes o suficiente para enfrentá-los, mesmo se for apenas uma força-tarefa CDR. Eles nos eliminariam. Eu digo que precisamos nos esconder. Nenhuma operação nova por enquanto. Não mais

Caminhos. Se seu povo lhe causar problemas, diga a eles que o Olho vê algo especial no futuro, algo grande. Uma nova iniciativa.

— Será que o Olho, de fato, vê isso? — Lourna Dee perguntou. — Uma nova iniciativa, quero dizer.

— Estou sempre pensando no próximo passo, Lourna. — disse ele. — Você sabe disso.

Kassav e Pan Eyta trocaram um olhar.

— Não soa como nós. — disse Kassav.

— Eu convoco uma votação. — disse Marchion.

— Então eu voto que esta é uma grande pilha de excrementos de bantha. — disse Kassav. — Os Nihil não param. Precisamos continuar *pilotando essa Tempestade*.

— Você sabe. — disse Pan Eyta. — Acho que concordo com Marchion. Eu digo para fazermos uma pequena pausa. Só um pouco. Talvez nós devêssemos demorar um pouco para planejar, traçar estratégias, descobrir como operarmos se a República bisbilhotar em nosso território.

— Aff. — disse Kassav. — Claro. Você e seu pessoal engordaram com aquele trabalho em Ab Dalis, então você não precisa comer por um tempo. E quanto ao resto de nós?

— Talvez você devesse ter me dado mais de seu pessoal para ajudar, Kassav. — Pan disse. — Um pequeno Cloud da sua tripulação foi tudo o que você poderia dispensar? Por favor. De qualquer forma, não me importo com uma pequena pausa. Talvez eu tire férias. Compre ingressos para a ópera em Cato Neimoidia.

Kassav fez um barulho de nojo, no fundo da garganta.

O resto da votação foi discutível. Em qualquer decisão relacionada aos Caminhos, os laços iam para o Olho, uma regra antiga. Com a votação de Pan, foi pelo menos uma decisão de dois contra dois para colocar um controle sobre a nova atividade dos Nihil, pelo menos até o calor da *Legacy Run* diminuir. Lourna Dee não tinha falado, mas sua decisão era irrelevante, e não era surpresa que ela tivesse esperado para dar a conhecer seus pontos de vista. Ela parecia preferir que as pessoas soubessem o mínimo possível sobre o que ela estava pensando. Se isso era patológico ou tático, Marchion não sabia. Provavelmente um pouco de ambos.

— Acho que é isso. — disse Lourna Dee. — Mas ainda quero lhe oferecer um trabalho.

— Oh? — Marchion disse, sua voz fina.

Pan Eyta e Kassav também não pareciam particularmente entusiasmados. Viajantes da Tempestade podem autorizar ataques dentro de suas próprias tripulações sem perguntar a nenhum dos outros, mas qualquer coisa que exigisse os Caminhos precisava de uma votação completa. Normalmente, isso

significava que Marchion era o fator decisivo, porque na maioria das vezes os dois Viajantes da Tempestade que não tinham participação em um determinado trabalho votavam contra. Não é um sistema ruim, realmente. Como Olho, Marchion era o guardião dos Caminhos, e por isso deveria ter a voz que mais valia na decisão de como eles seriam usados.

— Eu tenho um novo grupo em minha Tempestade. — Lourna continuou. — Sete Strikes sob um Cloud. Vieram a mim com um plano realmente interessante, na verdade, eles encontraram esta família de colonos em um mundo de mineração, muito conectada. Meus caras querem sequestrá-los, retê-los para resgate de seus parentes ricos. É inteligente.

— Não, Lourna. Eu te disse. Todos nós apenas concordamos. Nenhuma invasão até que o calor de Hetzal diminua.

Ela deu um passo em direção a ele, seu rosto magro focado, seus olhos intensos.

— Estou lhe dizendo, Marchion, será fácil. O planeta é Elphrona, que não tem muita força de segurança, e

aparentemente a família decidiu ser toda rústica, viver sozinha no meio do nada. Coletas fáceis. Vamos

entrar e sair.

Marchion ficou quieto, o que Lourna interpretou como um convite para continuar falando.

— O Cloud pediu alguns Caminhos. Você sabe... apenas no caso. Eu sei que estamos sob pressão, mas este é um novo grupo, muito potencial. Eu quero trazê-los para o redil, dar-lhes uma chance de provar seu valor. Estou te dizendo também – essa operação terá uma grande recompensa.

— Elphrona... — disse Marchion. — Há um posto avançado Jedi naquele planeta.

— Existe? — perguntou Lourna Dee, de uma forma que deixava claro que ela já sabia.

Marchion ficou em silêncio. Os Nihil não eram apenas mais um grupo de invasores, como os milhares que operavam na Orla. Eles eram especiais, poderosos... e a razão para isso eram os Caminhos. De todas as maneiras que importavam, eles fizeram os Nihil o que eles eram. Eles permitiram que as tripulações usassem o hiperespaço de maneiras negadas a todas as outras naves da galáxia.

Microsaltos, saltos para locais dentro de poços de gravidade, entrando no hiperespaço de quase qualquer lugar ao invés de ter que executar cálculos elaborados ou viajar para uma zona de acesso não obstruída... eles permitiram que as naves dos Nihil aparecessem e desaparecem à vontade, como espíritos. Eles poderiam estar em qualquer lugar, a qualquer momento, e nenhuma defesa poderia detê-los.

Os Caminhos fizeram dos Nihil o que eles eram, mas vieram de uma fonte única, única, não inesgotável, e Marchion colocou demandas significativas sobre essa fonte recentemente, tanto para alimentar o crescimento dos Nihil quanto para apoiar planos próprios. O desastre da *Legacy Run* não era o único motivo pelo qual ele queria que as coisas esfriassem um pouco.

A ideia de Lourna Dee, porém... tinha possibilidades.

Não houve necessidade de realizar uma votação formal. Lourna Dee era obviamente a favor, e os dois votos do Olho garantiria que ela fosse em frente, se Marchion Ro concordasse.

— Tudo bem. — disse ele. — Envie-me o plano, o que você acha que vai precisar, e eu vou te dar alguns Caminhos. Mas não faça nada para chamar a atenção daqueles Jedi. Entre, pegue a família e saia.

— Obrigada. — disse Lourna Dee, e saiu. Como sempre, a mulher nunca disse uma palavra mais do que precisava.

Kassav e Pan Eyta olharam um para o outro, depois de volta para Marchion Ro.

Pan encolheu os ombros. Saiu, seguindo Lourna Dee de volta à festa lá fora.

Kassav não.

Marchion levantou a máscara e recolocou-a na cabeça.

— Não sei como isso foi justo, Ro. — disse o Weequay. — Você dando um emprego a Lourna Dee, dando seus Caminhos, mas dizendo a Pan e eu que temos que parar. Também tenho pessoas para alimentar. Eu tenho tipo mil pessoas na minha Tempestade, e nenhuma delas vai ficar feliz com isso. Que tal eu te enviar algumas ideias, talvez você escolha uma e eu possa começar algo? Você ficaria com uma parcela também, um terço inteiro para o Olho, como sempre. Você não quer aquele dia de pagamento?

Eles voltaram para o Salão Principal, passando pelos droides de guarda com espinhos, que mais uma vez inclinaram suas cabeças enquanto o Olho e os Viajante da Tempestade passavam.

Marchion caminhou até a borda da plataforma, Kassav logo atrás dele, bem contra as luzes azuis que marcavam a borda dos escudos de vácuo.

— O seu pai nunca teria feito algo assim. — disse Kassav. — Fechando os Caminhos? Esqueça. Não

Asgar Ro. Ele não era nenhum tipo de covarde, de jeito nenhum.

Marchion Ro ficou muito quieto.

— Meu pai está morto, Kassav. — ele disse. — Eu sou o Olho agora. Você pode fazer o que quiser com a sua Tempestade, mas os Caminhos vêm de mim. Você não gostou? Você quer disputá-lo comigo, tentar pegar o que tenho? Vá em frente. Apenas esteja consciente…

Ele gesticulou para o vazio.

— … Há um preço.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

ORLA EXTERIOR – POSTO AVANÇADO ELPHRONA

— O que você está esperando? — Loden disse.

Bell se aproximou da borda do penhasco e espiou. O solo não parecia mais perto do que nas últimas quatro vezes que ele verificou. Ele olhou para seu mestre, que estava com os braços cruzados. Ele estava sorrindo, mas era um daqueles sorrisos que parecia muito mais uma carranca profunda de desaprovação.

Vá em frente, disse aquele sorriso. *A menos que você prefira ser um Padawan pelo resto da vida.*

A Ordem Jedi havia estabelecido postos avançados nos setores menos povoados da República, uma oportunidade para explorar novas regiões e oferecer assistência a quem possa precisar naquelas zonas mais selvagens. Não tão grande quanto templos inteiros, eles eram formados por equipes de três a sete Jedi, geralmente com uma vasta experiência. Ser enviado ao um "posto avançado" era uma parte comum do regime de treinamento de Padawan, e isso era o que Bell estava fazendo em Elphrona. Ele e Loden tinham estado lá por um tempo, embora eles tenham recebido uma missão ocasional fora do mundo, como o tour Farol Estelar que havia terminado com eles no meio do desastre da *Legacy Run*. Eles deveriam originalmente ser transferidos de volta para Coruscant após aquilo via *Terceiro Horizonte*, mas o bloqueio do hiperespaço da Chanceler Soh os mandou de volta ao posto avançado para o período.

O Conselho achou que os Jedi poderiam ser necessários na Orla Exterior mais do que o normal durante a crise. Até agora, porém, o bloqueio não parecia tornar a vida muito diferente no posto avançado. Para o Padawan Jedi Bell Zettifar, isso significava ordens constantes de seu mestre para fazer coisas totalmente impossíveis sob o pretexto de "treinamento.

O vento aumentou, empurrando Bell para trás da beira do penhasco. Ele inalou o cheiro único de Elphrona, metal quente e poeira.

A Ordem muitas vezes construía seus postos avançados para se adequar ao ambiente natural e à cultura do planeta onde estavam sediados. O posto avançado em Kashyyyk era uma enorme casa na árvore. Em Mon Cala, era uma jangada gigante feita sobre coralita, algas penduradas em seu lado inferior, fornecendo um habitat semelhante a um recife para criaturas marinhas locais, à medida que flutuava com as correntes.

Elphrona era um mundo árido de ardósia e argila, topograficamente diverso. Quase toda a sua superfície era coberta por longas cadeias de montanhas, compostas principalmente de ferro e outros minerais ferrosos, que se enrolavam ao longo de sua superfície em arcos que seguiam o padrão dos campos magnéticos do planeta. Em órbita, parecia lindo, como se um calígrafo tivesse inscrito o mundo inteiro com alguma caneta inimaginavelmente enorme. Do solo, parecia exatamente como se imaginaria uma enorme bola de metal empoeirado, um mundo cujos ossos estavam perto da pele.

Neste lugar difícil, os Jedi construíram seu posto avançado na encosta de uma montanha, ou melhor, dentro dela. O lado de ferro da montanha havia sido cortado, esculpido com cinzéis a laser em uma entrada semelhante a um templário com colunas. A entrada era ladeada por duas estátuas enormes de Cavaleiros Jedi, seus sabres de luz para fora e mantidos na posição de prontidão. Os Jedi usavam mantos com capuz de um estilo que parecia uma homenagem a uma era anterior. Acima das portas, um símbolo gigantesco da Ordem, asas abraçando uma lança de luz das estrelas brilhando para fora da galáxia.

Bell não amava Elphrona, ele teria ficado mais feliz com aquele posto em Mon Cala, por exemplo, onde brisa cheirava a mar e vida, não a ferrugem, mas ele amava o posto avançado. Era simples e majestoso ao mesmo tempo. Tudo o que os Jedi deveriam ser.

Estava amanhecendo e a luz do sol nascente pegou o electrum do símbolo Jedi, acendendo-o com o fogo refletido. A vista do topo do penhasco onde ele estava não poderia ser melhorada. Era a perfeição.

Bell Zettifar, Padawan Jedi, absorveu isso. Então ele começou a se virar,

com a intenção de dizer a seu mestre, o Cavaleiro Jedi Loden Greatstorm, que ele não estava pronto para este exercício em particular hoje, e queria ler sobre as técnicas um pouco mais antes de *pular de um penhasco perfeitamente bom.*

— Eu acredito em você. — ele ouviu Loden dizer alguns metros atrás dele.

Bell sentiu seu mestre alcançar a Força, e então algo como uma mão no centro de suas costas. E então ele foi empurrado com força, direto do penhasco.

Cerca de trinta quilômetros de distância ficava o assentamento de Esperança de Ogden, uma cidade bastante grande construída e mantida nos sonhos daqueles que pensavam que poderiam transformar a riqueza mineral do planeta em uma fortuna própria.

A indústria de mineração em Elphrona tinha mais de um século, mas os governos do planeta ao longo das décadas resistiram com sucesso aos esforços das grandes empresas galácticas para comprar e consolidar seus recursos. O planeta inteiro foi dividido em uma grade, e nenhuma família, corporação, empresa ou associação foi autorizada a possuir mais de quatro reivindicações de cada vez.

Isso significava que grande parte do planeta permaneceu sem ser reclamado, e quem sabe quais tesouros podem estar esperando sob a superfície, prontos para serem descobertos? Os ataques anteriores revelaram minerais raros, auródio e platina, substâncias ainda mais estranhas, uma veia de cristais, uma vez. Elphrona era um cofre de tesouros do tamanho de um planeta e, de alguma forma, pertencia a todos quem viveram lá. Esperança de Ogden, como um lugar, foi bem nomeado. Era um lugar de possibilidades, onde todos tinham chance igual de sucesso e liberdade. A chanceler Lina Soh citava Elphrona frequentemente em seus discursos como emblemática do espírito da República. Era um lugar difícil, mas, geralmente, bom.

Para este bom lugar, uma família tinha vindo, de um mundo populoso e rico no Núcleo. Uma mãe, um pai, um filho e uma filha. Eles adquiriram duas reivindicações lado a lado, uma viagem de speeder de uma hora de Esperança de Ogden, mais se você encontrasse uma Tempestade de ferrugem. Eles construíram um lugar para morar, com a ajuda de seus droides. A primeira versão era apenas um esboço, estrutura feia de

permacreto, nada mais do que um abrigo do sol e do vento, mas com o tempo tornou-se deles.

Mais quartos, mais janelas, uma estufa, um segundo andar, decoração, todos os pequenos retoques que transformaram a habitação em um lar. Eles cavaram no solo, procurando por quaisquer tesouros que pudessem estar sob seus pés.

A família poderia ter usado seus droides para fazer a maior parte do trabalho, mas não foi por isso que eles vieram para Elphrona, e assim todos eles fizeram sua parte. As crianças estudavam com seus tutores droides e ficavam mais altas a cada dia. Os pais trabalharam, planejaram e acreditaram que haviam tomado a decisão certa para eles e sua família.

Até que uma manhã, a mãe, cujo nome era Erika, tirou os olhos de um droide de exploração que ela estava reparando e viu uma nuvem estranha não muito longe de sua casa. Era estranha, diferente de tudo que ela já tinha visto. Por um lado, abraçou o chão como um banco de névoa. Mas Elphrona era um mundo seco. Havia água, mas ela circulava bem abaixo da superfície em rios e canais subterrâneos. A chuva acontecia uma vez por década. Então, o nevoeiro... não. Não pode ser.

Mesmo além disso, esta nuvem parecia estranha... tinha um brilho, como um azul metálico. Como uma nuvem de Tempestade, realmente, embora ela não tivesse visto uma dessas desde que deixou seu mundo natal, alguns anos atrás. E parecia estar se movendo com direção ou propósito. Na direção deles.

— Ottoh. — ela gritou para o marido, que não estava muito longe, espalhando ração para seu pequeno rebanho de Steelees. As bestas com pernas compridas se aglomeravam ao redor do cocho, sua empolgação em conseguir sua refeição matinal óbvia. — O que você faz supõe que seja aquilo?

Ottoh se virou para olhar. Ele congelou. Ao contrário de sua esposa, ele se manteve atualizado com os assuntos galácticos, não se isolou totalmente das notícias da República. E então tinha ouvido histórias e sabia o que significava quando uma Tempestade se aproximava em direção à sua casa, empresa ou família.

— Pegue Bee. — disse ele, deixando cair o saco de ração que estava segurando. — Vou encontrar Ronn. Precisamos entrar na casa e lacrá-la. Agora.

Erika não fez perguntas. Ela não hesitou. Eles estavam a muitos quilômetros de ajuda, e até mesmo um bom mundo nos territórios da Orla Exterior estava cheio de perigos. Ela chamou sua filha e correu para a casa.

— Ronn! — Ottoh gritou, sem tirar os olhos da nuvem. — Entre em casa *agora*!

Dentro da névoa que se aproximava, as figuras estavam começando a ficar visíveis, cerca de dez. Ele não conseguia distinguir os detalhes ainda, mas sabia quem eles eram. Ele tinha ouvido as histórias de saqueadores incrivelmente cruéis que apareciam do nada e saíam da mesma maneira, não deixando nada em seu rastro, além do terror de que eles voltariam.

Os Nihil.

Bell estendeu a mão para a Força. Ele sabia que, como um Jedi, poderia sobreviver a esta queda. Ele tinha visto Loden fazer coisas semelhantes muitas vezes no passado, mais recentemente em Hetzal Prime, mas também em treinamento. Loden pode cair como uma pedra e depois desacelerar no último momento para uma aterrissagem perfeita. Não estava voando, nenhum Jedi nascido sem asas poderia voar, até onde Bell sabia, mas também não estava exatamente caindo.

Bell sabia que isso poderia ser feito, e ele sabia que Loden Greatstorm acreditava que ele poderia fazê-lo. Seu mestre, provavelmente – não teria usado a Força para empurrá-lo daquele penhasco obscenamente alto. Bell pensou que o Conselho Jedi iria reprovar o assassinato inadvertido de um Padawan, mas ele também pensou que Loden poderia sair dessa situação, provavelmente argumentando que a Ordem não tinha utilidade para um Padawan que não conseguia dominar algo tão simples como uma descida controlada.

Tudo isso passou pela cabeça de Bell no mínimo segundo após o início de sua queda. Com um grande esforço, ele forçou-se a se concentrar, para encontrar a chama da Força interior e ventilá-la para uma vida maior, e através dela se conectar com correntes de ar passando por seu rosto e chicoteando seus dreadlocks. Loden deu-lhe instruções sobre como executar essa manobra com segurança, embora tenha sido frustrantemente vago em sua descrição de como ela deveria funcionar.

Em geral, a ideia era orientar-se para as correntes de ar ascendentes e usá-las como base para retardar a queda. Uma vez que você descobriu isso, de alguma forma, você também deveria usar a Força para empurrar contra o solo conforme ele se aproximava. Os dois elementos podem atrasá-lo o suficiente para pousar com segurança. Bell conseguiu isso facilmente no treinamento do Templo ao cair

de alturas menores, ou ao cair em uma almofada repulsora que impediria qualquer lesão real.

Mas agora, ao despencar de um penhasco, enfrentando uma mutilação horrível *se tivesse sorte*, ele mal conseguia lembrar-se do que Loden lhe disse para fazer. Ele sabia que o verdadeiro desafio aqui não era o domínio da Força, mas o domínio do medo, sempre o maior teste dos Jedi.

Um teste que ele estava prestes a falhar. E desta altura, ele sabia que nem Loden Greatstorm poderia alcançá-lo. Era isso.

O fim. Bell fechou os olhos. O medo o invadiu e ele nem mesmo lutou contra isso. Ele pediu serenidade e esperava que morresse rapidamente e não ficasse em agonia destruído nas rochas de ferro dentadas na base do penhasco.

O vento parou de soprar por ele.

Bell abriu os olhos e viu o chão, cerca de um metro abaixo dele. Então ele caiu, batendo forte, embora não tão duro quanto se sua queda não tivesse sido interrompida.

Ele rolou, gemendo, e uma sombra caiu sobre ele.

— Você precisa pensar nisso. — disse Indeera Stokes. — Loden realmente vai te matar uma dessas vezes.

Ela estendeu a mão e Bell a pegou e deixou o outro Jedi puxá-lo para cima. Indeera era Tholothiana, com pele escura apenas alguns tons mais claros do que a de Bell, elegantes gavinhas brancas no lugar do cabelo e olhos tão azuis que quase pareciam brilhar, assim como cada membro de sua espécie que Bell já conheceu. Suas roupas de couro estavam arranhadas e gastas, com a insígnia Jedi em branco em um ombro. Ela usava seu coldre de sabre de luz em uma tira de tecido amarelo pendurada diagonalmente em seu peito, e manteve um lenço de nanofoil cinza escuro enrolado em seu pescoço, útil como uma máscara em Tempestades de poeira e moldável em quase qualquer forma que ela possa precisar.

De pé ao lado de Indeera estava uma pequena criatura de quatro patas, principalmente manchada de preto, branco e cinza, mas com manchas de vermelho e laranja aqui e ali, e olhos amarelos brilhantes. Um charhound, nativo de Elphrona. Ela deu alguns passos para a frente e aninhou-se na mão de Bell; ele coçou atrás das orelhas dela, e a pequena besta ronronou de prazer.

— Oi, Ember. — disse Bell. — Bom te ver também.

Ele fez uma última carícia no charhound e olhou para Indeera.

— Loden pediu para você me pegar? — ele perguntou, tirando a poeira de

sua própria roupa de couro, originalmente branca brilhante, mas agora bem desgastada, manchada e salpicada, evidência de uso pesado.

— Sim. — Indeera disse. — Não há vergonha nisso. Nenhum Jedi é perfeito em tudo desde o início.

Ela estendeu o cabo do sabre de luz. Ele nem mesmo sentiu cair de seu lado. Bell o pegou e colocou em seu próprio coldre, usado no quadril.

— Não tenho vergonha... — ele disse.

Loden sabia que ele falharia desde o início.

— Eu simplesmente não entendo por que ele não desiste. — disse ele. — Eu claramente não posso fazer isso.

— Porque um dia você vai cair de um penhasco de verdade, e ele não estaria fazendo seu trabalho se não tentasse te impedir de morrer quando isso acontecer. Jedi caem muito nas coisas. Você precisa estar pronto.

Indeera se virou para o caminho que levava de volta ao posto avançado.

— Vamos. — ela disse. — Porter está fazendo o café da manhã. Guisado de nove ovos, e ele me disse que encontrou alguns pimentões de pedra, também.

— Você acha que Loden vai me deixar comer antes de me jogar do penhasco de novo? — Bell disse.

— Vou insistir. — disse ela. — Ninguém deveria morrer com o estômago vazio.

— Uau. — disse Bell. — tão gentil da sua parte.

Ele a seguiu pelo caminho, Ember mantendo o ritmo ao seu lado.

Ottoh ergueu a ocular de lente única e colocou-a contra o olho. O dispositivo tinha uma configuração que lhe permitia ver através de paredes para coletar assinaturas térmicas de fora, bom, porque os Nihil já haviam destruído as câmeras de segurança de sua propriedade. Os monitores na sala segura estavam apenas jogando estática.

Agora, nem todas as partes do sofisticado sistema de segurança que eles tinham instalado quando se mudaram para a reivindicação falharam. As venezianas reforçadas automatizadas de duraço funcionaram como prometido, batendo nas portas e janelas assim que a família estava em segurança dentro, mas sem as câmeras, eles estavam quase cegos.

Tudo o que Ottoh tinha era a ocular e os contornos aproximados que ela fornecia em sua configuração infravermelha. Os Nihil apareceram como

contornos roxos e vermelhos, com cabeças estranhas e deformadas. Ottoh tinha visto centenas de espécies alienígenas diferentes em sua época, mas ele nunca tinha visto nada como os Nihil. Isso o fez pensar que eles provavelmente estavam usando máscaras, o que se alinhava com as histórias que ouvira e com o fato de eles usarem gás para esconder seus movimentos e incapacitar sua presa. Mas saber disso não os tornava menos ameaçadores. Eles eram monstros, surgindo do nada.

O gás definitivamente ainda estava lá fora, mesmo que a ocular não pudesse captá-lo. O rebanho de Steelees da família estava todo deitado de lado no cercado, inconscientes ou mortos, e, pelo que sabia, nada os havia tocado.

— Os selos impedirão a entrada de gás? — Erika perguntou, evidentemente pensando na mesma linha.

— Isso é o que a empresa prometeu. A sala segura deve ser impermeável a tudo, exceto aos níveis mais altos de fogo de blaster e impermeável a armas químicas e radiológicas.

— Você não disse explosivos. — disse sua esposa. — E se eles trouxeram explosivos?

Ottoh não respondeu.

— Bem, seja o que for que trouxeram, estou pronta para lutar. — disse ela, e ele pousou a ocular e olhou para ela.

Erika bateu em seu datapad uma última vez, depois o ergueu para Ottoh ver, exibindo os elementos do plano que ela tinha elaborado.

— Acho que o speeder, certo?

— Sim. — disse Ottoh. — No mínimo, isso vai nos dar tempo. Talvez alguém veja a explosão, ou talvez os Nihil apenas saiam.

Agora foi a vez de sua esposa ficar em silêncio.

— Teve sorte, Ronn? — ele chamou o filho, de treze anos, com tudo o que veio com essa idade. Mas agora sem angústia, sem resistência, apenas fazendo exatamente o que lhe foi pedido esforçando-se para manter sua família viva.

Ronn estava usando o comunicador da família, tentando entrar em contato com alguém em Esperança de Ogden que pudesse ajudar a filha deles, Bee, de nove anos, estava enrolada contra ele para se confortar, segurando um brinquedo varactyl de pelúcia que ela não tocava há anos, pelo que Ottoh sabia.

— Não consigo fazer o sinal, pai. Eu verifiquei o tempo, e há uma grande Tempestade de ferrugem entre nós e Esperança de Ogden. Está bagunçando

as transmissões, eu acho.

— Continue tentando, filho. — disse Ottoh. — Sua mãe vai nos ganhar algum tempo.

Um grande estrondo vindo de baixo, não uma explosão, mas o som de metal contra metal. Ottoh olhou através da ocular novamente, para ver que um grupo de quatro Nihil havia se reunido em torno da porta da frente da casa. Eles estavam posicionados como se estivessem segurando algo, todos os quatro segurando juntos, mas a configuração de calor da ocular não conseguiu identificar o objeto. Um aríete feito de duraço frio, ele adivinhou.

— Eles estão tentando arrombar a porta. — disse Ottoh.

Outro estrondo.

— Agora, Erika! — Ottoh disse.

Sua esposa pressionou um controle em seu datapad.

Do lado de fora, Ottoh podia ver seus quatro droides de exploração saindo do modo de hibernação no recinto de droides não muito longe da casa principal. Seus contornos através da ocular eram verdes e amarelos, eles emitiam um tipo de calor diferente dos Nihil, mas todos estavam claramente visíveis.

As máquinas saíram do cercado e se moveram rapidamente, acelerando pelo pátio. Os droides de exploração eram máquinas industriais, barulhentas e potentes, projetadas para fazer buracos em solo duro e remover o entulho resultante. Não havia maneira de se moverem furtivamente, embora o gás provavelmente ainda circulando do lado de fora provavelmente lhes deu um pouco de cobertura. O quarteto de droides se dividiu, dois indo para o grupo na porta da frente e o resto em direção ao speeder.

Ottoh parou um momento para apreciar a habilidade no que sua esposa estava fazendo, simultaneamente substituindo as funções autônomas de quatro droides, assumindo o controle e fazendo-os operar de maneiras que não foram projetadas para funcionar, executando-os rapidamente, guiando-os por meio de alimentações de seus circuitos de monitor em uma tela minúscula do datapad. Toda aquela complexidade para gerenciar, e cada droide estava se movendo em linha reta, certeiro, direto em direção a seus alvos.

— Bom, Erika... você está fazendo isso!

— Não... fale comigo... agora... — ela disse, sua voz tensa com concentração.

Parafusos do blaster, branco quente através da ocular, começaram a disparar de ambos os grupos de Nihil, os quatro na porta da frente e outros

seis agrupados em torno de seu speeder. Os invasores notaram os droides se aproximando... nenhuma surpresa nisso.

As máquinas eram resistentes, construídas para resistir a altos impactos e temperaturas, mas não eram impermeáveis. Um dos droides parou de se mover, depois outro.

— Mais rápido, Erika! Eles estão derrubando-os!

Sua esposa não respondeu, apenas lançou-lhe um olhar momentâneo. Ottoh entendeu. Ela estava executando os droides de seu datapad. Ela soube quando eles se tornaram inoperantes imediatamente, não precisava das atualizações dele. Ele sabia disso, soube quando ela falou. Ele só queria... *fazer* alguma coisa.

Atrás, ele ouviu a voz de seu filho, falando rapidamente, e Ottoh percebeu que ele realmente conseguiu alguém no comunicador. Esperança de Ogden manteve uma pequena força de segurança comunal; todos os créditos pagos em seu orçamento todos os anos. A estação deles não estava tão longe. Se a família pudesse aguentar mais um pouco...

Um terceiro droide parou em seu caminho, faíscas verdes quentes disparando de onde sua cabeça havia sido fixada em seu pescoço.

Só sobrou um droide, e Ottoh observou enquanto a máquina avançava. Ele o viu se esquivar de um tiro de Nihil, e novamente ficou maravilhado com a habilidade de sua esposa. Que operador poderia fazer um droide de exploração esquivar ? Aquela com quem ele era casado, aparentemente.

O último droide foi atingido, no centro, e sua velocidade diminuiu para um rastreamento.

— Atire nele! — a sua esposa disse.

— É isso? — Ottoh disse.

— Não. — Erika respondeu, sua voz fria e certa. — Não é.

Ottoh ouviu as pontas dos dedos de sua esposa batendo furiosamente no datapad, e todos os redirecionamentos e ajustes que ela fez pareciam funcionar. O último droide deu um salto para a frente, avançando rapidamente a uma velocidade crescente. Os Nihil não tinham atirado, mas o droide parecia tudo menos impermeável. Ele perdeu um braço, depois outro. Metade de sua cabeça desapareceu, mas não parou.

Ele Alcançou o speeder dos Nihil e Ottoh arrancou seu olho da ocular pouco antes da lente ficar branca. Um imenso som de fora, não um estrondo, mas um *BUM*, desta vez definitivamente uma explosão.

Os droides exploradores eram máquinas de mineração. Às vezes eles cavavam, às vezes eles classificavam, às vezes eles arrastavam detritos... e às

vezes eles abriam buracos em rochas metálicas densas com pequenas pelotas de explosivo de alta potência, Erika tinha acabado de disparar cada pedaço da carga do droide de uma vez.

— Hum. — sua esposa disse, seu tom satisfeito. — Quantos eu ganhei, querido?

Ottoh ergueu a ocular até os olhos e olhou para fora. A cena foi radicalmente alterada, o speeder dos Nihil tinha sumido, assim como o droide explorador, ambos substituídos por metal quente e retorcido e chamas saltitantes. Ele diminuiu o brilho, procurando... lá. Ele contou contornos... quatro, perto do fogo, e nenhum deles se movendo. Mas dois outros ainda estavam vivos, um se arrastando lentamente para longe dos destroços, e outro sendo puxado pela equipe que estava usando o aríete na porta da frente. Esse grupo, infelizmente, tinha sido quase totalmente protegido da explosão pela casa.

— Não o suficiente. — disse Ottoh. — Mas ajuda.

Ele abaixou a ocular e se virou para o filho, que estava falando com Bee em voz baixa e gentil.

— Você conseguiu alguém, Ronn? — Ottoh disse. — Eu ouvi você no comunicador. A ajuda está chegando?

Ronn ergueu os olhos. Seu rosto estava sombrio.

— Falei com a segurança de Esperança de Ogden, pai. — disse ele. — Eu disse a eles o que estava acontecendo. O homem do outro lado estava fazendo muitas perguntas, mas ele parou quando eu disse a ele que os Nihil estavam aqui. Ele... ele apenas... ele disse que eles estavam muito longe para chegar aqui a tempo. O homem disse que sentia muito... mas parecia que estava com medo. Eu tentei ligar de volta, mas eles não respondem.

— Covardes, — cuspiu Erika.

Lá de baixo, um som: um *baque*, de algo pesado batendo na porta da frente, e então uma voz.

— Você não deveria ter feito isso. — ele chamou, flutuando de fora, baixo e estranho. — Nós íamos apenas levar vocês.

baque

— Agora vamos machucar vocês também.

— Você quer mais ensopado? — Porter Engle disse, olhando para a tigela

vazia de Bell. — Cair é um trabalho que dá fome, eu acho.

Do outro lado da mesa, Loden riu. Bell não se importou. Ele tinha superado. Ele entenderia a Força caindo algum dia, e mesmo que não o fizesse, não havia razão para recusar uma segunda tigela de ensopado de nove ovos de Porter.

Porter Engle era uma lenda. Ele estava na Ordem Jedi por mais de trezentos anos, um Ikkrukki forte que, neste ponto, era mais barba do que ser. Ele explorou carreiras completas na maioria dos papéis Jedi primários em seu tempo, professor, explorador, diplomata, guerreiro, e as histórias contadas sobre ele em qualquer uma dessas ocupações seriam suficientes para garantir seu status nas crônicas. Ele tinha apenas um olho, por exemplo, o outro perdido há muito tempo, uma longa cicatriz no rosto tinha sua própria história. Mas agora ele estava chegando ao fim de seu período e sua última e final vocação parecia ser cozinheiro. O ensopado realmente tinha nove tipos diferentes de ovos, mas Porter revelou apenas cinco deles. As fontes restantes eram muito raras ou muito revoltantes para ele divulgar. O que quer que estivesse nele, o material era bom.

Abaixo da mesa, Bell sentiu Ember se mexer. Ela estava deitada sobre suas botas, seu calor interno e proeminente mesmo através do couro grosso. O cão não era tolo, de todos os Jedi de Elphrona, Bell Zettifar era de longe o mais provável de deixar cair para ela uma ou duas mordidas durante as refeições.

A criatura apareceu um dia na entrada do prédio, magra, trêmula e com um ferimento infeccionado em

seu quadril traseiro.

Indeera tratou de sua lesão, Porter a alimentou, Bell a nomeou e Loden permitiu que ela ficasse, ao declarar que a Força trouxe um novo membro para a equipe. Essa foi uma ótima solução para a regra da Ordem contra a formação de apegos, porque é claro que você deveria cuidar dos outros membros da equipe e garantir que eles ficassem seguros, felizes, bem alimentados e seu pelo escovado e... bem. Todos os Jedi do Posto Avançado de Elphrona acabaram de afeiçoando muito a Ember, o charhound, regra ou não regra.

— Sim, por favor. — disse Bell, segurando sua tigela. — Está fantástico hoje.

— São as pimentas de pedra. — disse Porter, satisfeito, servindo outra porção do grosso ensopado amarelo. — Encontrei algumas boas e duras no mercado.

Os Jedi veteranos podiam viver onde quisessem, uma vez que a passagem do tempo naturalmente reduzia sua capacidade e desejo de participar do trabalho mais ativo da Ordem. A maioria permaneceu no Templo de Coruscant, que mantinha alojamentos para todos os seus membros mais velhos, para viver seus dias como quisessem. Porter Engle adotou a abordagem oposta, na verdade solicitando uma atribuição para o posto avançado de Elphrona. Ele parecia decidido a permanecer o mais útil possível, apesar de sua idade, e um posto avançado era a melhor maneira que ele conhecia de garantir que seus três séculos de experiência Jedi pudessem ajudar diretamente a galáxia.

Em um dia normal, um posto avançado Jedi pode ser chamado para resolver uma disputa, defender uma cidade dos saqueadores, trazer criminosos à justiça, ensinar crianças, oferecer assistência médica ou apenas exercer a Força em qualquer uma das dez mil maneiras com que poderia ser usada para ajudar as pessoas. Nem todo problema exigia um Jedi para resolvê-lo, mas quando um problema chegava a esse nível, as pessoas tendiam a ficar felizes por viverem em um mundo avançado.

— Farol Estelar está quase pronta para a dedicação. — Loden disse enquanto Bell cavava sua segunda tigela de ensopado.

— Apenas algumas semanas. — Indeera disse. — Mas os fechamentos do hiperespaço da chanceler podem empurrar atrasar isso.

— Hum... espero que não. — disse Porter Engle, sentando-se à cabeceira da mesa. — Não seria o fim do mundo se não abrir a tempo, mas sei que é importante para os planos futuros da Chanceler que tudo corra bem. Eu gostaria de ver também. Parece lindo.

— É. — Loden concordou. — Você não diria, Bell?

— Lindo. — disse Bell. — Há uma zona da biosfera, onde os visitantes podem conferir recriações reais de vários mundos nos Territórios da Orla Externa. Selva de Dantooine, um plano de gelo de Mygeeto... gostei.

Loden deixou cair a colher em sua tigela vazia.

— A ideia é mostrar a diversidade dos mundos aqui fora. — disse ele. — Eles vão girar as biosferas de tempos em tempos, trazer criaturas diferentes... é muito ambicioso.

Indeera falou, sem tirar os olhos do datapad que estava examinando.

— Toda a estação é ambiciosa. E é apenas a primeira de muitas, certo? A Chanceler tem toda uma rede de

Faróis planejada, eu acho. Eu li sobre isso.

— Foi isso que nos disseram no conclave. — respondeu Bell.

— Lina Soh e suas Grandes Obras. — disse Porter Engle. — Eu acho ela fantástica. Se já houve um tempo para os faróis e redes de retransmissão e alcance, é agora. Lembro-me de quando a galáxia estava se recompondo, alguns séculos atrás... não podíamos pensar em nada além de sobrevivência, na verdade. Devemos usar este tempo de prosperidade para construir algo significativo para o futuro.

— Você acha que a rede de postos avançados da Ordem vai fechar quando todas as Faróis ficarem online? — Perguntou Bell.

— Espero que não. — disse Porter, recostando-se e colocando as mãos atrás da cabeça. — Esse tipo de vida me cai bem. Cada dia é um pouco diferente, esperando o que vem, ajudando as pessoas do jeito que elas precisam... não tão ruim.

Ele sinalizou para um servo droide, que se aproximou e começou a limpar os pratos do café da manhã. Eles estavam sentados na sala de jantar do posto avançado, uma sala confortável de teto baixo, uma das oito situadas ao lado da câmara principal, uma sala alta e circular desenhada ao redor de um enorme símbolo da Ordem Jedi incrustado no chão. As câmaras de dormir, a cozinha, o armazenamento, o hangar, uma sala de *luta* para o treinamento do sabre de luz... tudo isso era acessível da zona central, assim como a Força tocou todas as coisas igualmente.

— Falando nisso. — continuou Porter. — o que vocês todos têm no convés hoje?

— Vou levar um dos vetores para um ponto no hemisfério sul. — disse Indeera. — Alguns mineiros

acham que encontraram uma veia de essurtanium. Eu nunca tinha visto isso antes, supostamente tinha propriedades realmente raras, talvez até um pouco reativas à Força. Eu esperava comprar uma amostra, trazê-la de volta aqui para que eu pudesse estudá-la.

— Leve Bell com você. — Loden disse.

— O quê, para que ela possa me jogar para fora da cabine? — Bell disse.

— Você é muito sábio, meu Padawan. — disse Loden.

— Bem, vou lavar a louça. — disse Porter. — E você, Loden?

— Uma reivindicação ao norte está tendo problemas com um ninho de cromantes. Pensei em ajudá-los.

— Eles não podem simplesmente trazer uma unidade de extermínio? — Indeera perguntou.

— Provavelmente. — disse Loden. — mas talvez eu *queira* lutar contra uma centena de cromantes.

Bell balançou a cabeça. Ele também queria lutar contra uma centena de cromantes, mas sabia que era melhor não perguntar. Ele estava pulando de outro Vetor, e pronto.

Um assobio baixo vindo da câmara central, e todos os quatro Jedi viraram suas cabeças em direção ao som, o sinal para uma transmissão de entrada no sistema de comunicação de emergência do posto avançado. Loden estendeu a mão e tocou um conjunto de controles na mesa, trazendo a transmissão para a sala. Uma voz soou calma, cheia de tensão.

— Uh, Jedi... isso é... não. Não queiram se envolver. Mas há uma família de moradores, cerca de trinta quilômetros para o sudoeste da cidade. Dois pais, dois filhos. Os Blythes. Eu peguei uma transmissão para a estação de segurança de Esperança de Ogden, eu monitoro aquele canal no meu comunicador, como um hobby. De qualquer forma, eles estavam pedindo ajuda. A família está sendo atacada... pelos Nihil. A segurança de Esperança de Ogden não vai. Com medo, eu acho. Eu também ficaria com medo, as histórias que ouvimos sobre os Nihil... Mas a pessoa que ligou... era uma *criança*. Ele parecia... parecia muito ruim. Talvez vocês possam ir lá? Ajudar de alguma forma?

Estou enviando as coordenadas. Não posso me envolver, não com os Nihil. Mas eu só... pensei que vocês deveriam saber.

A mensagem terminou.

Ember sentiu a tensão na sala. Debaixo da mesa, ela tossiu um pequeno som, como uma bota pisando em um pedaço de carvão.

— Os Nihil. — Indeera disse.

— A família. — disse Porter Engle.

A sua voz estava muito fria. Talvez pela primeira vez, Bell olhou para o homem e não viu mais o piadista, o chefe de cozinha barbudo Ikkrukki que conhecia tão bem, inventor do guisado de nove ovos. Em vez disso, ele viu o Jedi que eles chamavam de Lâmina de Bardotta.

— Vamos. — Loden disse.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ORLA MÉDIA - NABOO

Avar Kriss se inclinou no parapeito ornamentado de pedra esculpida e olhava através do lago para uma pequena ilha florestal que se erguia para um pico baixo em seu centro. Um pequeno povoado de edifícios baixos com telhas alaranjadas diminuídas pela margem do lago, mas se não fosse por isso, a ilha pareceria um deserto intocado.

— Varykino, — Elzar Mann disse, dando um passo ao lado dela.

Ela olhou para ele. Ele parecia bem. Feliz, seus olhos escuros brilhando, um sorriso iluminando seu rosto, embora isso pudesse ser devido à bebida em sua mão, alguma coisa verde em uma tigela de vidro sem haste. Ela não sabia o que era, mas ela conhecia Elzar, e assim era provável que fosse o melhor intoxicante que seus hóspedes tinham disponível. E considerando seus anfitriões, isso significava que era provavelmente muito bom mesmo.

— Vary o quê? — ela perguntou.

— Varykino, — ele disse, gesticulando com sua bebida em direção à ilha. — Esse é o nome da ilha. É um retiro de artistas, um lugar para párias criativos viverem juntos e terem pensamentos profundos. Há um poeta lá, um homem chamado Omar Berenko. Supostamente brilhante.

Elzar olhou para ela. Ele passou a mão pelo cabelo escuro, de corte curto, com uma ondulação natural.

— Parece bom, na verdade. — disse ele. — Devemos nos lembrar disso,

uma vez que somos muito velhos para a Ordem continuar nos usando. Eu não me importaria de passar meus dias em contemplação silenciosa. Talvez descubra como pescar com a Força. — Ele tomou um gole de sua bebida e seu rosto assumiu uma expressão impressionada. — Contanto que tenhamos um suprimento constante dessas coisas. Pela luz, isso é bom. — Deixe-me tentar. — Avar disse, e entregou a ela a tigela.

Ela tomou um gole de licor, um sabor picante e suave que deixou sua língua formigando.

— Sem argumentos aqui, — ela disse. — Isso é delicioso. Mas vá com calma. Estamos aqui para fazer um trabalho.

Elzar deu um último gole, então colocou a tigela no parapeito; um droide servo dourado brilhante prontamente pegou-o e retirou-se silenciosamente, pairando não muito longe, caso os dois Jedi precisassem de mais alguma coisa.

— Seus donos estão a caminho? — Avar perguntou ao droide. — Já estamos esperando há algum tempo. — Claro, Mestra Jedi, — o droide respondeu, em uma adorável voz harmoniosa. — Mestres Marlowe e Vellis estão concluindo alguns negócios urgentes, mas me avisaram que estarão aqui em breve. Se desejar, você pode se sentar enquanto espera.

O droide gesticulou com um membro longo e lânguido em direção a uma área de estar mais no fundo do pátio, sofás e poltronas de veludo com vários refrescos dispostos em uma mesa baixa de quartzo. Ela presumiu que este era o lugar onde Elzar tinha conseguido sua bebida. Então tem muita riqueza em exibição aqui, apenas possuir uma propriedade na região do lago Naboo estava fora do alcance de qualquer um, exceto para as mais ricas famílias na galáxia. No entanto, o sentimento criado pela decoração não era de ostentação, mas de cuidado e bom gosto. Os proprietários desta casa não estavam tentando intimidar, cada escolha foi feita tendo em vista a simplicidade e integração com o ambiente natural. O que, é claro, era impressionante por si só.

Como forma de enfatizar sua opinião, uma brisa suave soprou pelo pátio, ondulando através das flores de moinho penduradas em cipós nos caramanchões acima. Sua fragrância saturou os sentidos de Avar e a canção da Força inchou com a beleza de tudo isso.

Era fácil esquecer que eles estavam ali para continuar a investigação da emergência galáctica em curso. Ela forçou a se concentrar. A contemplação silenciosa poderia esperar pela aposentadoria, e por um momento, apenas um, ela se permitiu considerar a ideia de passar aquele tempo com Elzar Mann, algo que ela nunca contaria a ele; ele nunca iria deixá-la ouvir o fim

disto.

Outra Emergência, outra tragédia, aconteceu no sistema Ringlite, e vários milhares de pessoas morreram. Somente os esforços corajosos dos esquadrões de segurança do sistema evitaram algo pior. A Chanceler Soh alargou o cordão do hiperespaço mais uma vez. O senador Noor não protestou contra esta ação, a necessidade era óbvia, mas a pressão estava aumentando para resolver o mistério de uma vez por todas.

Esta reunião de hoje pode ser a chave.

Como se tivessem lido sua mente, dois homens apareceram na beira do pátio e caminharam em direção a ela e Elzar. Marlowe e Vellis, o herdeiro do império San Tekka e seu marido.

Ambos eram pálidos, com cabelos loiros e olhos azuis. As semelhanças param por aí; O rosto de Vellis parecia cortado de granito enquanto as feições de Marlowe eram mais suaves. Eles pareciam um par, porém, gostavam de sua casa, tudo sobre eles envolvia riqueza irradiada, conforto e facilidade.

Ela se perguntou o que os ancestrais de Marlowe pensariam sobre o que a família havia se tornado, a família San Tekka fez sua fortuna há um século ou mais como exploradores do hiperespaço, pessoas rudes encontrando rotas pelos espaços selvagens da galáxia, como exploradores planetários em busca de passagens por cadeias de montanhas mortais. A prospecção do hiperespaço era tão perigosa; muitos que tentaram acabaram perdidos para sempre, à deriva no nada, sem maneira de voltar para casa. Os San Tekkas pareciam ter um talento especial para isso, e consistentemente encontraram as maneiras mais curtas e rápidas de ir daqui para lá na galáxia. Eles venderam essas rotas para comerciantes, governos e empresários e, em alguns casos, criaram as faixas de pedágio de hiperespaço, onde os dados de navegação podem ser baixados por uma taxa. Toda essa receita foi adicionada. Hoje em dia, os San Tekkas estavam entre as famílias mais ricas da galáxia, e suas equipes de garimpeiros, agora chamados de hipersurvicultores para dar ao negócio um brilho de respeitabilidade, continuaram a farejar novos caminhos lucrativos entre as estrelas. A galáxia era infinita e as pessoas sempre desejariam atravessá-la com mais rapidez e segurança.

— Bem vinda à nossa casa. — disse Marlowe, estendendo a mão para Avar. — É uma honra ter convidados Jedi. — Ela pegou a mão e apertou-a brevemente. Elzar fez o mesmo com Vellis.

— Por favor, vamos sentar. — disse Vellis, apontando para o sofá. — O droide servo me disse que você já provou o attar de spinsilk, um dos meus

favoritos também. Mas há muito mais que você pode provar. Qualquer coisa que você goste. — Obrigada. — disse Avar.

O grupo se sentou, e Avar gentilmente alcançou a Força para sentir o estado emocional de seus anfitriões. Eles estavam totalmente relaxados. Não que ela esperasse outra coisa. Um lindo pátio à beira do lago com o amor de sua vida ao seu lado e créditos suficientes para mil vidas? Claro que os San Tekkas estavam relaxados.

— O senador Noor nos disse que você está investigando os terríveis desastres na Orla Exterior. — disse Marlowe, servindo um copo de algo vermelho e entregando a Vellis. — Não sei o que podemos fazer para ajudar, mas é claro que estamos mais do que felizes. Izzet é um velho amigo e sabemos que ele é responsável pela Orla Exterior. Qualquer coisa que ele precisar, realmente. — Sem mencionar todas as pessoas na linha de fogo, — Elzar disse, um leve tom de irritação em sua voz.

— Claro. — disse Vellis. — Somos todos a República.

— As emergências já são ruins o suficiente, e estamos trabalhando em um sistema para prever onde elas vão acontecer a seguir, — Avar disse.

— Sério? Isso é interessante. — disse Marlowe. — Como isso é possível?

— Acontece que Hetzal Prime tem um analista de sistemas gênio em seu Ministério de Tecnologia. Ele está tentando construir uma rede de droides de navegação... ligando seus processadores para usar os dados que temos até agora sobre o desastre original e todas as emergências. Não é uma coisa certa. O problema parece ser conseguir droides suficientes para fazer os cálculos. — Marlowe e Vellis trocaram um olhar rápido, informações trocadas entre eles, alguma comunicação invisível que nem mesmo Avar conseguiu detectar.

— Provavelmente podemos ajudar com isso. — disse Vellis. — Temos um conjunto proprietário de algoritmos que usamos para modelar provavelmente rotas do hiperespaço. Se o seu analista de Hetzal estiver interessado, podemos enviar alguns de nossos navegadores, especialistas em hiper rotas, para ajudá-lo a refinar seu sistema.

— Geralmente, gostamos de manter nossos segredos comerciais confidenciais. — Acrescentou Marlowe. — Mas há vidas em risco.

— Muito obrigada. — disse Avar. — Isso é generoso. Vamos colocá-lo em contato com o analista, o nome dele é Keven Tarr. Tenho certeza que ele aceitará qualquer ajuda que puder conseguir. — Não é realmente por isso que estamos aqui, — Elzar disse.

— Oh? — Marlowe disse, erguendo uma sobrancelha fina.

— Não se trata apenas de deter as Emergências. Queremos garantir que nada como a *Legacy Run* aconteça novamente, e para fazer isso, precisamos saber o que o causou. Sua família sabe mais sobre hiperespaço do que ninguém, ou assim nos diz o senador Noor. Você tem alguma teoria?

— Bem, nós lemos os relatórios da HoloNet, mas eles são pouco claros nos detalhes. Você tem alguma informação adicional?

Elzar enfiou a mão na túnica e tirou um datachip, que entregou a Vellis.

— Isso é tudo o que temos até agora. O pessoal do Departamento de Transporte da República analisou os destroços, e com base nos padrões de desgaste, parece muito com a *Legacy Run* desintegrada em trânsito. — Uma colisão? — Marlowe disse.

— Não. — disse Avar. — Parece que a nave tentou executar uma manobra que estressou sua superestrutura além de suas capacidades. Estou simplificando demais, mas parece ter se destruído.

Vellis e Marlowe ficaram em silêncio por um momento. Vellis pousou o copo. Avar não achou que ele tivesse provado sua bebida.

— Tenho certeza de que vocês dois sabem disso, mas a natureza do hiperespaço indica que nunca haja qualquer razão para manobrar. Está vazio. Não há nada para acertar. As rotas são calculadas com precisão para garantir que colisões como essa sejam impossíveis.

— Nós sabemos disso, — Elzar disse. — Todo mundo sabe disso. Mas... algo aconteceu lá, e as pessoas continuam morrendo e sofrendo pela Orla Exterior. Fingir que é impossível é uma perda de tempo. — Ele apontou para o datachip que Vellis ainda estava segurando.

— Estamos examinando algumas possibilidades. Está tudo no chip. Nosso primeiro pensamento foi um erro do piloto, mas examinamos isso. A capitã da *Legacy Run* era uma mulher chamada Hedda Casset. Ex-militar, uma veterana condecorada. É difícil imaginar que ela cometeria um erro que resultaria na destruição de sua nave. Segundo consta, ela era estável e focada.

— Um motim? — Marlowe perguntou.

— Por quê? — Avar respondeu. — Era uma nave cheia de colonos. Uma viagem de rotina do Núcleo para os Territórios da Orla Exterior.

Nada incomum ou extremamente valioso a bordo.

— Coisas estranhas podem acontecer psicologicamente quando você está no espaço profundo. — disse Marlowe. — Temos histórias de nossa família que você não acreditaria. A loucura surge antes que você perceba.

— Justo, — Elzar disse. — Mas esta foi uma viagem simples em uma rota bem conhecida. Funcionários da RTB entrevistaram alguns dos

sobreviventes que resgatamos, e eles não sugeriram nada nesse sentido. Motim está no fim da lista. — Talvez a nave esteja com defeito? — Vellis se aventurou.

— Não é impossível, mas improvável, — Avar continuou. — A *Legacy Run* era uma nave antiga, mas sabemos de seus registros de manutenção que a Capitã Casset manteve em ótimas condições, e teve uma revisão completa duas vezes antes da viagem que a matou.

— Estamos trabalhando com a teoria de que ela encontrou algo na via do hiperespaço e tentou evitar esbarrar nela. — Elzar interrompeu.

— Impossível. — disse Marlowe. — Acabei de te falar. O hiperespaço não funciona assim.

Avar pegou um lampejo de impulso de Elzar. Nem uma palavra, nem uma mensagem, mas algo que ela entendeu do mesmo jeito. Ela conhecia Elzar Mann há muito tempo, eles foram jovens juntos, e Padawans, e isso criou uma conexão, um vínculo através da Força que significava que às vezes eles não precisavam usar palavras para se entender.

Mas se Elzar *tivesse* usado palavras, ela sabia que o que estava sentindo dele significaria: *ele está mentindo.*

Elzar era melhor em sentir o engano do que ela. Agora, quando se tratava de seu dom particular, uma compreensão de como a Força tocou toda a vida na galáxia, ela pensou que poderia não haver um Jedi mais habilidoso na Ordem do que ela mesma. Bem, talvez Mestre Yoda. Mas no que diz respeito a entender as pessoas... Elzar Mann era um especialista. Ela não achava que ele precisava usar a Força para fazer isso.

Avar suspeitou que ele estava considerando o uso da Força naquele momento, no entanto, o que a maioria dos Jedi chamam de toque mental, ele chama de truque mental. Ele descobriu que era uma maneira mais honesta de descrever o que realmente estava sendo feito. Elzar levantaria dois dedos em um gesto sutil e tocaria a mente de Marlowe San Tekka com a Força, e então Marlowe faria o que quer que Elzar dissesse em seguida.

O toque mental era uma ferramenta da luz, Avar sabia, mas ela preferia abordagens indiretas para tal foco de intervenção no caminho de outra pessoa. Elzar também tinha suas reservas, mas via a técnica como uma forma de abrir pessoas para a verdade, para dar clareza, para permitir que eles sintam a vontade da Força. Colocando de outra forma, ele era um solucionador de problemas, e o toque mental certamente resolvia problemas.

Avar enviou um impulso próprio através de seu link, um que ele reconheceria imediatamente, simples e direto.

Não.

Elzar se virou e olhou para ela, seu rosto sem expressão, mas fácil de ler. Sua boca se curvou em um rápido sorrisinho, tudo bem, você me pegou, e então ele olhou de volta para os San Tekkas.

— Você tem certeza absoluta de que uma colisão é impossível, Vellis? — Avar perguntou. — Talvez uma nave abandonada, ou um asteroide...? Certamente deve haver uma maneira de um objeto ser deixado à deriva nas pistas do hiperespaço.

Vellis balançou a cabeça. — O hiperespaço não é como o espaço real. Depois que uma nave, ou qualquer outra coisa, entra nele, não há como encontrar nada. Você está em uma bolha de espaço-tempo com a qual nada mais pode interagir, porque cada pista está, na medida em que podemos dizer, em seu próprio plano distinto de existência.

Avar sabia que ela se lembraria dessas palavras toda vez que viajasse no hiperespaço pelo resto de sua vida. Um salto à velocidade da luz havia se tornado um evento rotineiro, mas cada vez que acontecia era um passo para longe de tudo que era familiar, uma jornada para um novo universo, algum novo reino. A música da Força era linda, mas às vezes sua indescritível vastidão a deixava se sentindo insignificante, apesar de todo o seu foco, de todo o seu treinamento. Isso poderia deixá-la cambaleando.

Outro impulso de Elzar: *Mentindo*, e de novo, dela: *Não*.

— Seja como for. — disse Avar. — A *Legacy Run* morreu, junto com muitas pessoas a bordo, e milhões morreram desde as Emergências. Sua família passou mais tempo estudando o hiperespaço do que qualquer pessoa na galáxia. Você já encontrou algo assim?

— Não. — disse Marlowe categoricamente, e desta vez não houve nenhum sinal de falsidade de Elzar.

— Então você não acha que é um problema com o hiperespaço? — Elzar disse.

— Vamos olhar seus dados. — disse Vellis, segurando o datachip. — Mas, a partir de agora, é difícil imaginar algo como isso. Eu não acho que você precisa se preocupar com outra *Legacy Run*. Nossa suposição, com base em mais de um século de experiência lá fora nas pistas...

—... Foi um evento único. — Concluiu Marlowe.

Avar se levantou, e Elzar, mascarando sua surpresa, fez o mesmo.

— Obrigada. — disse ela. — Não podemos dizer o quanto agradecemos por enviar seu pessoal para ajudar Keven Tarr em Hetzal. Vamos passar para o nosso próximo compromisso, mas se pensarmos em outras perguntas,

podemos entrar em contato?

— Claro. — disse Marlowe, levantando-se também. — Como dissemos, é uma honra e um privilégio ajudar os Jedi e a República com qualquer coisa que você possa precisar.

As gentilezas finais foram trocadas, e Avar e Elzar deixaram o complexo de San Tekka em direção ao Longbeam que os trouxe a Naboo, esperando em uma pista de pouso fora dos portões.

— Eles estavam escondendo algo, — Elzar disse. Seu tom era leve, mas ela sabia que ele estava frustrado. Uma emoção familiar dele.

Ele estava sempre alcançando... empurrando.

— Tenho certeza que sim, Elzar. Eles são empresários. Não sabemos se o que eles esconderam é relevante. Os San Tekkas não pareciam maliciosos. O oposto, na verdade, eles estão se oferecendo para compartilhar alguns de seus segredos mais íntimos para ajudar a salvar vidas.

Elzar ficou em silêncio, mas ela sentiu uma aceitação relutante dele.

— Vamos continuar nossa investigação, ver se podemos aprender mais. Se necessário, podemos retornar e questioná-los novamente.

Fizemos progresso aqui. Fiquei satisfeito.

— A bebida estava boa, pelo menos, — Elzar disse, e caminhou em direção ao Longbeam que o esperava.

A brisa soprava através da varanda, e Marlowe e Vellis San Tekka sentaram-se em silêncio, olhando para o lago na ilha de Varykino, onde gênios estranhos trabalharam isolados, criando arte que, muito provavelmente, nunca seria vista por qualquer um além da costa da pequena ilha.

— Você sabe como é isso, não é? — Vellis disse.

Ele ergueu sua taça de vinho, bateu a unha contra a borda algumas vezes, depois a colocou de volta na mesa de quartzo.

— Não é possível. — respondeu Marlowe. — Ela não pode ainda estar viva. Ela seria mais do que milenar.

— Espero que sim. — disse Vellis. — Para o bem dela, por todos os deuses...

O sol brilhava nas ondas do lago, e os dois homens pensaram sobre a história de seu clã e de onde a grande riqueza realmente veio, e a grande tragédia em seu cerne.

— ...Espero que sim.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

HIPERESPAÇO, GAZE ELETRIC

A nave-Mãe de Marchion Ro viajou através do hiperespaço, mas de uma forma que nenhuma outra nave na galáxia poderia. Seu curso não foi definido, movendo-se de uma zona de acesso para outra, através de uma hiper rota bem definida. Não... a *Olhar Elétrico* não se moveu, ele manobrou. A enorme nave mergulhou e subiu, fazendo curvas impossivelmente fechadas, mergulhando em minúsculas ramificações da rota principal e encontrando-se em um espaço inteiramente novo. Seguia caminhos que não podiam ser vistos e não podiam ser repetidos.

Seu caminho foi traçado por Mari San Tekka, e Marchion Ro a deixou ficar com a liderança, ela tinha controle total sobre os sistemas de navegação da nave, e se a viagem às vezes ficasse um pouco turbulenta, até assustadora, e daí? Esses passeios fizeram Mari se sentir feliz e bem, eles a deixaram testar suas teorias, desenvolver novas ideias.

Pilotar a *Olhar Elétrico* a acalmou, fez com que ela se sentisse como se estivesse em um bom lugar, então, quando Marchion pediu a ela caminhos específicos, ela foi capaz de fornecê-los sem se cansar ou ficar frustrada.

Ele olhou através de um visor para as paisagens estranhas e irreais pelas quais ela estava levando a nave. Como voar através de uma tempestade de neve feita de flores de luz verde brilhante. Linda e horripilante ao mesmo tempo. Viajar pelo hiperespaço em circunstâncias normais foi uma experiência totalmente diferente. Você entrou na rota, voou através do

imutável, girando no nada por um determinado período, e então saiu de volta para o espaço real. Mas o voo de Mari foi como o de um inseto de asas velozes, voando de flor em flor, mudando de direção sem se curvar a considerações de inércia, aceleração ou desaceleração.

Essas habilidades tiveram um custo, tanto em desgaste quanto em combustível, embora a *Olhar Elétrico* fosse especialmente equipado para lidar com eles por meio de um mecanismo de localização com design exclusivo. O primeiro, de fato, semelhante em aparência a todas as outras naves Nihil, mas muito melhorado em capacidades. Os motores permitiram que os Nihil traduzissem os caminhos em dados de navegação que seriam rejeitados por qualquer sistema convencional como sendo *impossíveis*, eles eram a chave para tudo, agora e no futuro.

Marchion possuía a enorme nave por muito tempo, e seu pai antes dele, ambos assombrando seus espaços vazios projetados para milhares, agora através do tempo e da traição habitados por apenas alguns. Os Ros, pai e filho, não tinham um mundo natal; eles o deixaram para trás há muito tempo. A nave estava o mais perto que Marchion chegou, assim como Mari San Tekka era a coisa mais próxima de uma família que ele havia deixado.

Marchion Ro olhou para Mari, que estava em uma cápsula retangular selada com um painel frontal transparente. Fios correram dele para as fontes de potência no convés e grandes tanques de vários produtos químicos médicos borbulharam nas proximidades, seu conteúdo pingando em tubos correndo para o pod. A máquina era essencialmente uma grande cápsula médica projetada para manter Mari tão saudável e confortável quanto poderia ser possível a um humano que viveu por mais de um século.

Mari ligou para o foco específico que encontrou enquanto fazia essas corridas, seus olhos piscando, mapeando as rotas através do redemoinho do hiperespaço que sua mente era exclusivamente capaz de ver. Nenhum outro ser parecia capaz de fazer isso, e nenhum droide de navegação chegou perto. Os cérebros dos droides podiam traçar rotas ao longo de caminhos já estabelecidos, mas o que Mari fez não foi nada como isso. Mari encontrou as estradas entre as estradas, por meio de uma mistura de instinto e matemática inconsciente, análise que operava em um nível que ela não conseguia explicar.

Marchion havia perguntado a ela, é claro, muitas vezes, assim como seu pai e sua avó. Se o dom de Mari San Tekka poderia ser replicado, então realmente não havia limite para o que poderia ser realizado. Mari tinha tentado, mas era como explicar por que sempre havia mais estrelas quanto mais longe você viajasse, mais fundo você olhasse. Algumas coisas

simplesmente eram, e não podiam ser explicadas.

Ou duplicadas.

Quando Mari San Tekka morreu, e aquele dia não poderia estar longe, apesar da melhor tecnologia médica da galáxia sendo aplicada para estender sua expectativa de vida, os caminhos morreriam com ela. E nesse ponto, o que fez os Nihil mais do que apenas outra gangue de saqueadores conquistando território na Orla Exterior desapareceria.

Marchion pressionou um controle no exterior da cápsula médica de Mari e falou.

— Você pode nos trazer de volta, Mari? — Marchion Ro disse.

A velha o ignorou e a *Olhar* saltou novamente. Marchion se preparou para o choque sem pensar. Algumas pessoas mal conseguiam se manter de pé quando Mari San Tekka embarcou na nave em uma de suas pequenas viagens, mas ele experimentava isso desde que era criança.

— Mari? — ele disse novamente.

Sem resposta. O hiperespaço girou fora das janelas de exibição, e os olhos de Mari o rastrearam, vendo caminhos visíveis apenas para ela.

Marchion Ro franziu a testa. Ele pressionou outro controle no console do pod médico, e todo o corpo de Mari ficou tenso como se um leve choque elétrico o tivesse atingido.

Ele desejou que ela não o estivesse obrigando a fazer isso. A mulher não era robusta, e ele não sabia quantos solavancos ela poderia aguentar. Seu médico, um Chadra-Fan rotundo chamado Uttersond, certa vez descreveu o coração de Mari San Tekka como uma lanterna de papel.

Mas ele não teve tempo para ela se perder em sua mente. Ele tinha planos e perguntas, e os Nihil precisavam de caminhos, e os caminhos vieram de Marchion Ro, mas, na verdade, desta velha a quem ele havia amarrado todo o seu futuro, esta mulher que ele *mantinha viva* e bem tratada e ela só queria voar com a sua nave até a metade da galáxia, em vez de apenas... Ele apertou o botão novamente, e o corpo de Mari ficou rígido.

... dando a ele...

Novamente.

... o que ele...

Novamente.

... precisava...

Mari San Tekka desabou contra o berço em sua cápsula médica, e então seu corpo estremeceu e sacudiu. A boca dela estava escancarada, saliva

brilhando em seus cantos, e seus olhos reviraram em sua cabeça.

Um alarme começou a soar, um bipe baixo e insistente, que ele sabia que chamaria o Dr. Uttersond. Marchion Ro apertou outro controle e o alarme cessou.

Ele se inclinou sobre a cápsula médica, observando Mari San Tekka suportar o ataque. O pod passou por seus procedimentos de emergência; agulhas se estenderam em braços acionadores de seus lados e deslizaram nas veias salientes nos braços finos da mulher, enquanto pás planas de metal deslizavam por baixo de suas vestes para estimular seu coração.

Talvez este seja o fim, ele pensou. *Tudo o que fiz, todos esses anos de planejamento... pode acabar, bem aqui, hoje.*

A ideia tinha um apelo perverso. Fascinado, ele observou o corpo pequeno e trêmulo de Mari San Tekka, perguntando-se se a vida estava prestes a embarcar em... bem, um caminho inteiramente novo.

Seu dedo pairou sobre o alarme para Uttersond, e ele não sabia o que o médico idiota poderia fazer, mas talvez algo, e estava pressionando, mesmo quando Mari San Tekka tossiu, um latido agudo, e seus ataques cessaram. Seus olhos se abriram e ela olhou ao redor com admiração. Eles se fixaram em Marchion, e ela sorriu, ampla, amável e abertamente como uma criança.

— Ora, Marchion, olá. — disse ela. — Eu me perdi de novo? Eu sinto Muito. Você sabe como fico quando nos levam para viajar.

Há tanto para ver, você sabe.

Seu dedo indicador se contraiu no painel de controle sob sua mão, e Marchion sentiu a *Olhar* sair do hiperespaço.

— Está tudo bem, Mari, está tudo bem.

Mari girou o pod médico, levando-o na vertical, então, em vez de olhar para ele, ela pôde olhá-lo diretamente nos olhos. Sua mente estava nublada pela idade, mas seu olhar não, seus olhos eram claros e focados, e ela nunca parecia minimamente perturbada por seus próprios orbes negros.

— Bem, esse foi bom, de qualquer maneiro. Encontrou um novo caminho entre Pasaana e Urber. Deve reduzir o tempo de viagem por um terço, talvez mais. Isso vai ajudar um bocado!

Mari San Tekka fora prospectora do hiperespaço desde os seis anos de idade. Algo tinha acontecido com ela quando viajou pela selva interestelar com sua família, e isso a mudou. Mudou de ideia. A abriu para que pudesse ver coisas que ninguém mais podia, os caminhos. Por alguns anos, ela usou essa habilidade em favor de sua família, e trouxe-lhes riqueza e fama..., mas essa fama trouxe consigo um preço.

A própria família de Marchion Ro tinha levado Mari San Tekka... a roubado, nenhuma razão para chamar de outra coisa senão o que aconteceu. Eles usaram sua habilidade para encontrar coisas que acreditavam que precisavam naquela época, e então apenas... a mantiveram. Ela contou todas as histórias necessárias para mantê-la feliz e trabalhando. Transmitiu-a de geração em geração, até que finalmente ela fixou sua residência na *Olhar Elétrico*.

Mari San Tekka parecia acreditar que ainda trabalhava como exploradora. Às vezes ela pensava que Marchion Ro era seu pai (ou dele, ou sua avó), às vezes seu filho, às vezes seu carcereiro, às vezes seu parceiro de negócios. A noção de tempo dela ficou confusa ao longo das décadas, embora sua habilidade em encontrar novas hiper rotas não tivesse diminuído, e não apenas os Caminhos solicitados por Marchion para os ataques dos Nihil. Mari havia mapeado novas rotas secretas por toda a galáxia, do Núcleo ao Espaço Selvagem. Ela parecia pensar que Marchion Ro os estava vendendo para a República, ou qualquer forma de governo que ela pensava que estava governando a galáxia. Essa crença era consistente, não importa a identidade que ela tinha atribuído a ele.

Na verdade, Marchion não usava as novas rotas de Mari. Ele os armazenou no banco de dados centrais da *Olhar Elétrico*. Lá poderia ser um momento em que seriam valiosos para ele..., mas muitas coisas tinham que se encaixar antes que esse dia chegasse.

Ainda assim, Mari San Tekka ficava feliz em acreditar que ela estava se fazendo útil, e quando ela estava feliz, era mais fácil levá-la a fazer o que ele realmente precisava.

— Muito obrigado, Mari. — disse Marchion. — Você pode colocá-los no computador, e nós entraremos em contato com os compradores imediatamente. Você é fantástica.

Mari sorriu, repentinamente tímida. Ela era tão boa, tão *ingênua*. Marchion odiava o quanto precisava dela.

— Como vão as coisas com o seu trabalho, Marchion? — ela perguntou. — Esse seu grande plano extravagante. Você está fazendo progresso? — Marchion contara coisas a essa mulher... coisas que não contara a nenhum outro ser vivo. Ele disse a si mesmo que era porque ele precisava de sua experiência, e não porque não tinha mais ninguém para contar.

Ele considerou sua pergunta. Os caminhos e a própria Mari foram seu legado, transmitido a ele por seu pai. Asgar Ro não criou os Nihil, nem os governou. Nem Marchion. Ambos serviram como o Olho, que parecia impressionante, mas na verdade o Olho apenas fornecia um serviço único, os

Caminhos, para o qual os verdadeiros chefes dos Nihil, os Viajantes da Tempestade, pagos extremamente bem.

Asgar Ro não trouxe os Caminhos para os Nihil apenas pelos créditos que isso daria a ele. Ele tinha um objetivo em mente, redenção e vingança, por sua família e muitos outros. Ele não tinha vivido para ver isso se concretizar, e tinha passado a tarefa para seu filho.

Concluir esse trabalho exigiria transformação, os Nihil precisariam se tornar algo totalmente diferente do que o bando de criminosos egoístas, devastadores e desorganizados que eram atualmente. Até muito recentemente, Marchion Ro não tinha sido capaz de ver qualquer maneira de fazer isso..., mas agora ele não tinha escolha. Por séculos, a República deixou em grande parte a Orla Exterior para governar a si mesma, mas agora as coisas estavam mudando. Eles estavam construindo uma estação enorme, o Farol Estelar, e o que eles chamavam de alcance galáctico, ele chamava de projeção de força.

Os Nihil tinham que evoluir agora, antes que fosse tarde demais e a República trouxesse sua lei, ordem e controle para a Orla Exterior. E, claro, os Jedi. Ele não conseguia esquecê-los.

— Meu plano está... em andamento. — disse ele, respondendo à pergunta de Mari. — Alguns obstáculos ao longo do caminho, e as próximas etapas exigirão alguma uma séria sutileza. É uma época perigosa para mim, de certa forma. Na verdade, esperava que você pudesse me ajudar com alguma coisa.

Mari ergueu uma mão frágil e seu sorriso se desvaneceu.

— Oh, você quer alguns Caminhos. Tenho que encontrar? Eu simplesmente trabalhei tanto para encontrar essa nova rota... isso me cansou, certamente cansou. Posso fazer isso mais tarde? Depois de uma soneca?

Dê um choque nela, pensou Marchion. *Dê um choque nela novamente e novamente até que ela queime dentro daquele maldito pod.*

— Não. — disse Marchion. — É só uma pergunta. Eu só queria que você pensasse em algo. O chefe fez seu prato favorito para o jantar, podemos pedir, se isso ajudar. — Mari suspirou.

— Tudo bem, Marchion. — disse ela. — Se você realmente precisar. Sabe, seu pai nunca me fez trabalhar tanto quanto você. Eu tenho saudades dele.

O dedo de Marchion Ro se contraiu em direção ao botão que provocaria outro choque no pod médico. O pai dele estava morto. Marchion não seguiu e não seguiria o caminho daquele homem. Mari San Tekka e os Viajantes da Tempestade poderiam fazer tantos pequenos golpes quanto eles queriam,

sugerindo que ele nunca poderia estar à altura. Não importa. Seu pai estava morto. Ele respirou fundo e cerrou os punhos com a mão enluvada.

— Obrigado, Mari. — disse Marchion. — Aqui está o que eu gostaria que você fizesse.

Ele puxou um datachip de seu cinto e o conectou a um leitor no pod médico de Mari. Informações exibidas no interior do dossel em azul brilhante, linhas de rolagem rápida de dados que descreveram os últimos momentos do que foi a condenada *Legacy Run* ao se espalhar pelo sistema Hetzal. Os olhos de Mari San Tekka se aguçaram, examinando as informações, não faltando nada.

— Oh querido. — disse ela. — Aquela pobre nave. Que tragédia.

— Humm. — disse Marchion Ro. — Não parou aqui, também. Pedaços daquela nave estão surgindo do hiperespaço por toda a Orla Exterior. Eles estão chamando-os de emergências. Há uma parte em particular, uma seção da ponte que contém o gravador de voo da nave. A República está procurando por isso, porque eles acham que vai lhes dizer o que querem saber sobre o que aconteceu com a *Legacy Run*.

— Sim, entendo. — disse Mari, ainda rastreando os dados enquanto rolavam ao longo do dossel de seu pod médico. — Estão tentando construir um grande tipo de máquina, muitos droides de navegação interligados, e esperam que possam usá-lo para prever onde as peças que faltam na *Legacy Run* aparecerão. Só quero saber se isso é possível. Algo assim realmente pode ser feito?

Mari não hesitou. Ela riu, um som surpreendentemente rico. Marchion não tinha ideia de onde veio. O peito dela parecia que poderia desmoronar todo o aparelho com um estalar de dedos.

— Claro, seu bobo. Eu poderia fazer isso por você agora. Posso dizer onde cada peça desta nave vai aparecer.

Não vai demorar muito. Só... estou muito cansada.

Marchion congelou. Tudo estava claro, naquele único momento, cada passo que ele precisaria dar foi revelado a ele.

Haviam opções, rotas bifurcadas, ele teria que fazer escolhas, improvisar..., mas era tudo um caminho, e conduzia para o que ele esteve procurando por toda sua vida.

O seu comunicador soou e ele o tirou do cinto.

— Sim?

Marchion disse.

— Ela teve outro ataque. — Veio a voz estridente do Dr. Uttersond pelo

comunicador. — Eu vi nos meus monitores.

voz do Chadra-Fan era extremamente irritante, mesmo quando ele não estava forçando o tom de repreensão que estava atualmente usando. — Ela está bem. — disse Marchion.

— Não, senhor, respeitosamente, ela não está. Ela precisa descansar. Não há mais prospecção, não há mais caminhos, nada por pelo menos uma semana. Ela está frágil e precisa recuperar suas forças.

— Obrigado, doutor. Entendido.

— Você entendeu, senhor? Porque às vezes me pergunto. Eu acho que...

Marchion encerrou a transmissão. Ele observou Mari San Tekka, o sorriso inocente em seu rosto enquanto ela observava peças da *Legacy Run* matando e destruindo em Hetzal.

— Eu apreciaria muito a sua ajuda, Mari, — ele disse. — Preciso fazer algumas coisas, mas volto mais tarde. Você pode começar imediatamente? Vou pedir ao chefe que traga o seu jantar. Você pode trabalhar enquanto come.

A velha não respondeu. Ela acenou com a mão vagamente, sua cápsula médica girou lentamente de volta para a posição horizontal. Ela estava indo fundo novamente, sua mente oscilando ao longo de rotas sinuosas que só ela entendia, enquanto começava a trabalhar o problema.

Marchion Ro deixou a câmara de Mari, em direção à ponte da nave. a *Olhar* era quase inteiramente tripulado por droides e contratou pessoal de fora dos Nihil. Ele não podia confiar nos Clouds e Storms, e certamente não nos Strikes. Nenhum deles. Nem mesmo os Viajantes da Tempestade foram permitidos a bordo de sua nave. Ninguém sabia de onde os caminhos vieram, mas se eles descobrissem, bem... qualquer um poderia manter um pod médico funcionando.

Quando ele chegou na ponte, uma bela câmara esculpida inteiramente no tronco de uma única árvore wroshyr enorme, importada de Kashyyyk e moldada por artesãos a um custo impressionante, Marchion mudou-se para a cadeira de seu capitão sem dizer uma palavra à tripulação do convés. Ele apertou o botão que levantou as telas de privacidade ao redor do assento, cada uma duplicada como displays de comunicação.

Outro botão e Kassav, Pan Eyta e Lourna Dee apareceram nas telas.

— Deixe-me adivinhar, você está com medo do grande mau Jedi e não quer nos dar nenhum caminho. — disse Kassav, como sempre o primeiro a falar e o último a calar a boca.

Pan Eyta e Lourna Dee permaneceram em silêncio.

— Eu não tenho medo dos Jedi, Kassav. No entanto, como não sou um idiota, eu os levo a sério como uma ameaça. Eles poderiam destruir tudo o que construímos.

Kassav parecia que estava prestes a dizer algo mais, então Marchion apenas continuou falando, sem lhe dar chance.

— Sei que todos vocês estão frustrados por estarmos escondidos. — disse ele. — Sem invasões. Bem. Vocês conhecem aquela nova iniciativa Eu mencionei? Está ligado. Vamos mudar as coisas. Vou pegar para vocês três uma lista das emergências, e aquelas que ainda não aconteceram. Revejam-nas e vejam as oportunidades que podem encontrar para nós. O único problema é que não há caminhos. Vocês vão ter que planejar suas operações sem eles. Apenas táticas e técnicas padrão.

Lourna e Pan não disseram nada, mas ele podia vê-los calculando, pensando, tentando decidir quanto isso iria ajudá-los ou machucá-los, que tipo de jogo ele estava jogando, como eles poderiam se beneficiar ou mudar sua mente, ou se era finalmente, a hora de embarcar ativamente nos planos que ele tinha certeza de que ambos teriam de matá-lo, roubar tudo o que ele tinha, e escolher os caminhos para si próprios.

Pela primeira vez, Kassav não falou imediatamente. Ele provavelmente estava pensando as mesmas coisas que os outros dois. — Estou realmente impressionado. — disse Kassav finalmente. — Isso é muito bom. Mas já que faremos o trabalho nós mesmos, e você não está realmente nos dando nenhum caminho, a divisão deve ser diferente. Eu digo que o Olho não recebe um terço para estes. Que tal cerca de... dez por cento? Isso parece justo. — Marchion deu-lhe um sorriso que não era um sorriso.

— Aqui está o que posso fazer, Kassav, se você não quiser as emergências, posso dá-los a Pan Eyta e Lourna Dee. Ou nenhum de vocês. Sua escolha. Mas se você pegar as informações do Olho, você paga por elas como costuma fazer, ou sem mais caminhos, sempre. Os retornos são divididos como de costume. A Regra de Três se aplica. — Kassav não gostou disso. Marchion não se importou. — A República está tentando descobrir onde as emergências acontecerão também, e eles estarão lá imediatamente, depois que elas acontecerem, então use suas melhores pessoas. — disse ele. — Vocês vão querer entrar e sair. Talvez vocês encontrem um local de desastre e o saqueiem. Talvez vocês resgatem a informação sobre onde uma Emergência vai acontecer..., mas façam isso anonimamente, com os fundos indo para as nossas contas obscuras. Meu ponto é, sejam sutis. Se a República descobrir que alguém sabe onde as emergências estão acontecendo, isso pode levá-los de volta para nós. Não precisamos desse tipo

de calor. — Ele se inclinou para frente.

— Isso tudo faz sentido?

Os Viajantes da Tempestade assentiram e Marchion Ro cortou a conexão. Ele pensou por um momento. Estava tudo tão claro agora. Tão claro. Ele pressionou um controle no braço da cadeira de seu capitão. — Pegue o jantar para a velha senhora. — disse ele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ELPHRONA

Um som estridente, e o veículo estremeceu. Bell ouviu Indeera xingar baixinho, mas eles não diminuíram a velocidade. E se qualquer coisa acontecesse, eles se moveriam mais rápido, o rugido do motor aumentou sua intensidade.

Ember se mexeu ao lado de Bell, ansioso, e ele acariciou a pele do cão, sentindo as variações de temperatura ao longo da coloração da criatura.

— Está tudo bem, garota. — disse Bell. — Indeera acabou de esbarrar em algo. Estamos bem.

Eles estavam viajando em outro veículo projetado pela Empreendimentos Valkeri para os Jedi, um Vanguard, um veículo terrestre equivalente ao Vetor. Também era às vezes chamado de V-Wheel, embora a coisa nem sempre usasse suas rodas para se locomover. Cada posto avançado Jedi tinha pelo menos um como parte de seu kit padrão, e a máquina foi projetada para operar em todos os muitos ambientes planetários em que essas estações estavam situadas. Ele poderia funcionar como um transporte terrestre sobre trilhos, ou um speeder repulsor para solo muito acidentado para tanques. A Vanguard ainda teve utilidade limitada como veículo anfíbio ou mesmo submersível, sendo capaz de selar-se inteiramente quando necessário. Poderia fazer tudo menos voar, e isso veio a calhar em Elphrona, onde os fortes campos magnéticos do planeta tornavam certas regiões totalmente inóspitas para aeronaves voadoras.

A estética geral era análoga aos Vetores, linhas suaves e elegantes, com curvas e bordas retas integradas em um todo atraente e geométrico. Atrás dos assentos da cabine do motorista, atualmente ocupada por Indeera Stokes e Loden Greatstorm, era uma grande área de passageiros multiúso, com espaço para armazenar qualquer equipamento que uma missão pudesse exigir. As Vanguards eram mais robustas do que os Vetores, mas eram construídas com muitas das mesmas características relacionadas aos Jedi como se fossem primos voadores. Os sistemas de armas exigiam uma chave de sabre de luz, e muitos dos controles eram de natureza mecânica, de modo a ser operado, em uma emergência, por meio de uma aplicação da Força, e não por meio da eletrônica.

Nenhum Jedi usaria a Força para realizar algo tão facilmente feito com suas mãos, mas vidas foram salvas pela habilidade de desbloquear a escotilha de uma Vanguard à distância, ou disparar suas armas, ou mesmo fazê-la se mover. Bell não achou que ele poderia fazer isso, e ele não tinha certeza de que Loden também poderia. Indeera... talvez. Ela era de longe a mais voltada para a tecnologia de sua tripulação. Ela geralmente dirigia sempre que colocavam a máquina para fora, hoje não foi exceção.

Indeera tinha escolhido o curso mais direto para seu destino, um tiro direto pela paisagem através de um baixo conjunto de colinas. Existia uma estrada, indo do posto avançado até Esperança de Ogden e voltando para as zonas de reivindicação, mas era uma rota indireta. Usá-lo levaria um tempo que eles não pareciam ter, com base na mensagem de emergência que eles tinham recebido. Então a viagem foi acidentada, irregular..., mas foi rápida, especialmente com Indeera nos controles.

A Vanguard atingiu o pico.

— Fumaça. — disse Loden.

Bell se virou para olhar pelo para-brisa do Vanguard e viu ao que seu mestre estava se referindo, uma ampla coluna de fumaça escura, muito à frente e em seu caminho, revelava agora que eles estavam sobre as colinas.

— Se essa não é a casa de Blythe, é ao lado. Você acha que... — Indeera disse.

— Eu acho. — respondeu Loden. — Os Nihil, pelo que ouvi, são destruidores. Eles pegam o que querem e destroem o que sobra. Eles usam ataques de gás também, isso pode ser o que estamos vendo.

— Parece fogo para mim. — disse Indeera. — Pegue o volante, Loden. Vou correr em um Veil, ver se consigo dar uma olhada para onde estamos indo.

— E isso nos dá uma chance de uma resposta multifacetada se os Nihil ainda estiverem lá, ou se eles deixaram alguma surpresa. — Loden disse. Indeera acenou com a cabeça. Ela se levantou de seu assento quando Loden agarrou a roda de controle. O Vanguard diminuiu a velocidade.

Indeera voltou para o compartimento de passageiros, passando por Porter Engle, que estava sentado em silêncio, seu único olho vazio, olhando para o nada.

Externamente, o Ikkrukki estava calmo, mas Bell sentiu uma energia turbulenta no homem. Porter Engle, o gentil cozinheiro, inventor de pratos engenhosos e distribuidor de aforismos úteis, estava sendo posto de lado. O que estava aparecendo em seu lugar parecia um vulcão adormecido começando a acordar, fervendo e pronto, cheio de um poder inimaginável. O antigo Jedi estava convocando um fantasma: uma de suas vidas anteriores. Uma versão de si mesmo sobre a qual os Padawans contavam histórias. Alguém que o tipo de pessoa que atacou famílias de colonos indefesos deve rezar para que nunca encontre.

— Você está bem, Porter? — Bell disse.

— Sim, — o velho Jedi respondeu sem desviar o olhar.

Bell decidiu deixar como está. Ele não tinha medo de Porter, os dois eram Jedi, afinal. Mas... ele não tinha certeza de como ele se sentia sobre encontrar um fantasma.

Indeera passou por eles para a parte traseira do veículo, onde os seus dois speeders Veil estavam armazenados em prateleiras, um acima do outro. Como todos os equipamentos da Empreendimentos Valkeri construídos para a Ordem, eles foram projetados para usuários da Força e, como tal, eram máquinas delicadas e altamente responsivas. Pouco mais do que um assento amarrado a uma estrutura oca de duralium, com um único repulsor e quatro acessórios em forma de asa que saltavam de seus lados, um Veil era basicamente um bastão voador. Mas se você soubesse como montá-los, eles eram incrivelmente rápidos e manobráveis. Um grupo de cavaleiros habilidosos, com sabres de luz prontos, poderia derrubar pelotões inteiros de veículos blindados enquanto enviavam rajadas de volta aos seus atacantes. Os Veil também eram incrivelmente divertidos, e Bell levou um para cavalgar pelas colinas e vales ao redor do posto avançado de Elphrona sempre que Loden deu a ele uma rara hora de folga.

Indeera ergueu um dos Veil da prateleira e, em seguida, chutou o interruptor que abria a porta traseira do Vanguard. Isto a sacudiu, o ar com cheiro de metal rugindo no compartimento.

— Tenha cuidado, — ela disse a Bell, e então Indeera saltou, as asas do

Veil se abriam enquanto ela saía. Ele a viu pegar o vento e voar para longe, desaparecendo em um piscar de olhos.

Bell fechou a escotilha. Ele se levantou e foi em direção à frente do Vanguard, passando por Porter, que disse nada. Ele se sentou no banco do motorista recentemente desocupado por Indeera. Ember estava entre eles, e Loden estendeu a mão para afagar a cabeça da

criatura sem tirar os olhos do que estava por vir.

Através do para-brisa, a fonte da coluna de fumaça foi revelada como uma casa de dois andares em chamas, a peça central do que uma vez foi uma pequena e limpa herdade, o que parecia uma operação de mineração.

Loden diminuiu a velocidade do Vanguard até parar algumas centenas de metros do fogo. Ele olhou para Bell. — Você sente algum sobrevivente?

Bell erguendo a mão se conectou com a Força. Nada. Vazio frio.

— Não, — ele disse.

— Nem eu, — seu mestre disse. — Mas precisamos verificar de qualquer maneira. Veja se estamos sentindo falta de alguém, ou se há pistas para o que aconteceu. Encontraremos justiça aqui, de uma forma ou de outra.

Loden abriu a porta do seu lado da cabine do motorista e pisou no chão. Bell fez o mesmo, Ember saltou atrás dele.

Porter apareceu um momento depois, a mão apoiada de leve no cabo do sabre de luz no coldre. Bell percebeu que nunca tinha visto o velho desembainhar o sabre. Nem uma vez.

Loden ergueu um comunicador e falou.

— Chegamos à reivindicação dos Blythes, Indeera. Parece que os Nihil queimaram o lugar. Nós vamos dar uma olhada. Você vê alguma coisa?

— Nada, — a voz de Indeera respondeu. — Estou em uma subida a cerca de meio quilômetro de distância. Eu posso estar lá rapidamente se alguma coisa acontecer. Eu avisarei você se vir alguém chegando.

— Ótimo. — disse Loden, e deslizou o comunicador de volta em seu cinto.

— Vamos, mas devagar.

Ele deu alguns passos à frente, em direção à casa em chamas. Eles passaram por um curral, onde vários Steelees aterrorizados correram em um estouro com seus olhos enormes e narinas dilatadas. Porter ergueu a mão.

— Calma, amigos. — disse ele, e os animais se acalmaram imediatamente, afundando-se em seus quadris, amontoados no curral.

— Speeder naufragado, — Loden disse, apontando para uma pilha

fumegante de destroços não muito longe da casa. — os corpos também. E um bando de droides de mineração, eliminados por um tiro de blaster. Meu palpite é que a família tentou usar os droides para defender a si mesmos. Não funcionou ou não foi bom o suficiente.

Porter gritou do curral de aço, onde estava agachado, olhando atentamente para um trecho de turbulência aterrado por seu portão.

— Os Nihil levaram alguns dos Steelees da família quando eles perderam o seu speeder. Eu posso ver toda a história aqui pela sujeira. Seis pessoas, quatro cativos.

Ele se levantou e seu rosto parecia frio o suficiente para extinguir o fogo.

— Dois deles são crianças.

Bell olhou mais de perto para a casa, havia algo na porta. Parecia estranho, como uma escritura ou...

Ele se aproximou. A porta da casa dos Blythes tinha sido marcada por três linhas irregulares zigue-zagueando de cima para baixo as bordas eram irregulares, selvagens, como se fossem esculpidas por uma lâmina vibratória com pouca carga. — Há algo aqui, — ele disse, e deu outro passo.

As linhas pareciam... raios. Três raios irregulares. O calor do fogo era intenso, mas o símbolo era fascinante, de alguma forma primitiva. Ele se aproximou, precisando ver o mais claramente que pudesse. Ember latiu, um som de alarme agudo e inconfundível. Bell parou e se virou para olhar a charhound.

— O que é isso, garota? — ele disse, e então percebeu porque Ember estava tentando avisá-lo, quatro trilhas de terra elevada, movendo-se em direção a ele em uma velocidade incrível.

Minas-toupeira, Bell teve tempo para pensar, e então fez duas coisas.

Primeiro, ele empurrou Ember com a Força. Ele tentou ser gentil, mas o objetivo era empurrá-la para longe do perigo em seu caminho. Qualquer dano que ele tenha feito a ela, não poderia ser tão ruim quanto ser pega em uma explosão. Então Bell saltou, direto para cima, desembainhando seu sabre de luz enquanto estava no ar.

As minas foram projetadas para correr em direção ao alvo logo abaixo da superfície do solo e, em seguida, disparar no ar, explodindo a cerca de um metro de altura, enviando um anel de estilhaços horizontais junto com uma coroa de intenso calor e chama. Elas eram mortais e cruéis, a maioria das pessoas nunca tiveram a chance de reconhecer que estavam sendo atacados antes de serem mortas.

Duas das minas pularam do solo, cilindros cinza-escuros com bocas

trituradoras e cheias de engrenagens de um lado, são esses os meios pelos quais elas se arrastavam pelo solo. Quando Bell alcançou o topo de seu salto, ele agarrou ambas com a Força e as arremessou o mais longe que pôde no ar, um movimento de reflexo que ele esperava que desse certo.

As duas minas restantes não haviam deixado o chão, seus cérebros primitivos não sabiam distinguir para onde seu alvo tinha ido agora que ele não estava mais de pé.

Um som enorme, um *uoomff*, então um segundo, um momento depois, quando as duas minas no ar explodiram.

Bell sentiu uma onda de calor, intensa, mas resistente.

Ele caiu, vendo o ponto final de uma das trilhas da Mina-toupeira logo abaixo dele, e mirando-se em direção a ela da melhor maneira que ele poderia.

Bell pousou, cravando seu sabre de luz no chão, empalando uma das duas minas restantes. O explosivo final disparou no ar, e ele reagiu sem pensar, a Força como seu guia, cortando-a ao meio antes de atingir o ápice de seu salto.

As duas metades da Mina-toupeira, perfeitamente divididas ao meio, caíram no chão e Bell olhou para cima.

Ele viu que Loden e Porter estavam lidando com seus próprios ataques, cada um à sua maneira. Loden estava usando a Força para arrancar as minas do solo antes que elas chegassem perto dele, enviando-as no ar para explodir inofensivamente sobre os apartamentos de ferrugem. Porter estava agachado, seu sabre de luz aceso, uma lâmina azul brilhante que ele segurava em uma pegada reversa.

Ele estava simplesmente cortando as minas ao meio enquanto elas saltavam do solo. Uma após a outra, a manobra de Bell tinha se apresentado apenas uma vez e nem mesmo ele entendia verdadeiramente como tinha feito, Porter estava fazendo de novo e de novo. A expressão em seu rosto nunca mudou. Sua lâmina brilhou, o metal caiu e ele permaneceu intocado.

Bell e Loden estavam paralisados. Ambos eram bons espadachins, e Loden tinha algumas alegações de ser grande.

Mas isso era diferente de tudo que eles já tinham visto. Nem no Templo Jedi, nem do Mestre Yoda ou Zaviel Tepp, ou mesmo dos antigos Arkoff. Bell não conseguia imaginar como seria enfrentar Porter Engle em combate.

A demonstração de habilidade foi linda, e eles não conseguiam parar de assistir, por isso não viram a mina que cavou seu caminho sob o Vanguard, então disparou e se destruiu em um paroxismo de alegre autoimolação. A

explosão rasgou o transporte ao meio e jogou Bell e Loden no chão em um impacto que eles mal foram capazes de amortecer com a Força.

— Vocês estão bem? — veio a voz urgente de Indeera. — Loden! Porter! Me respondam! O que diabos está acontecendo aí?

Tudo começou a explodir!

Loden gemeu e rolou de costas. Ele puxou o comunicador do cinto.

— Estamos bem, Indeera. — disse ele. — Apenas algumas surpresas que os Nihil deixaram para nós. Minas-toupeira Parece que acabou agora. Mas perdemos o Vanguard.

— Se eles deixaram as minas, isso significa que pensaram que poderiam ser seguidos. — disse Indeera. — Significa que eles fugiram. — Eu também acho, — Porter disse, subindo, seu sabre de luz de volta no coldre. — Meu palpite é que eles têm uma nave estacionada em algum lugar em uma das zonas de trânsito. Os campos magnéticos são difíceis por aqui, então eles não poderiam simplesmente pousar pela casa e levar a família. Eles tiveram que pousar, então usaram o speeder. A família destruiu seu speeder, então eles roubaram os Steelees e partiram para cavalgar de volta à nave.

— Como vamos pegá-los agora? — Bell perguntou, levantando-se do chão. — O V-Wheel está pronto.

— Ainda temos três Steelees restantes. — disse Porter. — Posso selá-los e posso usar a Força para convencê-los a trabalhar conosco, para nos dar tudo o que eles têm para salvar seu povo. Se nos apressarmos, podemos pegar esses monstros antes que eles levem a família para fora do mundo.

— Faça isso. — Loden disse, então ergueu seu comunicador novamente.

— Indeera, vamos atrás dos Nihil, há feras aqui que podemos montar. Você volta para o posto avançado e pega um Vetor. Podemos precisar dele para segui-los para fora do planeta. Entendi. — disse Indeera. — Que a força esteja com vocês.

Loden recolocou seu comunicador no cinto e caminhou em direção aos restos em chamas de seu Vanguard. Do veículo duas metades agora estavam separadas por vários metros, fragmentos de destroços espalhados no espaço aberto entre eles. Ele parou perto do que já foi o compartimento do motorista.

— O que você está fazendo? — Perguntou Bell.

— Os sistemas internos do Vanguard são reforçados contra ataques. Em teoria, você pode abrir milhares de buracos e as rodas continuarão girando. Agora, esta pobre V-Wheel não vai a lugar nenhum nunca mais, mas talvez ainda possa ser útil...

Ele ergueu a mão e um longo painel de metal na frente do Vanguard destruído começou a vibrar, levantando-se ligeiramente do resto da máquina.

Ajude-me, Padawan. — disse ele. — Esta coisa está apertada.

Bell ergueu a própria mão e o painel de metal enegrecido se soltou, voando para trás e deslizando pelo chão. Loden se curvou e olhou para o funcionamento interno do Vanguard.

— Humm. — disse ele. — Parece intacto.

Ele gesticulou com a mão, fechando-a em punho, e Bell ouviu o som de metal dobrando e quebrando dentro do compartimento do motor, pequenos sons como de fechos finos sendo forçados além da resistência.

Loden enfiou a mão na máquina e retirou um tubo de metal de cerca de um metro e meio de comprimento, com uma espécie de fio cesta em uma extremidade contendo um módulo de potência compacto. Os fios se esticaram e puxaram enquanto ele levantava a montagem, eletrônicos conectados a um painel de metal plano pendurado abaixo do tubo enquanto ele o libertava do Vanguard.

Bell observou seu mestre tecer rapidamente os fios em uma espécie de correia e pendurar tudo no ombro. As extremidades do tubo projetavam-se além de suas costas no ombro e no quadril.

— Ufa, — Loden disse. — Pesado.

Ele olhou para Bell e percebeu o olhar questionador de seu Padawan.

— Apenas no caso. — disse Loden, e sorriu.

Porter voltou do curral, segurando as rédeas dos três Steelees com lados prateados, agora selados e prontos.

— Conecte-se com sua montaria da melhor maneira possível. Esses são bons animais, mas vamos pressioná-los com força. Você vai precisar explicar a eles como tudo isso é importante.

Bell não tinha certeza do que isso significava exatamente, mas presumiu que descobriria ou seria jogado do Steelee e deixado para trás.

Ele colocou o pé em um estribo e subiu no topo de sua montaria, não tão suavemente quanto ele gostaria, mas o importante era que ele estava a bordo. O Steelee relinchou, evitando e balançando a cabeça. Ele bateu com um casco, marcando sua irritação por ter um cavaleiro obviamente inexperiente, e faíscas voaram de onde o metal atingiu a pedra.

— Em que direção, Bell? — Loden disse, já em sua própria sela.

Bell estendeu a mão, procurando por medo, dor, raiva... e encontrou. Não tão longe quanto ele poderia ter pensado, também. Eles tinham uma chance.

— Por ali. — disse ele, apontando. Eles partiram.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

FRAGATA MÉDICA CLASSE-*SALVAÇÃO*, *PANACEA*

— Estou desconfortável com isso, Mestra. — disse Burryaga. — Estávamos apenas fazendo nosso trabalho.

Ele falava em Shyriiwook e, pelo que sabia, a única pessoa dentro de um parsec que poderia entendê-lo era a sua mestra, a Cavaleira Jedi Nib Assek, parada ao seu lado. Mas ele não queria que ninguém pensasse que ele estava reclamando, ou não queria estar lá; esta foi uma ocasião solene. Ambos estavam em seus trajes do Templo para marcar o momento. Para ele, era apenas um tabardo em camadas sem mangas com uma faixa azul, mas Nib estava totalmente de branco e dourado, seu longo cabelo cinza preso em um coque, suas botas e seu cabo de sabre de luz, ambos polidos para um brilho altamente reflexivo.

— Isso não é para nós, Padawan. — disse Nib. — Estamos aqui para dar a essas pessoas algum desfecho, um pouco de paz. Eles queriam nos encontrar. Vamos. Não vai ser tão ruim.

Os dois Jedi estavam parados perto da entrada de uma câmara de teto alto semelhante a uma catedral. A sala enorme ocupou a maior parte da porção intermediária da *Panacea*, uma gigantesca nave de ajuda médica, uma das primeiras Grandes Obras da chanceler Soh. Com o passar dos anos desde a sua conclusão, a nave foi enviada para várias zonas de conflito, locais de desastre e áreas afetadas por surtos de contágio, prova tangível do compromisso da República com os seus cidadãos, especialmente os mais

fracos. Mais recentemente, Soh despachou a nave para o sistema Hetzal para coletar e tratar os sobreviventes do desastre da *Legacy Run*. A enorme câmara central da *Panacea*, chamada de convés de visualização, era uma cúpula de transparaço. Sob circunstâncias normais, a cúpula revelava o que quer que acontecesse fora da nave, mas em deferência à maioria dos ocupantes, uma escolha diferente foi feita. Em vez do vazio escuro do espaço, os circuitos dentro da cúpula renderam sua superfície opaca, com tons sutis de verde e azul se movendo através dela, e luz amarela quente brilhando acima. Sons calmos tocados suavemente à distância, água borbulhante, vento através das folhas. Os psicólogos médicos da nave tinham sutilmente recriado as cores, sons e sensação de um planeta muito parecido com o que os colonos a bordo da *Legacy Run* esperavam fazer de seu novo lar. Ou seja, se sua nave de transporte não tivesse sido destruída em um instante de terror e chamas, jogá-los fora do hiperespaço e em um desastre que ainda não havia acabado.

Burryaga estava rastreando as emergências de perto. Porque ele esteve presente no início do desastre e teve um papel bastante central em sua resolução, se sentiu conectado a toda a situação terrível em um nível profundo. Ele queria ficar envolvido, e ajudar como pôde, até que toda a lenta tragédia finalmente chegou ao fim. Entre outros esforços, ele leu o relatório diário da chancelaria sobre a situação da crise. Recentemente, ele se concentrou na crescente agitação à medida que os efeitos do bloqueio do hiperespaço eram cada vez mais sentidos. Mas também discutiu as emergências. Contagem atual: vinte e uma, e uma das últimas causou a destruição de uma instalação de navegação orbital sobre Dantooine que foi coordenando uma remessa massiva de ajuda aos sistemas cada vez mais sitiados dos Territórios da Orla Exterior.

Nib Assek caminhou em direção ao centro do deque, onde cerca de trinta pessoas estavam reunidas, conversando entre elas com voz baixa. A equipe da *Panacea* havia preparado bebidas, e a maioria das pessoas tinha bebidas em suas mãos. Foi como uma festa..., mas não foi.

Estes foram os primeiros sobreviventes da *Legacy Run* a serem resgatados, aqueles mesmos que estavam com medo. Burryaga detectou pouco antes dele, Nib, Te'Ami e Mikkel Sutmani quase destruíram seu módulo de passageiros. Os sobreviventes se

reuniram aqui para encontrar seus salvadores Jedi e da República, foi uma tentativa de encerramento e uma chance para eles expressarem sua gratidão em pessoa. Tudo isso deixou Burryaga desconfortável, você não agradecia aos Jedi por ser Jedi.

Joss e Pikka Adren, os pilotos de Longbeam casados, não pareciam ter tais escrúpulos. Eles pareciam completamente à vontade, já conversando com alguns passageiros da *Legacy Run*. Burryaga não teve problemas com isso, é claro, eles tinham sido uma parte integrante do resgate, e ele estava feliz por eles estarem aqui, para nada mais do que levar algumas das cargas sociais para longe dele.

Burryaga pesquisou os sobreviventes da *Legacy Run*. Através da Força, ele podia sentir a estranha tensão nestas pessoas, uma mistura estranha de arrependimento, vergonha, exultação e alívio. A culpa do sobrevivente, ele supôs.

Nib cumprimentou calorosamente um jovem casal, abraçando-os um após o outro. Quando ela soltou a segunda mulher, ela cintilou seus dedos em direção a Burryaga, em um sinal que ele sabia que significava "avançar para a batalha", um de seus sinais de mestre e aprendiz.

Burryaga suspirou e deu um passo à frente, ajustando sua faixa, o peso polido de seu cabo de sabre de luz um conforto em seu coldre ao seu lado. Ele brilhava tanto quanto o de Nib, embora o seu fosse feito de âmbar de uma árvore wroshyr branca do mundo natal Wookiee de Kashyyyk, com uma grande cruzeta em electrum. Não que ele esperasse usar sua arma neste lugar, mas "avançar para a batalha" parecia bastante preciso. Sua mestre sabia o quanto ele odiava reuniões como esta. Nenhuma dessas pessoas seria capaz de entendê-lo. Às vezes isso era bom, porque muitas vezes as pessoas presumiam que as pessoas que não falam não estão ouvindo. Útil quando ele estava tentando reunir informações, mas isso não era realmente uma batalha, e ele não estava em território inimigo. Era apenas um tipo estranho de evento social, e ele não conseguia imaginar que aprenderia muito, não importa quantas conversas ele ouvisse.

Dito isso, ele sabia que Avar Kriss havia pedido a Nib que perguntasse gentilmente sobre as experiências dos sobreviventes da *Legacy Run*, para ver se algum detalhe sobre o desastre poderia se manifestar. Mestra Kriss e seu parceiro, Elzar Mann, estavam procurando por pistas sobre o que aconteceu. Ela pensou que alguns dos sobreviventes poderiam ter reprimido memórias que poderiam surgir com um pouco de tempo e distância do evento original. Mas buscar essa informação era trabalho de seu mestre, não dele, ele não podia ver como poderia pedir às pessoas que lhe contassem suas histórias dadas as circunstâncias. Nenhum deles conseguia entender uma palavra que ele disse.

Talvez se *Panacea* tivesse um droide tradutor a bordo, mas não, apenas alguns droides de terapia, com seus rostos arregalados e uma maneira serena

de se mover, e alguns droides cápsula flutuando. Afinal, era uma nave médica.

Burryaga se aproximou de três pessoas conversando baixinho entre si, um casal Mimbanês e uma humana.

Eles pareciam desbotados, reduzidos. Até a pele escarlate e os enormes olhos azuis sem pupilas dos Mimbaneses pareciam pálidos.

Ele entendeu isso. Todos eles passaram o que deve ter parecido uma eternidade caindo pelo espaço naquele compartimento de carga, certos de que iam morrer a qualquer momento. Burryaga ergueu a mão em saudação.

— Olá. — disse ele em Shyriiwook, esperando e recebendo um conjunto muito familiar de olhares em branco em resposta.

— Mestre Jedi, — o homem Mimbanês respondeu, em básico. — É uma honra conhecê-lo. Estamos todos muito gratos por tudo o que você fez.

— Claro, senhor. — respondeu Burryaga. — Não há necessidade de nos agradecer. Toda a vida é preciosa e todos nós somos a República. — Mais olhares em branco. Ele suprimiu um suspiro.

— Ei, Burry, — ele ouviu uma voz falar, e olhou para ele.

Era Joss Adren com sua esposa, Pikka. Ambos tinham bebidas nas mãos e pareciam totalmente relaxados. Ele não sabia como eles faziam isso. Talvez fossem as bebidas. Os dois pilotos se aproximaram do pequeno grupo. — Vocês podem não

saber disso. — disse Joss. — Mas este é Burryaga. Ele é a razão de vocês estarem todos vivos.

— Uh, querido, talvez haja uma maneira melhor de expressar isso? — Pikka disse. Ela não era pequena, para uma humana, mas ao lado de seu marido, ela parecia pequena. Joss Adren parecia um tronco de árvore com uma cabeça no topo.

— Mas é verdade. — disse Joss. — Estávamos nos preparando para explodir vocês em vapor, quero dizer, não sabíamos que vocês estavam a bordo. Achamos que eram apenas mais um fragmento e queríamos ter certeza de que não se chocariam contra nada. Mas então Burryaga aqui se comunicou e começou a gritar como uma tempestade, ele os sentiu lá e nos impediu de atirar a tempo. — Ele sorriu.

— Mas foi perto. Quero dizer *muito perto*. Mais um segundo e.... — Pikka o acertou no braço com força.

— Ai. — disse Joss.

— Vamos, querido. — disse ela, levando-o embora.

Os três sobreviventes estavam olhando para Burryaga. Ele sentia calor e queria começar a ficar ofegante, mas sabia que para algumas pessoas que estavam vendo isso seria um movimento ameaçador, mas ele era um Wookiee e, claro, seus dentes eram afiados e...

— É verdade o que ele disse? — disse a mulher Mimbanesa. — Foi realmente tão perto?

Ele assentiu, e os seus rostos ficaram pensativos, e Burryaga ficou muito envergonhado. Eles o estavam tratando como se fosse uma espécie de...

Ele decidiu aproveitar a oportunidade para escapar e se dirigiu para as mesas de refrescos. Estava morrendo de fome, o que não era incomum. Seu pelo era de cor clara, principalmente dourado, com listras aqui e ali do mogno mais escuro. Estava em seus primeiros anos de crescimento. Comia sempre o que podia, sementes e tudo, esmagando tudo e engolindo.

As mesas de refresco estavam cheias, os dróides da Panaceia tinham-se assegurado disso, mas um só olhar lhe disse que eram só queijos, pães, frutas, legumes acabados de cortar, pastas e molhos e doces... nem um pouco de carne. Os Wookiees podiam comer quase qualquer coisa, mas naquele momento, Burryaga sentiu que precisava de mais fortificação do que meras cenouras e pipfruit poderiam fornecer.

Ainda assim, a comida era comida. Ele pegou o que era oferecido, enchendo um prato e começando a pastar. Se nada mais, uma boca cheia pode significar que ninguém iria envolvê-lo em conversa.

Mastigando uma fruta verde brilhante que ele nunca tinha comido antes, na verdade era muito boa, Burryaga lançou os olhos através da sala, esta estranha recepção realizada em meio a uma espécie de prado ilusório flutuando no meio do espaço profundo. Pequenos nós de pessoas, Nib Assek estava em conversa animada com uma família, Joss no meio de uma história em outro grupo, que estavam sorrindo.

Burryaga guardou um pensamento para os dois *outros* Jedi que estavam envolvidos com o resgate dessas pessoas, Mestres Te'Ami e Sutmani. Como conseguiram escapar desta missão? O seu humor estava azedando, ele comeu o miolo do fruto, com sementes e tudo mais, triturando-o em seco e engolindo.

Ele voltou para os pratos de comida, pensando que poderia experimentar um dos queijos em seguida, quando alguém chamou sua atenção. Lá, ao lado, de pé na extremidade do chão branco, olhando para os redemoinhos de azul e verde na cúpula do convés de visualização, um menino humano, ruivo, falando com ninguém. Um dos droides de terapia não estava muito longe, seu amplo rosto alegre percorrendo lentamente uma variedade de tons pastéis

quentes e agradáveis enquanto falava com a criança. Burryaga nunca foi especialista em estimar as idades de outras espécies, mas achava que o menino tinha dez anos, talvez um pouco mais.

Ele não estava respondendo ao droide de terapia, apesar dos melhores esforços da pequena máquina útil. Apenas olhando, pensando em quaisquer pensamentos que ocupassem sua mente.

Burryaga pousou seu prato e caminhou naquela direção, estendendo a mão enquanto usava a Força. Ele sentiu uma imensa tristeza vinda do menino, misturada com... culpa. Culpa por algo monstruoso e imenso, ninguém da idade dele deveria ter alguma razão para sentir isso.

Ele caminhou até o menino. Os olhos da criança estavam vazios, apenas covinhas em seu rosto.

— Sou Burryaga. — disse ele, tocando o peito, embora soubesse que o menino não conseguia entender. Ele apontou para a criança.

— Qual o seu nome?

Os gestos eram bastante universais, óbvios, e o menino sorriu tristemente.

— Serj. — disse ele. — Serj Ukkarian.

Burryaga gesticulou em direção aos outros sobreviventes, uma expressão questionadora em seu rosto. Serj olhou em volta, um olhar longo, lento e triste que parecia não ter fim, como se procurasse algo entre os sobreviventes que ele sabia que não estava lá. Alguém, mais parecido. Ele balançou sua cabeça.

Burryaga estendeu a mão e envolveu o menino em um abraço. Ele não conseguia entender por que ninguém ainda não tinha feito isso. Quando alguém estava sofrendo, você fazia o que podia para curá-lo. Quando alguém estava perdido, você o encontrava.

Com a Força, ele fez o que pôde para acalmar o pobre Serj. Ele não podia tirar seus sentimentos ruins, mas podia tirar parte do peso, torná-los um pouco mais fáceis para o menino suportar.

Serj se manteve rígido, mas lentamente começou a relaxar, largando alguma parte do que quer que estivesse carregando. Burryaga o sentiu começar a tremer em seus braços e percebeu que o menino estava chorando.

Eu fiz isso, disse Serj, com a voz abafada na altura do peito de Burryaga.

— É tudo culpa minha. Eu estava cortando os sistemas da ponte porque a capitã Casset se achava muito inteligente. Eu queria mostrar a ela que ela não sabia tanto quanto pensava

—Eu ia colocar um holovídeo nas telas da ponte, mas logo que entrei, vi... vi... e então a nave se partiu e eu estava no compartimento oito, mas

minha mãe e meu pai estavam no compartimento doze, e eles ainda não sabem disso, e eu acho... eu acho...

Ele desabou em soluços. Burryaga segurou-o pelo que pareceu um longo tempo.

O menino ainda não tinha acabado de falar, entretanto, Burryaga ouviu tudo o que a criança tinha a dizer. Eventualmente, quando Serj parecia estar fora de questão, ele o soltou e deu um passo para trás.

— Você. — disse ele, batendo suavemente na testa do menino. — não fez nada de errado.

Ele tocou as pontas dos dedos uma na outra, então os separou suavemente, imitando uma explosão.

Burryaga balançou a cabeça gentilmente e sorriu para Serj.

— Você não fez nada de errado. — disse ele novamente.

O menino certamente não falava Shyriiwook, mas ele podia entender, e ele entendeu.

Burryaga conduziu Serj até Nib Assek, que estava conversando com outro grupo de sobreviventes.

— Você precisa ouvir isso, Mestra, — ele disse.

Ela olhou para ele, curiosa.

— Este é Serj Ukkarian. — disse Burryaga, dando um tapinha no ombro do menino, que de repente parecia muito nervoso, o que fazia sentido, ser o foco da atenção de uma Jedi pode ser intimidante. — Ele teme ter perdido a sua família no desastre, e devemos fazer tudo o que pudermos por ele. — Nib Assek assentiu.

— Claro. — disse ela. — Faremos tudo o que pudermos.

O seu tom era respeitoso, mas também um pouco curioso. Sua mestra não entendeu porque ele trouxe esta criança para ela, afinal, quase todos no deque tinham uma história triste para contar.

— Serj acessou os sistemas de ponte na *Legacy Run* pouco antes do acidente. — disse Burryaga. — Ele estava fazendo uma pegadinha, nada sério, mas como parte disso, ele cortou as telas e, quando terminou, teve um vislumbre do que quer que seja que estava acontecendo lá fora, o que causou a desintegração da nave.

— Isso é fascinante. — disse Nib, evitando propositalmente olhar para Serj para não o assustar. Ela podia sentir seu estado tão bem quanto Burryaga, bem, talvez não tão facilmente quanto ele poderia, as emoções eram sua especialidade particular na Força, mas a tensão e a confusão do

menino explodiam como uma árvore em chamas à noite. Um jovem em seu primeiro dia no Templo seria capaz de sentir a turbulência de Serj.

Depois de pensar por um momento, ela se virou para o menino, ajoelhando-se e colocando-se no nível dele.

— Burryaga me disse que você é muito corajoso. — disse ela.

Serj não respondeu.

— Ele também me disse que você viu algo quando cortou os sistemas da *Legacy Run*, pouco antes do desastre começar.

Estamos tentando fazer todo o possível para impedir as emergências e evitar que algo assim aconteça novamente. Eu sei que deve ser uma memória dolorosa, mas você pode me dizer o que viu, Serj? Você pode explicar isto para mim?

Serj olhou para a Jedi, seus olhos ficaram vazios e distantes novamente.

— Raios. — disse ele. — Pareciam três raios.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ELPHRONA

— Estamos indo bem. — disse Erika, olhando os filhos nos olhos enquanto falava, primeiro a pequena Bee, depois Ronn.

Ronn era mais velho, a poucos anos de estar pronto para sair por conta própria, mas naquele momento os dois apenas pareciam bebês, apavorados e desesperados por garantias de seus pais.

Nihil com eles no carrinho bufou. — Sim. — disse ela. — muito bem.

Ela usava uma máscara, como as outras, mas Erika sabia que era Trandoshana pela aparência de seus braços, longos em comparação com o torso, a pele de seixos cinzentos brilhando ao sol, terminando em garras brancas em forma de gancho. Uma única linha de tinta azul dividia sua máscara da testa ao queixo. Ela segurava um rifle, um blaster no coldre e apenas a galáxia sabia que outras armas ela tinha.

Erika e sua família não iriam dominar essa mulher, mesmo que as quatro conseguissem se libertar dos plásticos prendendo seus braços atrás das costas. Eles eram dois mineiros e seus filhos, e Ottoh mal tinha consciência; ele levou um soco feio na cabeça quando os Nihil finalmente os tiraram de seu lar.

Não, eles não iam ficar bem.

Mas você não diz isso aos seus filhos.

— Basta ser corajoso. — disse Erika.

Eles estavam correndo ao longo de uma pista de terra que fazia uma curva entre dois conjuntos de colinas. Ferro à esquerda, magnetita à direita, o campo gerado pelas duas, parte da razão pela qual as naves não podiam voar por esta parte de Elphrona, e a razão pela qual já não estavam na nave dos Nihil que saiu do mundo. Sem o speeder, os Nihil decidiram adicionar roubo de gados na lista de crimes e tinham roubado cinco do rebanho de Steelees dos Blythes para fazer sua fuga.

Os sequestradores haviam atrelado duas das criaturas para puxar o carrinho repulsor em que a família estava atualmente capturada. Outros três acompanharam o passo, um Nihil por montaria. Eles eram cavaleiros inexperientes, Erika observou com desprezo, caindo nas selas, segurando seu peso de maneira errada. Eles continuaram cavando em seus calcanhares e batendo nos quadris das criaturas em um esforço para obter mais velocidade, sem perceber que se eles apenas se sentassem neles corretamente, os Steelees iriam se mover duas vezes mais rápido.

Não que Erika pretendesse dizer isso a eles. Quanto mais devagar seu grupo se movesse, melhor. Porque alguém estava vindo atrás deles, quanto mais tempo os Nihil levassem para chegar à nave, melhores as chances das pessoas atrás deles conseguirem alcançá-los. Ronn percebeu primeiro. Ele estava sentado no carrinho de costas para a direção em que estavam se movendo, o que significava que ele tinha uma visão de tudo atrás deles.

O seu filho cutucou suavemente sua perna com a bota. Três toques curtos, obviamente um sinal. Ela olhou para ele, murmurou uma palavra: *O quê*?

Ele não se moveu, apenas lançou os olhos para o lado, olhando além dela, depois de volta para ela. Então, de volta a olhar além dela, em direção ao caminho que eles percorreram, então de volta para ela.

Ronn aninhou-se em Bee e disse em voz alta:

— Não chore, Bee, este lagarto idiota não vai machucar você. — O qual tinha levado um chute do guarda Trandoshana, recebendo-o em silêncio, o seu valente, valente filho. Também deu a Erika um momento para virar a cabeça e olhar para trás, onde ela viu o que Ronn tinha visto, faíscas, à distância.

Não perto, mas também não tão longe. Ela tinha olhado várias vezes desde então, aproveitando qualquer oportunidade para dar uma olhada rápida, e seus perseguidores estavam se aproximando, momento a momento.

As faíscas eram idênticas àquelas lançadas por suas próprias montarias toda vez que o casco de um Steelee batia em uma rocha metálica, rebanhos selvagens de Steelees correndo à noite eram uma das maravilhas naturais de Elphrona. Eles fizeram um barulho alto também, um *tchk* agudo e rápido, que

ajudou a disfarçar o que deveriam ser sons semelhantes emanando dos pilotos vindos por trás deles.

Três, ela pensou. Ela não conseguia distinguir os detalhes, mas pareciam três, cavalgando lado a lado. Ninguém parecia ter notado além dos dois.

Sua guarda Trandoshana estava mantendo os olhos em seus cativos. E, claro, os Nihil não estavam olhando para qualquer lugar, exceto para frente. Eles estavam se segurando para salvar suas vidas, tentando ficar em suas selas.

Ela deu a Ronn um olhar questionador, e ele respondeu com o máximo de encolher de ombros que pôde usando apenas os olhos. Ele também não sabia quem estava em seu encalço, e Erika sabia que ele não havia conseguido pedir ajuda a Esperança de Ogden.

Talvez o esquadrão de segurança do assentamento tivesse encontrado seus rastros e enviado uma equipe para ajudar, mas eles estariam em um speeder, não como cavaleiros montados.

Não fazia sentido, mas era um pouco de esperança, e a esperança estava em falta no momento.

Ela arriscou outro olhar para trás, apenas para ver se eles estavam se aproximando, e desta vez sua sorte acabou. A guarda a viu ela fazendo isso e olhou também. Ela viu seus perseguidores imediatamente, impossível de não perceber, agora. As faíscas estavam disparando para os dois lados, como se as pessoas que os perseguiam cavalgassem ao longo de uma estrada de chamas.

A Nihil ficou no carrinho e gritou para o resto de sua tripulação.

— Problema! Temos pessoas vindo atrás, rápido! Parece que três de...

E então Ottoh, que acabou mostrando que não estava inconsciente, mas apenas fingindo estar esperando por um momento como este, mantendo sua própria esperança em reserva, estalou a língua fortemente contra o céu da boca três vezes. Foi um barulho alto, e todos os cinco Steelees, bem treinados e bem amados por seu marido, sabiam o comando e obedeciam imediatamente.

Eles pararam, seus cascos de duralloy travaram no chão com o campo organomagnético que lhes permitiam escalar até mesmo a mais íngreme das montanhas de Elphrona, aqui, a manobra simplesmente removeu todo o frio de velocidade, em um rápido movimento de agarramento.

Velocidade, não foi dinâmica, nem inércia. Três dos Nihil foram lançados de suas selas, se esforçando em enorme velocidade. A guarda, que estava na pior posição possível quando os Steelees pararam, de pé, desequilibrada, em

um carrinho repulsor de movimento rápido. Ela disparou para cima e para fora, como se disparasse de seu próprio rifle. Um momento depois, um som espesso e duro, entre um estalo e um baque, o som de algo muito duro quebrando quando atingiu algo ainda mais forte.

Erika não viu isso acontecer, porque ela, junto com o resto de sua família, foi pressionada contra a frente da borda do carrinho repulsor, um emaranhado de membros, pressão e contusões futuras. Apesar disso, ela tinha quase certeza de que agora sabia a aparência de quando o crânio de um Trandoshano se abre contra uma dura pedra de ferro. E boa viagem.

— Está todo mundo bem? — Erika disse.

— Estou bem. — disse Bee. Garoto durão.

— Machucou minha mão, mas não foi nada tão ruim. — disse Ronn.

— Lamento não poder avisá-lo, Ottoh disse, puxando-se para fora do emaranhado. — Não teria funcionado sem surpreendê-los.

— Agora tente fazer o que eu faço.

Ele rolou de costas, puxou as pernas para perto do peito e estendeu os braços o mais longe que conseguia, tentando colocar o pulso algemado para fora e por cima dos pés, para que pelo menos pudesse usar as mãos novamente. Erika se preparou para repetir a manobra. Se eles pudessem usar as mãos, talvez pudessem encontrar uma maneira de obter liberdade, ou pelo menos para correr.

A coronha de um rifle acertou a cabeça de Ottoh e ele caiu. Seus olhos ficaram vazios e atordoados. Ele estava vivo, mas Erika não sabia quanto restava dele naquele momento. Seu marido não estaria preparando mais nenhuma surpresa, disso ela tinha certeza.

Os Nihil não se foram. Eles tinham caído, alguns tinham caído com força, mas eles ainda estavam lá, e ainda tinham armas, e agora eles estavam muito zangados. Aquele que bateu no marido ergueu o rifle para tentar outra chance, e ela sabia que este provavelmente quebraria seu crânio para sempre se o primeiro golpe não tivesse acontecido. Erika se lançou para frente, cobrindo o corpo dele com o dela, tentando interceptar o golpe.

— Não! — ela chorou.

O rifle atingiu-a na lateral e ela se encolheu contra a dor, que foi imediata e imensa. Mas melhor ela do que Ottoh.

— Mova-se ou você morre também, — o Nihil rosnou, sua voz baixa e estranha.

Alguém fora do carrinho agarrou o atacante e o puxou de volta. Erika estava lutando para respirar, mas ela ainda podia ouvir.

— Não mate nenhum deles.

— Asaria está morta. Ela está *morta*.

— *Asaria*, Erika pensou, que nome lindo.

— Esses *mineiros* estúpidos já mataram metade de nós, Dent.

— Pode apostar, — ela ouviu Ronn sussurrar.

— É hora de dar o *troco*.

— Eu disse *não*. Cada um que matamos, é vinte e cinco por cento de nossa parte. Não estou preocupada com as pessoas que perdemos, dobra nossa participação. Mas perdemos uma *speeder* também, e isso significa que estamos no vermelho nisso. Precisamos de todo crédito que pudermos obter. Não mate *nenhum* deles. Você é apenas um Strike. Eu sou a Cloud. Faça o que eu digo.

Um longo momento de silêncio, e Erika soube que a vida de seu marido e talvez do resto de sua família estava dependente do respeito que esse Strike tinha por sua Cloud, o que quer que isso significasse.

— Tudo bem, — o primeiro Nihil cuspiu, e ela o ouviu se afastando.

Erika exalou lentamente.

— Ottoh. — disse ela.

Sem resposta. Ela decidiu que simplesmente acreditaria que ele ainda estava vivo. A esperança foi uma escolha, e também não injustificada.

À distância, ela podia ouvir um som. Sons de cascos. Seus perseguidores estavam se aproximando.

— Precisamos matar quem quer que esteja vindo atrás de nós. — disse a líder dos Nihil ao resto de sua tripulação, Ela havia se chamado de Cloud. — Egga, Rel, subam nas colinas, de cada lado. Encontre locais onde vocês tenham uma boa visão do cânion. Mack, Buggo, e eu continuaremos indo para a nave. Vamos levar a família conosco, então eles terão que vir por aqui. Leve-os para fora. — Erika ouviu como esses arranjos foram colocados em prática e, com um solavanco, o carrinho começou a se mover novamente, rapidamente ganhando velocidade.

Mas agora não havia a guarda, e ela foi capaz de completar a manobra que seu marido havia mostrado a ela, conseguindo colocar as mãos na frente dela em vez de ficarem atrás das costas. Primeiro, ela sentiu o pulso de Ottoh, estável e forte. Ele estava inconsciente, mas talvez isso fosse tudo. Seu marido atendeu, Erika voltou-se para seus filhos. Ela tocou o rosto de Bee e beijou-a e então colocou as mãos de Ronn nas dela.

— Vocês dois estão sendo tão fortes, tão corajosos. Estamos muito

orgulhosos de vocês. — Papai está bem? — Bee perguntou.

— Ele estará. Não se preocupe com seu pai. Fique calma e esteja pronta para fazer o que eu pedir, quando a hora chegar. Por enquanto, tente colocar as mãos na sua frente, como eu fiz. Você é uma pequena verme torta. Você pode fazer isso eu sei que você pode. Você também, Ronn.

Ela viu seus dois filhos se contorcerem conforme ela havia pedido.

O quê agora? ela pensou.

Erika tinha um marido inconsciente e dois filhos para salvar de alguma forma, e, Ela se lembrou de seus perseguidores. Ajuda, talvez, e a caminho.

Ela estendeu a mão para agarrar a borda do carrinho e se ergueu, olhando para trás. Certamente eles tinham que estar próximos, e eles estavam. O atraso do truque de Ottoh com os Steelees cumpriu seu dever. Eles não podem estar em mais de quinhentos metros para trás.

Ela podia vê-los agora, três figuras, cavalgando bem, cavalgando rápido, eram lutadores experientes, nada como seus captores.

Erika queria gritar, dizer que eles estavam caindo em uma armadilha, mas ela não achou que eles pudessem ouvi-la, e não queria fazer nada que levasse os Nihil a decidirem que uma margem de lucro de setenta e cinco por cento seria suficiente para todos.

Então algo aconteceu.

Três linhas de luz floresceram dos cavaleiros que vinham rapidamente atrás deles: uma dourada, uma azul, uma verde e Erika percebeu o que estava acontecendo, quem eram essas pessoas.

— Pela luz, — ela respirou. — Eles são Jedi.

CHAPTER TWENTY-EIGHT

HYPERSPACE. THE *NEW ELITE.*

— Vocês estão prontos para navegar pela tempestade? — Kassav gritou.

Ele ergueu um bulbo de smash, um azul brilhante e suave, com um bico fino em uma das extremidades, projetado para fazer a droga acessível a quase todos os tipos de anatomias de trocas gasosas na galáxia. Se você tinha um nariz, um tronco, estômatos, um proboscídeo, ou apenas algum buraco estranho em seu rosto, você poderia usar o bulbo de smash. O que foi bom, porque sua equipe tinha todas essas opções e muito mais.

A tripulação da *Terceiro Horizonte* levantou seus próprios bulbos, sorrisos de antecipação em cada rosto. A música vibrava em todas as superfícies; grande, wreckpunk crescendo, onde todos os instrumentos usados pelas bandas foram feitos a partir dos destroços forjados de naves estelares destruídas. Kassav deu uma boa e longa baforada e, *boom*, a sua mente se iluminou. Tudo estava mais nítido, mais claro. Ele poderia fazer isso. Ele poderia. Ele poderia fazer isso. Ele poderia fazer tudo.

Ele observou enquanto sua tripulação fazia o mesmo, alguns administraram os bulbos de smash direto nos filtros de gás de suas máscaras, um truque bacana que intensificou os efeitos. Viu a onda de energia através deles, aquela carga, aquela pressa, aquela batida de açúcar doce que fez tudo brilhar, zumbir e assobiar. Ele largou o bulbo vazio no convés e sorriu.

— É uma sensação *boa*, não é? — ele gritou, cuspindo as palavras. — Parece os *Nihil*, certo?

O seu povo rugiu. Alguns estavam se contraindo no ritmo da música. Alguns estavam apenas se contorcendo.

— Certo, todos vocês vão curtir, esperem um minuto, mas tomem a rodada. Precisamos estar atentos para isso. Vamos andar na tempestade, não deixe a tempestade nos levar, beleza?

A título de exemplo, você precisava fornecer um exemplo de vez em quando como líder, ele enfiou a mão na túnica e tirou uma pequena pílula laranja e amarela. Ele a ergueu, mostrando para sua equipe, em seguida, colocou-a na boca e mordeu devagar. Quase imediatamente, o estrondo adquiriu uma nova qualidade de turbilhão, como ondas em um mar agitado pela tempestade. Enormes, poderosas, você precisava se vigiar, mas essas ondas... você poderia surfar.

Isso o lembrou um pouco do hiperespaço. Não do tipo normal, mas as estradas estranhas dos Caminhos de Marchion Ro. Kassav virou-se para olhar pela janela de visualização da ponte, observando enquanto a hiper rota passava. Túneis construídos com fitas infinitas de luz, muitas cores, lavando e jogando e se entrelaçando. Havia algum significado ali, mas ele não era inteligente o suficiente para descobrir. Ele não tinha ideia de onde os caminhos vieram. Marchion Ro foi cauteloso sobre isso, nunca dando muitos detalhes, e seu pai

tinha sido da mesma forma. Kassav às vezes queria descobrir o segredo na ponta de um blaster ou, ainda melhor, no fio de uma lâmina, mas os Ros não eram pessoas estúpidas. Ou, pelo menos, Asgar não tinha sido. Ele sabia o que tinha com os caminhos, e sabia que as pessoas iriam querer. E embora Marchion Ro não fosse seu pai, nem mesmo perto disso, ele herdou as defesas que Asgar configurou. A *Olhar Elétrico*, aqueles droides de guarda horríveis que ele usava... era difícil chegar perto de Marchion. Ele deixou claro que os próprios Caminhos também tinham suas próprias defesas. Se ele morresse, eles também morreriam. Que não tinha acontecido quando Asgar morreu, mas, novamente, Marchion não tinha um filho para quem pudesse passar os negócios da família. Mas não eram apenas naves estelares e droides assassinos protegendo Marchion Ro. Era também a estrutura que seu pai tinha insistido que os Nihil adotassem quando ele trouxe os Caminhos para eles há tantos anos. Antes disso, o grupo era muito menor, mal formava uma gangue, na verdade. Ele manteve suas operações em um pequeno canto da Orla, perto do Sudário de Thull por Belsavis, tirando quaisquer pequenos trabalhos que pudesse. Asgar Ro apareceu um dia e ofereceu-lhes os

Caminhos, em troca de um terço das capturas de qualquer operação. Mas isso não era tudo, ele queria uma votação também.

Qualquer trabalho que usasse os Caminhos exigia uma votação completa dos três Viajantes da Tempestade, incluindo o Olho, e qualquer votação empatada iria afastar o Olho. Não parecia grande coisa na época, mas significava que ele, Pan Eyta e Lourna Dee estariam sempre um contra o outro de certa forma, sempre cortejando o favor do Olho para obter os Caminhos. Em teoria, eles poderiam se unir para tentar ir depois de Marchion, mas havia muito sangue ruim. Na maioria das vezes, Kassav mal conseguia estar na mesma sala com Lourna Dee e Pan Eyta, muito menos contemplar o fato de dividir o trono com eles.

Marchion estava sozinho e deveria estar completamente vulnerável..., mas de alguma forma, ele não estava. Ele foi protegido, pelo sistema que seu pai muito mais inteligente havia estabelecido. Foi irritante..., mas funcionou.

Inferno, Kassav tinha copiado muitas das ideias de Asgar para sua própria Tempestade.

Kassav tinha três Storms no topo de sua hierarquia de Tempestade: Gravhan, Dellex e Wet Bub. Todos queriam ser ele, mas eles nunca trabalhariam juntos para se livrar dele, porque dessa forma nenhum deles seriam Viajantes da Tempestade, eles ainda seriam

apenas três Storms compartilhando o poder. Sim. Era um pequeno sistema bom. Todas os três Storms estavam na ponte da *Terceiro Horizonte*, e todos cheiraram smash exatamente quando ele o fez. Ele não sabia se todos eles tinham feito o que precisava com as rodadas ou

se os Clouds e Strikes em suas tripulações também..., mas estava tudo bem. Um pouco de vantagem não era uma coisa tão ruim. Os Nihil eram todos sobre vantagens. Não seria um problema, contanto que todos fizessem o que eram mandados.

E todo mundo faria. Essa foi a outra coisa que fez dos Nihil um sistema tão grande, mesmo que esta verdade em particular estava bem escondida, dificultando a visão, a menos que você estivesse perto do topo da organização. Na superfície, os Nihil tratavam de liberdade, de romper com os sistemas de controle da galáxia. Esqueça a República, esqueça os Hutts, esqueça tudo, exceto fazer o que quiser, quando quiser. Esse foi o discurso de vendas, como eles conseguiram que as pessoas se juntassem.

Monte a tempestade, baby, monte aquela tempestade.

Mas uma vez que você era um Nihil, você ainda tinha uma bota no peito, mesmo que nem sempre a sentisse por causa de todas as festas ferventes, o

smash, e a emoção de pegar o que quiser, quando quiser. Você ainda tinha que fazer exatamente o que seus chefes acima de você dissessem, e os chefes acima deles. Se você não fizesse isso, na melhor das hipóteses, você não obteria sua parte da Regra de Três. Na pior das hipóteses, você terá uma lâmina vibratória no pescoço ou será expulso do Salão Principal da maneira mais difícil. Todo mundo tinha que ficar na linha, todos pagavam seu preço. Bem, todos, exceto Marchion Ro e os Viajantes da Tempestade, ele, Lourna Dee, e aquele bruto exibido Pan Eyta, será que ele percebeu o quão estúpido parecia, um Dowutin tentando estar na moda? De qualquer forma. Os Nihil eram apenas outra forma de controle, um motor projetado para rolar créditos até as pessoas no topo da organização.

É, um bom pequeno sistema.

Kassav inspecionou sua tripulação, os escalões superiores de sua Tempestade. Gravhan, Wet Bub e Dellex imediatamente na frente, seu único olho orgânico estava brilhando com o smash, oh sim, ela definitivamente não tinha tomado aquela rodada, e suas equipes se prepararam atrás deles.

— Aqui está o que vamos fazer. — disse Kassav. — Vamos amarrar esses idiotas, fazê-los nos pagar tanto dinheiro, não sobrará mais do que dois créditos em todo o maldito sistema. Nós vamos tirar tudo o que eles têm e eles *vão gostar*.

Todos gostaram disso, muitos sorrisos selvagens e palavras apreciativas da tripulação.

— Estamos prestes a perder a velocidade da luz neste sistema chamado Eriadu. Eles estão sofrendo muito com o bloqueio da República no hiperespaço, não há comida suficiente para circular por lá. O fato é que as pessoas estão prontas para derrubar os governadores. Esses caras já estão com problemas e não vão querer mais. Perfeito para nós.

— Tudo vai começar a acontecer rápido assim que aparecermos, temos que cortar isso por causa da forma de como as Emergências estão alinhadas. Storms, vocês todos informaram as suas tripulações? Todo mundo conhecem as suas funções?

— Não sei sobre esses outros dois curingas, Kassav, mas minha tripulação conhece bem o negócio deles. — disse Gravhan, tocando uma presa. Ele era um Chevin, a maior parte dele parecia apenas uma cabeça enorme quando se olhava, com pele acinzentada e enrugada e mechas de longos cabelos loiros em seu couro cabeludo. Ele parecia ser lento e pesado, e talvez fosse, mas Kassav uma vez o viu rasgar um guarda de segurança pela metade com as próprias mãos. Eles estavam roubando um banco em um pequeno assentamento em algum planeta de gelo remanescente. Gravhan

tinha acabado de agarrar o cara e, bem, se os Storms de Kassav tivessem um lema, seria algo como *a Força Bruta Vence* e Gravhan foi o exemplo perfeito disso. Basta perguntar ao segurança.

— Meu pessoal também está pronto, chefe. — disse Dellex. — Venho ensinando-os desde que você traçou o plano.

— Eu aposto que sim. — disse Gravhan, e alguns de seus Strikes riram, pessoas muito burras para saber que não iriam querer Dellex como seu inimigo.

Kassav conhecia a mulher há muito tempo, até teve uma coisinha com ela um tempo atrás. Ele sabia que ela pensava que era feia como o pecado e é por isso que vivia gastando todo o seu dinheiro em sofisticadas atualizações mecânicas. Ela estava se fazendo bonita, uma nova parte brilhante do corpo de cada vez. Mas todo aquele metal não fez nenhum favor a sua personalidade. Ela estava ficando mais bonita, claro, mas mais fria também. Kassav tinha a sensação de que aqueles Strikes risonhos da tripulação de Gravhan poderiam encontrar-se com seus crânios esmagados em breve.

Ah bem. Não é problema dele. Sempre haviam mais ataques.

— Afirmativo. — disse Wet Bub, levantando o polegar de onde estava sentado no console do computador principal da nave.

Às vezes as pessoas imaginavam que Wet Bub era chamado assim porque era Gungan..., mas essa não era a única razão.

Costumava ser, quando ele partia em ataques, ele terminava coberto de sangue, da cabeça aos pés. Tipo, encharcado. Aconteceu tantas vezes que as pessoas começaram a chamá-lo assim, e ele nunca matou ninguém que disse isso, então ele deve ter gostado. Difícil dizer o que Wet Bub gostava ou não gostava, às vezes.

Bub também era um Hacker. Um muito bom, ele vinha invadindo sistemas de computador desde que era um garoto, e agora usava essa habilidade para fazer todo tipo de coisa feia em seu tempo pessoal. Coisas cruéis e intrusivas. Também não é problema de Kassav.

— Vamos fazer isso. — disse ele.

A *Terceiro Horizonte* saiu do hiperespaço no sistema Eriadu. Não há muito tráfego de espaçonaves nas margens, nenhuma surpresa. O planeta não tinha conseguido muito no transporte de combustível recentemente, não com o bloqueio. A falta de um tráfego também significava que os satélites de monitoramento do sistema provavelmente já os haviam localizado. Isso foi bom, eles não estavam aqui para se esconder, e se os Eriaduanos quisessem enviar algumas naves de patrulha para dar uma cutucada neles... bem, era aí

que Dellex e Gravhan entram. Suas equipes de armas estavam *próximas*.

— Wet Bub... vá. — disse Kassav, apontando para o seu tenente.

Bub começou a trabalhar, acessando a rede de comunicações do sistema, passando por quaisquer códigos de acesso e as medidas de segurança estavam em vigor, indo cada vez mais alto, até que ele encontrou o que estava procurando. Ele apertou alguns últimos botões, depois deu outro sinal de positivo.

— Você está dentro, chefe. — disse ele.

Uma voz veio pelo sistema de alto-falantes da ponte, rouca, sibilante e fria. A voz de alguém poderosa, que não estava acostumada com coisas acontecendo da forma que ela não havia ordenado.

— Quem é? Esta é uma rede de comunicação restrita. — disse Mural Veen, atual governadora planetária de Eriadu. — E que diabos é isso... música?

Ops, Kassav pensou.

Ele apertou um controle e o volume do wreckpunk diminuiu para um sussurro.

— Olá, governadora. — disse Kassav. — Eu sou seu novo melhor amigo.

Silêncio do outro lado da linha. Ela estava esperando para ver o que ele queria.

— Você deve ter visto uma nave sair do hiperespaço perto da borda do sistema. Esse sou eu e tudo que você precisa saber sobre nós é que posso passar pelo bloqueio do hiperespaço da Chanceler Soh enquanto nenhuma outra nave pode tentar. Então isso é a primeira coisa que você deve ter em mente enquanto esta pequena conversa avança. Eu posso fazer coisas que ninguém mais pode. — Deixe -me adivinhar. — disse a governadora. — Você se esgueirou pelo bloqueio e agora vai se oferecer para nos vender comida com alguma taxa ridícula? Eu não respondo bem à extorsão.

— Isso ainda está para ser visto, senhora. — disse Kassav, colocando ênfase na última palavra, arrancando uma risadinha dos Nihil na ponte, todos ouvindo como se fosse a melhor holoplay que eles já viram.

— Mas vou lhe dizer uma coisa. — Continuou ele. — Estou ofendido por você pensar que somos apenas contrabandistas comuns. Somos muito mais que isso.

— Então quem diabos é você? — ela disse.

— Eu te disse. Sou o seu novo melhor amigo. O seu salvador, na verdade.

Silêncio.

— Posso não saber quem você é, mas sei onde está. — disse Mural. — Minhas equipes identificaram sua localização. Eu estou prestes a encerrar esta chamada e enviar cruzadores de segurança para trazê-lo sob custódia. Eu não sei seu jogo, mas você pode explicar de dentro de uma célula em Eriadu. Se você resistir, vamos explodi-lo em átomos. — Tem certeza de que quer fazer isso? — Kassav disse, provocando-a.

— Absolutamente. Adeus. Não tenho tempo para isso.

— Na verdade, — ele disse. — eu concordo. Três emergências são dirigidas para seu sistema. Elas estarão aqui em breve. Nós sabemos onde elas vão acontecer, e quando. Podemos detê-las para você, se você pagar.

— Do que você está falando? Ninguém pode prever as emergências.

— E ninguém pode voar no hiperespaço na Orla Exterior, também.

— Já ouvi o suficiente. Estamos enviando os cruzadores. Você pode contar aos meus interrogadores o que sabe.

— Se virmos suas naves vindo em nossa direção, nós partiremos, e você será a razão pela qual bilhões de seu povo morrerão. — Kassav sorriu. O efeito da rodada de smash estava ficando melhor a cada segundo. Ele se sentiu como se estivesse voando, empurrado ao longo da crista da onda da droga, braços estendidos, imparáveis. Ele sabia o tempo todo que esse era um bom plano. Ele correu os olhos sobre a lista de emergências que Marchion Ro tinha dado aos Viajantes da Tempestade e viu essa oportunidade imediatamente. Essa era uma oportunidade tão boa, na verdade, que ele se esquecera de dizer a Marchion ou aos outros Viajantes que ele estava pretendendo tirar proveito disso. Opa. Que pena. Nenhuma regra de três iria dividir essa pontuação, de jeito nenhum.

Kassav percebeu que ainda não tinha dito a esta governadora entupida o que estava pedindo. Ele balançou sua cabeça. Ele realmente precisava manter o foco.

— Governadora, é fácil. Se você me der cinquenta milhões de créditos, ninguém morrerá. Eu posso parar as emergências, e você salva a vida do seu povo. Eu posso tornar isso bem simples para você também...

Ele levantou um dedo, e Wet Bub enviou as informações bancárias criptografadas que permitiriam à governadora Veen depositar o dinheiro de forma não rastreável diretamente em uma conta darknet controlada por Kassav. Não é uma conta Nihil, esta foi uma das contas do próprio Kassav.

— Você é louco. — disse a governadora.

— Você é cética. Entendi. Aqui. Deixe-me ajudá-la.

Kassav ergueu um segundo dedo, e Wet Bub enviou outra pequena sequência de informações.

— Você acabou de receber as coordenadas para a primeira emergência. Na verdade, não muito longe da minha nave. Nós escolhemos este local por uma razão. Confira.

Kassav ergueu um terceiro dedo e desceu seu braço em direção a Gravhan, que acenou com a cabeça e se virou para sua tripulação em suas estações de armas.

— A qualquer momento... a qualquer momento... — Kassav disse.

Uma parte da condenada *Legacy Run* saiu do hiperespaço a cerca de trinta segundos-luz da *Terceiro Horizonte*, exatamente onde Kassav previra que aconteceria. Obrigado, Marchion Ro e os caminhos e qualquer domínio do hiperespaço que permitiu-lhe saber as rotas que todos os fragmentos tomariam, estava prestes a ganhar milhões de créditos.

Ele olhou para o holograma de mira projetado na parede de vídeo da ponte, que já havia travado no fragmento. Parecia um compartimento, intacto. Ele tinha ouvido falar que algumas dessas coisas tinham pessoas a bordo, colonos que estava a bordo da nave antes de se desintegrar.

Ah bem. Não é problema dele também.

— Fogo. — disse Kassav.

A equipe de Gravhan era muito boa. Uma propagação de tiros de laser e torpedos disparados do conjunto de armas da *Terceiro Horizonte* foi direto para o fragmento. Todos eles impactaram ao mesmo tempo, com força, e o compartimento vaporizou, desaparecendo da matriz de batalha na parede de vídeo. Tiro perfeito. Claro, eles sabiam o que pretendiam com antecedência, e tinham planejado tudo isso..., mas ainda assim, tinha que parecer impressionante.

— Pronto. — disse Kassav, voltando-se para olhar pela janela de exibição frontal onde, em algum lugar voltado para o sol, a Governadora Mural Veen provavelmente estava se sentindo um pouco menos segura de si mesma. — Agora você vê que estou com tudo. Mais duas emergências estão chegando. A próxima é em noventa segundos. Você tem as informações da conta. Pague ou enfrente as consequências.

— Seu bastardo. — disse a governadora Veen.

— Pode ser. — disse Kassav. — Mas nunca conheci minha mãe *ou* meu pai. Não pense que isso importa. O que importa são as escolhas que você faz em sua vida, não de onde você vem. Como a escolha que você precisa fazer agora, governadora. — Os segundos passaram. Kassav olhou para Wet Bub,

que balançou a cabeça. Nenhuma transferência ainda. Um pouco enojado, Kassav deu-lhe um gesto de aprovação.

Outro conjunto de coordenadas foi enviado, com vinte segundos de sobra antes da emergência. A *Terceiro Horizonte* não estava perto o suficiente para chegar lá a tempo. Desta vez, a Emergência iria acontecer, e nada iria pará-la. Mas ainda assim... pode servir a um propósito.

— Você acabou de obter as coordenadas para a segunda emergência, — disse Kassav. — Você poderia ter impedido o que acontece a seguir, Governadora. Lembre-se disso.

Outra parte da *Legacy Run* voltou ao espaço real, movendo-se rápido demais para qualquer pessoa reagir.

Eriadu tinha um produto de exportação principal, lommite, um mineral usado na criação de transparaço, a liga que formava o principal componente para telas de visualização e vigias de nave estelar. Quando a Chanceler Soh colocou seu bloqueio, os

Transportes de carga que saíam do sistema cheios de lommite estavam presos sem ter para onde ir. Esses transportes haviam se agrupado em um espaço aberto não muito longe do ponto mais próximo onde era seguro entrar no hiperespaço, esperando o momento para as pistas reabrirem.

O fragmento rasgou um deles, fazendo-o detonar imediatamente, e as ondas de choque derrubaram outras quatro embarcações antes de levantarem seus escudos.

— Ai. — disse Kassav. — Eram algumas centenas de membros da tripulação, fácil... sem mencionar todo aquele lommite. O que isso custou para o seu sistema, governadora? Muito dinheiro, aposto. Agora você está em uma situação pior do que antes. E lembre-se, mais uma Emergência está a caminho. Você tem cerca de quatro minutos. E desta vez não serão centenas morrendo. Serão bilhões. Até você, provavelmente. Você tem as informações da conta. Não espere muito.

— Isso é mau. — disse a governadora. — Você percebe isso, não é?

Kassav se virou para enfrentar sua Tempestade e revirou os olhos, mais risadas.

— Você está rindo? — vieram as palavras incrédulas pelo comunicador. — Você está *rindo*?

— Sim, governadora. É engraçado, só isso. Não é maldade. São só *negócios*.

— Você está enviando essas emergências de alguma forma, não é? Você está fazendo isso. É a única maneira possível.

— Isso importa? O tempo está passando, governadora. Dois minutos.

Kassav estava ficando um pouco nervoso, verdade seja dita. Eles precisavam se mover, rápido, para entrar no caminho do terceiro surgimento, caso contrário não *seria* capaz de pará-lo, e ele achou que era importante que eles parassem, caso contrário, bem, esse golpe pode não funcionar tão bem da próxima vez, não é? Ele nem tinha certeza se voltaria para os Nihil depois disso, não com cinquenta milhões de créditos em sua conta e uma Tempestade inteira leal a ele, e uma lista de todas as outras emergências que ele poderia explorar.

Sim, Marchion Ro absolutamente não era o seu pai, apenas distribuia informações valiosas como essa. O homem tinha esse estranho senso de lealdade aos Nihil. Ele pensava que eles eram algo mais do que realmente eram. Os Nihil eram uma gangue de criminosos, e se havia uma coisa que Kassav sabia sobre criminosos, era isto: Você não pode confiar neles.

Ele foi um exemplo perfeito.

Noventa segundos.

— Governadora, você está ficando sem tempo.

— Vocês são monstros.

— Você também, se não salvar seu povo.

— *Tudo bem*, cuspiu a governadora Veen. — Os fundos estão sendo transferidos agora.

Ele olhou para Wet Bub, que lhe deu outro sinal de positivo. Kassav apontou para Dellex, que ligou os motores para a arrancada que os colocaria no caminho da terceira Emergência exatamente como apareceu.

A tripulação da arma de Gravhan começou a trabalhar novamente, preparando a salva que destruiria o fragmento final e ganharia seu pagamento.

— Você deveria saber. — a voz da Governadora Veen veio pelo alto-falante. — Tenho transmitido a nossa conversa para o senador Noor, que o espalhará por toda a Orla Exterior. Também enviamos uma varredura de sua nave, até mesmo correspondendo a sua silhueta nos bancos de dados, a *Terceiro Horizonte*, de propriedade de Kassav Milliko, é você, eu presumo. Você tem o seu dia de pagamento, Sr. Milliko..., mas acho que os seus problemas estão apenas começando.

— Problemas? Quais problemas? Estamos salvando vidas. Nós somos os *heróis*, Governadora.

Kassav falou para o benefício dos Nihil ao seu redor, ouvindo cada palavra, mas seu estômago estava um pouco... Talvez ele não tinha pensado

nisso por todo o caminho. Ah bem. Nada a ser feito sobre isso agora.

— Vá. — disse ele, apontando para Dellex.

Ela assentiu com a cabeça e a nave saltou, mas o momento era apertado. Tão apertado que a tripulação de Gravhan teria que atirar logo no momento que a arrancada terminasse. Estava tudo bem, no entanto. Eles tinham tempo.

Mas eles não conseguiram. A terceira Emergência ocorreu conforme o esperado, e sim, o fragmento da *Legacy Run* foi dirigido para Eriadu, população estimada em um vírgula dois bilhões. A equipe de Gravhan disparou as suas armas, na hora certa.

Exceto que o alvo não estava lá. A *Terceiro Horizonte* havia calculado mal sua micro arrancada e ultrapassou enormemente o local que eles estavam buscando. Eles não estavam em nenhum lugar perto da emergência, e as rajadas de laser e torpedos dispararam, atingindo nada. Kassav percebeu imediatamente. Ele lançou um olhar para Dellex. Ela também sabia disso. Ela estava olhando diretamente para ele.

— Chefe, devo ter... devo ter confundido o cálculo de navegação. Não sei como aconteceu.

Kassav tinha suas suspeitas. Seu único olho orgânico ainda estava brilhando, inundado pela quebra, e ele sabia com certeza que ela não tinha tomado aquela rodada. Não demorou muito para bagunçar um cálculo de navegação, e Dellex era normalmente uma campeã nisso por causa de seus componentes mecânicos, mas desta vez... desta vez...

O fragmento da *Legacy Run* se espatifou na lua. Todos na ponte viram isso acontecer. Foi projetado na parede de vídeo, clara como o dia. Uma grande nuvem de detritos surgindo da superfície, ondas de choque começando a se espalhar pelo pequeno mundo, muito fogo e aquelas nuvens escuras que você tem com as explosões realmente enormes. Como uma tempestade, mais ou menos. Uma voz veio pelo comunicador, ecoando pela nave dos silenciosos Nihil. Sem risadas deles agora. Somente silêncio.

— Você vai pagar por isso. — disse a governadora Mural Veen, sua voz talvez tenha sido a coisa mais fria que Kassav já tinha ouvido. — Esta é minha promessa: *vingança*. O povo de Eriadu é caçador. Você e todos os monstros com você agora se tornaram nosso ca... — Kassav tocou em um console e a voz silenciou.

Ele olhou para sua Tempestade e sabia o que eles estavam pensando.

Uma vírgula em dois bilhões de pessoas.

Ah bem.

Não é problema dele.

— Tire-nos daqui. — disse ele.

— Onde? — disse Dellex, sua voz estranhamente subjugada.

Kassav pensou. Essas pessoas em Eriadu sabiam o seu nome. Conheciam a sua nave. Ele tinha o dinheiro deles, mas não gostava do som do que aquela Governadora estava dizendo. Ela não parecia o tipo de deixar as coisas passarem. Ele precisava de proteção. Precisava fazer parte de algo maior. Precisava...

— Voltar. — disse ele, resignado. — Voltar aos Nihil.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

SISTEMA HETZAL, LUA ENRAIZADA

Keven Tarr olhou para o planalto. A visão era de tirar o fôlego.

Cinquenta e sete mil, oitocentos e dezessete droides de navegação, ligados entre si em uma enorme matriz. Todos os modelos diferentes, todos os tamanhos diferentes, desde as unidades compactas com alimentação própria mais recentes equipadas com pernas ou outros anexos de mobilidade que permitem que eles se movam de uma nave para outra, para unidades de processamento arrancadas das naves em que foram instalados originalmente. O poder de computação variou muito de droide para droide, mas no geral, foi um arranjo impressionante.

Se apenas pegar os droides tinha sido um desafio (auxiliado pelos esforços heroicos do secretário Lorillia, tinha que ser dito, ele tinha requisitado droides de navegação de toda a galáxia), então montá-los na matriz foi quase tão difícil. A ideia era configurar uma série de processadores rodando em paralelo, para que várias seções pudessem abordar diferentes partes do problema ao mesmo tempo. Keven projetou o sistema de cima a baixo, mas ligá-lo sozinho levaria meses, tempo que eles não tinham. Além de conceituar a coisa em primeiro lugar e obter os componentes de droides, ele também precisou montar uma equipe de engenheiros treinados em arquitetura positrônica e rede de estruturação, muitos deles.

Hetzal tinha algumas pessoas com as habilidades necessárias, mas em nenhum lugar perto o suficiente. Os San Tekkas enviaram uma dúzia de seus

navegadores, pessoas que usavam implantes estranhos que se enrolavam em suas cabeças raspadas, permitindo-lhes fazer cálculos com a precisão de um droide que também retinham os saltos conceituais que as mentes orgânicas podiam alcançar. Incrivelmente útil, mas ainda não o suficiente para construir a matriz em um período de tempo razoável. Mais uma vez, juntando os recursos necessários sobre o uso de conexões disponíveis por meio do senador Noor, do secretário Lorillia e de seus próprios vários aliados, e eles vieram e mais alguns. Keven tinha engenheiros de sistemas no local, de lugares distantes como Byss e Kuat. A frase *Nós somos todos a República* nunca pareceu tão verdadeira.

Keven não tinha ideia de quanto custava em influência e capital real para construir essa coisa, e ele realmente não se importava.

Ele só queria ligá-la.

O sistema tinha três nodos primários, cada um com seus próprios subnodos. Todos os três elementos principais foram atribuídos a uma parte diferente do cálculo geral. O primeiro foi projetado para criar uma simulação de computador do desastre original usando todos os dados disponíveis. O segundo modelou todas as emergências conhecidas até agora, e o terceiro, de longe o maior e mais complexo, executou um algoritmo específico projetado para descobrir onde as próximas Emergências aconteceriam. Esse terceiro nodo era o mais complicado. Os outros dois estavam apenas descrevendo coisas que já haviam acontecido. O terceiro tinha que prever o futuro.

E se eu puder fazer isso, Keven pensou, *sou basicamente um Jedi.*

Mas é claro que ele não era. Alguns Jedi reais estavam parados a uma pequena distância, o par que ele conheceu algumas vezes antes, que havia ajudado com os San Tekkas. Avar Kriss e Elzar Mann. Eles pareciam ser pessoas legais, mas honestamente, ele não era nada parecido com eles. Avar era toda confiante e de competência absoluta, e Elzar parecia alguém saído de uma holonovela, com sua pele morena e cabelos escuros e ondulados, um homem lindo.

Keven Tarr provavelmente estava mais perto de um droide, ou um dos navegadores (embora ele não tivesse que usar aqueles estranhos implantes, felizmente). Ele gostava de sistemas e regras, e dos sistemas e regras por trás dessas regras e sistemas. Isso é o que tudo era, realmente. Sistemas e regras.

Essa afirmação era verdadeira para as pessoas, era verdade para os droides, e era verdade para toda a galáxia em geral. Quanto mais profundos os sistemas que você aprendeu a acessar, ou as regras que você entendeu, maior a mudança que você pode criar.

Foi isso que o ajudou a ascender tão rapidamente em Hetzal, a caminho

de uma posição privilegiada no Ministério da Tecnologia antes de completar vinte e cinco anos. Quando ainda era criança, ele percebeu que quatro culturas diferentes estavam interagindo em um complexo tipo de relacionamento, e que uma praga rotineiramente exterminada não era uma praga, mas na verdade um parceiro simbiótico para o cultivo. Se as plantas pudessem ocupar os mesmos campos ao mesmo tempo, em vez de serem mantidas separadas, os chamados vermes poderiam viver, não apenas os rendimentos gerais seriam maiores, mas as sementes e grãos, as safras produzidas seriam de melhor qualidade. Além disso, uma espécie de fruta híbrida emergiria duas vezes por ano, coisa que não poderia acontecer sem as contribuições de todas as quatro plantas.

Esse pequeno projeto deu a ele tudo o que realmente queria: acesso a sistemas maiores e melhores para que ele pudesse gastar seu tempo tentando entender. As autoridades Hetzalianas deram-lhe atribuições cada vez mais importantes, desde o desenvolvimento de algoritmos de rotação de culturas para modelar o clima, todos os quais ele considerou profundamente envolventes e gratificantes. A única coisa que ele achou frustrante era como parecia lento. Ele não podia simplesmente cavar em qualquer coisa que quisesse, mesmo com seu papel de alto nível no Ministério de Tecnologia do sistema, ainda haviam muitas coisas que ele não podia acessar sem permissão.

Essa foi sua escolha, no entanto. Keven sabia que ele poderia ser um grande hacker, invadindo núcleos de computador de todos os tipos, mas ele não concordou com isso. Ele acreditava na lei e na República. Ele tinha decidido há muito tempo que a única maneira que trabalharia com os sistemas realmente significativos era se pudesse ganhar esses privilégios por meio de suas habilidades e dedicação.

Bem, agora esse momento parecia ter chegado. Não ficou muito maior do que o que ele estava prestes a tentar fazer.

Ele, Keven Tarr, iria hackear o hiperespaço.

Uma brisa suave e fresca tocou seu rosto, vagando pelo planalto que dava para a paisagem. Um bom sinal.

Keven olhou para os outros observadores parados não muito longe, conversando baixinho entre si. Se ele tivesse a sua preferência, o primeiro teste de sua máquina teria acontecido em particular caso algo desse errado, mas foi tudo muito importante, o tempo era muito curto e muito havia sido investido na criação da matriz. Muitas pessoas, pessoas poderosas, haviam escolhido apoiar a ideia de Keven, e todos queriam estar presentes para ver se essa ideia valia a pena. O senador Noor e sua assessora, Jeni Wataro.

Secretário Lorillia. Ministro Ecka. Os dois Jedi, claro, que estavam conversando com Marlowe e Vellis San Tekka, que, honestamente, ajudaram muito. Além de fornecer os doze navegadores, eles também forneceram ferramentas de modelagem do hiperespaço muito além de qualquer coisa que Keven teria sido capaz de acessar por conta própria. Ele assinou todos os tipos de acordos com o departamento jurídico da empresa, dizendo que nunca usaria a tecnologia para qualquer outra coisa, mas isso não era problema. Na verdade, ele pensou que poderia ver se os San Tekkas queriam trabalhar com ele depois que tudo isso acabar. Hetzal era seu mundo natal, mas ele estava pronto para seguir em frente. O planeta também era um sistema, e ele irá hackeá-lo o melhor que pudesse. Avante, para o maior e mais profundo.

Claro, se ele não pudesse fazer a matriz funcionar, nenhuma dessas possibilidades interessantes aconteceria. Se você disse que iria *tentar* fazer alguma coisa, as pessoas escutam que você *iria* fazer alguma coisa, e se você não atingir a meta, então eles pensam que você falhou. E culparão você por tudo que tentar. Não era exatamente justo, especialmente porque prever o futuro com um enorme conjunto de computadores feitos de cérebros droides conectados era basicamente impossível. Mas era assim que o sistema da chamada sociedade funcionava, e Keven Tarr nunca seria poderoso o suficiente para mudar esse conjunto de regras. Sua situação era binária. Ter sucesso ou falhar. Ele tinha feito tudo o que podia para se certificar de que era o primeiro, e que foi tudo.

Ele ergueu um comunicador e falou.

— Vocês ligaram aquele último lote de droides?

Um estalo, tantos droides em um local estavam causando interferência. Você podia sentir o gosto no ar, como tocar sua língua com metal novo.

— Só mais uma. — foi a resposta do Chefe Innamin da Coalizão de Defesa da República, Suboficial Innamin até recentemente, promovido com base em seus esforços heroicos durante o desastre da *Legacy Run*. Ele e seu companheiro, Peeples, então um alferes agora um tenente, decidiu permanecer no sistema após o desastre para ajudar no que pudesse, como uma forma de honrar o sacrifício de seu capitão, Bright, que morreu durante uma tentativa de resgate em um painel solar. Keven gostou que os dois oficiais contribuíssem com suas habilidades, achou que era nobre e bom. Mais importante,

Innamin teve o treinamento de engenharia necessário para ser particularmente útil aqui na Lua Enraizada e para supervisionar Peeples, embora o tenente fosse tecnicamente seu oficial superior. Peeples não parecia se importar, e até ofereceu-se para trocar de posição com Innamin. O chefe

recusou, depois de deixar escapar um suspiro pesado. Em qualquer caso, a dupla estava atualmente completando a fiação para o Subnodo encarregado de modelar a quinta Emergência.

Particularmente, de uma forma que ele nunca, jamais expressaria, Keven desejou que tivesse havido mais algumas Emergências. Cada uma era um ponto de dados e até agora haviam vinte e nove. Não é ruim, um conjunto muito bom, mas quanto mais informações as máquinas tinham para recorrer, melhor. Ele não teria uma segunda chance nisso, por muitos motivos.

Principalmente por uma razão, na verdade, algo que ele propositalmente decidiu não contar às pessoas gentis que o ajudaram a reunir todas essas máquinas raras e valiosas para sua matriz.

Keven lançou um olhar furtivo para Jeffo Lorillia, o secretário de transportes da República, não muito longe no planalto e conversando profundamente com o senador Izzet Noor, seu rosto comprido estranhamente animado. Lorillia tinha cobrado favores incríveis para reunir tantos droides de navegação e em tão pouco tempo. A Orla Exterior ainda estava em sua quarentena do hiperespaço, para a grande frustração do senador Noor, mas a requisição do secretário Lorillia tinha pegado tantos droides de navegação fora de circulação que não era apenas a Orla Exterior que estava enfrentando escassez. Envios para toda a República estavam começando a ser afetados.

Sim, se o algoritmo de Keven funcionasse corretamente, eles saberiam onde as emergências aconteceriam em seguida, e poderia acabar com o bloqueio, mas esse era um grande “se”. Ele só tinha cinquenta e sete mil droides, quando o número que era realmente necessário era mais que o dobro disso. Os cálculos que ele tinha que executar agora levariam pelo menos o dobro do tempo, mesmo pressionando seu sistema até o limite. Tanto estresse na máquina por tanto tempo geraria... bem. Ele tinha suas dúvidas sobre quantos desses cérebros eletrônicos extremamente preciosos passariam pelo processo. Esse foi o fato essencial que ele optou por não compartilhar com o secretario Lorillia. A matriz, uma vez ligada, ficaria com fome, e o que comia... era droides de navegação.

Mas essa era a solução que ele tinha. Ele tinha que tentar, embora soubesse o que aconteceria com ele se falhasse.

Isso é o que boas pessoas fazem.

— Peeples! Tire seu dedo daí! O que você acha que é, na verdade, é uma ideia muito boa, eu acho. — Chefe Innamin disse pelo comunicador, sua voz um pouco distante, como se ele tivesse se virado para gritar com alguém do seu lado da transmissão. Então ele voltou, forte e alto. — Estamos bem aqui, Sr. Tarr. Ligação concluída.

— Obrigado, chefe, e você pode me chamar de Keven. Limpe a área e retire todas as outras equipes que você encontrar lá fora. Saia do planalto, e volte aqui na plataforma de observação.

— Hã? Por quê?

— Basta puxar todo mundo de volta, certo?

Keven ergueu um datapad, a unidade de controle central de toda a matriz. Ele disparou uma rápida oração para a Matrona da Vinha, santa padroeira da área em Hetzal Prime, onde havia sido criada, em seguida, apertou o único botão que girou toda a maldita coisa.

Mais adiante ao longo do planalto, o senador Izzet Noor abanou o rosto enquanto a enorme rede de droides de navegação zumbia em vida. Parecia uma colmeia de insetos, não era como um som, realmente, era mais como uma sensação, logo abaixo do nível da verdadeira percepção. Ele também estava orando, mas não para a Matrona da Vinha, mais como um desfocado "por favor, por favor, por favor" abafado sob sua respiração.

para mundos sofrendo de falta de trânsito no hiperespaço, ainda estava longe da vida normal, e o envio ocasional de rações de Emergência não eram a maneira de acabar com a agitação.

Se o esquema de droides insano de Keven Tarr não funcionasse, ele teria que ir à Chanceler Soh e implorar a ela para reabrir as hiper rotas, independentemente do perigo. Em um certo ponto, ela teria que ver que o dano que está sendo feito às pessoas da Orla superou o risco de outra crise do estilo *Legacy Run*.

— Você pode acreditar em tudo isso? — Noor disse a Jeni Wataro, sua assessora mais próxima há dez anos. Ela era Chagriana, com pele azul e grossos tentáculos com pontas de chifre enrolando-se nas laterais da cabeça e caindo sobre o peito.

Wataro foi essencial para seu trabalho de inúmeras maneiras. Todo político poderia usar um assessor Chagriano, acreditava Noor.

— O que você quer dizer, senador? — Wataro disse.

Noor gesticulou vagamente para a gigantesca formação de droides espalhada no planalto diante deles.

— Tudo *isso*, Wataro. Use os seus olhos. Teremos despesas tão altas e não há garantia de que isso vai mesmo funcionar. Não vejo nenhuma razão para que não possamos simplesmente reabrir as hiper rotas. — E sabe de uma

coisa? — ele continuou virando-se para ela. — Alguém aí claramente já tem a capacidade de prever emergências, com base no que aconteceu em Eriadu. — Wataro acenou com a cabeça.

— Por que estamos fazendo essa coisa idiota de droides quando o Almirante Kronara e o CDR deveriam estar caçando quem tentou extorquir os Eriaduanos? — Noor continuou. — Aquele Kissav, acho que esse era o nome que a Governadora Veen disse. Nós os encontramos, perguntamos onde serão as próximas Emergências! Feito. Fácil.

Noor franziu a testa para a matriz novamente. O zumbido inicial se aprofundou em um zumbido desagradável, não um som, mas um sentimento, profundamente em seus ossos.

— Eu respeito as escolhas da Chanceler, mas gostaria que ela considerasse uma abordagem diferente. — disse ele.

— Talvez você deva se candidatar, senador, disse Jeni.

Ela sempre dizia isso, e ele sabia que era uma espécie de coisa passiva agressiva, como se ela estivesse apontando sua hipocrisia em criticar a Chanceler quando ele na *verdade* nunca se candidatou ao cargo.

— Talvez sim, Wataro, talvez eu apenas vá. — disse ele. — Espere e veja.

Uma grande tela foi instalada no deque de observação acima da matriz, exibindo atualmente uma aproximação vaga do Desastre da *Legacy Run*, acelerado para dez vezes a velocidade real em que ocorreu. Keven Tarr, os Jedi, o senador, os outros da República e autoridades locais assistiram solenemente aos acontecimentos. Muitos deles foram lá enquanto acontecia, pessoas morreram. Não tantos como poderia ter sido, mas ainda assim, esta foi uma tragédia, e ninguém falou enquanto eles assistiam.

Keven olhou para seu datapad, que lhe forneceu outro conjunto de informações essenciais, o status da matriz droide de navegação. Todos os 57.708 processadores, executando cálculos de nível incrivelmente alto no limite de sua capacidade. Keven poderia, com alguns toques, expandir

qualquer um dos três nodos principais para observar Subnodos, agrupamentos menores, até mesmo droides individuais. A matriz foi projetada para funcionar como um cérebro enorme, com neurônios, células nervosas, tudo isso. As leituras deram a ele a velocidade com que cada nodo, unidade e droide individual estava funcionando, útil, mas não eram os pontos de dados primários nos quais Keven se concentrou. Não, ele estava

preocupado com outra figura, também exposta ao longo fim de cada longa cadeia de dados... o calor.

Esses muitos processadores funcionando juntos em capacidade total eram basicamente um forno enorme. Keven havia planejado isso o melhor que podia, era por isso que a matriz estava do lado de fora, no vento e nas temperaturas relativamente baixas da Lua. Ele poderia ter construído no espaço, mas o calor não se dissiparia através do vácuo, teria sido ainda pior lá fora.

Muitos dos droides tinham unidades de resfriamento interno, essa era a fonte do zumbido que subia do planalto, agora ficando mais alto, mais insistente. Keven não precisou verificar seu datapad para saber que as temperaturas estavam subindo e rápido. Felizmente, todos os observadores pareciam fascinados pelos eventos que se desenrolavam na tela grande: todos os bravos resgates de sobreviventes da *Legacy Run*, cada morte trágica, cada fuga por um fio de cabelo. Keven, apesar dos problemas crescentes com a matriz, levou um momento para apreciar a enormidade de que as equipes Jedi e da República haviam realizado aqui.

O sistema Hetzal deveria ter desaparecido. Era surpreendente que ele ainda estivesse aqui, na superfície da Lua. Ele balançou a cabeça, observando a simulação enquanto o fragmento final voava em direção ao sol de Hetzal, o tanque de líquido Tibanna que quase destruiu todo o sistema. Ele se lembrava desses momentos claramente, e tinha certeza de que estaria morto em instantes, sabia disso até os ossos... e isso não tinha acontecido.

Os Jedi se uniram para mover uma gigantesca peça de metal que não queria ser movida, precisamente em forma, em perfeita coordenação, embora milhões de quilômetros um do outro. Era impossível. No entanto, de alguma forma, eles conseguiram.

Keven viu acontecer novamente, o fragmento escapulindo, perdendo um dos sóis do sistema. Parecia que era simples, tão fácil na tela. Ele sabia que tinha levado tudo que os Jedi tinham. Alguns deles até morreram na tentativa. Eles tiveram sucesso. Ele não poderia falhar agora.

A simulação do desastre da *Legacy Run* foi concluída, e um segundo nodo foi ativado, este modelando a primeira emergência. A tela mostrou os sete fragmentos que apareceram no sistema Ab Dalis, e o impacto do último no planeta. Os observadores ficaram em silêncio, outra tragédia, mas esta não foi evitada por uma intervenção Jedi milagrosa.

Keven, no entanto, parou de olhar para a tela. Ele não conseguia tirar os olhos do datapad. As temperaturas estavam subindo mais rápido do que ele esperava. Para seu algoritmo funcionar, os sistemas tiveram que modelar

tudo continuamente o que acontecera, cada detalhe, cada fragmento, cada trajetória, tudo de uma vez. À medida que cada nova Emergência era adicionada à simulação, a carga ficou maior. Parecia que o calor já estava subindo do planalto. Certamente era sua imaginação. Keven enxugou com a manga o seu antebraço, úmido.

Não. Não era sua imaginação. A matriz estava esquentando e eles ainda tinham quase trinta emergências para modelar.

O senador Noor se mexeu desconfortavelmente. Ele se virou para sua ajudante, gesticulando para o ar acima do conjunto de droides, que estavam tremeluzindo, a névoa de calor estava subindo para o céu da manhã.

— Wataro. — disse ele. — É... como isso deveria funcionar?

— Eu... não tenho certeza. — respondeu ela, tirando um pano de sua túnica e enxugando pequenos pontos verdes de suor que tinham aparecido em sua testa.

Keven estava preocupado com o Nodo Cinco. O secretário Lorillia tinha feito o seu melhor, mas obviamente nem todos estavam dispostos a desistir de seus melhores droides de navegação de última geração, não importa quão nobre seja a causa. Um bom número de droides na matriz eram modelos mais antigos, ou mesmo aposentados do serviço ativo. Eles ainda podiam fazer o trabalho, mas não tão bem ou tão rápido quanto os outros.

Ele distribuiu os droides mais antigos por toda a matriz em uma tentativa de balanceamento a carga, mas, inevitavelmente, algumas seções acabaram com mais algumas das máquinas menos capazes. O Nodo Cinco foi um deles. O calor estava aumentando rapidamente, e era apenas uma questão de tempo até...

Uma chuva de faíscas disparou da matriz, e Keven não precisou olhar para saber que vinha do Nodo Cinco. Um dos droides de navegação mais antigos explodiu seus circuitos, o calor essencialmente fritando sua matriz computacional em lama.

— Maldição. — disse ele.

— O que está acontecendo, Tarr? — ele ouviu o senador Noor chamar.

Keven não respondeu. Ele não teve tempo. Se o Nodo Cinco caísse, toda a simulação teria que começar a acabar, e ele sabia que provavelmente não o deixariam fazer isso. Esta era provavelmente sua única chance. Felizmente, ele tinha antecipado o problema, pelo menos até certo ponto.

Uma falange de droides cápsula flutuou para um lado da matriz, todos equipados com unidades de resfriamento capazes de enviar rajadas de ar invernal onde quer que fossem necessários. Keven os manteve na reserva até

agora, mas estava claro que a hora havia chegado.

Ele bateu em seu datapad, e vários dos droides cápsula voaram para o Nodo Cinco, lançando ar frio de seus acessórios de ventilação que imediatamente baixaram a temperatura. Bem. Foi bom.

Contanto que o refrigerador dos droides cápsula resistisse, e contanto que ele não perdesse muito mais droides de navegação. Cinquenta e sete mil setecentos e doze, agora, e ele realmente não deveria ter tentado isso com menos de setenta e cinco mil.

O Nodo Sete estava começando a ficar quente e Keven aprendera a lição. Ele enviou mais alguns droides cápsula naquela direção para esfriá-lo antes que algo desse errado.

Isso pode funcionar, ele pensou. *Eu consigo fazer isso.*

O Nodo Quatorze ficou online, modelando a décima nona Emergência, e sobrecarregou imediatamente, com força, cinquenta droides estavam imediatamente disparando o mesmo conjunto de faíscas que o Nodo Cinco acabara de produzir. Talvez um erro na ligação, talvez tenha sido apenas uma parte particularmente complexa da simulação.

— Não! — Keven gritou.

Ele estava vagamente ciente das vozes em sua vizinhança, fazendo perguntas, oferecendo conselhos, preocupações... ele não podia perder tempo para eles, nem mesmo um momento. A matriz estava à beira de uma falha em cadeia.

Vinte droides cápsula passaram para o Nodo Quatorze, metade do que tinha sobrado, e eles mal estavam a dois terços do caminho até da simulação.

Eles vão me culpar, ele pensou. Eles vão dizer que foi minha culpa. Eu só estava tentando ajudar. Eu fiz o meu melhor. Eu fiz o meu...

Uma mão tocou seu braço e Keven deu um pulo. Ela parecia, era a Jedi, Avar Kriss. Alguns passos atrás dela, o outro, Elzar Mann, eles sempre pareciam estar juntos.

— Fique calmo. — disse ela, e ele estava. Ele se sentiu melhor apenas por tê-la ali.

— O que está acontecendo? — Avar perguntou.

— A matriz está produzindo muito calor, mas não posso parar a simulação agora. Ou vai até o fim, ou não terá havido nenhuma razão para tudo isso. Ainda não aprendemos nada novo. Se pararmos agora, é tudo um desperdício. — Outra chuva de faíscas, Nodo Onze. Trezentos e oitenta e dois droides mortos, todos de uma vez. Cinquenta e sete mil duzentos e oitenta e cinco restantes.

Keven enviou o resto de seus droides cápsula para esfriar essa seção, o que funcionaria um pouco, mas um olhar para o datapad mostrou a ele pelo menos mais quatro nodos com sérios problemas.

Os nodos três e oito explodiram. Cinquenta e três mil, quatrocentos e doze. Se eles ficarem abaixo de cinquenta mil, acabou.

Nenhuma quantidade de remodelagem e balanceamento de carga criaria poder de processamento onde ele não existia.

A brisa morreu e aquele pouco de resfriamento adicional que fornecia desapareceu. Não havia mais nada que ele pudesse fazer. Tinha acabado.

Avar Kriss continuou a usar a Força para ajudar o jovem a conter o pânico. Não foi fácil. Keven Tarr queria estar fora de controle. Ele sentiu culpa, vergonha, frustração... nenhuma das quais era justa ou merecida, provavelmente, mas as emoções eram raramente lógicas.

Ela olhou para Elzar.

— Alguma ideia?

— Ele precisa esfriar tudo? — Isso, foi o que ele disse.

— Certo, — Elzar disse, seu tom pensativo. — Posso ter tido uma ideia. Nunca tentei, mas na teoria funciona. Você será capaz de sentir o que estou fazendo. Qualquer coisa que você puder fazer para ajudar seria apreciada. Eu não imagino que serei capaz de fazer isso sozinho.

Elzar sentou-se no chão, cruzando as pernas, então ergueu os braços e fechou os olhos. Avar aproximou-se, tentando seguir o que ele estava fazendo. Ele estava convocando a Força..., mas para fazer o quê?

Ela suspeitou que este era um de seus... refinamentos. Ideias estavam constantemente surgindo em sua cabeça, maneiras que a Força poderia ser usada para fazer coisas novas, novas maneiras do lado da luz responder ao seu chamado. Ele falhou, o tempo todo, mas ela encontrou o seu compromisso de trazer novas ideias para inspirar os Jedi. Para Elzar Mann, o que os Jedi eram não estava nem perto de ser tão interessante quanto o que eles poderiam ser.

Avar ouviu a música da Força... e de repente ela entendeu o que Elzar estava tentando fazer.

Impossível, ela enviou a ele, um conceito básico o suficiente para ser transmitido através da ligação emocional muito frouxa que a Força poderia

dar a eles.

Ele sorriu, sem abrir os olhos.

Ajude-me, ele mandou de volta.

Elzar Mann estava falando para o ar. Estava quente aqui na superfície, acima dos droides trabalhando furiosamente, mas muito mais fresco no alto acima. O ar quente estava subindo, como gostava de fazer, mas lentamente. Não rápido o suficiente.

Ele pediu à Força para ajudar com isso, e ela respondeu, embora vagarosamente. O ar era mais pesado do que parecia.

Então, um alívio, e ele soube que Avar estava com ele. Isso foi bom. Tudo era mais fácil quando ela estava ao seu lado.

Literalmente, na verdade, ele abriu os olhos brevemente para ver que ela se ajoelhou ao lado dele, os antebraços descansando frouxamente sobre as coxas dela, as palmas das mãos voltadas para cima e os olhos fechados, o rosto voltado para o céu.

O pequeno pedaço de ar aquecido subiu mais alto, ambos os Jedi criando correntes para soprar no céu acima do planalto. Isto fez muito pouco para resfriar os droides de navegação da matriz, embora essa não fosse realmente a ideia aqui.

A medida que o ar quente subia, ele alcançava zonas mais frias no alto da atmosfera. O ar aquecido carregava umidade com ele, evaporado da superfície. Essas minúsculas moléculas de água se encontraram, tocadas, conectadas.

Elzar e Avar fizeram isso juntos, cutucando o ar, ajudando-o a fazer o que queria fazer de qualquer maneira, ajudando os pedaços de água individuais a se tornarem um. Elzar sentiu algo como exultação. Não orgulho, esse não era o jeito Jedi, mas alegria de um trabalho difícil sendo bem feito, por duas pessoas se conectando em um nível profundo, sem qualquer necessidade de explicar uma à outra o que eles estavam fazendo.

Eles sempre foram assim, desde seus dias de Padawan. A conexão deles tornou muitas coisas melhores, mas se ele estava sendo honesto consigo mesmo... isso também piorou algumas coisas.

Os dois Jedi trabalharam. Elzar sentiu a exaustão tomando conta dele. Ele e Avar estavam trabalhando apenas com uma pequena região da atmosfera,

um volume de ar relativamente pequeno. Moldá-lo, moldá-lo, tentando trazê-lo a uma massa crítica que deixe os sistemas climáticos da lua fazerem o resto do trabalho, essencialmente criando uma semente, mas ainda assim foi cansativo. Derramou um pouco em seu corpo, e ele sabia que era apenas parcial devido ao calor que subia da matriz. Cada respiração tornou-se um esforço, e seu peito parecia que estava sendo pressionado em um torno, como se o ar que se movia acima estivesse sendo sugado diretamente de seus pulmões.

Mas Elzar Mann não parou, nem Avar Kriss, e lentamente, algo começou a aparecer no céu acima do planalto. Enorme, escurecendo gradualmente com o passar dos momentos.

Uma nuvem.

Cinquenta e um mil e dezoito droides de navegação permaneceram, e enquanto Keven conseguiu manter a simulação intacta, a tela de vídeo agora exibia a trigésima primeira Emergência, o que significava que estavam a poucos minutos de serem capazes de mover as últimas modelagens que tinham acontecido para projetar coisas que *iriam* acontecer, mas não havia nenhuma maneira de garantia que a matriz duraria tanto tempo. Cada droide restante estava vermelho, mesmo os modelos mais avançados. Keven estava manobrando os droides cápsula acima de toda a gama em grandes arcos extensos, tentando esfriar a coisa toda de uma vez. Isso estava funcionando, até certo ponto, fazendo-os ganhar segundos adicionais, mas seu datapad também exibia suas reservas de refrigeração e a maioria estava reduzida a um dígito.

Nesse ponto, tudo o que ele poderia esperar era que eles pudessem prever uma Emergência ou duas... até mesmo algumas poderiam ajudar a prevenir uma tragédia futura. Eles quase certamente não seriam capazes de encontrar o sistema de registro de voo da *Legacy Run*, que era obviamente o objetivo secundário de tudo isso, iria ajudá-los a entender o que tinha acontecido aqui e, esperançosamente, evitar que isso ocorra novamente.

Mas você pegaria o bem de onde o encontrasse, e então Keven continuou usando os sistemas que havia deixado, levando-os até onde ele pode, mesmo quando outras centenas de droides de navegação queimaram e morreram.

Algo atingiu sua nuca, assustando-o. Era macio, talvez um inseto, ou...

Outro impacto, desta vez nas costas da mão, enquanto ele se movia

rapidamente pela superfície de seu datapad, e ele percebeu o que estava acontecendo.

— Está... está chovendo. — ele ouviu o senador Noor dizer.

E de repente, com um estrondo de trovão, foi. Chuva, caindo sobre a matriz. O vapor sibilou dos droides de navegação super estressados, e Keven teve que passar a lateral da mão em seu datapad para limpar a água para que pudesse vê-lo. As temperaturas estavam caindo rapidamente, em todos os nodos. Os droides de navegação foram endurecidos para operação a vácuo, um pouco de água não faria mal a eles.

Nuvens de vapor subiram da matriz e Keven se virou para olhar, primeiro para os Jedi, Avar Kriss e Elzar Mann, que se ajoelharam lado a lado, braços erguidos, olhos fechados, tremendo com o esforço sustentado enquanto a chuva encharcava suas túnicas. Os Jedi pareciam que estavam tentando erguer uma nave estelar com as próprias mãos. O sol ainda brilhava no planalto, e a luz brilhava através da chuva, causando um espectro cintilante ao redor de ambos.

Além do esforço dos Jedi, a tela de vídeo finalmente exibiu algo novo: uma zona de espaço desabitado onde a trigésima quarta Emergência ocorreria.

Houve apenas trinta e três emergências até o momento.

O sistema funcionou. Estava prevendo a localização de emergências futuras e, enquanto a chuva segurasse, continuaria estável.

Keven percebeu que não havia falhado, afinal. Ele, Keven Tarr, filho de um fazendeiro de Hetzal Prime, havia hackeado o hiperespaço.

Que galáxia estranha era essa.

CAPÍTULO TRINTA

ELPHRONA

Porter Engle curvou-se até o pescoço de seu Steelee, sussurrando para o mesmo, enquanto acalmava seus músculos trêmulos com a Força.

— Você é um ser luminoso. — disse ele. — Não há dor, não há cansaço, não há medo. Você é luz e velocidade e não há nada mais belo neste mundo. Eu estou aqui com você. Estamos juntos. Faremos grandes coisas. Nós vamos salvar esta família.

A lâmina de seu sabre de luz zumbia enquanto ele cavalgava, perseguindo os bastardos que sequestraram quatro pessoas inocentes de sua própria casa. Como Loden os chamou? Os Nihil.

Porter Engle não estava zangado. Ele tinha sido um Jedi por quase três séculos. Ele sabia muito bem para onde a raiva o poderia conduzir. Ele havia encontrado uma maneira melhor de expressar suas emoções ao se deparar com situações como essa. Ele não estava zangado. Estava certo.

Certo de que uma grande injustiça fora cometida.

Certo de que ele poderia consertar.

E acima de tudo...

... ele estava absolutamente certo de que esses... *Nihil*... nunca fariam nada parecido novamente.

De uma forma ou de outra.

Ele havia assumido a posição inicial, cavalgando um pouco à frente de

Loden Greatstorm e Bell Zettifar. Ele gostava dos dois. Loden tinha um senso de humor sobre as coisas que era muito bem-vindo entre os Jedi. Porter conheceu muitos em sua Ordem que levava as coisas muito a sério. A vida era longa e eles tinham o dom da Força. Por que ser estoico? Os juramentos não significariam que eles estavam mortos.

E Bell... Bell era um jovem maravilhoso. Ainda se descobrindo, mas tinha apenas dezoito anos. Ele não deveria saber muito sobre si mesmo nessa idade. Mas algum dia, ele seria o tipo de Jedi considerado um exemplo para as gerações futuras.

Supondo que Loden não o mate no treinamento primeiro.

Porter voltou a concentrar-se na tarefa em questão. Encostas de pedra de ferro denteadas subiam de ambos os lados e o caminho à frente estreitou. Os Jedi não diminuíram a velocidade, mas colocaram seus Steelees em linha, movendo-se pelo cânion em fila única. Os Nihil com seus cativos ainda estavam um pouco à frente, mas os Jedi estavam se aproximando. Não demoraria muito agora. Ele relembrou batalhas há muito tempo, elaborou estratégias para situações de reféns. Os Nihil claramente pensavam que a família era valiosa, e não gostariam de machucá-los desnecessariamente. Isso deu a Porter e sua equipe uma vantagem. Ainda assim, eles precisariam mover-se rápido. O melhor seria para um deles, Loden, provavelmente, usar a Força para libertar a família dos Nihil, enquanto ele e Bell cuidavam dos sequestradores.

As probabilidades eram de que os Nihil nunca tivessem lutado com os Jedi antes, a maioria das pessoas não tinham, e mesmo que tivesse ouvido histórias, meras palavras não podiam fazer justiça à experiência. Portanto, eles podem não saber o quão tolo seria tentar lutar usando tiros de blaster.

Um raio blaster disparado contra um Jedi era essencialmente o mesmo que atirar em você...

O menor sinal de perigo, seja algum sinal da Força ou apenas longos instintos aprimorados de muitos outros passeios através de muitos outros cânions estreitos com inimigos no horizonte. O som de um rifle blaster disparando. Porter Engle chicoteou seu sabre de luz, movendo-se para desviar o ataque, mas não era direcionado a ele. Seu Steelee ergueu-se, a dor enchendo sua mente e coração e ecoando por Porter. Ele retirou o cinto que o prendia ao animal e saltou livre enquanto desabou no chão, cavando sulcos na terra dura com seus cascos metálicos. Ele deu uma cambalhota no ar, usando seu sabre de luz para rebater mais alguns tiros. Os Nihil tinham claramente se escondido nas colinas, esperando para emboscar os Jedi.

Porter pousou.

— Covardes, — ele cuspiu.

Mais rajadas choveram, de ambos os lados, mas agora ele tinha os ângulos calculados e os ângulos e o ritmo dos tiros de blaster lhe contaram a história. Apenas dois atiradores.

— Continue! — ele gritou para Loden, que diminuiu ligeiramente a velocidade de sua montaria. — Não deixe os outros Nihil levarem aquela família para a sua nave! Vou cuidar desses monstros e me juntar a vocês assim que puder.

Loden acenou com a cabeça sem dizer uma palavra, e ele e Bell correram à frente, desviando alguns tiros errados enquanto avançavam. Porter Engle estava sozinho no desfiladeiro, o corpo de sua montaria morta não muito longe, um nobre animal que tinha apenas feito o seu melhor.

— Vocês se acham inteligentes, hein? — ele chamou. — Atirou em meu Steelee por baixo de mim.

Silêncio nas colinas. Sem tiros, sem movimento. Talvez eles fossem, de fato, mais espertos do que ele acreditava. Eles estavam, sem dúvida, circulando ao redor, tentando acertá-lo de um novo local. Deixe-os. Ele gritou em direção às pedras tombadas acima.

— Antes de você matar meu Steelee, admito que não tinha decidido como lidar com você. Todas as possibilidades estavam na mesa. Mas aquela criatura vivia na luz e você a roubou. Vocês não tinham o direito. Obrigado por me mostrarem exatamente o que vocês são. Torna as coisas muito mais simples para mim.

Ele girou lentamente, seu sabre de luz para cima, examinando as colinas. Ele sabia o que iria acontecer. Qualquer um que visou a montaria de um homem, em vez de atirar nele de maneira justa, qualquer um que atacasse de emboscada, também era o tipo de homem que iria...

Tiros de blaster, três tiros, bem nas costas. Claro.

Porter girou, bloqueando o primeiro, o segundo e mandando o terceiro de volta de onde tinha vindo. Movimento das rochas, e ele saltou, mais alto do que tinha certeza que esses covardes Nihil teriam pensado ser possíveis. Em linha reta e ele viu o homem que atirou nele. Porter jogou seu sabre de luz, e ele cortou, um disco giratório, inevitável. O atirador Nihil se abaixou atrás de um afloramento ferrífero, pensando que iria protegê-lo. Não protegeu. A lâmina cortou a rocha e depois cortou o homem, e Porter lamentou que um ser vivo e pensante, um filho da Força, tinha feito escolhas que o trouxeram a tal fim.

O segundo da emboscada atirou em Porter antes que ele pousasse de seu

grande salto, e antes que ele pudesse recuperar seu sabre de luz. Ele estava no ar, sem sua forma primária de proteção, tornando a situação um pouco complexa de lidar, mas os Jedi perdiam suas armas de vez em quando, e qualquer Cavaleiro Jedi que valesse o título gastava horas desenvolvendo estratégias para defesa desarmada.

Porter Engle estendeu a mão com a Força, palma para fora, e desviou o tiro para trás, enviando-o de volta para as colinas. Não foi estritamente necessário. Ele poderia ter empurrado para longe com sua mente, ou congelado no lugar. Mas sacudir um raio blaster como um inseto... fez uma declaração certa.

— Eu vi você, amigo. — Ele gritou, chamando seu sabre de luz de volta para ele. — Vi exatamente onde você está se escondendo.

O punho bateu em sua mão com um *Paf* que sempre achou totalmente satisfatório, seus dedos grossos deslizando para dentro dos sulcos desgastados no cilindro de metal por dezenas de milhares de horas de prática e combate.

— E logo eu vou te ver de novo, — ele chamou.

Porter Engle correu em direção à colina, movendo-se mais rápido do que o Nihil provavelmente poderia ver, saltando para cima e de um lado para o outro. Sem mais tiros de blaster. Ele teve a sensação de que o sobrevivente Nihil pensou melhor sobre toda esta emboscada e estava correndo dele.

Quando ele chegou ao topo da colina, ele descobriu que estava certo. O Nihil estava sentado em outro Steelee, tentando fazer a besta se mover, cravando os calcanhares nas laterais. Ele não estava gritando com a pobre criatura, sua cabeça baixa e cascos cravados com força, ele sabia que era melhor não fazer esse tipo de barulho, mas Porter sabia que sob circunstâncias normais ele o estaria amaldiçoando, usando todos os juramentos horríveis que ele poderia sonhar.

— Aposto que foi você que atirou no meu animal. — disse Porter.

O Nihil girou, seu blaster disparou, e o conflito terminou da única maneira possível.

Porter estava absolutamente certo.

O Nihil tombou do Steelee, um buraco fumegante em sua máscara.

Porter Engle não perdeu mais tempo com ele. Ele desativou seu sabre de luz e colocou-o no coldre, então aproximou-se do Steelee traumatizado, com a mão estendida.

— Ei, cara... — ele disse. — Você é um ser luminoso. O que você acha de você e eu fazermos algo de bom?

O Steelee olhou para ele com os olhos arregalados. Ele tocou seu flanco e ele se acalmou. Ele envolveu as mãos em seu freio, preparando-se para subir na sela.

E então o Nihil com o buraco na máscara *se sentou*. Ele ergueu o seu blaster para disparar, e Porter Engle percebeu que o invasor provavelmente pertencia a alguma espécie que mantinha seu cérebro em outra parte do corpo, o que significa que ele poderia sobreviver a um tiro na cabeça, o que significa que Porter Engle, cujas mãos estavam ocupadas com o Steelee, estava prestes a morrer.

Esses pensamentos passaram por sua cabeça, junto com um estranho momento de tristeza sobre uma melhoria para uma de suas receitas de torta que ele agora nunca experimentaria e preparou seu espírito para se juntar à Força.

Um borrão preto, cinza e vermelho-alaranjado saltou das rochas, diretamente no ferido Nihil.

Ember, Porter Engle pensou com espanto. Ele tinha se esquecido completamente dela.

A charhound abriu as mandíbulas e cuspiu uma enorme gota de chama amarela, envolvendo o Nihil antes que ele pudesse usar seu blaster para se safar. Um grito estranho e vazio emanou da máscara do invasor, e ele rolou no chão, tentando apagar o fogo que consumia seu corpo. Ember não parou, apenas continuou incendiando o Nihil até que ele parou de gritar e então parou de se mover.

Então ela fechou a boca e caminhou até Porter Engle, que cautelosamente se abaixou e a arranhou atrás de uma orelha. Ela estava quente, como seu forno no posto avançado. Ele supôs que fazia todo o sentido. Ela deve ter seguido eles todo o caminho desde a herdade destruída, ele e seus companheiros Jedi estavam tão focados em perseguir os Nihil que não pensaram em considerar quem podia estar perseguindo-os.

— Boa menina. — disse ele. — Menina muito boa.

Porter subiu a bordo do Steelee, e ele partiu, desceu a encosta em um passo rápido com Ember galopando ao lado, correndo atrás de Bell e Loden e a família que eles estavam tentando salvar.

Loden Greatstorm e Bell Zettifar haviam ganhado terreno de forma constante em direção aos Nihil que estavam perseguindo, mas não estavam completamente perto. Agora as naves dos sequestradores estavam visíveis,

estacionadas na areia cor de ferrugem do lado de fora da zona de voo. Duas, parecendo pilhas de cubos e pontas soldadas, e ambas marcadas com as três linhas que tinham visto na porta da herdade dos Blythe. Os Nihil quase alcançaram as naves, juntos com seus prisioneiros, ainda sendo puxados no pequeno carrinho.

— Nunca os pegaremos a tempo. — disse Bell.

— Eu sei. — disse Loden.

Ele tirou as mãos das rédeas de sua armadura do Steelee, mas a criatura não diminuiu seu galope forte, disparando faíscas a cada passo. Bell presumiu que seu mestre estava conduzindo sua montaria por meio dos joelhos e uma aplicação judiciosa do Força. Em um único movimento suave, Loden balançou o tubo de metal que havia resgatado do Vanguard destruído em torno de seu corpo, colocando-o sobre um ombro. Ele puxou o sabre de luz do coldre, bateu contra a placa plana conectada aos componentes eletrônicos do tubo, e a unidade de força na extremidade oposta acendeu uma luz dourada brilhante, da mesma cor que a lâmina de Loden.

Bell percebeu o que Loden havia tirado de seu veículo, o canhão laser do Vanguard, sua anti-nave com chave kyber. Ele prendeu a respiração. Ele não podia acreditar que isso estava para acontecer.

Loden *disparou* e um raio de luz dourada disparou do final do tubo, como uma lâmina de sabre de luz, mas de alguma forma mais densa. As pontas de uma lâmina de sabre desbotaram em uma brancura intensa, mas esta explosão engrossou, escureceu, em um âmbar como os primeiros raios de um nascer do sol de outono. E o som, Bell ouviu com os ossos, não com os ouvidos. No momento do disparo da arma, todos os outros sons cessaram.

O Steelee de Bell empinou e ele teve que lutar para mantê-lo sob controle, e por isso perdeu o impacto do raio. Ele o ouviu, no entanto, um som totalmente único de metal sendo superaquecido em um instante e se transformando em vapor, seguido por dois *tunks* distintos.

Quando a sua montaria estava calma, avançou novamente para alcançar Loden, cujo Steelee não havia perdido um passo, é claro, Bell viu o que a arma tinha feito. Uma das duas naves dos Nihil foi cortada ao meio, a seção intermediária da nave simplesmente... se foi. As duas bordas restantes haviam caído no chão, faíscas e chamas já disparando das bordas superaquecidas.

— Uau. — disse Bell.

Ele cutucou seu Steelee para aumentar a velocidade e chamou Loden.

— Pegue a outra nave!

— Eu não posso. — respondeu seu mestre, apontando para a frente com a arma fumegante antes de jogá-la para o lado, onde bateu no solo duro e metálico e foi deixado para trás em um instante.

Bell olhou para onde Loden havia indicado. Ele entendeu imediatamente. Os Nihil perceberam o perigo para aquela nave que eles deixaram, sua última rota de fuga restante, e se reposicionaram, movendo a carroça contendo a família sequestrada, por isso estavam diretamente na linha de fogo. O canhão do Vanguard não era uma arma de precisão, pelo menos não removido de seus alojamentos no veículo. Ele não podia arriscar o tiro, quase certamente acertaria a família.

— Talvez seja melhor, — Loden disse. — Se eu tivesse disparado duas vezes, a coisa toda poderia explodir em minhas mãos. Eu precisei deixar o módulo de resfriamento de volta com o V-Wheel. O que vamos fazer, Mestre? — Perguntou Bell. — Tudo o que pudermos. — respondeu ele.

Não é reconfortante. Se Loden Greatstorm estava sem ideias, as coisas estavam terríveis.

Eles estavam se aproximando dos Nihil, e as complicações da situação estavam começando a oprimir a capacidade de planejar. Ele teria que confiar na Força, deixá-la guiar suas escolhas.

Algo aconteceu mais à frente. Bell e Loden ouviram uma explosão de fogo e, um momento depois, uma pessoa foi atirada do carrinho. Os Nihil aceleraram, deixando o corpo deitado imóvel no chão duro.

— Aquilo não eram os Nihil. — disse Bell. — Sem máscara. Eles mataram um dos reféns? — Loden permaneceu em silêncio.

O Jedi correu para frente, os detalhes ficando mais claros a cada metro. A vítima era a mãe.

— Ela está viva. — disse Bell. — Eu ainda posso senti-la.

Como se para validar as palavras de Bell, a mulher ergueu um braço de onde estava, um gesto fraco e cheio de dor, mesmo em uma distância.

Atrás dela, os Nihil quase alcançaram sua nave.

Os Jedi alcançaram a mulher. Eles pararam seus Steelees e pularam das selas. Ela tinha um buraco com fumaça em seu lado, provavelmente não letal, pelo menos não imediatamente.

— Por favor, — ela disse, sua voz baixa, fina. — meus filhos, meu marido. Por favor, vocês têm que...

— Nós iremos, — Loden disse, sua voz confiante, se era real ou para o benefício da mulher, Bell não sabia. — Qual é seu nome?

— Erika. — disse ela. — Erika Blythe.

Loden estendeu a mão em direção a seu ferimento de arma de fogo.

— Erika, eu posso ajudar com seu ferimento, usando a Força. Eu posso estabilizá-lo por tempo suficiente para levá-la de volta ao nosso posto avançado, há tratamento médico lá.

— Mas minha família, disse ela, sua voz ficando mais forte enquanto Loden fazia o que podia por seu ferimento.

— Nós os salvaremos, — ele disse novamente.

Do outro lado do solo, os três ouviram o mesmo som, os motores da nave Nihil sendo ativados.

— Não! — Erika Blythe gritou, tentando lutar para ficar de pé. Bell não sabia o que ela pensava que poderia fazer, mas o desespero em sua voz era mais profundo do que qualquer dor que ela ainda pudesse estar sentindo. Loden se levantou, tirando o seu sabre de luz do coldre.

— O que é, Mestre?

A nave Nihil alçou voo, movendo-se para cima e para longe rapidamente. Loden acendeu sua lâmina. A nave fez uma curva no ar, virou-se e voltou. Direto para eles. — Eles vão matá-la?

— Não. — disse Loden. — Ela era uma isca. Eles sabiam que nós pararíamos para ajudá-la. Eles vão tentar *nos* matar.

A nave Nihil chicoteou em direção a eles, feia e brutal, os três raios pintados em seu casco em tinta reflexiva brilhando no brilho forte do sol de Elphrona.

— Fique atrás de mim, Padawan. — disse Loden. — Proteja Erika.

Como? Bell pensou. *Essa é uma nave estelar.*

Mas ele foi obediente. Na falta de outras ideias, ele se colocou entre a nave Nihil e a mulher ferida, e pegou seu sabre de luz. Loden mudou sua postura, colocando-se lado a lado com a nave estelar que se aproximava. Seu joelho da frente estava dobrado, e ele segurou o punho do sabre com as duas mãos. Ele parecia uma parede duraço. Imbatível.

Mas essa é uma nave estelar, Bell pensou novamente.

Os Nihil dispararam uma chuva de rajadas de lasers de sua nave. A maioria ia longe, uma pessoa era um pequeno alvo para uma nave estelar, mas por pouco eles estariam mortos.

Loden Greatstorm rugiu, um grito de batalha ecoando nas terras vazias de Elphrona. Seu sabre de luz brilhou, rápido demais para Bell

entender o que ele fez, e os raios de laser se dissiparam. Os pés de Loden derraparam para trás, levantando ferrugem e poeira colorida, e ele grunhiu,

como se tivesse sido atingido com força no estômago por um malho enorme e pesado. Ele caiu de joelhos, sua lâmina de sabre tremulando, enquanto a nave Nihil passava por cima.

— Mestre! — Bell gritou.

— Eu estou... bem, — Loden disse. — Mas... eu não acho que posso fazer isso... de novo.

Bell ergueu os olhos. A nave Nihil estava se aproximando para uma segunda corrida de ataque.

Ele acendeu o seu sabre de luz, a lâmina verde sacudindo em zumbido, zumbindo vida.

Ele se virou de lado para a nave estelar. Ele dobrou o joelho da frente. Ele fez para si uma parede através da qual nenhum mal poderia passar.

É impossível, ele pensou. *Se Loden mal pôde fazer isso...*

Pode não haver outra maneira. Também não havia escolha.

Bell estendeu a mão para a Força.

Tiros de laser, alto no ar. Cinco tiros.

Bell se preparou, olhando para dentro, não para cima.

Um novo som, uma explosão, como uma tosse, abafada.

Aquilo foi...

Ele ergueu a cabeça no momento em que dois vetores Jedi sobrevoaram a nave Nihil, que agora vazava uma espessa fumaça escura de um de seus motores.

Eles circularam em uma curva incrivelmente estreita, um Drift de duas embarcações, e quando inclinaram, Bell viu que apenas uma das naves na verdade tinham um piloto.

— Indeera. — disse Loden, empurrando-se dolorosamente para ficar de pé. — Pela luz, olha só para ela.

Espantado, Bell percebeu o que estava vendo. Indeera estava voando em *ambas as naves*. Algumas das funções dos vetores podem ser operadas remotamente por meio da Força em casos de emergência extrema, mas operar era uma coisa e pilotar era outra.

Indeera estava espelhando seus movimentos em seu próprio Vetor na segunda nave, um feito de concentração que Bell mal conseguia compreender.

Foi espetacular.

Os Nihil pareciam mais apavorados do que impressionados. A nave deles sacudiu e se dirigiu para o céu aberto, acelerando lentamente, deixando um

rastro de fumaça.

Os dois vetores chegaram para pousar não muito longe de Bell, Loden e Erika, não tão suave quanto poderiam, deslizando ao longo do solo um pouco antes de parar, mas considerando o que Indeera estava fazendo, Bell não estava inclinado a criticar.

Os dois cabines se abriram e Indeera se levantou.

— Vamos! — ela falou. — Podemos tentar pegá-los antes que cheguem à zona de acesso ao hiperespaço e pular longe.

Loden se virou para Bell.

— Eu levaria você, aprendiz, mas você precisa levar Erika de volta ao posto avançado. Você tem dois Steelees. Quando você estiver lá, coloque-a no ala médica e...

— Eu sei o que fazer, Mestre. — Bell disse. Ele não estava exatamente desapontado, mas sabia onde mais poderia ajudar, e não era lentamente e cuidadosamente levando Erika Blythe de volta ao posto avançado.

— Ela não vai aguentar. — disse uma voz.

Bell e Loden se viraram para ver que Porter Engle havia aparecido, como se fosse do nada, Ember ao seu lado. Um terceiro Steelee estava por perto, e o antigo Jedi estava ajoelhado ao lado de Erika, com a mão pairando sobre a ferida dela.

— Isso é sério. Ela precisa de tratamento no caminho. Vou ter que levá-la de volta. Eu sou o melhor médico de nós quatro, de longe.

Loden não perdeu tempo. Os Nihil estavam ficando mais longe a cada segundo.

— Que a Força esteja com você, Porter. — disse ele. — Bell, venha comigo.

Ele correu em direção ao Vetor que o esperava.

— É hora de voar.

CAPÍTULO TRINTA E UM

ESPAÇO PROFUNDO. LONGBEAM DA REPÚBLICA, *AURORA III*.

Pikka Adren se alongou, sentindo os seus músculos relaxarem um pouco. Ela queria pedir a Joss para massagear seus ombros, mas a trigésima nona Emergência estava para acontecer tão logo que ela não queria arriscar estar fora do assento do piloto quando acontecesse. Eles ainda tinham alguns minutos, mas não havia motivos para se arriscar.

O seu marido poderia lhe fazer uma massagem mais tarde. Presumindo que "mais tarde" realmente chegasse. De alguma forma, eles foram arrastados pelos esforços para resolver toda a retrodifusão do desastre da *Legacy Run*, e isso era muito bom, eles estavam recebendo um adicional de periculosidade e fazendo algo nobre. Mas eles supostamente deveriam estar de *férias*. Ela marcara uma viagem para eles até Amfar assim que seu turno ajudando a construir o Farol Estelar terminasse, e esses dias vieram e passaram. Ela perdera o depósito, e não tinha ideia se a República cobriria isso, e...

Ugh. Ela estava tão irritada consigo mesma por focar em algo tão mesquinho. Ela e Joss estavam literalmente salvando a galáxia aqui. Ou pelo menos um bom pedaço dela.

Mas ainda assim. Ela deveria estar em uma praia agora, vestindo algo bem pequeno, bebericando algo delicioso, deitada ao lado de seu belo marido que também estaria vestido em algo pequeno, pensando sobre mais tarde, quando ambos descartassem mesmo aquelas coisinhas e pensassem em meios

criativos para fazer um ao outro se sentirem bem.

— Você está pronta, minha querida? — Joss disse.

Ele soava animado. Claramente ele não estava pensando que preferia estar em uma praia. Ele vivia por essas coisas.

Mas realmente, ela pensou, *eu também.*

Um casal de trabalhadores contratados salvando os Territórios da Orla Exterior, juntos, com estilo. Não era tão ruim.

— Pronta, meu querido. — ela disse, colocando as mãos de volta no console.

— Acabei de checar com o resto da equipe. — Joss disse. — Todos estão prontos para ir. Seja lá o que apareça, podemos lidar com isso.

Pikka murmurou concordando, tirando sua mente de Amfar e de volta para a tarefa em questão. De alguma forma a República descobrira como prever quando as Emergências ocorreriam, ela ouvira uma história sobre um mega-processador feito de dezenas de milhares de droides conectados à Força que podiam prever o futuro, mas isso com certeza deveria ser bobagem. Em qualquer caso, eles identificaram três pontos como os candidatos mais prováveis para onde o gravador de voo da *Legacy Run* emergiria, e montaram uma equipe para interceptá-lo, um após o outro.

Outras equipes trabalhavam para resgatar possíveis sobreviventes de outros locais de Emergências, era possível que alguns ainda pudessem estar vivos em módulos de passageiros apesar do longo tempo desde o desastre original, e todos os esforços estavam sendo feitos para levá-los para casa. Essas missões eram obviamente extremamente importantes, elas podiam fornecer informações sobre como a nave fora destruída em primeiro lugar, e ajudar a impedir de acontecer novamente.

O bloqueio do hiperespaço da Orla Exterior ainda estava em vigor, e Pikka sabia que muitos mundos estavam sofrendo. Ela ouvira rumores de revoltas por comida nas cidades em cratera de Utapau, mesmo a Chanceler Soh tendo autorizado envios de ajuda especiais. E é claro, a construção do Farol Estelar finalmente fora completada, mas a dedicação e abertura oficial estavam em espera. Como questão de orgulho profissional, isso doía um pouco. Aquele lugar seria lindo, e ajudaria tantas pessoas. Ela e Joss trabalharam duro em sua pequena parte dele, e ela queria vê-lo operando a tempo.

A equipe de resgate incluía Longbeams e dois Vetores Jedi, eram seus velhos amigos Te'Ami e Mikkel Sutmani, o que fazia sentido. Afinal, os quatro desenvolveram a técnica usada em Hetzal que salvara a Lua Frutífera

durante o desastre original. Eles refinaram aquelas ideias, e agora, seja lá o que acontecesse, eles estariam prontos.

Pikka pensou que essa Emergência seria provavelmente apenas um pedaço de escombro, nada interessante nele. Sendo assim, eles poderiam deixá-lo passar. Eles estavam em uma região do espaço inabitável, longe de qualquer coisa que um pedaço de uma antiga nave espacial pudesse ameaçar.

— Armas prontas. — ela disse. — Todo o resto está pronto também, pinças magnéticas, o combustível parece bom, tudinho.

— Ótimo. — Joss disse. — Assim que acabarmos aqui, teremos que zarpar para o próximo local de Emergência. Mal teremos tempo de chegar lá.

— Você realmente acha que podemos entrar em combate? — Ela perguntou.

— Duvido, mas você viu o que aconteceu em Eriadu. Mais alguém por aí previu uma Emergência, também. Três, na verdade. Estamos procurando por uma nave chamada *Terceiro Horizonte*, uma corveta modificada. O Almirante Kronara falou sobre isso na reunião da missão. Não sabemos como eles estão envolvidos, mas há pelo menos alguma chance de aparecerem aqui, também. Precisamos estar preparados para qualquer coisa. Se entrarmos numa luta, entramos na luta.

Particularmente, Pikka planejava simplesmente deixar os Jedi cuidarem disso, se chegasse a uma luta, ela não tinha medo de um tiroteio, mas era basicamente uma mecânica. Ela estava mais do que feliz em deixar o combate para os altamente treinados feiticeiros do espaço.

— Lá vem. — Joss disse. — Trigésima nona Emergência, em cinco, quatro, três...

— ... dois, um. — Belial disse, de seu posto na estação de monitoramento. — *Lá está ela*.

— Escaneie, e me diga se parece com o gravador de voo. — Lourna Dee disse. Ela estava parada com os braços cruzados na ponte de sua capitania, a *Lourna Dee*, olhando para a pequena frota que a República juntara para a sua pequena missão. Bando de heróis. Viva.

Lourna Dee amava sua nave, e era por isso que ela a nomeara em homenagem a si mesma. Qualquer um que tivesse um problema com isso era bem-vindo para discutir isso com ela. Até então, ninguém viera.

Cada um dos Viajantes da Tempestade de Marchion Ro tinha uma nave

de guerra pessoal, um testamento do gosto de seu dono bem como as possibilidades inerentes aos Nihil como uma organização. Trabalhe duro, cace direito, siga os Caminhos, e você, também, poderia algum dia possuir um cruzador de batalha personalizado. A *Terceiro Horizonte* de Kassav se parecia com o interior de uma boate vulgar. A nave de Pan Eyta, a *Elegância*, era bonita, com superfícies cobertas em couro macio, e iluminação projetada para acentuar perfeitamente cada pequena escolha de design de bom gosto que ele fizera.

A *Lourna Dee* era única de uma maneira completamente diferente.

O cruzador era equipado com todos os tipos de dispositivos e escudos que a deixavam impossível de ser pega em um escâner. Defletor de calor, revestimento blindado, motores duplos que reciclavam quase toda sua assinatura de exaustão para os sistemas de suporte de vida e armas. Custou uma pilha de créditos, mas fazia sua capitânia Tormenta quase invisível mesmo para os sensores mais poderosos.

Geralmente, um ataque da *Lourna Dee* acontecia assim: o piloto inimigo pensava *espere, de onde aquela nave ve...* e então eram explodidos.

Aqui... bom, ainda estava por ver. A *Lourna Dee* tinha poder o bastante para aguentar quatro Longbeams e alguns delicados Vetores, se ela pudesse pegá-los de surpresa e se manter em movimento. Mas isso podia significar revelar sua nave, e isso *não* estava no menu dessa operação. Os Viajantes da Tempestade entraram em um raro acordo quando votaram para aprovar essa missão: Os Nihil precisavam evitar *qualquer* sugestão de conexão às Emergências ou a *Legacy Run*.

Haviam duas razões para isso. Primeiro, obviamente, o enorme fracasso de Kassav em Eriadu. Sua tentativa estúpida de extorquir aquele planeta, uma que deu tão errado *e* uma tentativa tão óbvia para tomar todos os ganhos daquele serviço para si, jogou um holofote não bem-vindo nos Nihil. Os Eriaduanos espalharam o nome e as especificações da nave de Kassav por toda a HoloNet. Mesmo que não houvesse conexão direta com os Nihil, ainda era mais pressão do que queriam. E depois de tudo, Kassav tivera a audácia de vir rastejando de volta para o Grande Salão. Ele oferecera os trinta milhões de créditos que disse ter conseguido no serviço em Eriadu e pediu por proteção.

Pan Eyta e Lourna Dee queriam jogar Kassav para fora do salão ali mesmo, da maneira difícil, mas Marchion Ro votou por mantê-lo por perto, para dar a ele a chance de consertar a bagunça. Disse algo sobre como sua experiência podia ser útil, já que ele era veterano, e como a Tempestade dele era tão leal... talvez não fosse uma boa hora para agitação nas tripulações.

Principalmente, no entanto, porque Kassav não teve um voto e era ela e Pan contra os dois votos de Marchion, e já que pela tradição Nihil empates iam para o Olho... Kassav ainda estava por aí.

A *segunda* razão para essa missão ser tão importante era por causa de algo que Marchion Ro descobrira com um de seus espiões da República, o principal assessor daquele senador falastrão da Orla Exterior sempre tagarelando na HoloNet, Noor. De acordo com o espião, a investigação da República encontrara provas bem conclusivas de que a razão pela qual a *Legacy Run* explodira era porque encontrou uma nave Nihil na pista do hiperespaço, viajando por um Caminho. Marchion analisara alguns dados, e parecia plausível. Uma surpresa não muito bem-vinda aquela.

E agora a República construíra um tipo de super droide que podia fazer análises de alto nível sobre o hiperespaço. Isso deu a eles a hora e a localização de todas as Emergências vindouras, incluindo algumas onde o gravador de voo da *Legacy Run* poderia aparecer. Se os investigadores da República o encontrassem, eles provavelmente poderiam usá-lo para ter uma prova definitiva de que os Nihil estavam conectados a *tudo*, não apenas o serviço fracassado de Kassav em Eriadu, o qual podia ser discutido se aconteceria ele estando lá ou não, mas também todas as mortes em Hetzal, as mortes em Ab Dalis e o resto. Jedi morreram em Hetzal. Se eles soubessem que os Nihil eram a razão... bom, Marchion Ro parecia bem cauteloso com a Ordem, e Lourna Dee não gostava muito da ideia deles vindo atrás dela, tampouco.

A inteira operação Nihil estaria em risco. A República não podia ser capaz de encontrar aquele gravador. Eles precisavam destruí-lo, e realmente só havia uma Viajante da Tempestade para o trabalho... Lourna Dee com sua corveta de batalha furtivamente equipada.

Então lá estava ela, à espreita no sistema para o qual Marchion Ro a enviara pelo Caminho, permanecendo escondida, esperando para ver se essa Emergência daria a ela seu alvo, ou se ela precisaria se mover para o próximo local da lista do Olho.

— Não é o gravador. — Belial disse, olhando para as telas.

O Devaroniano era apenas um Cloud, não ainda um Storm, mas Lourna Dee pensava que ele subiria de nível muito em breve. O cara era esperto, capaz. Frio em uma crise. Sem emoções. Pessoas assim encaixavam bem em sua organização.

— Parece ser um dos compartimentos de passageiros.

— Huh. — um dos outros tenentes disse, um humano chamado Attaman. — Você acha que ainda estão vivos lá? Eles devem estar viajando pelo

hiperespaço por semanas.

Lourna Dee não respondeu. Ela assistiu os pequenos clarões de luzes à distância enquanto a equipe da República partia para a ação, fazendo suas coisas heroicas, trabalhando em um resgate, sem dúvidas, heroico.

Ela quase deu a ordem para atirar. Ela queria.

Uma distribuição de mísseis talvez pudesse levar todas as seis naves e o compartimento de passageiros da *Legacy Run* também, tão rápido que nem mesmo teriam tempo para perceber que estavam mortos.

Mas por mais satisfatório que isso fosse, poderia dar errado, e eles já tinham pressão o bastante neles. Marchion fora extremamente claro, à beira de dar a ela uma ordem.

— Não os deixe saber que você está lá a não ser que precise. A menos que o gravador de voo apareça, você simplesmente segue em frente. — ele dissera.

Ela precisaria colocá-lo em seu lugar qualquer hora dessas. Havia uma hierarquia a ser observada. Honestamente, ela desejava poder tirá-lo do quadro totalmente, e se não houvesse uma oportunidade ela simplesmente acabaria brigando com Kassav e Pan Eyta, também, ela provavelmente arriscaria. Ganhando ou perdendo, ela duvidava que Marchion a culpasse por isso. Esse era o jeito Nihil.

Talvez mais tarde, quando toda a pressão da situação da *Legacy Run* diminuísse.

— Ajuste as coordenadas e nos tire daqui. — Lourna Dee disse.

Marchion Ro fornecera os Caminhos para a operação toda, rotas através do hiperespaço que assegurariam a eles chegar à próxima localização bem antes da equipe da República. E se aquela Emergência fosse por acaso o gravador de voo, bom.

Talvez ela pudesse matar alguém hoje afinal.

— É isso. — veio a voz de Joss Adren pelo comunicador. — Os escâneres confirmam que a quadragésima Emergência é a seção da ponte na qual o gravador de voo da *Legacy Run* está contido. Raios me partam, eu não sei como o megadroide da República descobriu, mas eles acertaram em cheio. Todo mundo, em posição. Estamos com uma Longbeam a menos, mas temos planejamento para isso. Usaremos o plano de resgate quatro, baseado na trajetória do fragmento, esse funcionará melhor. Apenas fiquem tranquilos e

façam sua parte.

— É isso. — veio a voz de Joss Adren pelo comunicador. — Os escâneres confirmam que a quadragésima Emergência é a seção da ponte na qual o gravador de voo da *Legacy Run* está contido. Raios me partam, eu não sei como o megadroide da República descobriu, mas eles acertaram em cheio. Todo mundo, em posição. Estamos com uma Longbeam a menos, mas temos planejamento para isso. Usaremos o plano de resgate quatro, baseado na trajetória do fragmento, esse funcionará melhor. Apenas fiquem tranquilos e façam sua parte.

Mikkel Sutmani empurrou o manche para frente, e seu Vetor disparou em frente. Ele sentiu Te'Ami fazendo o mesmo em sua asa à estibordo, em algum lugar fora de alcance. Ele podia ver as três Longbeams restantes à frente, movendo-se em posição.

A quarta Longbeam em seu grupo original ficara para trás no último local de Emergência para ajudar os sobreviventes do fragmento da *Legacy Run*. Os colonos traumatizados precisavam de assistência médica e terapêutica, alguns deles morreram na jornada inimaginável, e o horror daquela experiência não seria resolvido facilmente. Eles seriam levados para *Panacea*, realocados de Hetzal para um ponto de coleta perto da localização do Farol Estelar, onde eles poderiam entrar em contato com os outros sobreviventes e lidar com o pessoal agora bem treinado nessas questões particulares. A situação era horrível, mas pelo menos eles estavam vivos, e não mais acelerando pelo espaço na direção de uma morte lenta e excruciante.

Mikkel tirou os sobreviventes de sua mente, focando na tarefa em questão. O papel deles aqui era basicamente o mesmo que fora em Hetzal durante o desastre original, usar a Força para desacelerar o pedaço da superestrutura da *Legacy Run* enquanto as Longbeams arremessavam as pinças magnéticas e o fisgavam. O fragmento ainda viajava em uma velocidade incrível, mas eles praticaram as manobras muitas vezes. O que era originalmente quase impossível era agora... bom, não exatamente rotineiro, mas viável.

— Vamos fundo nesse, eh, Te'Ami? — Mikkel disse, trocando para o canal de comunicação apenas para os Jedi, ouvindo seu tradutor convertendo sua fala em Ithoriano nativo para o Básico para que ela entendesse. — O capitão da República está confiante, mas temos uma Longbeam a menos do que o planejado. Isso pode ser mais desafiador do que esperávamos.

— Concordo. — Te'Ami disse.

As naves deles mergulharam na direção do fragmento veloz, o mesmo

arco, a mesma velocidade, como um.

— Estive pensando, Te'Ami. — Mikkel disse. — Após o episódio em Eriadu, parece claro que a República e os Jedi estarão trabalhando para caçar esse Kassav. Estive considerando me voluntariar para essa missão. Parece um bom uso de minhas habilidades. E estava me perguntando se você talvez fizesse o mesmo? Trabalhamos bem juntos, isso está claro, e você é uma Jedi extraordinária. Ficaria orgulhoso em ter você como minha parceira.

— Ora, Mikkel. — Te'Ami disse, contente. — Eu acho que nunca o ouvi falar tanto de uma vez. Você esqueceu seus votos? Nós Jedi não devemos nos apegar.

— Não estou *apegado*. — ele disse, áspero. — Apenas acho que nós podemos trabalhar bem juntos. Trazer um pouco de luz para a galáxia. Nossas habilidades são complementares.

— Acho que irei reportar isso ao Conselho. — ela disse.

— O que você achar apropriado. — Ele disse, sua voz dura, tanto na real quando através do tradutor.

Ela riu.

— Estou brincando com você, Mikkel. — Te'Ami disse. — Seria um prazer ser sua parceira em uma missão. Se o Conselho concordar, sairemos por aí e vasculharemos cada canto da galáxia procurando por...

A tela de ameaças do Vetor se acendeu. Mísseis, de lugar algum, uma vasta extensão deles, pelo menos uma dúzia, indo diretamente para o fragmento do gravador de voo.

— O que é isso? — Mikkel disse.

— Estão seguindo para o fragmento. — Te'Ami disse. — Estão tentando destruir o gravador de voo.

— Hnh. — Mikkel disse. — Talvez seja Kassav novamente. Parece que teremos que trabalhar em uma missão um pouco mais cedo do que esperávamos, Mestre Te'Ami.

— Parece que sim, Mestre Sutmani.

Mikkel pegou seu sabre de luz do coldre e o ergueu contra o painel de ativação em seu console de instrumentos, a sua tela de armas foi destravado e ganhou vida, brilhando em verde enquanto se conectava ao cristal no cabo de seu sabre de luz.

Nas telas, ele viu que as Longbeams também estavam cientes da ameaça, as três naves se espalharam, entrando em posição para tentar abater os mísseis.

Os sistemas dele rastrearam o ponto de origem dos projéteis e... nada. Espaço vazio. A quantidade de mísseis insinuavam uma embarcação de guerra de bom tamanho, mas nada assim aparecia em seu escopo.

Ele deixou a questão de lado. A identidade de seu agressor podia esperar. Proteger o fragmento, esse era o ponto.

Mikkel começou a atirar, tiros disparados dos lasers de seu Vetor na direção dos mísseis. A essa altura, as Longbeams começaram a atirar também, uma combinação de sistemas ofensivos e defensivos mobilizados para destruir ou distrair os mísseis. Não importa qual, desde que nenhum dos projéteis alcançasse o gravador de voo.

Um dos mísseis desviou na direção de uma dessas medidas defensivas, uma nuvem de tiras de estática emitidas por uma das Longbeams, projetada para se apresentar como um atraente alvo falso para os sistemas de rastreio da arma. A Longbeam que enviara a isca se manteve em posição, já procurando um novo alvo, claramente presumindo que o míssil explodiria automaticamente quando acertasse as tiras. Ao invés, a arma entrou na nuvem girando... mas sem explosão. Mikkel sentiu o que estava prestes a acontecer, mas ele estava muito longe. Não havia *tempo suficiente*. Ele se conectou a Força, mas não havia tempo suficiente. O míssil emergiu do outro lado da nuvem, atingindo diretamente o casco da Longbeam.

Agora veio a explosão.

— Droga. — Veio a voz de Joss Adren pelo comunicador.

Nada mais foi dito. Os Jedi e as duas Longbeams restantes seguiram no trabalho, sem saber a fonte dos mísseis, sem saber se morreriam a qualquer momento, apenas fazendo o trabalho como podiam.

Lourna Dee assistiu mais alguns de seus mísseis serem abatidos, ou explodir inofensivamente contra as defesas lançadas pelas Longbeams. Ela ainda tinha cinco em jogo, no entanto, e apenas um precisava atingir seu alvo. A vitória era apenas uma questão de tempo.

Ela tinha muito mais mísseis em reserva, também, apesar de não querer lançar outra rajada a não ser que fosse absolutamente necessário. A *Lourna Dee* mudara de posição imediatamente após atirar, mas as tripulações da República sabiam que ela estava por lá agora. Havia uma boa chance de travarem a mira na assinatura da *Lourna Dee* imediatamente se ela atirasse

novamente.

O objetivo era destruir o gravador de voo e saltar para longe. Isso era tudo.

Apesar que, se necessário, ela alegremente destruiria cada uma daquelas naves e o gravador de voo, também.

Alegremente.

Mikkel atirou, e o seu míssil alvo explodiu, apenas segundos antes de atingir o fragmento.

Ele exalou, a respiração escapando por cada uma de suas bocas.

Apenas mais dois projéteis, e nenhum deles no alcance dele. Estava a cargo dos outros agora.

Ele assistiu enquanto a Longbeam de Joss e Pikka Adren lançou aquelas pinças magnéticas das quais tinham tanto orgulho, um grande conjunto, que muito provavelmente todas aquelas naves possuíam, desenrolando os cabos infinitamente longos e finos, e o míssil mudou de curso, atraído pela força de atração das pinças.

Engenhoso.

O míssil explodiu, e embora as pinças magnéticas certamente tenham sido destruídas, havia ainda mais uma Longbeam sobrevivente, e ela poderia recuperar o gravador de voo, a missão ainda poderia ser um sucesso.

Sobrava mais um míssil, e Te'Ami seguia na direção dele em rota de interceptação. Nenhuma das Longbeams estava em posição para alcançá-lo, ou Mikkel, mas Te'Ami poderia derrubá-lo, sem problemas. Ela tinha uma pontaria fantástica.

E de fato, um fluxo de tiros laser saiu da frente de seu Vetor, longe do alvo, mas quase lá... e então outro míssil apareceu no escopo de Mikkel, indo diretamente para Te'Ami. Seu computador de mira tentou encontrar a localização de seu agressor. Um contorno vago, piscando, apareceu em sua tela, e desapareceu. Seja lá o que estava atirando neles claramente possuía um sistema de camuflagem, mas essa não era a questão principal.

— Te'Ami! Há outro míssil! Não consigo...

— Eu vi, Mikkel. Quieto agora. Tenho um trabalho a fazer.

Mikkel Sutmani assistiu, sua impotência quanto a destruição da Longbeam alguns momentos atrás se ampliou em mil vezes. Te'Ami aumentou a velocidade de seu Vetor, tentando simultaneamente ultrapassar o

míssil correndo na direção dela e pegar o projétil original antes de atingir o gravador de voo.

O Vetor dela sacudiu e zigue-zagueou, tiros lasers disparando, todos errando, enquanto ela tentava atingir o alvo antes de evadir daquele mirando nela.

Mikkel disparou seu próprio Vetor para frente, sabendo, mais uma vez, que não tinha tempo. Ele alcançou na Força, sabendo que através dela tudo era possível, sabendo que ele *podia* alcançar o míssil perseguindo a nave de Te'Ami e podia desviá-lo ou detoná-lo. Ele podia sentir a sua velocidade, o seu contorno, o metal de seu revestimento, os gases de exaustão superaquecidos empurrando-o para frente na direção de sua companheira Jedi.

— Consegui. — veio a voz de Te'Ami pelo comunicador, satisfeita, contente.

Mikkel quase tinha o míssil... ele podia senti-lo, quase como se estivesse em suas mãos. Ele podia destruí-lo. A Força era sua aliada, e era uma aliada poderosa. Ele apertou o míssil... e subitamente, em uma explosão de chamas violentas, ele se fora. Mas por nenhuma ação dele.

Ele se fora.

Assim como Te'Ami.

A perda o atingiu como uma onde de choque, não menos intensa do que aquela que matou sua colega. Mikkel cerrou os punhos, procurando a calma em seu espírito.

Os escopos de mira de seu Vetor se acenderam com dados, o contorno inteiro e a localização da nave que matara Te'Ami, bem como as especificações detalhadas de seus armamentos e defesas.

— Opa, vocês estão vendo isso? Alvo obtido, corveta de batalha... — uma coisa horrorosa, veio a voz de Joss Adren. — Não é a *Terceiro Horizonte*, outra nave. Mestre Sutmani, que tal seu Vetor e minha Longbeam irem atrás dela enquanto o Capitão Meggal recupera o gravador de voo?

Mikkel não respondeu. Ele não perguntou de onde veio a informação, ou qualquer outra pergunta. Ele apenas empurrou o manche para frente, até onde iam, e os motores de seu Vetor rugiram em resposta.

Eu tenho um trabalho a fazer, ele pensou.

— Droga. — Lourna Dee gritou, mais emocional do que ela geralmente

preferia ser.

A maldita Jedi abatera seu último míssil antes de poder atingir o gravador de voo. Sim, aquela Jedi em particular morrera, mas Lourna ainda não tivera sucesso em sua missão, e parecia que ela provavelmente revelara sua posição, também. Ela tinha uma Longbeam e um Vetor vindo diretamente para ela.

— Atiramos mais mísseis? — Attaman perguntou.

— Sim. — Lourna disse. — Envie o resto, tudo o que temos. Mataremos esses idiotas, também, e então vamos atrás do fragmento.

A *Lourna Dee* tremeu levemente quando o resto de seu complemento de mísseis foram lançados, outra meia dúzia, deixando rastros enquanto corriam na direção dos dois pontos crescentes de luz em direção do cruzador dela.

O Jedi... o maldito Jedi naquele maldito Vetor... derrubara *quatro* dos dela. Os outros dois iam em direção a Longbeam, e ela pegara um com uma saraivada de laser e distraiu o último com um sinalizador.

— Quem... são esses caras? — Belial perguntou.

Ele estava preocupado. Lourna Dee podia ouvir isso. Mas então, nesse caso, ela também. A *Lourna Dee* não era projetada para combates diretos. Era construída para atacar escondida, derrubar seu alvo e saltar para longe. Tinha armadura leve, escudos leves e não tinha muito em canhões laser, tampouco.

Poderia uma Longbeam e um Vetor realmente derrubar a capitânia dela? Apenas essas duas pequenas embarcações?

Ela decidiu que não queria descobrir.

Kassav ou Pan Eyta poderiam tentar, entrar em uma situação condenada de última batalha, mas ela era mais esperta do que eles. Quando as circunstâncias mudavam, você analisa as chances, você analisa as opções, e então você escolhe a melhor opção que tem. E aqui, havia apenas uma.

— Conecte no Caminho e nos tire daqui. — ela disse. — Perdemos.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

FAROL ESTELAR.

Ultident Margrona, só Dent desde que ela era adolescente, ela odiava o nome Ultident, achava que parecia fresco, removeu a máscara e a deixou cair no chão da cabine. Ela não se importava se os estúpidos mineiros vissem seu rosto. Ela precisava respirar, precisava de ar.

— Estão atrás de nós, Dent. — Buggo disse. — Vindo rápido!

Dent sabia disso. Os Jedi acertaram um disparo de raspão nos motores deles, e cerca de 80 por cento da velocidade máxima era o melhor que conseguiam. Eles tinham o Caminho de Lourna Dee que os levaria para fora do sistema, mas o motor do Caminho da nave dela precisava calcular o salto de uma região específica dentro do poço de gravidade de Elphrona, e essa área era longe demais para chegar antes dos Jedi os alcançarem. Ela ouvira histórias sobre o que esses Vetores podiam fazer. Eles podiam parecer esguios, mas essas naves podiam rasgá-los ao meio, tiro por tiro. Nem mesmo seria uma disputa. Eles acabariam com os motores deles completamente, flutuando no vácuo, e então seria um cenário de reféns, e como isso terminaria?

Você é uma Cloud, ela disse a si mesma. *Você não seria uma Cloud se não fosse esperta. Você não é um Strike estúpido. Pense nisso. Monte a tempestade.*

Se os Jedi incapacitarem a nave deles, eles poderiam ganhar tempo

ameaçando matar as duas crianças e o pai até... o quê? Os Jedi não deixariam um bando de sequestradores Nihil irem embora. Eles embarcariam na nave eventualmente, e provavelmente matariam Dent e sua tripulação com seus sabres de luz ali mesmo, justiça da fronteira. *Talvez* eles fossem levados para uma prisão em Elphrona ao invés.

Ruim de qualquer maneira. Fracasso total. Não muito Nihil. Ela podia imaginar o que todo mundo diria:

— Você se lembra daquela garota Dent? Estragou tudo no serviço mais fácil de todos, pegar e fugir em um planeta qualquer. Conseguiu ser morta com todos os seus Strikes. Que idiota.

Ela parou para pensar nos dois Strikes que deixara no planeta, naqueles que ela já descartara. Ela pensou se era possível que Egga e Rel ainda estivessem vivos no planeta em algum lugar, lutando, dois Strikes leais agindo de acordo com as ordens de sua Cloud.

Eles eram ambos tão estúpidos, só concordavam com o que ela dizia a eles mesmo quando *obviamente* ela os mandara para morrer para ganhar tempo para si mesma, Mack e Buggo para saírem do planeta com a carga. Não, esses dois idiotas estava mortos, com certeza. Eles não fizeram contato, e se eles tivessem dado conta dos Jedi teriam pedido para pegá-los.

Ugh, ela pensou.

Esse *era* supostamente o serviço mais fácil de todos. Ela estava tão orgulhosa de si por ter pensado nele. Ela ouvira que essas quatro pessoas tentaram ir sozinhas para a Orla Exterior, viver *autenticamente*, isolando-se de sua rica família em Alderaan. Isso a deixava tão *brava*. Eles tinham tudo, esses Blythes, e jogaram fora para irem cavar na terra. Mas algumas pessoas não tinham uma escolha assim. Eles nasciam na sujeira e morreriam lá, pessoas como ela. Até os Nihil, de qualquer forma. Lourna Dee a recrutara com uma promessa... elas estavam nisso juntas, eram uma família, uma nova família... aquilo soava tão bem. E estava *funcionando*, também. Ela se tornara Cloud, e encontrou seus próprios Strikes para comandar, tudo estava se encaixando.

E então quando ela tivera a ideia de pegar os Blythes e pedir o resgate para os ricos avós em Alderaan, e sua Storm gostara e a levara para a própria Lourna Dee, e então ela levara para Marchion Ro e ele gostara, também, e ela recebera os Caminhos que precisava para conseguir. Isso *deveria funcionar*.

Mas então, Jedi.

— Chefe! O que vamos fazer? Chefe!

Buggo, a incomodando, como sempre. Ela deveria tê-*lo* mandado para as colinas para emboscar os Jedi. Mas era primo de segundo grau de seu marido, o que era família de certa forma, próximo a ela.

Disparos lasers passaram pela cabine, tiros de aviso.

Mack estava nas armas, devolvendo os tiros, mas ela não tinha confiança na habilidade dele para derrubar um Vetor. Eles se moviam como fantasmas, virando, dando voltas e fazendo coisas impossíveis. Como os próprios Jedi, na verdade.

Dent estendeu a mão para frente e apertou alguns botões no console de controle. Ela não deveria fazer contato durante a missão, sinais podiam ser rastreados, mas o que ela tinha a perder?

Uma voz veio pelo comunicador – o Storm dela, um Ugnaught engraçado e charmoso chamado Zoovler Tom.

— Dent. — Ele disse, feliz pelo contato dela, aparentemente. — Quais são as boas notícias? Você conseguiu os pacotes que te mandei pegar?

— Peguei. — ela respondeu, tentando manter o pânico longe de sua voz. — Mas encontramos problemas. Jedi, nos perseguindo. A nave tá danificada, não vamos conseguir chegar no ponto de transferência antes que nos peguem. Precisamos de um novo Caminho, agora. Ainda estamos na atmosfera, então vai ser complicado.

— Jedi, huh? — Zoovler disse, não mais feliz. — Caminho em uma altitude tão baixa... vai dar problema com o poço de gravidade do planeta. É um pedido e tanto, Ultident.

Dent franziu a testa. Ela dissera seu nome verdadeiro para Zoovler uma vez, em um momento de intimidade regado a bebida em uma das reuniões. Agora ele o usava, como uma arma. Maldito homenzinho de nada, pensava ser tão especial, tão superior por ser um Storm. Ele era apenas um Ugnaught. Se ela saísse dessa, envenenaria a bebida dele da próxima vez, e riria dele enquanto sua cara feia ficasse preta.

— Envie as coordenadas. Terei que levar lá para cima – o Storm disse. — Não ligue novamente. Ou você recebe meu contato com um novo Caminho... ou não recebe.

A conexão morreu.

Pense, ela pensou.

Levaria tempo até Zoovler conversar com os outros Storms, então eles teriam de decidir se conversavam com Lourna Dee, e ela decidiria se pediria ou não ao Olho um novo Caminho ou só se livraria dela. Ela era apenas uma Cloud... as chances não eram boas. Mas ela sabia que os Blythes eram

valiosos, e se isso tudo pudesse de alguma forma ser salvo, todo mundo ganharia, inclusive Zoovler, inclusive Lourna Dee, até mesmo Marchion Ro.

Esse era o sistema. Por isso os Nihil funcionavam. Todos faziam as coisas como queriam, viviam como queriam, tomavam o que queriam... e todos ganhavam uma parte, então era do interesse de todos manter o sistema fluindo.

Mas se os Jedi os pegassem antes de todo aquele raciocínio e requisitos acontecerem, ninguém receberia nada. Especialmente Ultident Margrona.

— Mack. — ela disse.

— Sim. — ele respondeu, ainda atirando nos Jedi os perseguindo, seus tiros atingindo nada além de ar.

— Pegue uma das crianças. — ela disse. — A garotinha. Jogue-a da escotilha.

— Uh... — Mack disse, dúvida em sua voz.

— O que, agora você tem *escrúpulos*?

— Não. — ele disse. — Não me importo, exceto que já perdemos a adulta humana. Agora perderemos mais uma, estamos cortando nosso retorno ao meio.

Seu idiota, ela queria gritar. *Quem se importa com dinheiro, quando se não sairmos dessa não há lucro, não há créditos, não há vida. Estaremos mortos, seu Strike burro!*

— Os Jedi tentarão salvar a criança. — ela disse, forçando um tom paciente em sua voz. — É isso o que eles fazem. Pode nos dar uma chance de escapar.

Mack resmungou, e ela o ouviu levantar e seguir na direção dos fundos da nave, onde os três Blythes restantes estavam amar-rados no compartimento de carga.

— *Monte a tempestade, Dent*. — ela sussurrou para si mesma. — Apenas monte a tempestade.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

ORLA EXTERIOR. A *TERCEIRO HORIZONTE*.

— Então isso é o que causou tanta dor. — disse a Chanceler Lina Soh, de seu gabinete em Coruscant.

Ela olhava para o holograma de alta resolução projetado por um de seus droides de comunicação, enquanto Avar Kriss e os outros da força tarefa das Emergências assistiam uma tela de vídeo na câmera de reuniões da *Terceiro Horizonte*, mas as imagens eram a mesma: a última coisa que os escâneres da *Legacy Run* viram antes da nave se partir.

A coisa era uma nave, maciça e feia, com três listras claras e irregulares atravessando o casco, exatamente como descrito por Serj Ukkarian na *Panacea*. Três relâmpagos, os quais foram confirmados pelo pessoal do Senador Noor como a insígnia usada pelos saqueadores da Orla Exterior conhecidos como os Nihil. A embarcação movia-se pelo hiperespaço, mas não pelo caminho do turbilhão de um túnel de hiperespaço, como fora o caso de todas as naves já vistas por Avar. A nave Nihil movia-se *através* do hiperespaço, em um ângulo direto com a direção de percurso da *Legacy Run*, com uma turbulência vermelha e dourada reverberando em seu encalço.

— Eu fui levada a entender que algo assim era impossível. — Lina Soh disse, a mão esquerda dela preguiçosamente acariciando a cabeça de um dos gatos de estimação gigantes dela, Avar sabia seus nomes, Matari e Voru, eles eram famosos por toda a República, mas ela não sabia qual era qual.

As palavras da Chanceler estavam levemente atrasadas, um fator da distância entre Coruscant e os Territórios da Orla Exterior. Comunicações do Senado recebiam prioridade máxima sobre os relés, mas parsecs eram parsecs. Isso mudaria, com sorte, melhorar a rede de comunicação galáctica era uma das Grandes Obras planejadas por Lina Soh, mas não se eles não resolvessem o problema em questão.

— Deveria ser impossível, Chanceler. — Vellis San Tekka disse, sentado à mesa ao lado de seu parceiro, Marlowe, que assentiu concordando.

Avar sentiu algo ali. Alguma comunicação não dita entre os San Tekkas. Uma escolha cuidadosa de palavras.

Talvez Elzar estivesse certo, ela pensou. T*alvez devêssemos tê-los pressionado um pouco mais.*

Claramente ele pensou isso. Ele estava sentado diante dela na mesa, e captou seu olhar. Nada mais do que uma leve olhadela, mas ela sabia exatamente o que ele estava pensando, mesmo sem a ajuda da Força.

Ela ofereceu a Elzar um leve dar de ombros. Seja lá o que os San Tekkas sabiam, a ajuda deles fora genuína e inestimável. Keven Tarr dissera que não havia outra maneira para conseguir completar seu arranjo de droides de navegação sem a ajuda deles. Ela não sabia se isso era verdade, o engenheiro Hetzaliano era claramente um gênio, mas os San Tekkas certamente ajudaram Keven a terminar o arranjo mais rapidamente, e rapidez era a essência ali.

O gênio em questão estava em outra tela, um droide de comunicação projetando seu holograma contra uma das paredes vazia das câmara de reuniões. Tarr ficara na Lua Enraizada em Hetzal, e usava seu arranjo para processar os dados recuperados do gravador de voo da *Legacy Run*. O enorme cérebro computadorizado fora completamente reparado dos danos sofridos quando fora ativado pela primeira vez. De fato, não reparado, mas melhorado. Chanceler Soh ordenara para o Secretário de Transportes Lorillia fornecer a Keven Tarr quantos droides navegadores ele precisasse. Se ele quisesse um milhão, ele deveria recebê-los, não importa o custo.

— Alguém pode resumir nossas conclusões até então, por favor? — Lina Soh disse.

Todos olharam para Avar. De alguma forma ela se tornara a líder da força tarefa, apesar de dividir a sala com um almirante, um senador e vários outros luminares de alto nível.

— Descobrimos que um grupo, que chamam a si mesmos de Nihil, está diretamente conectado à catástrofe em Hetzal e às subsequentes

Emergências. Eles são saqueadores de nível inferior operando na Orla Exterior, invasores, basicamente. Eles fizeram coisas terríveis, mas são um problema regional, controlados pelas forças de defesa e equipes de segurança em uma base caso-a-caso. Por piores que sejam, são uma equipe pequena.

— Parece, no entanto isso é apenas especulação, que o que aconteceu em Hetzal deu a eles a capacidade de prever as Emergências, assim como o arranjo de droides de Keven Tarr. Estamos cientes de duas vezes em que eles usaram essa capacidade. Primeiro, em Eriadu, como parte de uma tentativa de extorsão fracassada. E depois, na quadragésima Emergência, onde eles tentaram impedir nossas equipes de recuperar o gravador de voo da *Legacy Run*, já que sabiam que isso apontaria tudo diretamente para eles.

— Foi onde perdemos uma de nossas colegas, a Cavaleira Jedi Te'Ami e dois corajosos pilotos em uma Longbeam, Marcus Augur e Beth Petters, correto?

Avar inclinou a cabeça de leve em uma concordância silenciosa. A chanceler considerou por um momento, coçando atrás da orelha de seu targon e recebendo um ronronar agradecido em resposta.

— Nós pensamos que esses Nihil causaram o desastre da *Legacy Run* de propósito?

— Não parece assim. — Elzar Mann disse.

Ele gesticulou para a tela de vídeo principal, a qual mostrava a nave Nihil atravessando o hiperespaço, em loop.

— Isso é claramente uma nave, e armada. Se eles quisessem destruir a *Legacy Run*, eles poderiam ter atirado. Eles não o fizeram. A *Legacy Run* só se partiu tentando desviar da coisa. Além do mais, como a Mestre Kriss apontou, esse é um bando de saqueadores da Orla Exterior. Oportunistas, não planejadores. Isso parece um acidente horrível.

— Um acidente com o qual eles prontamente tentaram lucrar em Eriadu. — Senador Noor disse, batendo seu punho na mesa. — Um acidente que os Territórios da Orla Exterior pagaram com vidas, oportunidades e tesouros. Eles devem ser responsabilizados.

Atrás dele, sua assessora assentiu, uma Chagriana de pele azul, esbelta, alta e precisa no vestuário e maneiras. Jeni Wataro, Avar se lembrou.

— Eles serão. — Chanceler Soh disse, erguendo a mão. — Primeiro, precisamos saber se isso pode acontecer novamente. San Tekkas... qual é sua opinião?

Marlowe e Vellis se entreolharam brevemente antes de falar.

— Acreditamos que tenha sido um trágico acaso, Chanceler. — Marlowe

disse. — Não achamos que haja um problema abrangente com o hiperespaço. Porém, isso. — ele apontou para a tela de vídeo, ainda mostrando a brutal nave em loop atravessando o caminho da *Legacy Run*, de novo e de novo, arrastando seu estranho rastro vermelho e dourado. — sugere que os Nihil têm um entendimento sobre o hiperespaço que é no mínimo único e no máximo muito perigoso. Isso deveria ser investigado, e rapidamente.

— Bom, perfeito, então. — Senador Noor disse. — Você ouviu o homem, Chanceler. O hiperespaço está ótimo. A Orla Exterior está sofrendo, e eu sei que você quer ativar a cabine. É hora de reabrir as pistas.

— Ainda não, Senador. — ela disse. — Sabemos o que aconteceu, mais ou menos, mas apenas porque um acidente aconteceu não significa que não possa ser feito deliberadamente no futuro. Não é um grande salto para os saqueadores se tornarem terroristas. Essa ameaça precisa ser eliminada.

Senador Noor começou a estalar em protesto.

— Chega, Noor. — Chanceler Soh disse. — Essa é minha decisão. Eu sei que você está preocupado sobre a Orla. Eu também estou... mas sou responsável pela galáxia toda, e caso tenha esquecido, o hiperespaço vai para todos os lugares. Se os Nihil podem atacar-nos nas pistas, lugar nenhum está seguro.

Ela virou-se para o Almirante Kronara, parado na ponta da mesa da sala de reuniões.

— Almirante, eu quero que você ative as normas de defesa dos acordos da CDR. Junte uma frota dos mundos do tratado e cace os Nihil. Eu li os relatórios, mesmo se não houver mais perigo para o hiperespaço, eles ainda são criminosos perigosos que não deveriam ser capazes de operar com impunidade. Mesmo se eles limitem seus ataques à Orla Exterior, somos todos a República.

— Muito bem, Chanceler. — ele disse, soando contente.

Mas então, ele era um almirante.

— Vocês têm ideia de onde os Nihil têm uma base? — Chanceler Soh continuou. — O quartel general deles?

— Se me permite, Chanceler. — Keven Tarr interveio, erguendo a mão. — Eu já configurei meu arranjo para calcular o provável ponto de origem da embarcação Nihil que causou o desastre da *Legacy Run*. Ela originou de um lugar perto da Nebulosa Kur. Eu não sei se é a base deles, mas é um lugar para começar.

— Muito bem, Sr. Tarr. — ela respondeu, então olhou através da câmara de reunião da *Terceiro Horizonte*.

— Vocês todos tem agido muito bem até agora. — ela disse. — Vocês descobriram a causa da tragédia da *Legacy Run*. Agora eu lhes dou uma nova tarefa. Vocês devem garantir que isso nunca, nunca aconteça novamente. Custe o que custar.

Chanceler Lina Soh inclinou-se para frente, e ambos os gatos gigantes ergueram as cabeças, suas orelhas achatando-se em uma demonstração de ameaça quando sentiram a intensidade emocional de sua mestra. Avar, sem querer, apesar de toda sua habilidade e treinamento, encontrou-se feliz por ter meia galáxia a separando daquela mulher. Ela não invejava os Nihil, que agora se encontravam sob o olhar de uma pessoa que demonstrara disposição para remodelar uma galáxia inteira.

— Eu quero esses Nihil levados à justiça. — a chanceler disse. — Cada um deles.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

SEM ESPAÇO. GRANDE SALÃO DOS NIHIL.

Esse é o momento, Marchion Ro pensou. *O novo começo.*

Ele parou no centro da enorme plataforma que era o Grande Salão dos Nihil, aberto dos quatro lados para o vazio do Sem-Espaço. Luzes multicoloridas inquietantes piscavam na distância, nada as interrompendo além das silhuetas das embarcações que trouxeram Marchion e os três Viajantes da Tempestade para esse lugar esquecido e desolado. O salão estava vazio, nenhuma mesa de banquete interrompia sua extensão, e os quatro estavam sozinhos e sem máscaras.

Marchion olhou para essas pessoas, Kassav, Pan Eyta e Lourna Dee. Eles o ressentiam e ressentiam uns aos outros, e todos acreditavam que podiam fazer melhor do que o resto. Não havia união. Não havia propósito para os Nihil, além do desejo pelo lucro e um amor compartilhado por tomar coisas dos outros, desprezando o sistema. Isso precisava mudar.

Esse era o momento.

— Eu ouvi de meu espião no gabinete do Senador Noor. — Marchion disse. — Os Jedi e a República acessaram o gravador de voo que conseguiram quando Lourna Dee falhou em sua missão.

Lourna Dee piscou mas não disse nada.

— Eles sabem que somos responsáveis pelo desastre da *Legacy Run*. — Marchion continuou. – Um dos Clouds de Pan Eyta estava retornando de um

ataque, usando um Caminho, e acabou quase se chocando contra a *Run*.

— Isso não é nossa culpa!- Kassav disse. — Como poderíamos saber...

— Não importa se não foi nossa culpa. Eriadu certamente foi. — Marchion disse.

Pela primeira vez, Kassav calou a boca.

— Então, é o que aconteceu em Hetzal, todas as Emergências, a jogada idiota de Kassav em Eriadu, e então Lourna Dee basicamente provou que estamos envolvidos quando tentou e falhou em pegar o gravador de voo. — Pan Eyta disse, sua voz como pedras rolando de um penhasco. — Estamos por toda parte. Isso é ruim.

— O que você acha que vai acontecer? — Lourna Dee disse.

— Eles irão nos caçar. — Pan disse. — A República e os Jedi, também. Não somos só mais uma equipe de saqueadores regional. Somos uma ameaça para eles. Causamos o maldito bloqueio do hiperespaço. Eles vão querer fazer de nós um exemplo.

— Olhe, tivemos uma boa jornada. — Kassav disse. — Todo mundo ganhou dinheiro. Não é como se precisássemos fazer isso. Nós podemos simplesmente... ir.

— E todos os Storms, Clouds e Strikes em nossas Tempestades? Aqueles que nos seguem, acreditam em nós. E quanto a eles? — Lourna Dee disse.

Kassav deu de ombros.

— Eles podem fazer o que quiserem. Eles querem manter os Nihil seguindo, continuar a montar a tempestade, isso é problema deles. Nada diz que não podemos nos aposentar. O que, precisamos ser Viajantes da Tempestade até o dia que morrermos? E quanto a viver dos espólios de uma vida inteira de trabalho duro?

Pan Eyta bufou.

— Você acha que eles verão dessa maneira? Eles pensarão que saímos correndo.

Kassav deu de ombros novamente.

— Os Nihil são sobre liberdade, certo? Fazer o que quisermos, quando quisermos. Bom, talvez eu queira dar o fora daqui antes de um Jedi puxar o sabre de luz e cortar minha cabeça.

— Você não disse uma vez querer lutar contra um Jedi? — Marchion Ro disse, seu tom leve. — Conseguir uma boa história para contar?

Kassav não disse nada.

Esse é o momento, Marchion pensou.

Ele socou Kassav bem no rosto estúpido, astucioso e selvagem dele. As luvas de Marchion eram reforçadas com placas de armadura e compensadores de aceleração; ele podia fazer um buraco em uma parede de duraço com socos e não sentir uma pontinha de dor. Ele ouviu o som quando o nariz estúpido, astucioso e selvagem de Kassav foi amassado sob seu punho, e pelos Caminhos, isso foi bom.

Pan Eyta e Lourna Dee não se moveram. Eles pareciam atônitos. Isso não era algo que o Olho faria. O Olho não brigava, especialmente não com os Viajantes. Ele não tinha uma Tempestade para apoiá-lo. O Olho recebia um terço dos lucros e ficava feliz por isso.

Mudança pode ser desafiadora, meus amigos, Marchion pensou.

Kassav cambaleou para trás, seus olhos arregalados, sangue jorrando de seu nariz, mas apenas por um segundo. O homem não era estranho à dor, e Marchion supunha que não era estranho à socos surpresa no rosto, tampouco. Os olhos de Kassav se estreitaram e sua mão foi para dentro de sua capa de peles, onde ele mantinha um blaster secreto em violação às regras do Grande Salão. Marchion sabia disso há anos.

Marchion instigou seu braço, e uma das vibro-estrelas que ele mantinha em uma bainha em seus punhos pulou para fora. Ela cortou metade da mão de Kassav junto com o cabo do blaster dele, e pedaços de metal e carne caíram no chão.

Kassav, a seu favor, tentou continuar lutando. Sangue jorrava de seu nariz e borrifava do que sobrara de sua mão direita, e ainda assim ele se lançou para frente, dando um soco considerável com a esquerda.

Marchion o pegou, girou e jogou Kassav para a plataforma. Ele caiu com um som oco e úmido em uma poça de seu próprio sangue.

— Nngh. — Kassav disse, o primeiro som que emitira desde que a briga começara, o homem era forte, não havia dúvidas quanto a isso.

Marchion colocou a bota no peito do Viajante da Tempestade. Não com suavidade, tampouco. Ele pressionou com força, como se quisesse empurrar o homem diretamente pelo maldito deque, até o espaço vazio do outro lado.

— Eu sou o Olho dos Nihil, tal como meu pai antes de mim. — ele disse. — Fizemos dessa organização o que ela é, e eu não assistirei você destruí-la com seu egoísmo, medo e fraqueza. Você cometeu um erro em Eriadu, Kassav, e isso nos mostrou seu ponto fraco. Você precisa se lembrar de como isso funciona, Chefe. Os Nihil precisam continuar fortes. E uma maneira disso acontecer...

Ele dobrou-se em sua cintura, seus olhos estreitos, seus dentes à mostra.

— ... é eliminando os fracos.

Marchion pressionou a bota com mais força.

— Eu tenho um plano para consertar isso. — ele disse. — Consertar tudo isso. Você quer ouvir?

Marchion Ro colocou um pouco mais de peso no peito de Kassav, e o homem gemeu. Ele assentiu. Marchion se afastou e assistiu enquanto Kassav se colocava de pé.

— Eu entendo porque estão preocupados. Isso não é uma boa situação, e está prestes a piorar. Mas ouçam o que tenho a dizer. — Marchion disse.

Os Viajantes da Tempestade olharam para ele, desconfiados mas interessados.

— Isso resolverá tudo. — Marchion disse. — Tirará a República de nossas costas, talvez até mesmo matará alguns Jedi. E voltaremos aos negócios como de costume. Sem mais Emergências. Apenas os Caminhos, e a pilhagem. Podemos começar a trazer novos Strikes novamente. Os bons tempos continuarão seguindo.

A desconfiança vacilou, e o interesse aumentou, mesmo de Kassav. Marchion sabia que sim. Nenhum deles queria ficar sozinho, sem os Caminhos. Eles fizeram pilhas de créditos com os Nihil, mas eles os gastavam tão rápido quanto entravam, em naves sofisticadas, roupas sofisticadas e banquetes elaborados. A ganância deles faria a decisão por eles.

— Olhem... somos mais espertos, mais rápidos e temos os Caminhos. — ele continuou. — Estamos dez passos à frente da República. Estou dizendo a vocês, podemos consertar tudo. Os Nihil são minha vida toda. Não virarei as costas sem lutar.

— Estamos ouvindo. — Pan Eyta disse.

— Certo. — Marchion disse. — Podemos pegar o gravador de voo de volta, e sem isso, a República não será capaz de nos encontrar. Podemos ser discretos por um tempo, reorganizar, até mesmo nos mudar para Orla Média... os Caminhos nos permitem trabalhar de qualquer lugar da galáxia.

Ele apontou para Kassav e Lourna Dee, um com cada mão.

— Vocês dois cometeram grandes erros, e suas tripulações os viram cometendo. Pessoas estão comentando. Vocês parecem fracos. Seus Storms devem estar pensando que essa talvez seja a chance para uma tomada hostil. Vocês podem consertar isso. Façam o certo, vocês serão heróis em suas Tempestades.

Ele sorriu para eles, um sorriso grande e encorajador. Eles não pareciam

tranquilizados.

— Kassav, tive notícias de minhas fontes na República de que o gravador de voo foi danificado quando a *Legacy Run* explodiu. Eles conseguiram alguns dados dele, mas não tudo, não o bastante para nos encontrar. Ele está sendo levado para uma instalação especial para o resto ser extraído. Você pode interceptar o transporte e destruí-lo.

— Lourna Dee, vá para Elphrona e ajude sua tripulação lá terminar o serviço de sequestro. Podemos precisar de fundos, e já que a operação está em progresso, pode nos render alguns créditos, mostrem às tripulações que ainda levamos em conta as necessidades deles. Essa é uma hora de união. Temos que nos juntar.

— Eu darei a vocês dois os Caminhos que precisam para conseguir.

Lourna Dee assentiu. Então, após um momento, Kassav também.

— Você... precisa de mim para algo? — Pan Eyta disse.

Isso era incomum. Um Viajante da Tempestade pedindo ao Olho por ordens era apenas... não era como as coisas eram feitas. O dinâmica mudara. Eles podiam sentir isso. O momento para sair viera e fora embora. Eles entenderam que se quisessem continuar com os Nihil e aproveitar de seus benefícios, eles precisariam do Olho para salvá-los deles mesmos.

— Não, Pan. — Marchion disse. — Você está ótimo por enquanto.

— Devemos votar? — Lourna Dee perguntou.

— Absolutamente. — Marchion Ro disse.

Eles votaram. Foi unânime.

— Vão. — Marchion disse. — Não temos muito tempo. Salvem os Nihil.

Os Viajantes da Tempestade saíram, em direção à escotilha.

Marchion os deixou se afastarem alguns passos, então falou:

— Kassav.

O homem virou-se.

Marchion apontou.

— Não esqueça sua mão.

PARTE TRÊS
A Tempestade

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

SISTEMA EUFRONA

Bell não conseguia acreditar no que via. — uma escotilha junto do casco da nave Nihil se abrira... e uma pequena figura fora jogada para fora. Apenas... jogada, como se fosse nada.

Ele arfou. Loden, à frente no assento do piloto, colocou o Vetor em um mergulho íngreme.

— Padawan. — seu mestre disse. — Você salvará a criança. Eu prosseguirei e salvarei os outros. Não tema. Estou muito orgulhoso de ter sido seu professor. Eu acredito em você.

A cabine do Vetor abriu-se, o vento açoitando, tão alto que falar era impossível.

Mas o que mais havia para se dizer?

Bell soltou o cinto de segurança e saltou.

Imediatamente a gravidade o pegou, e ele caiu girando. Isso não importava. Eles estavam a quilômetros acima da superfície de Elphrona, o que significava que ele tinha tempo, mas não muito. Se ele fosse salvar a garotinha, e ele tinha certeza que era a garotinha, uma *criança*, jogada pelos Nihil como se fosse lixo, ele precisa focar.

Ele afastou sua percepção do Vetor de Loden acelerando novamente para o céu, continuando a perseguição junto de Indeera em sua própria nave. Ele esqueceu do chão, do céu, tudo exceto a Força, e procurou por um pequenino

ponto de luz dentro dela, a sensação de uma criança perdida que precisava ser salva.

Lá.

Bell mal podia abrir os olhos contra o vento forte. Ele desejava ter um par de óculos... mas sinceramente, ele não precisava deles, ou de seus olhos, tampouco. Ele tinha a Força.

Ele juntou os braços e pernas bem apertados junto a ele e angulou o corpo para baixo, sentindo-se disparando em frente enquanto se tornava mais aerodinâmico.

Bell entrou em contato com a Força, pedindo-a para empurrá-lo ainda mais rápido. A garotinha se debatia, e isso certamente criava uma certa resistência ao vento, mas eles atingiriam uma velocidade terminal em breve, e então ele não seria capaz de pegá-la. O segundo ou mais de queda antes de Bell ter saltado do Vetor tinha, sem dúvidas, dado a ela uma vantagem significativa.

Mas a Força respondeu, e talvez a maciez de seu couro Jedi o fazia acelerar mais rapidamente do que faria de outra forma. Tudo o que ele sabia era que estava se aproximando. O terror da criança Blythe surgia nos sentidos dele, aumentando, seu medo esmagador.

Ele colocou isso de lado.

Enquanto ele se aproximava, estendeu os braços e usou a Força para puxar a garotinha até ele. Ele a envolveu em seus braços. Ela lutou, é claro que sim, quem não lutaria?

Ele puxou parte de sua túnica sobre a cabeça deles, o suficiente para bloquear um pouco do vento, então olhou para a criança. Ele não sabia se já vira alguém tão assustado.

Bell apontou para a insígnia Jedi em seu peito. Miraculosamente, ela se acalmou. Ela sabia o que ele era, e ela pensou estar salva.

Ainda não, Bell pensou.

Ele a puxou para perto, fechou sua mão sobre o ouvido dela para bloquear o vento, e falou:

— Feche seus olhos. — ele disse. — Estou com você agora. Você não está sozinha.

Ele não tinha ideia se ela escutou, mas ele fizera o que pôde para acalmá-la. Agora ele precisava focar.

Bell olhou para baixo, apertando os olhos contra o vento. Ele procurava por um ponto macio, água, talvez, mesmo uma encos-ta lenta pela qual pudessem rolar, qualquer coisa para facilitar o pouso deles.

Não havia nada. Apenas as paisagens brutas do planeta, as espirais de cadeias de montanhas magnéticas, e planícies enferrujadas no meio. Elphrona não era um mundo delicado.

Eles caiam, de uma altura centenas de vezes mais alta do que qualquer coisa com a qual ele treinara, e mesmo então ele nunca pousara com sucesso. Por um momento, ele tinha esperanças de que talvez Porter Engle pudesse por milagre aparecer no último minuto, mas o Ikkrukki estava muito longe a essa altura, e em todo caso, ele tinha sua própria Blythe para salvar.

Ninguém viria para salvá-lo, ou a garota. Ele precisava fazer tudo, e precisava fazer sozinho.

Bell se abriu para a Força. Ele não pensou sobre o chão. Ele pensou sobre a criança em seus braços, e quão injusto era isso acontecer a ela.

Ele sabia ter o poder para salvá-la, para permitir a ela continuar vivendo na luz. Por que a Força cósmica dera a ele essas capacidades, se não para esse exato propósito?

O vento não era seu inimigo, nem a gravidade. Eles eram ambos parte da Força, assim como ele, assim como a criança. Se ele lutasse contra eles, estaria lutando contra si mesmo.

Ele não deveria lutar. Ele deveria tentar entender.

Bell Zettifar relaxou.

Ele veio a conhecer algo profundo, talvez algo sobre a Força. Talvez algo sobre si mesmo, algo que ele tentaria entender mais claramente depois. Ele pensou ser a razão pela qual era tão ruim em se salvar de quedas, apesar dos melhores esforços de seu mestre para ensiná-lo.

Ser um Jedi não era sobre salvar a si mesmo.

Era sobre salvar outros.

O rugido do vento nos ouvidos de Bell diminuiu, tornando-se não mais poderoso do que uma brisa. Ele podia ouvir a pequena Blythe. Ela estava rezando, ou cantando. Ele não conseguia entender as palavras, mas era a mesma frase, de novo e de novo.

O vento aquietou-se ainda mais, até silenciar. Bell abriu os olhos. Eles estavam a meros dez metros do chão, e eles flutuavam para baixo, lentos como uma folha, para pousar gentilmente no chão cor de ardósia. Ele podia entender o que a garota dizia agora.

— Não estou sozinha.

Ele sentou-se. A garota agarrada à ele.

— Estamos bem agora. — ele disse. — Qual é o seu nome?

Ela olhou para ele, os olhos arregalados.

— Sou a Bee. — ela disse. — Mas é só como as pessoas me chamam. Meu nome grande é Bailen.

— É pequeno como o meu. — ele disse. — Sou Bell. Estamos seguros agora, Bailen. Tudo vai ficar bem.

A criança deu a ele um olhar duvidoso, o olhar de uma criança que sabia estar ouvindo uma inverdade de um adulto, não importa o quanto ela queria acreditar. O rosto dela se partiu, e ela irrompeu em lágrimas.

Bell apenas a segurou. Ele olhou para o céu, procurando pelos Vetores ou a nave Nihil. Nada. Nem mesmo um rastro de escape.

Tudo vai ficar bem, ele pensou.

Ele não acreditava naquilo, tampouco.

Interlúdio

O Conselho.

Jora Malli se posicionou diante do droide de comunicação que transmitia a imagem dela para Coruscant, para a Câmara bem no topo do grande Templo da Ordem onde o Conselho Jedi encontrava-se para deliberação. No momento, ela estava a bordo da *Ataraxia*, a bela e elegante nave espacial Jedi, quase um templo por si só.

A nave saíra do hiperespaço perto de Felucia, explicitamente para que Jora pudesse participar dessa reunião em particular com máxima estabilidade e clareza de sinal. Era, muito provavelmente, a última votação na qual ela participaria como membro do Conselho Jedi. O A cabine seria ativado em breve, quando Jora oficialmente renunciaria ao Conselho e assumiria um novo papel gerindo o centro Jedi na enorme estação espacial.

Jora Malli perdera muitas votações no passado, embora ela levasse seu papel muito à sério, ela geralmente acreditava servir a luz mais efetivamente pela galáxia ao invés de sentada no Templo Jedi. Mas as deliberações desse dia eram significativas, e o Conselho inteiro fora reunido, aqueles não fisicamente presentes em Coruscant enviando sua imagem via holotransmissões de prioridade máxima, como Jora fazia.

Os droides de comunicação projetavam uma imagem da Câmara do Conselho para Jora ver: a elegante sala circular com grandes janelas em cada parede fornecendo vistas ininterruptas da paisagem urbana de Coruscant. Era dia no Templo, e o sol brilhava, iluminando o belo mosaico incrustado no

chão. As janelas tinham um significado simbólico, também, o Alto Conselho conduzia suas questões em aberto, sem nada a esconder.

Doze assentos eram colocados a intervalos iguais ao redor da sala, cada um de porte e design para seu ocupante em particular. Yarael Poof, Rano Kant, Oppo Rancisis, Keaton Murag e Ada-Li Carro estavam presentes pessoalmente. Outros seis, incluindo ela mesma, apareciam via holograma, com outros droides na Câmara do Conselho projetando as imagens deles para os outros presentes. Onze membros do Conselho, todos menos Mestre Rosason, no meio de uma delicada negociação diplomática da qual ela não poderia se afastar.

Jora pensou sobre seu Padawan, Reath Silas.

Ela desejava estar lá com ele. Ele poderia aprender muitas coisas observando uma reunião do Conselho. Verdade seja dita, ela apenas sentia saudades do jovem.

Reath tinha dezessete anos, um bom aluno, mas talvez não totalmente entusiasmado por em breve ter de seguir sua mestre até A cabine ao invés de permanecer em Coruscant. A fronteira era pouco interessante para ele. Bom, é claro. Reath tinha, de fato, dezessete anos. Nenhuma estação espacial, não importa o quão exótica, poderia se comparar a maior cidade da galáxia.

Ela o deixara para aproveitar um pouco mais Coruscant antes de se juntar a ele na Orla Exterior, uma pequena gentileza a qual ela cedera feliz. Mas assim como o tempo dele no Núcleo acabara, Reath fora colocado em uma missão ao lado de dois Jedi mais experientes, Cohmac Vitus e Orla Jareni, ambos Cavaleiros. Ela tinha dúvidas sobre Orla, mas Cohmac era firme. Reath estaria bem, talvez um pouco frustrado por perder seu pouco tempo no Núcleo.

Ah, bom. Tal era a vida de um Jedi. Melhor se acostumar cedo.

Ela olhou para Sskeer, sentado defronte a ela na mesa, observando silenciosamente, seus longos braços com garras dobrados em frente ao peito. Ele parecia imponente, como sempre, um pedaço de músculos e dentes afiados em robes Jedi. Jedi Trandoshanos eram raros, porque a cultura do planeta era construída ao redor de predação e supremacia, ideais que nem sempre combinavam bem com os preceitos da Ordem. Mesmo quando as crianças Trandoshanas tinham afinidade com a Força, era incomum serem levadas para o Templo Jedi para treinamento. Mas Sskeer não só fora para Coruscant, bem como se destacou, tornando-se um verdadeiro Mestre Jedi. Tudo era possível.

Jora não imaginava ter necessidade direta dele durante essa reunião do Conselho, e ela pensava que ele sabia disso, também, mas Sskeer nunca

estava longe, e geralmente quando ela pensava não ter necessidade para ele era quando ele se apresentava mais conveniente. Sskeer pessoalmente salvara a vida dela quatro vezes.

E contando, ela presumiu.

A reunião começou, e a questão a ser discutida era verdadeiramente importante. A chanceler da República, Lina Soh, pedira aos Jedi para participar diretamente em uma missão autorizada por ela para a Coalizão de Defesa da República caçar, emprisionar ou erradicar um grupo de saqueadores da Orla Exterior que chamavam a si mesmos de os Nihil.

Essas pessoas interferiram com as pistas galácticas de hiperespaço no que parecia ser um esforço para extorquir enormes somas em dinheiro dos sistemas. Ruim o bastante, mas suas ações também causaram as mortes de bilhões de pessoas e paralisaram uma ampla área da galáxia.

Eles precisavam tratar dos Nihil. A única questão era o papel dos Jedi nessa ação.

Jora ouviu enquanto vários membros do Conselho apresentavam seus argumentos. Grande ênfase foi colocada em interpretar a vontade da Força, ouvir a voz da Força, tomar a direção da Força, e assim por diante. Jora achava isso um pouco cansativo. Um vórtex filosófico.

Para ela, era bem simples. Os Jedi eram profundamente conectados ao lado luminoso da Força. Fosse qual fosse a escolha tomada por um Jedi era, consequentemente, a vontade da Força. Estudo e foco permitiam aos Jedi se tornarem melhores instrumentos dessa vontade, certamente, da mesma maneira que um sabre de luz bem conservado funcionava melhor do que um caído em desuso, mas ser pego em um debate sem fim sobre o que a Força poderia querer era paralisante. Uma perda de tempo.

— Essa é uma ação militar. — Mestra Adampo disse, acariciando os longos bigodes brancos pendendo de seu queixo, a voz dela forte e direta. — Os Jedi não são uma força militar. Acredito que isso seja simples assim.

— Mas nós fomos uma força militar no passado. — disse Oppo Rancisis. — De fato, nossos predecessores travaram e venceram a Grande Guerra Sith. Há precedentes sem fim nas crônicas para esse tipo de coisa.

— Verdade, mas não estamos em guerra agora. Estamos o mais longe disso. — disse Rana Kant.

— Não o mais longe. — respondeu Yarael Poof. — Houve muitas épocas em nossa história quando a Ordem foi reduzida a apenas um punhado de membros.

— Por que estamos falando sobre história? — Disse Ephru Shinn, o mais

novo membro do Conselho, um Mon Calamari, selecionado por Yoda para preencher seu lugar enquanto o grande Mestre estava em período sabático dos assuntos do Conselho. — Deveríamos nos preocupar com o agora, não com antigos impérios, vitórias ou derrotas. Qual é o nosso papel nessa República, nesse exato momento?

Ela ergueu a mão.

— Eu acredito que os Jedi deveriam, a todo o tempo, apresentar aos muitos povos da galáxia um estilo de vida centrado na paz. Devemos mostrar a eles o caminho. A República é inequivocadamente receptiva à tal ideia nesse momento.

— Sim, mas nós somos os guardiões de dois ideais, não somos? — Disse Yarael Poof. — Às vezes, infelizmente, eles entram em conflito. Devemos sempre procurar pela paz, mas também pela justiça. Paz sem justiça é falha, vazia em seu núcleo. É a paz oferecida pela tirania.

— Eu não acredito que haja um único exemplo de Jedi se envolvendo em questões militares do governo galáctico que gerou algo além de complexidade sem fim. — Ephru respondeu.

— Então deveríamos procurar apenas pela simplicidade? A galáxia não é um lugar simples, Mestre Shinn. — disse Grão-Mestre Lahru.

E assim continuou. Jora ouviu, mas não falou, deixando os outros membros do Conselho deixarem suas posições claras. Essas posições se estabeleceram com cinco a favor de concordar com o pedido da chanceler em incluir os Jedi na missão contra os Nihil, e cinco contra.

A escolha final caiu para Jora, o que parecia apropriado para ela, já que seria a nave dela, a *Ataraxia*, que acompanharia as forças da República na missão.

Os outros membros do Conselho olharam para ela, esperando-a falar. Então ela o fez.

— Vocês sabem que não sou de muitas palavras. Eu prefiro agir. Nesse caso, acredito que a decisão é bem simples. É a mesma questão que me pergunto sempre que faço alguma coisa.

Ela novamente desejou ter Reath com ela, pensando na lição que ele poderia aprender ali. Ela deveria passar para ele mais tarde.

— A ação que estou prestes a fazer trará mais luz para a galáxia?

Ela abriu as mãos.

— Nesse caso, eu acredito que a resposta é clara. Os Nihil eliminaram inúmeras pessoas pela Orla Exterior, e causaram uma luta e sofrimento sem fim. Deveríamos agir para reduzir a capacidade deles de fazer algo assim

novamente. Eu levarei a *Ataraxia* e acompanharei a frota do Almirante Kronara.

— E então o quê? — Perguntou Oppo Rancisis. — Você tem alguma ideia do que fará quando os Nihil forem encontrados?

— Sim, Mestre Rancisis. — Jora disse. — O que a Força quiser.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

ORLA EXTERIOR. A NÉBULA KUR

A *Terceiro Horizonte* saiu do hiperespaço perto de uma nebulosa verde clara que iluminava a ponte em uma tonalidade doentia, como um pântano. Kassav odiava a cor. Ele era de Sriluur no Espaço Hutt, um mundo seco onde a única vez que alguém via algo verde era quando estava coberto de mofo. Verde não era natural, um tom ruim, um mau presságio.

Muitos desses aparecendo.

A ponte da nave estava em silêncio, sem música. Kassav não estava no clima. Ele encarou o que sobrara de sua mão enquanto o droide médico cuidava dela, selando a carne cortada, remendando o melhor possível. Suas opções pareciam ser manter uma garra com alguns dedos ainda presos, ou apenas cortar o que sobrou e arranjar uma prótese. De qualquer maneira, sua mão do blaster nunca mais seria a mesma. Ele teria de aprender a atirar com a esquerda.

Marchion Ro, Kassav pensou. *Marchion maldito Ro.*

— O Olho disse a você quando essas naves da República aparecerão? — Bub Molhado disse. — Estamos trazendo muito poder de fogo, devemos ser capazes de explodir qualquer coisa que trouxerem. Livrar-nos daquela coisa de gravador de voo que Marchion Ro nos falou... e então voltar aos negócios!

O Gungan sorriu, seus dentes enormes e idiotas brilhando como cogumelos de cavernas naquela estranha luz da nebulosa.

— Estou cansado dessa espera toda. — Bub continuou. — Somos os Nihil. Precisamos montar a tempestade!

Kassav olhou para cima, desviando o olhar do estrago em sua mão favorita, olhando feio para seu tenente.

— Escute, sua cloaca estúpida. Você vai esperar o quanto eu disser para esperar. E então você *fará* exatamente o que eu disser a você.

Bub Molhado ergueu as mãos, suas duas mãos perfeitas, como se estivesse esfregando na cara dele, e recuou.

— Certo, chefe. — ele disse.

Bub parecia um cadáver. Um cadáver mofado de três semanas. Kassav olhou ao redor da ponte, para o resto de sua tripulação. Todos pareciam. Aquela maldita nebulosa.

Do lado de fora da janela da ponte, ele viu o resto de sua Tempestade surgindo, como ordenado. Cerca de cem naves, a maioria pequenas, naves Strike e naves Clouds, com embarcações maiores espalhadas. Naves de assalto, cargueiros modificados, esse tipo de coisa.

Seu pessoal, todos leais a ele e somente a ele. Eles eram todos Nihil, claro, mas essa tripulação não aceitava ordens de Pan Eyta ou Lourna Dee... e definitivamente não de Marchion Ro.

Kassav considerava sua frota, olhando de uma nave para a outra. Basicamente sua Tormenta inteira, exceto algum pessoal em serviço. Talvez não fosse a mais bonita da galáxia, mas era poderosa. Ele poderia causar um dano sério. Pan Eyta escolhia pensadores convencidos para sua tripulação. Lourna Dee pegava mentirosos e espiões. Kassav... ele sempre escolhera guerreiros. Ele pensava que se chegasse a isso, sua Tempestade provavelmente aguentaria os grupos de Pan Eyta e Lourna Dee combinados. Guerreiros, cada um deles, e todos eles acreditavam na mesma coisa, uma lição aprendida por Kassav desde que podia andar: quando você está em uma batalha, você nunca para de lutar. Ganha ou morre.

De fato, olhando para sua Tempestade infestando ao redor da *Terceiro Horizonte*, a ideia ocorreu a ele, e não pela primeira vez: ele realmente precisava dos Nihil? Por que não só pegar seu pessoal e ir embora? Seguir na direção da Orla, encontrar mais alguém para trabalhar. Os Caminhos eram úteis, mas ele não precisava deles, e ele com toda certeza não precisava de Marchion Ro. Era uma galáxia grande. Ele poderia começar os novos Nihil; ele aprendera todas as técnicas, não havia razão pela qual ele não poderia usá-las em outro lugar.

Mas nada dessas questões de tempestade. Ele estava cheio disso. Talvez

algo a ver com... fogo. Isso poderia funcionar. Faíscas no fim, então chamas, incêndio, inferno... sim, isso podia funcionar muito bem. E ele no topo, como o sol. Kassav, uma grande e poderosa estrela com tudo o mais girando ao seu redor.

Perfeito. Isso funcionaria às mil maravilhas. Sempre havia pessoas procurando pertencer a algo, uma maneira de continuar, e a República era rica, gorda, pronta para a colheita. Os investigadores Jedi de quem Marchion tinha tanto medo estavam procurando pelos *Nihil*, não ele especificamente. Sim, talvez eles soubessem o nome dele, da nave dele, após Eriadu... mas ele podia mudar ambos. Se Marchion Ro e os outros Viajantes da Tempestade amavam tanto a organização, deixe-os levar a culpa e descobrir como lidar com todos que queriam se livrar dos Nihil.

De fato, por que diabos ele estava esperando por aquelas naves da República com aquele estúpido gravador de voo? Melhor se eles continuassem com ele, e usassem-no para rastrear Marchion e o resto dos Nihil. Resolveria dois problemas de uma vez. Ele tinha sua Tempestade inteira reunida bem ali. Ele podia dar a ordem para fugir agora mesmo.

Kassav fez um sinal para o droide médico se afastar. Ele estendeu a mão para os controles de comunicação em sua cadeira de comando, um pouco desajeitado com sua mão ruim, e começou a digitar o código para transmissão ampla da frota.

Adeus tempestade, olá fogo, ele pensou.

Dellex, da estação de monitoramento, falou:

— Naves saindo do hiperespaço, Kassav.

Ele olhou para ela, os olhos estreitos.

— Os transportes da República?

Ela inclinou-se para frente, como se não conseguisse acreditar no que as telas diziam a ela.

— Pode ser a República, mas não são só algumas naves. — ela disse, e olhou para ele, seu olho orgânico arregalado. — É... uma frota de batalha.

O Almirante Kronara estava parado na ponte da *Terceiro Horizonte*, analisando a tela tático, focando nos dados atualizando rapidamente sobre as forças inimigas fornecidos pelos sensores da nave. Parecia que sua coalizão estava prestes a enfrentar uma frota Nihil completa, e ela não parecia uma

força de saqueadores desorganizados, tampouco. Dezenas de naves de todos os tamanhos, de cargueiros até a capitânia central, algum tipo de coisa personalizada do tamanho de uma corveta padrão. Escâneres já construíam uma imagem de suas capacidades militares, as quais pareciam bem significativas. Não eram fracas. Nenhuma das naves lá fora pareciam ser, de fato. Cada uma delas estava armada, com tudo de canhões lasers a minas magnéticas.

Havia potencial aqui para uma batalha como ele, um comandante militar superior da República, não via em décadas. Esse era o problema em quão boa a Chanceler Soh era em seu trabalho. Os Hutts estavam quietos, os Mandalorianos não iniciaram nenhuma confusão desde antes dele nascer, e o maior combate que a maioria dessas pessoas já teve de lidar foi em nível de discussão. Sequer havia uma frota permanente da República, apenas os velhos cruzadores de classe *Emissário* como a *Terceiro Horizonte*, e várias naves menores de apoio ou táticas.

De modo geral, setores e planetas lidavam com a própria segurança. Nas raras ocorrências de uma ameaça mais séria, os tratados da Coalizão de Defesa da República podiam ser acionados. Mundos prósperos como Chandrila e Alderaan eram chamados para fornecer naves e pessoal sob o comando de oficiais militares da República, as quais retornavam para seus mundos quando a crise estivesse acabada. Isso era o que acontecera ali. Sob as ordens da chanceler, Kronara dera o chamado, e ele conseguira reunir uma força tarefa de tamanho considerável. A maioria dos mundos do tratado estava mais do que feliz em contribuir com material, todos queriam uma chance de contra-atacar esses Nihil, os criminosos que aleijaram a galáxia.

Sob seu comando direto, Kronara tinha a *Terceiro Horizonte*, com suas Longbeams e um complemento bem robusto de Incom Z-28 Skywings, de fato, seus hangares compreendiam a maioria da divisão de ataque de naves menores sob controle direto da República. Além disso, mundos membros da CDR contribuíram com cinco cruzadores de patrulha de classe *Pacificadora*, cada um com uma tripulação de cem, bem com os seus próprios esquadrões de Longbeam e Skywings. E... outro grupo estava a caminho. Não um signatário da CDR, e não necessariamente pessoas que ele teria convidado, mas também não o tipo de pessoa que você recusa facilmente. Especialmente considerando a tragédia que caiu sobre eles com as Emergências.

Outra nave estava visível em sua tela, fora de sua autoridade de comando, mas certamente uma aliada: a *Ataraxia*, a única nave grande sob controle direto da Ordem Jedi. Era uma bela nave, projetada para evocar sutilmente o símbolo da Ordem com seu casco e asas curvas e amplas acentuadas em

branco e dourado. Embora a *Ataraxia* estaria permanentemente posicionada na nova estação A cabine quando fosse aberta, hoje ela viera para oferecer apoio à força tarefa da CDR. A nave era levemente armada, mas podia carregar um número grande de Vetores, e nesse dia seus hangares estavam cheios. Antes de a nave chegar, Kronara não estava certo se os Jedi participariam, apesar do pedido da Chanceler Soh. Os Jedi eram ligados à República de muitas formas, mas eles podiam e agiam de acordo com as próprias vontades sempre que julgassem apropriado. Seja qual fosse a razão, ele estava contente pela Ordem estar ali. Jedi tendiam a ser úteis.

O Almirante Kronara nunca desejaria a guerra, mas ele aceitaria qualquer oportunidade de reunir uma força tarefa da coalizão e entrar em um combate real e coordenação treinada. Melhor ainda, não havia ambiguidade moral na situação. Esses Nihil claramente estavam do lado errado da história. Uma ação militar completamente justificada contra uma força significativa? Uma chance de deixar a galáxia mais segura? Sim. Ele aceitaria.

Ele focou na tela, pensando sobre as táticas que estava prestes a empregar. Suas forças estavam em verde, em fileiras disciplinadas e uniformes. Os Nihil eram um turbilhão, uma caótica bolha em vermelho. Muitas naves ali. Deixava difícil prever como as coisas seguiriam. Kronara estudara a pouca inteligência disponível sobre os Nihil, reunida pelas forças de segurança de vários mundos da Orla Exterior. Por reputação, eles eram um bando bem selvagem. Mais preocupante, relatórios sugeriam que eles podiam quase aparecer e desaparecer quando queriam. Ele não sabia o que isso significava, mas sugeria que podiam ter algumas táticas únicas para usar.

Bom, deixe-os. Ele tinha algumas táticas também.

Ele olhou novamente para sua pequena frota na tela. Não exatamente uma armada, mas bastante força, considerando tudo.

Se os Nihil quisessem briga, eles teriam uma.

O Almirante Kronara digitou em seu comunicador, chamando a *Ataraxia* a fim de coordenar seus movimentos iniciais com sua comandante, Mestre Jora Malli. Ele a conhecia o bastante, ela tinha uma forte mente militar, tanto quanto qualquer Jedi poderia ter, e estava programada para comandar o templo Jedi na cabine assim que a estação estivesse operacional. Mas já que isso não aconteceu, ela estava ali, comandando a resposta da Ordem aos Nihil.

— Mestre Malli. — ele disse. — Tentaremos entrar em contato com a nave de comando Nihil. Obstrução pela nebulosa significa que não há muitos pontos de salto para o hiperespaço, e bloqueamos a maior parte deles. A maioria das naves Nihil não parece grande o bastante para ter computadores de navegação a bordo que podem calcular outra maneira para fora em um prazo razoável. Eles terão que conversar ou lutar, eles não podem simplesmente fugir. Se eles decidirem esquentar as coisas, estaremos prontos?

— É claro, Almirante. — veio a suave voz de Jora Malli. — Eu mesma levarei um Vetor, se chegar a isso. Eu tenho Avar Kriss aqui na *Ataraxia*, ela pode ajudar a conectar os Jedi, como fez no sistema Hetzal.

— Fantástico. — o almirante disse, e ele falava sério. Os Jedi eram sempre impressionantes, mas o que ele vira em Hetzal durante o desastre da *Legacy Run* fora extraordinário. Se Avar Kriss pudesse aplicar aquele conjunto de habilidades em uma batalha real, poderia ser uma vantagem decisiva.

O Almirante Kronara juntou as mãos às costas. Ele deu uma última olhada para a tela tático, então deu a ordem.

— Abra um canal de comunicação. — ele disse. — Vamos ver se esses criminosos querem conversar.

— Estão tentando falar com a gente. — Dellex disse.

— Não responda. — Kassav gritou.

— Não iria. — ela gritou de volta. — Mas precisamos fazer algo. Toda essa poeira espacial da nebulosa significa que não podemos saltar de lugar algum sem explodir. As naves da República estão bloqueando o acesso mais próximo da hipervia. Podemos sair com um Caminho, mas o Olho não nos deu um.

— Temos que atacar, certo? — Disse Gravhan, na estação de artilharia. — Frota de batalha ou não, se não matarmos esses ca-ras, sem mais Nihil.

— Só me dê um segundo para pensar, tudo bem? — Kassav gritou.

Ele virou-se para Dellex.

— Há outro? Um espaço aberto para entrar no hiperespaço sem um Caminho, quero dizer.

A mulher consultou suas telas.

— Sim. Não muito perto, mas se formos em aceleração máxima, podemos

provavelmente chegar lá antes das naves da República alcançarem a gente.

— Certo. — Kassav disse. — Dê a ordem. Todas as naves, sigam para o outro ponto de saída. De lá, se espalhem, e esperem até ouvir notícias minhas antes de fazer qualquer coisa. *Qualquer coisa*, entendeu? Nenhum ataque, nada. Apenas se escondam até eu dar a ordem.

Gravhan falou:

— Eu não quero questionar você, chefe, mas...

— Então não questione. — Kassav disse, dando um olhar sombrio para ele.

Sua mão doía. Sua cabeça doía. Tudo doía. Ele só queria que algo *bom* acontecesse. Gravhan não parecia entender isso, no entanto. Ele engoliu. Sua garganta parecia tão seca quanto poeira.

— A coisa é, Kassav, Marchion Ro contou a mim, Bub Molhado e Dellex as ordens que deu a você, e ele disse que se você não fizesse o que ele queria, então...

— Então *o quê*? O que você acha que vai fazer? — Kassav rugiu, puxando seu blaster com a mão esquerda e apontando para seu supostamente leal Storm. Agora Marchion Ro estava dizendo ao pessoal dele o que fazer? Dando instruções a eles por trás dele?

Bub Molhado e Dellex sacaram as próprias armas, bom, Dellex apenas ligou seu canhão de ombro, mas ele viu a luz se acender e ouviu o pequeno zumbido. Os outros Nihil na ponte congelaram, incertos sobre o que fazer, esperando para ver como acabaria.

— Deveríamos matar você. — Bub Molhado disse. — O que o Olho nos disse para fazer, se você não fizesse o que ele mandou. Ele disse que o que você fez em Eriadu colocou todo mundo em perigo, e essa é a única maneira de nos manter seguros. A única maneira de deixar tudo bom de novo.

O que eu fiz em Eriadu, seu lagarto traidor? O que eu fiz? Como se você não estivesse parado bem ao meu lado, me ajudando a comandar o serviço todo, Kassav pensou.

Ele podia talvez acertar os três... mas não com sua mão ruim. Ele manteve o blaster mirado em Gravhan e falou, rosnando as palavras:

— Você acha que Marchion Ro sabia que acabaríamos com uma frota de batalha da República em nós? Olhe, isso é uma das duas coisas, ou ele sabia, e nos mandou aqui para morrer, ou não sabia, e nesse caso ele quer que saiamos daqui para viver para lutar outro dia. Seja qual for, precisamos *ir*. Podemos encontrar outra maneira de resolver o problema com o estúpido gravador de voo.

Ele viu seus três Storms considerando as possibilidades.

— Bub Molhado, vá para o comunicador. Tente chamar o Olho. Diga a ele o que está acontecendo, e peça um Caminho para fora daqui.

O Gungan esperou um segundo ou dois, então guardou o blaster e virou-se para o console de comunicações.

— Dellex, você dá as ordens para o resto da frota. Diga a eles para correrem para o outro ponto de transferência o mais rápido possível. Gravhan, volte para a rede de armas, no caso dos bastardos da República decidirem começar a atirar.

— Nenhuma resposta de Marchion Ro. — Bub Molhado disse. — Mas o Cruzador da República está nos saudando novamente.

Kassav deu um olhar de conhecimento para seus tenentes.

Viram? Esse olhar transmitia. *Estamos por nossa conta aqui.*

Sem mais palavras, eles guardaram suas armas e seguiram suas ordens.

Ele sentiu os motores da *Terceiro Horizonte* acionando em uma velocidade maior enquanto se preparava para sua corrida para escapar da armadilha para a qual ele tinha cada vez mais certeza de que Marchion Ro os levara.

— Ugh. — Dellex disse, sua voz atipicamente moderada.

— O que agora? — Ele perguntou.

— Outra frota acabou de surgir. De outro ponto de transferência do hiperespaço. Estamos encurralados, Kassav.

— Diga-me que são Nihil. — ele disse. — Diga-me que é a Tempestade de Pan Eyta.

— Não é. As naves são todas registradas como sendo de Eriadu.

— É onde estragamos o trabalho de extorsão. — Bub Molhado disse. — Onde aquela Lua foi obliterada.

Um esclarecimento totalmente desnecessário. Todos naquela ponte sabiam exatamente o que fizeram em Eriadu.

O que eles não sabiam, no entanto, era a reputação das pessoas que viviam lá. Kassav sabia. Ele os pesquisara após a visitinha ao sistema deles. O que ele descobrira o fez falar palavrões por um minuto seguido. Acontece que os Nihil não eram os únicos predadores da galáxia.

Eriadu era um desses planetas guerreiros. Uma cultura inteira mergulhada em ideais de vingança, justiça, sangue e honra, facilmente ofendidos, sempre duelando e envenenando um ao outro e qualquer coisa.

Mas no momento, parecia que eles pararam de disputar tempo o bastante

para se juntar e caçá-lo.

— Acho que não vamos fugir afinal. — Kassav disse. — Diga a todas as naves. Hora de lutar. Vamos matar todos.

Todos na ponte viraram-se para suas estações, se preparando para batalha. Eles pareciam animados, mesmo seus tenentes idiotas, que deveriam saber melhor.

Kassav pressionou um controle em sua cadeira de comando, e a música começou. Mais wreckpunk, latejando, pulsando e ressoando. Ele colocou o volume no máximo.

— Pelos Nihil. — Kassav berrou, dolorosamente fechando sua mão mutilada em um punho e erguendo-o acima da cabeça.

— Pela tempestade. — Veio o grito em resposta, antecipado e ansioso.

Kassav olhou para sua tripulação, seus olhos passando de rosto em rosto.

Na luz verde da Nebulosa Kur, ainda se derramando pelas janelas da ponte, todos eles pareciam cadáveres, mortos há três dias.

Pelos Nihil, Kassav pensou. *Pela tempestade.*

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ESPAÇO. SISTEMA ELPHONA

Loden Greatstorm pressionou o seu Vetor ainda mais, acelerando em direção à nave Nihil danificada atravessando o vácuo, a orbe de cor de ferro e ferrugem de Elphrona retrocedendo atrás deles. Ele sentiu Indeera fazendo o mesmo com sua própria nave.

Não muito longe agora. Ele sabia que um salto seguro para a velocidade da luz necessitava de uma significativa quantidade de distância de Elphrona. Como a superfície do mundo, o espaço ao redor do planeta era uma massa fervilhante de campos magnéticos e distorções gravitacionais. Não havia como os Nihil serem capazes de escapar antes dele e Indeera os pegarem.

E então... bom, a Força seria a sua guia. Ele não queria que os sequestradores Nihil morressem. Ele não queria que ninguém morresse, nunca, mas às vezes, ele descobrira, pessoas escolhiam seus próprios fins, e não havia nada que ele ou mesmo a Força pareciam ser capazes de fazer sobre isso.

Bom, isso era fatalista. Ele faria tudo que pudesse para salvar todas as vidas naquela nave. Mas os inocentes teriam prioridade, e a linha entre inocente e culpado fora traçada claramente quando os Nihil escolheram jogar uma criança da escotilha.

Ele digitou em seu comunicador.

— Bell, você me ouve?

— Veio a imediata resposta.

— Você...

— Sim. — Bell disse. — Eu a peguei, e nós pousamos em segurança. O nome dela é Bee. Ela está com medo pelo irmão e pelo pai, mas está bem.

Loden sorriu.

— Eu sabia que conseguiria, garoto. — ele disse. — Até onde me diz respeito, nada que o Conselho tenha apresentado para seus testes bateria o que você acabou de fazer. Colocarei você para ser elevado a Cavaleiro Jedi assim que tudo isso for resolvido.

— Sério?

— Sério. Você me ouviu, certo, Indeera?

— Absolutamente, Loden. — veio Indeera Stokes através do comunicador.

— Viu, Bell? Tudo pronto. — Loden disse. — Mas você precisa levar Bee de volta para o posto avançado. A mãe dela está lá, com Porter Engle. Diga a ela que levaremos o resto da família dela antes que ela perceba. Peça a Porter para dar um pouco do ensopado para ela.

— Eu pensei em apresentá-la para Ember, também. — Bell disse.

— Perfeito. Irei desligar, Bell. Indeera e eu temos trabalho a fazer. Estou ansioso em celebrar sua elevação, Cavaleiro Jedi Zettifar.

— Mestre... obrigado.

— Não sou mais seu mestre, Bell. Você é um Cavaleiro Jedi.

— Não até o Conselho declarar isso, e eu quero você lá quando acontecer. Que a Força esteja com você.

— Ela está, Bell. Não se preocupe. Vejo você em breve.

Loden desligou o comunicador e retornou seu foco para a nave Nihil. Eles estavam dentro do alcance dos lasers, e com certeza alguns disparos voltavam para eles dos canhões da popa da embarcação.

Ele e Indeera desviaram para o lado, seus Vetores se movendo como um, facilmente evitando os tiros. Seu comunicador ganhou vida.

— Como faremos isso, Loden? — Indeera disse.

— Nós dois temos espaço para um passageiro, e há dois Blythes ainda naquela nave. Eu os farei desacelerar, então você pega o primeiro, e eu pegarei o segundo.

— É isso?

— É isso. Eu não quero exagerar nisso.

— Justo. Seguirei sua liderança.

Loden acelerou, levando seu Vetor a uma velocidade que rapidamente ultrapassou a nave Nihil.

— Fique pronta. — ele disse, tanto para Indeera e, pelo menos até certo ponto, para si mesmo.

Ele empurrou o manche para frente e para o lado, simultaneamente alcançando com a Força, levando os controles de reação da superfície do Vetor e impulsionado-os, permitindo a ele fazer uma manobra impossível para qualquer piloto além de um Jedi executar. Pelo comunicador, ele ouviu Indeera arfar, e sem perceber, ele se encontrou sorrindo.

O Vetor passou em espiral por *cima* na nave Nihil, girando como uma broca, evitando disparos desesperados dos canhões da embarcação, e terminando em uma posição onde sua própria nave estava frente a frente com a Nihil, mas voando de *ré*, igualando a velocidade da nave bem maior perfeitamente. Ele estava perto o bastante da outra nave para estar dentro do alcance efetivo dos canhões, e enquanto estivesse ali, eles não o acertariam.

Mas mais importante, ele tinha uma visão clara de dentro da cabine, onde uma mulher bem alarmada pilotava a nave. Ela era uma Nihil, a primeira que ele vira sem a máscara, e ela se parecia com... uma pessoa. Uma humana jovem com curtos cabelos maltrapilhos, terra vermelha no rosto da corrida através da superfície de Elphrona, e duas faixas irregulares azuis pintadas em uma bochecha. Uma criança da Força, como qualquer outra.

Mas a Força não tomava as decisões por você, e essa pessoa em particular fizera muitas coisas terríveis, seja por necessidade ou escolha.

O acerto de contas dela chegara.

Loden ergueu a mão do manche. Ele a moveu gentilmente para o lado, travando o olhar com a mulher Nihil, e falou:

— Você desacelerará sua nave e abrirá a escotilha exterior.

Apesar do transparaço da cabine, ele viu os lábios da mulher dizendo as palavras. Loden reservava o toque da mente para horas de necessidade extraordinárias, mas essa era uma, se fosse algo. Ela não precisava ouvir o que ele dissera, tampouco, a técnica era apropriadamente nomeada. Mente para mente, era só o que precisava.

Loden manteve os olhos focados na piloto, mantendo a conexão caso ele precisasse oferecer novas instruções. Ele sentiu a nave Nihil diminuindo, e então Indeera, aproximando-se e encostando seu Vetor. Ele sabia que ela

teria que saltar pelo vácuo para entrar na escotilha, mas seria uma questão de meros segundos, e a Ordem Jedi treinava seus membros em técnicas para aguentar os ambientes severos do espaço. Esses truques funcionavam apenas por alguns segundos, espaço era espaço, afinal, mas ele sabia que Indeera podia fazer o que precisava ser feito.

De fato, sua conexão com a Força disse a ele que ela já começara.

Uma sensação de grande urgência de dentro da nave, rapidamente silenciou-se. Ele não sabia se Indeera também usara o toque da mente, ou fora forçada a matar os outros Nihil lá dentro, ele sabia que vários sobreviveram aos eventos em Elphrona.

Isso terminará em breve, ele pensou.

Assim que Indeera terminou seu trabalho e resgatara o primeiro Blythe, Loden podia infiltrar-se na nave Nihil da mesma maneira. Ele a incapacitaria, para permitir os sobreviventes da tripulação saqueadora serem pegos seja pelos esquadrões de segurança de Elphrona ou talvez uma embarcação da República. E então ele poderia levar seu recém-resgatado passageiro até a superfície para se reunir com sua família. Não era um dia de trabalho ruim, tudo...

De lugar algum, aparecendo ao redor dele, naves, *muitas* naves, saltando do hiperespaço, cercando ele, a embarcação Nihil e o Vetor de Indeera. Isso deveria ser impossível, tantas embarcações fazendo tal salto coordenado, e tão perto de um planeta, mas as naves estavam lá. Muitas para se contar, todas de diferentes tipos. Uma grande nave no centro, polida e ameaçadora, e ao redor dela, um enxame de outras, mas cada uma delas tinha três faixas irregulares brilhantes pintadas nos cascos. Mais uma vez, o relâmpago.

Mais uma vez, os Nihil.

A antepara dianteira inteira da ponte da *Lourna Dee* era uma enorme janela, feita de transparaço triplamente temperado dentro de uma matriz de núcleo de diamante.

Através dela, Lourna Dee podia ver o que ela viera recuperar nesse planeta esquecido, uma nave Cloud Nihil danificada, a qual fora trazida pela tripulação de Dent Margrona para Elphrona para que pudessem sequestrar uma família e pedir o resgate de seus parentes ricos em Alderaan. Perto dela, duas daquelas irritantes embarcações Jedi, Vetores.

Um estava bem em frente à nave Cloud, tão perto que era surpreendente as duas naves não terem colidido, mas ela ouvira que pilotos Jedi podiam

fazer coisas incríveis.

De grande coisa isso serviria agora. Eram dois Vetores contra uma Tormenta Nihil inteira.

A primeira nave se afastou no nariz da nave Cloud, tentando fugir ou se colocar em uma posição de ataque.

Lourna Dee bufou.

Boa sorte com isso, ela pensou.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

ESPAÇO PROFUNDO. A NÉBULA KUR

Kassav olhou para a tela de batalha, franzindo a testa. Quase simultaneamente com sua ordem para a Tormenta mover-se em posição ofensiva, para atacar, os Cruzadores da República expeliram um fluxo sem fim daqueles caças com ponta em flecha que usavam, Skywings, junto de um bom número de naves robustas maiores, as Longbeams.

Seu pessoal estava revidando, e a maioria dava o melhor que podia em pequenos conflitos, mas as armas grandes do pesado cruzador da República e suas cinco companheiras menores descarregavam, quase cada tiro encontrava uma nave Cloud. Os escudos da *Terceiro Horizonte* e algumas das naves Nihil maiores aguentavam esses tiros, por enquanto, pelo menos, mas as naves Cloud? Sem chance. Elas piscavam em uma nuvem de chamas e duraço vaporizado todas as vezes que um disparo encontrava seu alvo.

Os números ainda estavam do lado deles, mas não podiam durar, e as naves de Eriadu chegavam mais perto a cada segundo, aproximando-se deles, implacáveis. Ou seus Nihil criavam um buraco na frota da República e acessavam o ponto da pista de hiperespaço, ou eles poderiam morrer ali mesmo.

Havia outra nave lá, também, o cruzador Jedi. Até então, não fizera nada, mas impossível não ter alguns daqueles Vetores a bordo. Essa era a última coisa que ele precisava.

— Alguma coisa do Olho? — Ele chamou.

— Nada ainda, chefe, Bub Molhado respondeu.

Kassav não esperava nada. Ele tinha quase certeza de que nenhuma rota miraculosa de fuga seria enviada para seu motor de Caminho. Se ele quisesse voltar para Marchion Ro e enterrar sua lâmina no olho sinistro do bastardo presunçoso, ele teria que fazer tudo sozinho.

Ele olhou para a tela tática, tentando decidir quais ordens dar. A República engolia seu pessoal, seus ataques disciplinados e coordenados incrivelmente efetivos contra sua Tempestade, onde cada piloto era seu próprio mestre e lutava como quisesse. A maioria de seus Nihil estava comprometida em combates aéreos, cada um tentando derrubar uma nave da República, tentando ganhar fama, uma boa história para contar no Grande Salão. Mas contra um exército treinado, eles simplesmente não conseguiam...

É isso, ele pensou.

Ele abriu um canal de comunicação para toda a frota.

— Meus Nihil, aqui é o Viajante da Tempestade. Vocês estão ensinando a esses tolos da República uma lição dos infernos. Estou impressionado. Mas eu quero que eles deixem essa batalha pensando duas vezes antes de nos enfrentar novamente. Parem de lutar nos termos deles. Eles não aprenderão nada.

— Lutem como os Nihil, ele disse. — Lutem *livres*. Lutem *sujo*.

Ele sorriu.

— Mostrem a eles quem somos. Isso é uma ordem.

Levou um momento ou dois para sua instrução ser absorvida, mas então uma das naves maiores, um cargueiro reaproveitado apenas um pouco menor do que a *Terceiro Horizonte*, abriu suas portas de carga. Seu motores se acionaram e algo saiu de lá, impulsionado pelo momentum, uma gosma cinza gelatinosa. Kassav lembrava-se que essa nave em particular foi um sequestro. Evidentemente os novos donos Nihil nunca limparam os contêineres de carga, e evidentemente a nave era originalmente algum tipo de transporte de resíduos.

A lama escorreu em uma inundação nociva, cobrindo os caças da República perseguindo o cargueiro. Dois Skywings giraram e colidiram, causando uma explosão... o que inflamou a carga inteira. Chamas ondularam em uma onda crescente, pegando todas as naves da República cobertas pela gosma quando o cargueiro Nihil a deixou livre. Todas elas explodiram, cada uma delas, em uma reação em cadeira de explosões que foi uma das coisas mais bonitas que Kassav já viu.

Lutem sujo, de fato.

O resto dos Nihil viram, também, e entenderam a mensagem. Subitamente não eram mais combate aéreos ou batalhas diretas com seus oponentes. Kassav assistiu uma de suas naves pousar *em* uma das embarcações maiores da República, então queimar os motores intensamente bem na janela da ponte. Ele viu outra tripulação usar o truque com o arpão que funcionara tão bem em Ab Dalis, rasgando um dos cinco cruzadores ao meio.

Não eram somente boas notícias, no entanto, uma de suas embarcações maiores, uma corveta leve, estava sob pesado ataque de um esquadrão de Longbeams. Seus motores queimaram, e a embarcação começou a vagar.

Isso é tudo, Kassav pensou. *Droga. Poderia ter usado aquela nave pelo percurso.*

Um número de módulos de fuga foram ejetados da corveta Nihil debilitada, e as Longbeams imediatamente romperam seu ataque e começaram a coletá-los com algum tipo de pinça magnética. Eles os rebocaram até o grande Cruzador da República mais próximo, entrando em suas baías com os módulos atrás.

Kassav preocupou-se por um momento com o que esses prisioneiros poderiam contar à República sobre os Nihil e suas operações, então percebeu que provavelmente não importava. As coisas não podiam piorar muito.

E então o Cruzador da República explodiu, em uma gigantesca explosão que também levou um número de embarcações menores por perto. Ao mesmo tempo, os motores da corveta Nihil, aquela que Kassav descartara, queimaram de volta à vida, e a nave virou-se, suas armas atirando em um conjunto próximo de Skywings.

Kassav entendeu o que acontecera. Os módulos de fuga não tinham seu pessoal a bordo, estavam lotados de explosivos, e quando os idiotas da República com toda sua nobreza tentaram resgatá-los porque...

— Heh, ele disse para si mesmo. — Nós somos todos a República.

Ele ligou o comunicador novamente.

— É isso aí!, Ele gritou. — Arrebentem um buraco bem no meio deles! Estou com todos vocês!

Ele desligou o sistema de comunicação e ergueu sua mão para morder a ponta do dedão, um tique nervoso, até perceber que não tinha mais um dedão naquela mão.

— Alguma notícia de Marchion Ro? — Ele falou para Bub Molhado.

Em resposta, ele apenas balançou a cabeça, as orelhas longas balançando,

batendo contra o crânio de Bub.

Não que ele esperasse alguma coisa. Era Kassav contra a galáxia. Como sempre.

O Almirante Kronara não conseguia acreditar no que estava vendo. Ele não esperava que um bando de criminosos lutassem com alguma coisa parecida com honra, mas isso era... desprezível.

Uma das embarcações Nihil maiores acabara de soltar uma enorme carreira de produtos derivados de reator de seus motores, criando um rastro invisível de radiação altamente tóxica que não só agrediam os sensores, como envenenava qualquer piloto que voasse através dele. Eles estariam os condenando a uma morte lenta e agonizante a menos que chegassem a uma instalação médica imediatamente.

Isso atingirá algumas das próprias naves, também, ele pensou. *Com certeza. Eles estão matando o próprio pessoal.*

Os Nihil não pareciam se importar. Sobre isso, sobre qualquer coisa, além de causar o maior estrago que pudessem.

A estratégia dava certo. Ele perdera dois de seus cruzadores de patrulha de classe *Pacificador*, o *Marillion* de Alderaan e o *Yekkabird* de Corellia, junto com as suas tripulações e um bom número de naves de ataque Longbeam e caças Skywings.

Ele não diria que os Nihil estavam vencendo, exatamente, suas táticas eram só ofensa, nenhuma defesa, e eles tinham prejuízos, seus números diminuindo... mas não estavam exatamente perdendo, tampouco. Isso precisava parar, e logo. Era hora de intensificar sua resposta.

O Almirante Kronara checou as suas telas novamente, olhando para a posição da pequena flotilha Eriaduana movendo-se inexoravelmente em direção à batalha.

Não perto o bastante ainda, ele pensou.

— Conecte-me com a *Ataraxia*, ele disse, chamando seu oficial de comunicações.

A voz da Mestre Jora Malli surgiu pelo comunicador alguns momento depois:

— Almirante. — ela disse. — Como posso ajudar?

— Os Nihil estão usando táticas pouco ortodoxas, jogadas feias. Podemos derrotá-los, mas os pilotos da CDR não treinam para coisas assim. Levará

tempo, e custará vidas. Se você e seu pessoal estão dispostos...

A Jedi concordou antes dele terminar a frase.

— Veremos o que podemos fazer, Almirante. A Força fornece uma vantagem e tanto em batalha.

— Seremos gratos pela ajuda. — ele disse.

— É claro. — ela disse, e terminou a transmissão.

Jora Malli entrou no hangar principal da *Ataraxia*, Sskeer ao seu lado. Ela segurava um comunicador em uma das mãos.

— Avar, vamos pegar o esquadrão Vetor. Os pilotos da República precisam de nossa ajuda para derrubar os Nihil antes das coisas ficarem piores lá fora. Você pode estabelecer sua conexão com todos nós, para ajudar a deixar a tarefa mais simples?

— Posso. — Avar Kriss respondeu. — Já estou ouvindo a canção.

Jora sabia que Avar interpretava a Força como música. Ela não via dessa maneira. Para ela, a Força era... uma força. Mas você não podia negar a efetividade do que Mestra Kriss podia fazer.

Ao redor dela, Jedi corriam em direção aos Vetores aguardando, a tripulação não-Jedi da *Ataraxia* abastecendo e preparando as delicadas naves para voo. Ela viu Elzar Mann e seu amigo Stellan Gios, Nib Assek e seu Padawan Wookiee Burryaga, o Ithoriano Mikkel Sutmani que fora parte de uma missão infeliz durante a qual a Ordem perdera Te'Ami... todos pilotos fortes. Eles precisavam ser. Ela já recuperara os dados táticos da batalha, e as naves Nihil pareciam dispostas a fazer de tudo para ferir ou destruir seus inimigos.

— Você está pronto, velho amigo? — Ela disse para Sskeer conforme se aproximavam de seus próprios Vetores.

— Você deveria estar em Farol Estelar. — o Jedi Trandoshano sibilou de volta. — Você deveria estar lidando com pedidos de provisões e Younglings indisciplinados, não liderando um ataque a um bando de piratas. Deixe-me ir sozinho... não há necessidade para você voar.

— Você pode morrer tão facilmente na cama quanto em batalha, Sskeer. — ela disse, subindo na cabine de sua nave.

— Isso é certamente falso. — Sskeer falou, colocando uma máscara de oxigênio sobre seu amplo nariz e acomodando-se em seu assento de piloto. — E se nós dois simplesmente concordarmos em não morrer?

— Fechado. — ela disse enquanto a capota fechava.

Jora pegou seu sabre de luz, um cilindro dourado com protetores curvos de platina enrolando-se na direção do cabo como asas, e o colocou contra o painel de ativação de armas no console de seu Vetor. Os sistemas de mira acenderam-se com um brilhante branco, a cor da lâmina de seu sabre. Ela obtivera seu cristal kyber, então um luminoso vermelho sangue, de uma antiga lança de luz Sith e o curou, purgando a fúria e dor incutida nele por seu dono original. Ela performara o ritual principalmente como um exercício intelectual, para ver como era feito, mas assim que o processo foi completado ela encontrou-se intimamente ligada ao cristal, e agora o usava no núcleo de sua principal arma.

Ela empurrou o manche para frente e disparou para fora do hangar até o espaço aberto.

Por toda a sua volta, Vetores se materializavam, disparando da *Ataraxia*.

— Comigo, Jedi. — Jora Malli disse, e as naves vieram ao seu redor, criando uma formação fechada que apenas as naves Jedi conseguiam realizar.

Era a Corrente, perfeitamente composta, e a única coisa mais bonita do que ver uma era ser parte de uma.

A batalha estava à frente, e era a hora da virada.

As naves Eriaduanas avançavam lenta e constante, e estavam agora em alcance visual, o que significava que estavam no alcance das armas também, mas não começaram a atirar ainda. Kassav pensou saber o porquê. Os caçadores queriam aterrorizar sua presa antes de matá-la.

Uma batalha era uma coisa, mas isso era espera. E era agonizante.

As naves eram todas longas, finas, como lâminas. Elas pareciam espadas, a ponta para frente, e vinham diretamente para ele.

— Desvie um terço de nossas naves para os cruzadores Eriaduanos. — ele ordenou, gritando para Bub Molhado. — Precisamos deles *eliminados*.

— É pra já, chefe. — Bub disse.

Ele soava duvidoso. Não era surpreendente. Kassav tinha dúvidas também. Eles derrubaram sua cota de Longbeams e Skywings, mas os Jedi finalmente entraram na briga, mandando aqueles malditos Vetores. Ainda assim, tanto faz. Jedi podiam morrer, como qualquer um. Ninguém nunca disse que eram imortais.

Mas os Nihil estavam ficando sem truques, e a República ficava mais

esperta, deixando as armas grandes de seus cruzadores fazer a maior parte do trabalho. Era hora de ir. O que Kassav realmente precisava era um Caminho, mas as chances disso eram...

— Kassav! — Era Bub Molhado, uma nota nova em sua voz, esperança. — Tenho Marchion Ro no comunicador!

— Pode passar! — Kassav gritou. — Em privado!

A voz de Marchion Ro soou na máscara de Kassav.

— Ei, Kassav. — ele disse. — Você encontrou algum problema por ai?

Acho que sabe que encontramos, Kassav pensou.

— Sim. — ele disse. — Força tarefa da República, um monte de Jedi, até algumas naves de Eriadu. Como uma espécie de emboscada. Eu sei que você quer se livrar do gravador de voo, mas um Caminho seria realmente útil para nos tirar daqui. Estamos sofrendo bastante, Marchion. Minha Tempestade inteira está em risco.

— Supostamente deveriam ser alguns transportes. — Marchion Ro respondeu. — Eu não sei o que aconteceu. Arranjarei um Caminho. Apenas continue lutando... Eu direi algumas coisas para sua Tempestade, também. Como o Olho.

— Certo, ótimo, mas quando tempo você acha que levará até poder nos enviar um Caminho, porque...

A conexão caiu. Kassav desejava poder correr pela linha de transmissão, não para escapas, mas com o único propósito de encontrar Marchion Ro e matá-lo da maneira mais selvagem que ele pudesse imaginar.

Bub Molhado falou novamente.

— Outra transmissão do Olho. — ele disse. — Todas as naves estão recebendo.

— Transmita. — Kassav disse.

O wreckpunk, ainda estridente nos alto-falantes da ponte, automaticamente reduziu o volume enquanto a voz de Marchion Ro ecoou através da *Terceiro Horizonte* e todas as outras naves na frota Nihil.

— Eu sou o Olho dos Nihil, e eu vejo a batalha que estão lutando. Eu vejo a República, tentando tomar sua liberdade, tentando tomar seus créditos arduamente conquistados, tentando tomar seu estilo de vida... eles querem vocês *mortos*. Apenas por viver. Apenas por existir. Apenas por andar por um caminho desconhecido por eles.

— Quem são *eles* para nos dizer como viver? Quem são eles para aparecerem em nosso território e tentar nos matar? A República. Os *Jedi*. O

que dá o *direito* a eles?

Kassav olhou ao redor da ponte. Dellex, Gravhan, Bub Molhado e todo o resto, todos pararam o que faziam e estavam imóveis, apenas ouvindo as palavras de Marchion Ro.

Ele subitamente teve um mau pressentimento. Um pressentimento muito ruim.

— Eu não permitirei isso. — Marchion Ro disse. — Eu tenho uma responsabilidade com os Nihil, e com a liberdade na qual todos acreditam tão profundamente. Eu sou o Olho, e eu darei a vocês o que precisam para derrotar nossos inimigos. Esses são os Caminhos de Batalha, meus amigos, e com eles...

Uma pausa, uma respiração contida, e Kassav sabia que cada um em seu pessoal estava pronto, esperando, desesperados para ouvir o que Marchion diria em seguida.

— ... vocês não podem perder.

A *Terceiro Horizonte* tamborilou, todas as superfícies vibrando com uma estranha energia nova, até seu próprio núcleo. Dellex gritou, olhando para as telas.

— Kassav... o motor de Caminho... algo está acontecendo!

Sskeer voava como parte da Corrente, a conexão com todos os Jedi ao redor dele reforçada pelo que Avar Kriss fazia lá na *Ataraxia*. E a conexão mais forte de todas era com Jora Malli, sua nave perto a estibordo, tão próxima que as pontas das asas quase se tocavam.

Os Vetores não abordaram o inimigo ainda. Os Nihil estavam à frente, envolvidos em batalhas com Longbeams e Skywings. Ele sentiu a antecipação, por toda sua volta, Jedi se preparando para o teste de combate.

Sua própria cabine estava banhado em luz verde, a cor da lâmina de seu sabre de luz. Tudo estava pronto. Ele iria defender, ele iria proteger, ele iria trazer a justiça. Ele era um Jedi, e ele...

Algo aconteceu.

As naves Nihil... moveram-se. Deslocaram-se. Todas elas, de uma vez, estavam em um lugar, e então estavam em outro. Elas não se moveram como uma, mas em solavancos e investidas separadas, desaparecendo e reaparecendo em distâncias variadas da posição original.

Aconteceu novamente, e não havia razão naquilo, nenhum padrão. Os

Nihil simplesmente saíram e um lugar e então...

Uma impressão momentânea de algo grande, sólido, próximo demais para evitar, aparecendo bem no meio da Corrente, e então um impacto tão gigantesco que ele não podia realmente compreender. Um enorme clarão de luz, e a sua sensação de muitos Jedi ao redor dele desapareceu. Então algo colidiu contra a capota de sua cabine, e *através* dele, um pedaço afiado de metal perfurou diretamente seu ombro, através do seu corpo e fundo no seu assento do piloto, cortando seu braço na articulação.

Apesar do choque, Sskeer pensou entender o que acontecera. De alguma forma, os Nihil entravam no hiperespaço, então saíam dele, distâncias impossivelmente curtas. Um aparecera do hiperespaço diretamente no meio da Corrente, e a subsequente colisão causara uma onda de destruição e caos.

Sskeer uivou, não por causa da dor ou mesmo da perda de seu membro, ele era Trandoshano, e então o seu braço cresceria novamente com o tempo, mas por algo pior.

Um dos Jedi que ele não podia mais sentir... era Jora Malli.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

ELPHRONA. ÓRBITA BAIXA.

Loden levou seu Vetor para cima, longe da nave Nihil incapacitada, batendo seu sabre de luz contra o console de controles, o conjunto de armas se iluminou. Ele acionou seus escudos, sabendo que não aguentariam mais do que alguns disparos da armada que de alguma forma aparecera do nada.

O truque, então, era não ser atingido.

— Indeera! — Ele chamou, escaneando ambos as telas de ameaças em seu console e tudo o que a Força dizia a ele sobre o arranjo infinito de naves Nihil o cercando.

Um breve momento, uma respiração, como se a frota inimiga estivesse considerando a mesma decisão coletiva, e então atirou. Em todo o lugar, uma cascata. Loden inclinou e zigue-zagueou, e tentou ser o alvo mais desafiador possível, sabendo que com esse nível de disparos vindo para ele, era tão provável ele ir na direção de um tiro fora do alvo tanto quanto ser atingido pelos Nihil com mira excepcional.

Então ele parou de pensar nisso e se rendeu à Força, deixando-a guiar seus movimentos. Pensar demais na situação apenas acabaria atrapalhando seu caminho. Embora ele não tivesse certeza, ninguém poderia ter, ele não acreditava ser sua hora de morrer.

Um tiro de blaster chiou em seus escudos, e ele reavaliou.

Provavelmente não é a minha hora de morrer, ele pensou.

— Estou aqui, Loden. — Indeera disse. — O que está acontecendo?

— Uma frota Nihil saiu do hiperespaço, e não parecem particularmente felizes. — ele disse.

— Aqui? Isso não é possível.

— Por favor, diga isso a eles.

— Você está bem?

— Por enquanto. Estou ficando fora do caminho. Mas não posso fazer isso para sempre. Precisamos resolver isso agora.

Uma breve pausa, então Indeera falou novamente:

— Eles não estão atirando nessa nave, ou no meu Vetor.

— Eu sei. Eles devem querer garantir que a família sobreviva. — Loden disse, mandando alguns disparos de seus próprios canhões, fazendo uma das naves menores Nihil explodir.

— Quem são esses Blythes? Por que são tão valiosos?

— Isso importa?

— Não... mas eu só posso levar um deles em meu Vetor, Loden. O pai quer que eu leve o filho primeiro, se eu conseguir levá-lo, mas não tenho certeza se consigo passar pelos Nihil ou mesmo voltar para minha nave.

— Faça isso. Leve o filho. Cobrirei você, então pegarei o pai e seguirei você de volta para Elphrona. A segurança planetária pode não querer fazer nada contra uma única tripulação de saqueadores, mas terão que responder a uma frota de invasão inteira.

— Tudo bem... mas Loden... como vai fazer isso?

Ele colocou seu Vetor em uma espiral, atirando novamente. Dessa vez ele errou, mas pelo menos estava vivo, ainda lutando.

— Eh. — ele disse. — Eu provavelmente apenas confiarei na Força ou algo assim.

Nada de Indeera. Loden riu.

— Vai dar certo. Ou não, mas darei meu melhor. Faça um favor a mim e deixe a escotilha exterior aberta quando sair, Indeera.

— Isso soa como se você realmente tivesse um plano.

— Eu não chamaria de plano. É mais como cinco coisas impossíveis seguidas. Vou tentar todas de uma vez.

Ele voou diretamente para a maior nave Nihil, rapidamente desviando dos tiros de nove ou dez embarcações menores em seu rastro enquanto se abria para os tiros do cruzador. Mas melhor um atacando do que dez.

— Estou ficando sem tempo, Indeera. Precisamos variar isso. Você está pronta?

— Pronta! — Ela disse.

— Vá! — Loden gritou.

Loden diminuiu sua respiração, alcançando a Força. Ele afastou as mãos do manche, deixando apenas as pontas dos dedos tocando sua superfície. Vetores eram embarcações sensíveis em regra, e essa em particular era mais atenta aos comandos do piloto do que a maioria. Ele ouvira uma vez o seu Padawan, não, o seu *antigo* Padawan, Bell seria em breve um companheiro Cavaleiro Jedi, dizer a Ember o nome da nave, quando pensou não ter ninguém ouvindo.

A *Nova*. Talvez Bell mantivesse em segredo por pensar ser bobo ou infantil. Loden achava belo. Ele queria dizer isso a Bell. Da próxima vez que o visse.

Tudo bem, Nova*, hora de honrar seu nome,* Loden pensou.

Com suas mãos, ele pilotava a nave, e com a Força, ele usava as armas e movia-se através do combate em uma maneira que nenhum dos Nihil já vira, ou poderiam antecipar ou, se Loden escolhesse dar tiros letais, poderia sobreviver.

A *Nova* era uma flor de chamas e tiros lasers, espiralando através da batalha, cada tiro encontrando seu alvo, cada movimento uma evasão ou um redirecionamento.

Os agressores Nihil se moveram de uma posição de ataque para algo como uma retirada em pânico, a esfera de naves o cercando se expandindo e tornando-se mais espalhada, tanto pela crescente distância entre as embarcações quanto sua própria redução dos números deles. Apenas a capitânia não se moveu, seus lasers refletindo nos escudos dela.

Vagamente, seus sentidos o disseram que o Vetor de Indeera tomara a oportunidade para sair da sombra da nave dos sequestradores e acelerar pela lacuna no cordão inimigo. Como ele suspeitava, o resto dos Nihil não a perseguiram. Eles sem dúvida estavam monitorando as comunicações entre Loden e Indeera, ou tinham acesso à imagens de câmera dentro da embarcação danificada. De qualquer maneira, ele sabia quem Indeera tinha levado, o garoto.

Eles não o queriam, no entanto. Queriam o pai, por alguma razão.

Era o trabalho de Loden se certificar de que não o pegassem.

Ele sabia como podia embarcar na nave dos sequestradores, mas ele não sabia bem o que faria depois disso. Sair dessa intacto parecia... improvável.

No mínimo.

Mas então, ele lutava contra uma armada gigante de saqueadores em um único Vetor tempo o bastante para sua colega escapar, e ele conseguira aquilo. Ele descobriria como.

Loden angulou sua nave para seguir diretamente para a nave Nihil danificada contendo o último Blythe.

Ele se aproximou, então recuou bruscamente o manche, desacelerando a nave quase a uma velocidade nula, sentindo as forças-g o empurrando para frente.

Em uma série de rápidos movimentos assistidos pela Força, ele puxou o cabo do sabre de luz do console, estava quente, quase queimando, soltou a trava de emergência da capota do Vetor, soltou seu cinto e disparou em frente, para fora da nave e para o espaço aberto.

Loden mirou perfeitamente. Quase perfeitamente. Ele realmente entrou pela escotilha na nave Nihil danificada, mas uma perna raspou na borda da escotilha enquanto ele passava, e na velocidade na qual ele estava era como um martelo de duraço em seu membro. Os ossos da parte inferior de sua perna quebraram, e por um momento Loden não sentiu nada. Mas apenas por um momento.

Então dor, incandescente.

Ele atingiu a escotilha, com força, apesar de pelo menos isso ter sido antecipado e ele foi capaz de suavizar o impacto um pouco. Loden bateu no painel de controle de um lado da escotilha e a porta exterior fechou-se. A atmosfera começou a circular, oxigênio precipitando para dentro da pequena câmara.

Loden usou o momento para examinar sua perna quebrada, estava torcida em um ângulo bizarro, e parecia que o osso rompera. Nada bom.

Do lado de fora da nave, através da escotilha ele viu um clarão de chamas que sabia ser seu Vetor sendo destruído pelos Nihil.

Adeus, Nova, ele pensou. *Você foi uma nave maravilhosa.*

Nada disso era inesperado, bom, talvez a perna. Isso não era ideal.

Loden pensou em um exercício de administração da dor que conhecia, e embora ele percebesse há um certo nível estar em agonia, ele foi capaz de engarrafar isso e colocar de lado. O truque não duraria para sempre. Você não poderia enganar o corpo indefinidamente. Mas esperançosamente, o ajudaria a seguir com o que viesse em seguida.

Um sino suave quando a atmosfera da câmara de ar igualou-se com a de dentro da nave, e a escotilha se abriu. Loden se colocou de pé, favorecendo a

perna boa, nenhum exercício Jedi seria tão poderoso para que ele pudesse colocar peso na outra perna, e se empurrou para dentro.

A primeira coisa que viu foram corpos. Vários, todos os Nihil, portando marcas reveladoras de morte por sabre de luz. Todos tinham blasters nas mãos. Indeera fora forçada a se defender e os reféns, e essas pessoas trouxeram a morte para si. O corpo da piloto estava ali também, a mulher desmascarada que Loden influenciara com o toque da mente.

A segunda coisa que ele viu foi um homem, seus olhos arregalados, uma pistola blaster nas mãos. Ele não se parecia com um Nihil. Ele parecia um mineiro. O último Blythe.

— Você é o outro Jedi, o homem disse.

— Você é o pai. — Loden disse, sua voz um pouco trêmula.

— Ottoh Blythe. — o homem respondeu. — Antes de qualquer coisa, obrigado por salvar minha família. Se houver qualquer coisa que eu puder fazer por você, só...

— Eu não me incomodaria com um pouco de ajuda com isso, agora que mencionou. — Loden disse, apontando para sua perna.

Ottoh olhou para o membro machucado, percebendo o que acontecera, e assentiu. Ele enfiou a pistola em seu cinto e moveu-se para a antepara, onde um contêiner de metal estava aparafusado à parede. Ele o puxou, então o abriu, revelando um mecpac de emergência.

Do kit, ele pegou um injetor e o ergueu.

— Isso não vai consertar uma perna quebrada, mas pode fazê-lo esquecer que está quebrada. Por um tempinho, pelo menos.

— Sim, por favor. — Loden disse.

Ottoh entregou o injetor para Loden, que prontamente o enfiou na coxa e pressionou o ativador. Um pequeno *uoosh*, e imediatamente a dor diminuiu. Ele libertou a Força, poupando suas reservas para os desafios vindouros.

— Melhor? — Ottoh disse.

— Bom o bastante para nos tirar dessa.

— Eles destruíram a sua nave. — Ottoh disse. — Eu a vi explodindo através da janela. Como vamos sair?

— Estamos *em* uma nave. — Loden disse. — E eles não estão atirando nela. Eles não querem matar você, o que significa que temos uma vantagem. Primeira coisa que faremos, vamos tentar negociar, tenho alguns truques que posso tentar no comandante deles, e se funcionarem...

Um enorme *thunk*, esmagadoramente alto, e nesse instante algo novo

apareceu no compartimento com eles. Era a ponta dianteira de um torpedo de algum tipo, afiado para perfurar um casco, o que fizera. Loden tentou empurrá-lo de volta para o espaço com a Força, então parou, percebendo que ele não tinha certeza se a nave ainda tinha escudo contra o vácuo. Resolver um problema poderia causar outro, o que honestamente era irrelevante porque a coisa iria explodir, e como ele poderia calcular muito errado, e pelo menos eles salvaram três membros da família, e Indeera, Bell e Porter sobreviveram também, e se fosse a hora dele, bom, então...

A ventilação abriu na ponta do torpedo, e gás sibilou para fora, azul acinzentado como fumaça de uma nuvem de trovão, preenchendo o compartimento inteiro em um instante. Jedi podiam segurar a respiração por um bom tempo, mas isso acontecera tão rápido que não *houve* tempo de respirar.

Loden viu Ottoh Blythe cair de joelhos, então tombou, seus olhos rolando para trás e se fechando. Ele podia sentir sua própria cabeça começando a mergulhar.

Loden alcançou pela Força, pensando novamente que talvez se ele simplesmente empurrasse o torpedo para longe, ele podia evacuar o ar de dentro do compartimento com o veneno com ele, sim, ele e Ottoh Blythe estariam no vácuo, mas um problema de cada vez.

Mas a Força escapou de suas mãos. Ele não conseguia pensar, não podia focar.

Ele caiu para o lado, a flamejante agonia em sua perna momentaneamente clareando sua mente. Mas apenas por um momento. Ele não conseguia pensar. Ele se sentiu estúpido, adormecido.

A escotilha se abriu, causando redemoinhos de ar misturando-se no compartimento, mas não o bastante para dissipar o gás. Apenas o bastante para misturá-lo um pouco, deixando uma área livre na câmara de ar. o que significa que Loden Greatstorm viu os monstros entrarem na nave.

Os Nihil.

Lourna Dee entrou no compartimento, seguido por alguns de seus melhores Storms. Todos mascarados, os capacetes trabalhando triplamente como ocultador de identidade, indutor de terror, e, mais importante, filtro para as neurotoxinas. A coisa era uma receita especial que ela encomendara de um envenenador em Nar Shaddaa e nunca compartilhara com seus companheiros Viajantes da Tempestade, uma garota precisava ter seus segredos, afinal.

A névoa cinza rodopiou, se separando e refazendo, dando a ela vislumbres dos Jedi e do Blythe, caídos no deque, inconscientes.

Isso deve endireitar as coisas com Marchion Ro, ela pensou. *Missão cumprida.*

Lourna Dee se perguntou como Kassav estava, em sua própria atribuição, se ele se redimira também.

Ela esperava que não.

— Leve os dois. — ela disse.

CAPÍTULO QUARENTA

ESPAÇO PROFUNDO. NÉBULA KUR.

— Como eles estão fazendo isso? – O Almirante Kronara gritou, assistindo as luzes verdes indicando seus caças se apagarem sobre a tela tática, luzes azuis, também, e essas eram Jedi.

As naves Nihil, todas menos a nave principal, faziam alguma coisa incomensurável. Elas desapareciam e reapareciam por todo o combate, sua existência no espaço real oscilando. Os pilotos da República não conseguiam acompanhar, e os Nihil se aproveitavam disso, derrubando suas Longbeams e Skywings uma por uma.

Não parecia inteiramente controlado, no entanto, as naves Nihil podiam aparecer diretamente no caminho das naves da República e dos Jedi... e mesmo as deles. Os resultados era um completo caos. Explosivo, assassino caos.

— Campos de camuflagem? — Ele perguntou.

— Não parece ser, Almirante. — um dos oficiais da ponte respondeu. — Escâneres sugerem que estão saltando para dentro e fora do hiperespaço. Saltos bem pequenos, algumas vezes tão curtos quanto um quilômetro.

— Isso não é possível. — Kronara disse.

O oficial não respondeu, sábio o bastante. Obviamente não era impossível, as malditas naves estavam fazendo bem ali, bem na frente deles.

Outra Longbeam explodiu, eram três boas pessoas perdidas, no mínimo.

Algumas naves daquela classe mantinham uma tripulação de até vinte e quatro.

Isso era... como você poderia lutar contra algo assim? Era como lutar contra o próprio caos. Como tentar derrubar... uma tempestade.

Na *Ataraxia*, Avar Kriss pairava no ar, ouvindo a canção da Força. Ela tentava focar apenas nas notas das naves dos Nihil enquanto elas entraram e saiam do hiperespaço, usando sua bizarra tática para um efeito mortal. Os Nihil eram apenas um segmento na grande melodia da batalha, no entanto, e difícil de isolar. Agitado, staccato, desaparecendo e reaparecendo. Difícil de seguir.

Ela franziu a testa.

Não ajudava que sua mente soava com a ausência dos Jedi perdidos. A grande Jora Malli, além de muitos outros. Um acidente, impossível de prever, mas isso não diminuía a tragédia.

Ali.

Ali.

Ela encontrou. A Força mostrara a ela a canção dos Nihil, como eles voavam e lutavam. Ela podia ouvi-la claramente, e isso significava que ela sabia não só o que estava acontecendo, mas também, até algum grau, o que aconteceria.

Avar alcançou os Jedi lutando em seus Vetores através da rede criada por ela, dando orientação a eles, ajudando-os a ouvir o que ela ouvia, para que pudessem antecipar onde os Nihil aparecerão, e terminar essa luta de uma vez por todas.

Elzar Mann pilotava o seu Vetor, mergulhando e costurando através da batalha, movendo de alvo em alvo, aproveitando chances quando se apresentavam. A Corrente desintegrara-se após a colisão com a embarcação Nihil levando mais do que dez naves, e agora cada Jedi encontrava seu caminho através da batalha.

Avar estava lá, é claro, no fundo de sua mente, mantendo todos os Jedi unidos, ajudando e guiando como sempre fez. Ele não entendia muito bem o que ela fazia, a informação que ela passava era difusa, mas ele acertava seus

alvos, cada tiro encontrando uma nave Nihil, geralmente bem quando saía do hiperespaço.

Quase não importava o que Avar estava fazendo. Ele apenas gostava de tê-la em sua cabeça.

Menos atraente era a sensação dos Nihil. Eles pareciam ser criaturas compostas inteiramente de fúria e medo. Estranhas bestas rastejando junto das profundezas do mar da Força no qual todas as coisas nadavam.

Elzar Mann mergulhou fundo, caçando-os um por um. Era incrível. Eles eram tão fáceis de achar. A raiva deles os deixava vulneráveis. A coisa que eles acreditavam fazê-los forte, perigosos... fazia deles fracos.

Ele atirou novamente, e outra nave Nihil desapareceu. Ele voou através da nuvem de destroços, já procurando seu próximo alvo.

— Estamos... vencendo? — Dellex disse de sua estação de monitoramento, tentando rastrear a atividade incompreensível da batalha abrangendo o espaço ao redor da *Terceiro Horizonte*.

Kassav não tinha ideia de como responder a pergunta. Os Caminhos de Batalha de Marchion Ro, seja lá o que fossem, pareciam ter tomado controle das naves de sua Tempestade através dos motores de Caminho, mandando-as para dentro e para fora do hiperespaço, um novo salto a cada poucos segundos. Tornava quase impossível para as naves da República atirar neles, mas não estava claro se isso estava dando a eles uma vantagem real, tampouco. As poucas comunicações que receberam dos Raios e Nuvens na batalha sugeriam confusão, até terror.

— Outra mensagem do Olho. — Bub Molhado chamou. — Seu canal particular, Kassav.

Marchion Ro, Kassav pensou. *Marchion maldito Ro.*

Ele ativou seu comunicador e não esperou Marchion falar.

— *O que é isso?* — Ele disse.

— Vitória. — Marchion Ro disse. — Uma longa espera. A primeira de muitas.

— O que raios isso significa?

— Você matou meu pai, não foi?

Kassav hesitou. Não por muito tempo, mas provavelmente tempo o bastante.

— Do que está falando, Marchion? Estamos morrendo aqui!

— Eu não tenho certeza se foi você. — disse o Olho dos Nihil, mas estou escolhendo acreditar que foi. E se não for, bom, Lourna Dee e Pan Eyta... a hora deles chegará. Adeus, Kassav, e obrigado. Você e sua Tempestade estão prestes a salvar os Nihil. Agradecemos pelo seu serviço.

A conexão terminou, e Kassav olhou pela janela a batalha. Ele viu o que estava acontecendo, assim como todos os outros na ponte.

— O que eles estão... fazendo? — Gravhan disse.

As naves da Tempestade de Kassav mudaram a tática novamente. Não mais saltando de lugar em lugar através de pequenos saltos de hiperespaço, agora eles estavam efetivamente mirando nas naves da República, saltando *dentro* delas, colidindo diretamente no caso de embarcações menores e saltando dentro das barreiras de escudo dos cruzadores maiores, impactando contra os cascos em enormes botões de fogo e destroços.

— Desconecte o motor de Caminho! — Kassav gritou. — Agora!

A *Terceiro Horizonte* estremeceu quando outra embarcação Nihil explodiu contra seu casco.

— Relatório de danos! — Almirante Kronara gritou.

Esse último agressor usara o mesmo truque que algumas outras conseguiram, pular da velocidade da luz para dentro dos escudos da *Terceiro Horizonte*.

— Violação nos deques três e quatro, mas era uma área não-essencial, Almirante, temos tripulação de emergência à caminho, mas não afetará nenhum sistema significativo.

Ele nunca vira nada assim. Os Nihil não eram fanáticos, até onde ele sabia. Eles eram apenas saqueadores. O que iria compelir essas pessoas a se matarem assim? Eles deveriam saber que a República os levaria como prisioneiros se possível. Nenhuma dessas pessoas precisava morrer.

— Envie outra transmissão para a capitânia. — ele ordenou. — Reitere que aceitaremos sua rendição, e eles serão tratados humanamente. Não há necessidade para isso.

Seja lá como ele imaginara que esse conflito seria, não era assim. Isso era... massacre.

A canção tornara-se triste, e Avar Kriss não queria mais ouvi-la. Pelo o que ela podia sentir, os Nihil tomaram-se como pequenas criaturas selvagens presas em uma gaiola, desesperados para escapar, fazendo qualquer coisa que podiam, mesmo se isso os machucasse.

Mesmo se isso os matasse.

Um desperdício terrível.

Eles enlouqueceram, Kronara pensou.

Ele realmente acreditava ser um homem de paz, apesar de sua profissão. O cliché de um homem militar, iludido em quase todo caso. Mas não no dele. Kronara sabia que havia uma época para guerra, mas deveria ser o mais breve possível, e não mais destrutiva do que o necessário.

Esses Nihil, no entanto... eles estavam lutando quando não precisavam. Morrendo quando não precisavam. Ataques suicidas, era difícil imaginar o que conduziria seres racionais à tal tática. Não sobrara muitos agora, comparado aos números originais. Ele chamara de volta a maioria de seus caças para as naves principais. Eram basicamente os Jedi lá fora do lado da República. Os Vetores, e seus pilotos, tinham a manobrabilidade e reflexos para se manter à frente dos microsaltos de hiperespaço dos Nihil.

A área ao redor da nebulosa estava repleta com nuvens de detritos se expandindo lentamente. Um cemitério. A capitânia era a única embarcação inimiga significativa restante, e até então não parecia inclinada a seguir as naves menores em um ataque condenado.

Bestas loucas. Eles precisam ser derrubados.

Kronara odiava a ideia. Mas ele não pensava estar errado.

E como se por uma deixa, uma transmissão chegou até a ponte da *Terceiro Horizonte*. Uma voz fria, mas não sem emoção. Não, havia fúria por trás daquele tom, mas controlada, focada como uma broca de diamante.

A comandante da falange Eriaduana. Governadora Mural Veen.

— Almirante Kronara. — a mulher disse. — Nós reconhecemos que a República tome a primeira posição nesse confronto, mas gostaríamos de pedir a cortesia da permissão para levar a capitânia Nihil, considerando a injustiça que essas criaturas trouxeram ao nosso sistema.

— Muito bem, Governadora. — ele concordou. — Fique à vontade.

Ele nem mesmo precisou pensar sobre aquilo. Se o contingente Eriaduano queria tentar um ataque de embarque contra o tipo de inimigo que os Nihil

provaram ser, mais poder para eles. Ele suspeitava que fossem gostar disso, encarariam como uma maneira de equilibrar a balança.

E uma vez que a nave fosse subjugada, eles poderiam, talvez, conseguir algumas respostas. Deveria haver uma pessoa em posição de poder na capitânia Nihil. Havia tanto que a República não sabia sobre essa organização, e precisava saber desesperadamente.

As embarcações Eriduanas não hesitaram. Assim que a autorização foi dada, elas começaram a seguir, apunhalando em frente na direção da capitânia Nihil como as pontas de lanças que se assemelhavam.

Kronara vira uma caça de reek uma vez, em Ylesia. Fora desse jeito. Não foi uma grande ferida que matara a besta gigante, mas muitos ataques pequenos, sangrando, até o fim, a enorme criatura apenas se deitara no chão e morrera.

Cada ataque dos Eriaduanos incapacitava um dos sistemas da embarcação Nihil. Propulsão, compartimento de armas, escudos... um por um, eles caíam. A nave estava aleijada, agora apenas um casco flutuando no vácuo.

Kronara assistiu enquanto as naves maiores dos Eriaduanos se aproximavam da embarcação Nihil, preparando-se para atracar e embarcar.

Ele não invejava os Nihil deixados vivos naquela nave. Nem um pouco.

Kassav sentava-se em sua cadeira de comando na ponte de sua outrora bela nave. A musica parara, apenas estática vindo do sistema de alto-falantes agora. O deque estava cheio de fumaça dos sistemas queimados, mas sua máscara filtrava tudo e o deixava capaz de ver.

Por um momento, ele pôde ver a tela de batalha, o qual mostrava a ele que sua forte, poderosa frota estava praticamente destruída. Algumas pequenas naves aqui e ali, ainda lutando valentemente até a última... mas isso foi tudo. O que restara não era uma Tempestade, e certamente não um Incêndio. Mal um Strike, na verdade.

Marchion Ro e seu pai deram aos Nihil os Caminhos. Cada uma das naves era equipada com um motor de Caminho, diretamente conectado ao sistema de controle de hiperespaço. Aquela máquina os permitia fazer coisas incríveis, viajar ao longo de estradas escondidas atrás do tecido do espaço, alcançar proezas que nenhuma outra nave poderia igualar.

Os Caminhos fizeram dos Nihil fortes. E, quando Kassav percebera tarde demais, muito tarde, os motores de Caminho os deixaram fracos. Marchion

simplesmente... tomara o controle. Colocara as naves onde ele as queria. Ele não sabia o porque, vingança, certamente, e alguma espécie de jogada de poder, mas havia mais do que isso. As complexidades estavam além dele ainda. Honestamente, não importava mais.

Ele ouviu os sons de combate atrás dele e percebeu que em breve, o último dos mil e tantos tolos que decidiram seguir sua liderança estaria morto. Seus Storms, Gravhan, Dellex e Bub Molhado... todos mortos.

Kassav decidira contar aos Eriaduanos tudo o que sabia. Ele podia fazer um acordo. Ele era bom nisso. Havia tanto que ele podia contar a eles, sobre Marchion Ro e os outros Nihil. Coisas que eles iriam querer saber.

— Você está no comando dessa nave?

Kassav girou sua cadeira de comando, para ver os Eriaduanos. Eles vestiam armadura de batalha, estavam parados eretos, e fizeram Kassav desejar tanto ter escolhido um sistema diferente para extorquir cinquenta milhões de créditos.

Na frente estava uma mulher magra, de cabelos grisalhos, e Kassav agora percebeu não ter chance de sobreviver a isso. Não por causa da imponente presença física dela, ou o blaster em sua mão, ou o sangue derramado em sua armadura para o qual ela não dava a mínima.

Não, dessa vez era porque Kassav pensou reconhecer a voz da mulher, e se ele estivesse certo, não havia acordo a se fazer ali. Sem chance. Mas ele precisava tentar.

— Eu posso ajudá-la. — ele disse. — Deveríamos conversar. Sério. Vamos fazer um acordo.

— Eu sei o que valem seus acordos, Kassav Milliko. — respondeu Mural Veen, governadora planetária de Eriadu, a mesma mulher para quem ele fizera promessas que não cumprira, e de quem roubara, e...

Ela atirou nele.

O Almirante Kronara estava parado em silêncio na ponte da *Terceiro Horizonte*. Nenhum dos outros tripulantes disse uma palavra, tampouco.

Eles apenas assistiram enquanto a última nave Nihil, uma pequena embarcação de ataque de algum tipo, como um pequeno cargueiro remendado sem esperança de causar qualquer dano a um Cruzador da República de classe *Emissário*, voava na direção das baterias de laser da *Terceiro Horizonte* e explodia.

A luz verde da Nebulosa Kur iluminava a cena de completa destruição. A maioria era Nihil, mas a força tarefa da CDR sofrera perdas horríveis, especialmente quando eles não esperavam enfrentar nada além de um pequeno conflito contra um bando de salteadores indisciplinados. Os restos de dois cruzadores de classe *Pacificador* e toda a tripulação flutuavam ali fora, também, junto das muitas Longbeams, Skywings e Vetores. E é claro, seus pilotos.

Se houvesse qualquer consolo, e era um pequeno alívio de fato, era que Kronara estava absolutamente certo, sem qualquer dúvida, de que os Nihil eram uma ameaça que precisava terminar. Agora... acabara.

Seja lá o que os Nihil faziam ali, seja lá o que o grupo fora... terminara.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

SEM-ESPAÇO. A *ELETRIC GAZE*.

Lourna Dee olhou para o sabre de luz do Jedi. Era bonito, de certa forma, mas a deixava nervosa mesmo por segurar a maldita coisa. Era mágico, eles diziam.

Estou segurando uma espada mágica, ela pensou. *O que raios está acontecendo?*

Ela o entregou, feliz por se livrar daquilo. Marchion deu uma olhada, então começou a bater a coisa contra a máscara dele, o olho bem no centro.

Bate.

Bate.

— Você tem certeza de que quer isso? — Lourna disse. — Quero dizer, se isso ligar...

— Não irá.

Bate.

Eles estavam no compartimento de carga da *Olhar Elétrico*, para onde Lourna trouxera o último Blythe bem como o Jedi capturado. Ela não decorara nenhum dos nomes. Ambos ainda estavam desmaiados pelo gás, o que fazia sentido. Ela não queria correr nenhum risco com mágica Jedi, e ela os drogara novamente na viagem de volta de Elphrona.

— Eles funcionam assim. — Marchion disse, segurando o cabo.

Ele contraiu o dedo e a lâmina ganhou vida com um sibilo, lançando o compartimento em um alívio dourado.

Ele o girou algumas vezes, como um experimento, vendo como era a sensação, ouvindo o zumbido que ele fazia.

— Vou ficar com isso. — ele disse.

Lourna Dee deu um passo involuntário para trás, odiando-se um pouco por isso. Mas Marchion Ro não era um Jedi. Ela não tinha certeza do que ele era ultimamente, na verdade. Ele sempre tivera uma vantagem, mas ele sabia seu lugar. Ele era o Olho, e nada mais.

Agora... tudo isso se fora. Ele parecia... confiante, de uma maneira nova e perturbadora. Como se ele tivesse mudado, crescido, tornado-se algo maior do que era antes.

Ou, como ela estava começando a suspeitar, ele sempre foi isso, e ele apenas decidiu esconder dela e dos outros Viajantes da Tempestade. Mas eles sempre souberam disso, não? Bem fundo em nível de instinto.

Marchion Ro era um predador.

Ele girou, balançando o sabre de luz mais rápido agora, varrendo-o letalmente. Lourna se afastou novamente. Ela não se importava se ele a considerasse uma covarde. Se aquilo escorregasse da mão dele, poderia cortá-la ao meio sem problemas.

— A Tormenta de Kassav encontrou uma armadilha montada pela República, Lourna Dee. — Marchion Ro disse. — Uma enorme frota de batalha. Foi trágico. Todos eles morreram. O que você acha disso?

— Sobre Kassav?

— Sim.

Giro. Giro.

Lourna Dee não respondeu, por um bom tempo.

— Eu acho que seu espião no gabinete do Senador Noor disse que a República já tinha a localização para onde você mandou Kassav. Eu acho que você sabia que a frota de batalha estaria esperando, e você o mandou com a Tempestade dele lá para morrer. Então o que penso é... você simplesmente matou um terço dos Nihil.

Marchion Ro parou de girar o sabre de luz, terminando o arco apontando diretamente para ela.

— Olhe para você, Lourna. — ele disse. — Mais esperta do que eu teria adivinhado. A questão é... o que você fará agora?

A atenção de Lourna Dee estava completamente focada na ponta do sabre

de luz, pairando e zumbindo a apenas alguns centímetros do rosto dela.

— Você podia ir embora, eu acho. — Marchion disse, mas a República tem todas as especificações daquela sua bela nave. Sinal de transponder e tudo. Você teria de abandoná-la, e você a nomeou em sua homenagem. Isso machucaria, aposto.

Levou um momento para ela entender o significado das palavras que ele usara. Ela ergueu o olhar para o rosto mascarado dele, para a tempestade de redemoinhos entalhada nela. Ela sabia que ele estaria sorrindo por trás dela. Ela podia ouvir isso na voz dele.

— A missão do gravador de voo. — ela disse. — Você deu à República a informação sobre minha nave. Foi assim que me encontraram. Como eles foram capazes de me atacar.

— Tecnicamente, Jeni Wataro deu a eles, mas eu dei a ela.

— Você queria que eu falhasse. Por que, Marchion?

— A República precisava do gravador de voo para descobrir para onde mandar sua frota nos procurar. Se eles não o tivessem, não teria sido capaz de sacrificar a Tempestade de Kassav. Agora eles pensam que nos destruíram. Irão relaxar por enquanto. Eles não mais nos caçarão.

Lourna Dee não se importava por Kassav estar morto. Nem um pouco. Mas a audácia do que Marchion Ro fizera, o jeito casual como mandara um terço da organização para a morte certa... quem era esse homem?

— Você acha que isso vai funcionar? — Ela disse, seus olhos retornando para a lâmina do sabre de luz. Talvez ela pudesse se jogar para trás, pegar o blaster a tempo. Talvez.

— Funcionará, Lourna Dee. Já tenho tudo planejado.

Ele desativou o sabre de luz, e ela fez uma oração silenciosa de alívio. Não que ele simplesmente não pudesse ligá-lo de novo. Ela sabia que permanecia em perigo extremo. O que ela percebia era que sempre estivera, do momento em que Marchion Ro, e seu pai, nesse caso, viera para os Nihil.

— Nós somos todos a República. — ele disse, cuspindo as palavras. — Quer gostemos ou não, né?

Ele olhou para ela, o olho em sua máscara parecendo brilhar.

— Eu nunca lhe contei muito sobre minha família, e eu duvido que um dia irei, mas eu vim de algo de onde queria escapar. Essa nave foi parte disso, na verdade, até tudo dar errado. Meu pai e eu fugimos. Trabalhamos duro, e tínhamos um plano... para os Caminhos, para os Nihil... para todo tipo de coisa.

Ele apontou para a máscara dele.

— Sempre seria assim. Desde o dia em que nasci. Eu pensei ter escapado. Não escapei, no entanto. Não realmente.

Lourna Dee balançou a cabeça. Ela apenas...

— Eu não entendo porque você me mandou lá atrás do gravador de voo, Marchion. Se você queria que a República o tivesse, por que me mandar atrás da maldita coisa?

— Para sua Tempestade a ver falhar, Lourna Dee, e começar a pensar sobre novas lideranças. — Marchion disse. — E então você não teria para onde ir. Eu vou precisar de você, eu acho.

— Para *quê*?

Marchion Ro inclinou a cabeça, e ela sabia que ele estava sorrindo novamente.

— Você descobrirá. — ele disse.

Ela precisava sair, para pensar. Parecia que Marchion a prendera em uma caixa, e ela mal podia entender sua forma. Era como o Grande Salão, as paredes eram invisíveis, mas não significava que não estavam lá.

— Olhe, Marchion. — Lourna disse. — Voltarei para meu pessoal. Eles têm algumas perguntas, como por que você enviou minha Tempestade inteira para resgatar alguns Strikes e uma Cloud. Meio exagerado, sabe?

Ela apontou o dedão para o colono, o homem pego por eles, o único membro da família restante do grupo que a Cloud de Dent pegara. Ele ainda estava inconsciente, canelas e pulsos todos presos por algemas, escorado contra um caixote no compartimento.

— Minha sensação é de que tem algo a ver com aquele cara. Ótimo, tanto faz, você não precisa me dizer porque ele é tão valioso. Você pode até mesmo pedir o resgate, se quiser. Não me importo com a Regra de Três. Você pode ficar com tudo. Talvez devolver um pouco do lucros para que eu possa dividir entre meu pessoal.

Marchion Ro andou pelo compartimento, o som de suas botas ecoando nas paredes de duraço.

— Esse cara? — Ele disse, olhando para Ottoh Blythe.

Ele puxou o sabre de luz de seu cinto novamente, acionando-o e o trazendo para baixo com o mesmo movimento, um corte dourado atravessando o homem, morto em um instante, cortado ao meio.

Um cheiro estranho preencheu o compartimento, e Lourna Dee queria se afastar desse odor em particular o mais rápido que pudesse, mas ela estava paralisada.

Marchion perdeu a cabeça, ela pensou. *Completamente*.

— Eu não me importo com esse cara. — ele disse. — Nunca me importei.

Marchion Ro deslocou o sabre de luz, apontando sua lâmina um metro ou dois para a esquerda, para a outra pessoa que Lourna Dee trouxera da nave sobre Elphrona. O dono da arma usada por Marchion para matar alguém.

O Jedi Twi'lek de pele escura.

Ele estava amarrado ainda mais cuidadosamente do que o Blythe, ligas de força tripla, correntes, conjuntos de atordoamento e uma mordaça. Ela estava contente, também, porque o os olhos do homem não eram *amigáveis*. Ela ouvira muitas histórias sobre Jedi; todo mundo ouvia. Ela não sabia quais eram verdade, mas ela podia agora confirmar que uma delas era falsa. Claramente, os Jedi não podiam soltar raios mortais de seus olhos, porque se eles pudessem, então Marchion Ro estaria bem morto.

Ela não conseguia acreditar que Marchion tomara a arma do homem e a usara para matar alguém bem na frente dele. Aquilo parecia ser provocar o destino, mesmo com o Jedi todo amarrado. Você nunca sabe o que eles poderiam fazer.

— Eu não dei a sua tripulação os Caminhos para fugir do serviço em Elphrona para me trazer uma família de mineiros, Lourna Dee. — Marchion Ro disse. — Eu dei porque aquele planeta tem um posto avançado Jedi. Eu imaginei ter pelo menos uma chance de sua equipe poder me trazer um Jedi. Por que não tentar, certo? E vejam só, agora eu tenho um. O que é bom, porque um Jedi...

Ele desativou o sabre de luz, e o pendurou em seu cinto ostensivamente.

— ... é exatamente o que preciso.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CORUSCANT.

A Chanceler Lina Soh considerou se a escolha que estava fazendo parecia correta, após tudo o que fora aprendido e perdido nas últimas semanas. Ela estava em seu gabinete em Coruscant, com Matari e Voru ao seu lado, todos os três olhando pela ampla janela atrás de sua mesa para a paisagem urbana sem fim além. Ela não tinha ideia do que os targons pensavam sobre o que viam, mas para ela, o horizonte de Coruscant sempre parecia como uma República em miniatura. Sempre em movimento, sempre mudando e evoluindo, infinitamente profunda, estranha e sem fim. No momento, o sol estava se pondo, e as luzes vinham dos prédios. Estrelas nos céus. Mundos na República

Sim. Ela estava tomando a decisão correta.

Lina virou-se do mundo cidade para encarar as pessoas que chamara até seu gabinete, o grupo que encontrara na Praça do Monumento quando tudo isso começara. Um senador, um almirante, um secretário, e, como sempre, Jedi. Os Jedi nunca eram menos do que prestativos, resolviam todos os problemas dado a eles e muitos outros. Sem sua ajuda, não havia dúvida de que o mistério da *Legacy Run* nunca seria resolvido tão rapidamente ou decisivamente. Muitos deles tentaram ajudar a República, incluindo Mestre Jora Malli, quem ela sabia tinha sido escalada para comandar o templo da Ordem na estação Farol Estelar. Eles sacrificaram, lutaram e triunfaram, como quase sempre. Ela amava os Jedi.

Mas algumas vezes ela se perguntava se eles eram úteis *demais*.

— Estou reabrindo a Orla Exterior. — Chanceler Soh disse.

Ela apontou para seu assessor, Norel Quo, sua pele pálida tingida de laranja pela luz do pôr do sol.

— Emita uma declaração para esse efeito imediatamente. O trânsito de hiperespaço através dos territórios está novamente autorizado. Usarei ordens executivas para diminuir temporariamente a taxação nessas rotas de comércio também, o que ajudará a reparar qualquer dano econômico causado pela quarentena. Apenas por um mês ou dois, no entanto, isso deve incentivar os mercadores a levar suas mercadorias até lá rapidamente. Isso ajudará em relação ao desabastecimento.

Um rápido olhar para seu secretário de transportes.

— Você vê algum problema nisso, Secretário Lorillia?

— Nenhum. — ele disse. — A única questão potencial é uma escassez de droides de navegação devido ao arranjo de Keven Tarr em Hetzal, mas eu acho que todos podemos concordar que foi um gasto bem feito. Já pedi aos fabricantes para intensificar a produção. Talvez algum tipo de estímulo para eles também, apenas até os níveis de estoque voltarem?

— Pensaremos em alguma coisa. São boas notícias, no entanto. Falando em Tarr, eu sei que ele gerou um relatório sobre outros usos em potencial para seu arranjo, antes de partir para trabalhar para os San Tekkas. Vocês leram?

— Eu li, Chanceler. Algumas ideias brilhantes ali. Pode revolucionar a viagem por hiperespaço, e tem mesmo aplicações no espaço real, se pudermos descobrir como fazer isso de uma maneira que não necessite de dezenas de milhares de droides raros e caros.

— Mantenha-me informada, Jeffo. Pode haver uma Grande Obra ali, em algum ponto. E é claro, tente encontrar uma maneira de agradecer Keven Tarr. Uma medalha ou algo assim. Uma posição de alto nível em uma das universidades da República, talvez. Um emprego, se você puder encontrar algum que possa mantê-lo interessado. Eu odeio pensar em perder uma mente como aquela para a indústria privada quando há tanto a se fazer na República.

— Considerarei. — o secretário disse.

Ela voltou sua atenção para o Senador Noor, cujo rosto se iluminara no momento em que disse que abriria a Orla Exterior, e continuou daquele jeito durante sua conversa com o Secretário Lorillia.

— Izzet, uma nota pessoal. — Lina disse. — Eu percebi o quão

desafiador foi para os mundos que você representa. Eu agradeço sua paciência e a deles. Eu espero que você possa concordar que tudo o que fizemos foi necessário para a segurança e proteção na República.

Ele deu a ela um aceno digno e sério.

— É claro, Chanceler. Eu nunca pensei diferente.

Lina Soh aprendera a manter suas emoções longe de seu rosto décadas antes, ela era uma política nascida e criada. Por dentro, no entanto, seus olhos reviraram tanto que ela mais uma vez olhava para o pôr do sol de Coruscant através da janela atrás dela.

Noor virou-se para sua assessora, parada atrás de sua cadeira com um datapad pronto.

— Farei um discurso também, Wataro. Precisamos agradecer aos mundos por sua paciência e deixá-los saber que a ameaça Nihil foi erradicada. Agende uma turnê, também. Acho que começaremos com Hetzal, Ad Dalis e Eriadu, os mundos mais atingidos pelas Emergências, então seguiremos para...

— Senador, se me permite.

O Almirante Kronara ergueu a mão. O Senador Noor olhou para ele, não escondendo sua irritação pelo homem militar ter ousado interrompê-lo.

— Almirante. — ele disse.

— Não sabemos ainda se os Nihil se foram.

— Eu li seu relatório, Kronara. Sua força tarefa destruiu centenas das naves deles naquele confronto. Você encontrou a frota inteira deles, e você acabou com ela. Não houve sequer um ataque desde então. Se isso não é evidência, eu não sei o que é.

— Senador, respeitosamente, eu acho que você viu o que queria ver naquele relatório. Eu posso confirmar que destruímos uma força Nihil significativa. Mas nesse ponto, temos pouquíssima informação sobre suas operações. Sabemos que eles possuíam capacidade de hiperespaço que ainda não entendemos, mas não sabemos como eles as conseguiram, quantos eles eram, onde estão sediados, se eles têm objetivos além de simplesmente saquear...

Ele deu de ombros.

— Diga o que quiser em seu discurso. Não é problema meu. Mas se os Nihil não estiverem derrotados, e começarem a atacar os mundos na Orla Exterior novamente, você parecerá muito tolo se já tiver dito aos seus constituintes que não têm nada com o que se preocupar.

A Chanceler Soh apreciou muito aquela troca. O Senador Noor, talvez

menos. Ele virou-se novamente para sua assessora.

— Revise essa frase. Vamos apenas dizer que grandes avanços foram feitos na direção de tornar os Territórios da Orla Exterior seguros e protegidos, e esperamos paz e prosperidade nos meses vindouros.

— Você sabe o que mais pode mencionar, Senador? – A Chanceler Soh disse.

O Senador Noor ergueu uma sobrancelha.

— O Farol Estelar. Será inaugurado a tempo. Acabei de receber um relatório de Shai Tennem. Se os Nihil não foram derrotados de fato, ou se alguma outra coisa aparecer por aí, o Farol será uma parte importante ao lidar com isso.

E a projeção da autoridade que a República representa deixará muito mais fácil negociar os acordos de paz Quarren e Mon Calamari, ela pensou, e o Farol em si servirá como um relé de comunicação que aumentará a confiabilidade das transmissões pela região e agirá como um eixo para o resto da nova rede, e quando as pessoas virem o quão efetiva ela é, conseguir votos para autorizar as outras estações como aquela será simples.

As suas Grandes Obras, encaixando-se uma a uma.

A República não era um mundo. Eram muitos, cada um único de inúmeras maneiras. Resolver um problema inevitavelmente causava outros. Haviam conflitos insolúveis culturais, históricos, econômicos e militares entre os habitantes dos mundos. Havia senhores da guerra, agitadores, insatisfeitos e outros inimigos menos fáceis de lidar, pragas e estranhas facções mágicas em mundos escondidos que acreditavam dever conquistar a galáxia e, sim, mesmo anomalias do hiperespaço.

Mas a chave era essa, e a Chanceler Soh acreditava nisso com a própria alma e fizera disso o alicerce de seu governo inteiro: você não poderia resolver esses problemas individualmente. Era ridículo até mesmo tentar. O que você podia fazer, no entanto, era fazer as muitas pessoas dessa alta era da República Galáctica ver um ao outro *como* pessoas. Como irmãos e irmãs, primos e amigos, ou pelo menos, como colegas com um objetivo comum de construir uma galáxia que acolhia todos, ouvia todos, e dava seu melhor para evitar machucar alguém. Realmente tentava seu melhor.

Se você puder fazer isso, então os problemas não precisavam ser resolvidos. Muitos se resolveriam sozinhos, porque as pessoas acreditavam na República mais do que acreditavam em seus próprios objetivos, e estariam abertas para essa palavra mágica, concessão.

Esse dia maravilhoso ainda não chegara, não completamente, e talvez

nunca chegaria. Mas ela iria trabalhar nessa direção com cada hora e dia em que mantivesse seu cargo. Tudo o que ela queria, verdadeiramente, era que cinco palavras permanecessem vivas após seu mandato, mesmo após sua vida. As palavras que já se tornaram emblemáticas de suas Grandes Obras e tanto mais. Toda vez que ela as ouvia, seu coração se elevava. Esse era o objetivo. Uma ideia. Um sentimento.

Ela podia fazer isso. Todos podiam.

A Chanceler Soh sabia ser verdade. Cinco palavras.

Nós todos somos a República.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

SEM-ESPAÇO. GRANDE SALÃO DOS NIHIL.

Os Nihil estavam reunidos, um anfitrião para algumas milhares de pessoas, mascarados e aterrorizantes. Eles assistiam, em silêncio.

O espaço acima do Grande Salão era um escudo de energia em formato de domo protegendo a plataforma do vácuo do Sem-Espaço. Normalmente, era invisível. Mas agora imagens passavam por ele, projetadas por droides de comunicação flutuando.

— *Pelos Nihil!* — Veio a voz de Kassav, alta e feroz, e então a resposta, gritada por mil gargantas, todas mortas agora.

— *Pela tempestade!*

A Batalha de Kur começou, mostrada em uma série de imagens variando do ponto de vista de displays táticos, para câmeras das naves para cenas amplas reunidas pelos algoritmos de processamento dos droides de comunicação. Os Nihil assistiam, assim como Marchion Ro da mesa elevada no fim do salão, com Lourna Dee e Pan Eyta ao lado dele. Um assento na mesa alta permanecia vazio, para aquele que perderam.

O Olho e os Viajantes da Tempestade vestiam suas máscaras, mas a de Marchion era nova. Ornamentada, com a sugestão de uma coroa, e a super tempestade incrustada absorvida dentro de um círculo vermelho vivo, o terrível olhar de uma besta. As roupas de Ro também mudaram. Ele agora vestia uma capa pesada de peles, usada e esfarrapada em alguns pontos. Mas

a peça transmitia uma sensação de história, de batalhas sobrevividas e ganhas. Como deveria, era a capa de Asgar Ro.

— Kassav acreditava estar levando suas tripulações para salvar a todos nós, para nos proteger, para impedir a República de descobrirem nossos segredos. — disse o Olho dos Nihil. — Era uma armadilha, uma mentira. Vocês viram como eles vieram até ele. A República e os Jedi caçaram a Tempestade de Kassav como vermes.

Murmúrios através da multidão dos enquanto os Nihil assistiam nave após nave destruídas pelos agressores da República, todos voando sob a mesma bandeira que usavam em suas máscaras, suas roupas, seus corpos.

— Mas olhem. — Marchion Ro disse, apontando para a batalha furiosa acima deles. — Olhem o que Kassav e seu povo fizeram.

— *Mostrem a eles quem somos!* — Veio a voz de Kassav novamente, e a próxima fase da luta começou conforme os Nihil começavam a usar novas táticas agressivas. — bombas de radiação, gosma residual e módulos de fuga explosivos.

— Nossos irmãos e irmãs se recusaram a lutar como a República queria. — Marchion Ro disse. — Eles lutaram como os *Nihil*.

Um rugido de aprovação da multidão. Não o bastante para tremer o Grande Salão, ainda havia muita incerteza para isso... mas era um começo.

Os Jedi entraram na luta, e mais uma vez a maré começou a virar contra os Nihil, enquanto os Vetores açoitavam através da batalha, lançando e atirando com seus canhões.

Outra voz ecoou acima do Grande Salão, dessa vez a de Marchion Ro.

— *Eu sou o Olho, e eu darei a vocês o que precisam para derrotar nossos inimigos. Esses são os Caminhos de Batalha, meus amigos, e com eles... vocês não podem perder.*

A luta mudou novamente. As naves da Tempestade de Kassav começaram a saltar de lugar em lugar, impossíveis de atingir, derrubando Skywings, Longbeams e Vetores. Uma onda de excitação passou pelos Nihil assistindo. Isso era algo novo. Algo poderoso.

— Sim. — Marchion Ro disse. — Os Caminhos nos fazem forte, mas os números de Kassav eram muito pequenos, e havia pouco que ele podia fazer, mesmo com os presentes que lhe dei. Mas olhem o que ele fez. *Olhem o que ele e o seu povo fizeram.*

As naves Nihil começaram a colidir com as embarcações da República, explodindo, causando danos horrendos mesmo ao custo de suas próprias vidas. Agora um sentimento de apreensão dos espectadores.

— Eu não esperava isso. — Marchion Ro disse. — Eu não sei se Kassav ordenou isso, ou seus companheiros apenas decidiram ter o suficiente de sua liberdade tomada, o suficiente da República nos dizendo o que fazer, pensando que podem controlar nossos planetas e matar nossas pessoas e... bem.

Ele fez um sinal para a tela.

— Há um ponto onde todo ser se quebra, e escolhe a liberdade acima da tirania. O povo de Kassav escolheu por si mesmo. Por cada um. E por nós.

A multidão ficara em completo silêncio. Marchion apontou novamente e a batalha congelou.

— Nós somos os Nihil. — Marchion Ro disse.

Alguns aplausos, rapidamente voltando ao silêncio.

— E eu sou o Olho, Marchion Ro. — ele continou. — Eu sou os Nihil.

— Tal como... — ele disse, erguendo as mãos para suas pessoas. — ... vocês todos são.

Esse é o momento, Marchion Ro pensou. *Outro passo na trilha.*

— Kassav e seu pessoal morreram, para que pudéssemos continuar livres. Mas essa luta não terminou. A República virá atrás de nós. E os Jedi. Não somos mais Tempestades, Storms, Clouds, Strikes. Somos *uma* coisa.

Marchion Ro ergueu as mãos até a cabeça e removeu sua máscara. Ele parou lá, olhando para os milhares de rostos. As suas ferramentas. As suas armas. Seu *exército*.

— Nós somos todos os Nihil. — ele disse.

Por todo o salão, mais máscaras caíram, apenas algumas no começo, mas então uma corrente, as coisas pesadas caindo no chão com ruidosos *thuds*.

Marchion Ro deixou seu olhar passar sobre todos eles, vendo a vontade, o entendimento.

Ele virou-se para olhar Pan Eyta e Lourna Dee. Suas máscaras ainda estavam em suas cabeças.

— Agora. — ele disse, baixinho.

Eles olharam um para o outro. Marchion se perguntou se seriam facas, ou se esses dois viveriam. Ele esperava pelo último. Havia uma quantidade enorme de trabalho a ser feito.

Lentamente, os dois Viajantes da Tempestade restantes tiraram suas máscaras. Pan Eyta levantou-se rigidamente, sua cabeça enorme com presas sem expressão, não que Marchion fosse muito bom em interpretar emoções Dowutini. Lourna Dee fingiu indiferença, sacudindo seu lekku.

Marchion Ro virou-se de volta para os Nihil esperando. Com um floreio, ele ergueu sua máscara no ar.

— Por Kassav! — Ele gritou, e dessa vez *haveria* uma aclamação em resposta, uma torrente de som, uma liberação de tensão e ansiedade. Eles pensaram que tudo ficaria bem.

Nenhum deles nunca vira seu rosto antes. Não importava mais se eles vissem agora. Nenhum deles sabia quem ele era. Ele não era Marchion Ro, tampouco. Seu nome era... não importava. O lugar de onde ele veio se fora, menos as lições que o ensinara, e algumas ferramentas ele roubara de onde ele saíra.

Marchion Ro abaixou sua máscara, e quando ele o fez, um grupo de pequenos droides criados flutuou de trás do palco, cada um segurando uma tigela de metal em seus braços atuadores.

Eles flutuaram sobre a assembleia, todos menos um, o qual parou perto de Marchion.

— Kassav se sacrificou para preservar o estilo de vida Nihil, como fez sua Tempestade. — Marchion disse. — Ele nos mostrou o caminho. Independentemente do que fomos, nossa fortuna, nosso poder... é só o começo. Vocês sabem por quê? Deixe-me mostrar a vocês.

Outro tapinha no controle de seu cinto, e a tela sendo projetado pelos droides de comunicação mudou. Não mais a cena congelada dos momentos finais da Batalha de Kur, era agora uma imagem bela, complexa da galáxia em toda sua extensão e esplendor, uma espiral rodando lentamente repleta de mundos incontáveis, incontáveis riquezas, incontáveis oportunidades.

— A galáxia. Mas quando eu olho para ela, eu não vejo apenas estrelas e planetas. Eu vejo... uma tempestade.

A imagem começou a girar mais rápido, e agora realmente parecia um enorme sistema climático, um furacão girando ao redor de um olho central.

— Nós somos todos os Nihil... não apenas montamos a tempestade. Nós somos a tempestade.

Entendimento começava a despontar nos rostos deles. Até mesmo admiração.

— Agora iremos *possuir* a tempestade. — Marchion gritou. — Nos contivemos na Orla Exterior, não queríamos atrair muita atenção, não queríamos estragar uma coisa boa. Isso acabou. Iremos com tanta força, e tão longe quanto pudermos, e vamos *tomar o que quisermos.*

Marchion indicou a tempestade girando acima deles.

— Os Nihil irão para *toda a galáxia.*

Agora outra aclamação, sem hesitação.

Marchion Ro começou a andar de um lado para o outro no palco, apontando para Nihil individuais enquanto falava, escolhendo-os, assistindo-os sorrir enquanto fazia, os olhares de inveja no rosto de seus colegas.

— Eu tenho um acervo de Caminhos que nos levará através da galáxia. — Marchion disse. — Podemos ir para onde quisermos, tomar o que quisermos. Lina Soh e sua República e os Jedi tentaram nos destruir, mas o sacrifício de Kassav nos ganhou tempo. Tempo para construir, tempo para planejar, tempo para aumentar nossos números. Um dia virá quando ensinaremos à República que não podemos ser destruídos. Eles irão temer os Nihil. E se eles tentarem tomar nossa liberdade novamente, iremos acabar com eles.

Marchion alcançou o criado droide pairando próximo e mergulhou seus dedos na tigela que ele segurava. Eles saíram de lá vermelhos.

— Pelo sangue daqueles que deram tudo para nós... Kassav.

Marchion ergueu três dedos e passou-os pelo rosto em linhas tortas. Relâmpago. Sangue.

Os criados droides mergulharam na multidão, e ele viu os Nihil repetindo seu gesto, pegando o sangue e passando-o sobre os rostos, três linhas irregulares.

Marchion Ro não sabia se algum deles estava curioso para saber como uma pessoa podia manter tanto sangue, ou onde ele o conseguira se Kassav morrera em algum lugar do espaço... mas não importava. O que importava era que eles nunca fariam essas perguntas, porque dúvida poderia ser vista como fraqueza, e os Nihil se mantinham fortes ao remover o que era fraco.

E assim por diante, ele pensou, olhando para a galáxia, encarando a tempestade.

— Vão. — Marchion disse. — Tragam-me mais Nihil, quantos conseguirem...

Ele sorriu.

— ... e eu darei a vocês tudo.

Mari San Tekka estava adormecida. Ela parecia tranquila, envolta em um casulo de fios, braços atuadores e sistemas de monitoramento, todos os equipamentos que seu módulo médico precisava para manter a mulher anciã viva.

— Descanse, minha querida. — Marchion Ro disse, colocando a palma

de sua mão no módulo, sentindo o calor emanando da máquina. — Você tem muito trabalho a fazer.

Ela parecia fetal, pequena e enrugada, ao seu lado, as mãos aninhadas contra o peito. O módulo inteiro era como um útero ao contrário, apesar dele não ter certeza se havia outro humano na galáxia mais longe do útero do que essa mulher.

Marchion dissera a verdade aos Nihil. Ele realmente tinha um acervo de Caminhos, milhares deles. Mari passara décadas mapeando rotas escondidas por toda a galáxia, e elas estavam todas armazenadas em um banco de dados, capaz de ser convocado quando desejasse. Os Nihil podiam aparecer em qualquer lugar que desejassem, mesmo em cima do palácio da Chanceler Soh, se escolhessem.

Ele se perguntou quanto tempo Mari duraria. Tempo o bastante, ele pensou. Ele encontrara um fornecedor da nova droga milagrosa, bacta, a qual provavelmente ajudaria. Vinha de um mundo no sistema Hetzal, o que fazia Marchion rir. Ele quase destruíra aquele planeta.

Marchion Ro afastou-se da Mari San Tekka adormecida. Ele deixou a câmara e desceu três deques em sua capitânia. Ele andou por belas passagens em arco, através de amplas galerias, onde uma vez sermões eram pregados e sonhos eram construídos, e famílias trabalhavam, planejavam e consideravam um melhor estilo de vida.

Até não poderem mais.

Agora, a *Olhar Elétrico* estava vazia. Assombrada.

Por fim, após uma longa jornada através da enorme embarcação, Marchion Ro chegou em uma área com uma sensação bem diferente da serena e sutilmente iluminada sala onde Mari San Tekka passava seus anos sem fim.

Aqui as luzes eram brilhantes. As bordas afiadas. Tudo era reflexivo. Não havia lugar algum para olhar procurando por paz, e mesmo fechar seus olhos não resolveria muito contra a claridade.

As paredes eram de metal, como o chão. Oito celas. Sete continham prisioneiros entregues a ele por Pan Eyta, zés-ninguém, pegos de um transporte de passageiros para Travnin. Pessoas comuns que certamente não mereciam ser aprisionadas na capitânia do Olho dos Nihil.

Uma pena. A vida raramente era sobre o que você merece.

Sete das celas ocupadas eram ligadas ao sistema elétrico da nave, e programadas para dar choques em seus prisioneiros em intervalos e níveis de intensidade aleatórios. Entre os choques e as luzes, dormir era impossível.

Ser colocado em uma cela no deque de prisão da *Olhar Elétrico* significava raiva, dor, medo, e, eventualmente, loucura.

E tudo isso foi projetado especificamente para o homem na oitava cela.

O Jedi.

Marchion Ro caminhou pelo corredor, passando pelos pobres infelizes nas celas de tortura, chegando à última. O Jedi olhou para cima, seu rosto calmo, mas seus olhos estavam cansados. Ele podia agir tão serenamente quanto quisesse, mas a perturbação emocional que ele deveria estar sentindo dos outros prisioneiros estava claramente atingindo seu efeito pretendido. Ele deveria estar sofrendo, também, ele tinha uma perna seriamente quebrada, e Marchion não deixara disponível para o homem nenhuma de suas instalações médicas de ponta alguns deques acima.

O Twi'lek moveu-se rapidamente, erguendo a mão com dois dedos estendidos e falou uma única frase:

— Você irá soltar a todos. — ele disse.

Marchion sentiu a pressão da intenção do Jedi banhando a sua mente. Ele *queria* fazer o que o Twi'lek pediu. Por que ele não faria?

Porque ele era Marchion Ro.

Ele sorriu.

— Não vai rolar, Jedi. — ele disse. — Minha família sabia tudo sobre seu povo. Eles me contaram o que podem fazer, e como resistir.

Ele gesticulou vagamente na direção das outras celas.

— Eles não sairão, tampouco. Se eles morrerem, eu simplesmente trarei mais. O trabalho deles é preencher esse deque inteiro com dor, raiva e medo. Dificulta seu pensamento, não? É difícil para você chamar a Força.

Ele inclinou-se contra uma parede próxima e cruzou os braços.

— Minha avó me disse como fazer; ela aprendeu com a avó dela. Você não aprisiona Jedi atrás das grades. Você faz isso com a dor. Eu nunca tive a chance de tentar, mas parece que funciona bem o bastante.

Um dos outros prisioneiros gemeu, nem mesmo energia o suficiente para gritar, Marchion pensou. O Jedi não olhou. Seus olhos nunca deixaram o rosto de Marchion.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou. — Eu não quero ficar chamando você apenas de Jedi.

— Loden Greatstorm. — o Jedi respondeu.

Os olhos de Marchion se arregalaram. Ele afastou-se da parede.

— Loden... *Greatstorm*? — Ele disse. — Pelo Caminho, isso é perfeito

demais. É realmente um grande prazer conhecer você, meu amigo. Eu acho que conquistaremos coisas maravilhosas juntos.

— Que coisas? — Loden disse. — Por que está fazendo isso?

Marchion riu.

— Você quer meu grande plano, Jedi? Não faço isso. Planos podem falhar, em qualquer passo ao longo da trilha. Eu tenho um objetivo, e objetivos podem ser conquistados de inúmeras formas. Desde que você chegue onde quer no final, as estradas que toma não importam. É tudo o mesmo caminho.

— Seu objetivo, então. — o Jedi disse.

Marchion pensou por um momento, considerou suas palavras.

— Quando meu pai morreu, eu herdei uma organização quebrada e desorganizada. Os Nihil tinham poder, mas gastavam a maior parte de seu tempo lutando contra si mesmos. Nunca poderiam atingir todo seu potencial, e eles precisavam, se fossem se tornar a arma da qual eu precisava. Meu pai tentou mudar as coisas, mas ele falhou, e então foi assassinado.

Outro gemido de uma das celas de tortura. Marchion supôs que o ciclo de choque fora acionado novamente.

— Eu quase não quis sequer tentar. Por um bom tempo. Eu apenas exerci o mesmo papel dele, o Olho dos Nihil, guardião dos Caminhos. Eu enriqueci fazendo isso. E estava bom. E então... vocês vieram.

Os olhos do Jedi se estreitaram. Marchion riu.

— Oh, não você especificamente, Loden Greatstorm. Eu quis dizer a República, construindo seu Farol Estelar em meu território. Invadindo, tomando conta, com todas as suas regras, leis e imagem particular de liberdade que não é nem um pouco livre. E vocês Jedi sempre atrás, absolutamente convencidos de que toda ação tomada por vocês é correta e boa. Minha família aprendeu isso ao seu custo, muito tempo atrás.

— Mas nós nos encontramos antes. — o Jedi disse. — De certa maneira.

Seu rosto estava muito, muito frio, sua pele verde-escura parecia absorver as luzes brilhantes do deque de prisão.

— Eu reconheço sua voz. — Loden disse.

Marchion sorriu.

— Há uma família de colonos, cerca de trinta quilômetros a sudoeste da cidade. — ele disse, sua voz subitamente ansiosa, afetada. — Dois pais, dois filhos. Você precisa resgatá-los, Jedi, você simplesmente precisa!

Marchion Ro caiu para trás, atingindo a antepara, com força. Sua cabeça

batendo contra o duraço. Nada o tocara... mas ele sabia que fora o Jedi.

Loden tombou, o esforço de usar a Força claramente o esgotara.

— Não é o bastante. — Marchion disse, cuidadosamente tocando sua nuca. — Tente isso novamente e eu matarei um dos prisioneiros.

O Jedi não respondeu.

— Como eu disse, muitos caminhos, um objetivo. Hetzal era minha também. Mandei uma das minhas naves para interceptar a Legacy Run. Uma nave Storm. Eles não tinham ideia. Eu apenas precisava de um acidente, um desastre, algo para colocar os Nihil no radar da República.

— Por que você iria querer isso? — Loden perguntou.

— Tudo e todos são uma ferramenta. — Marchion Ro disse. — Eu os usarei como precisar.

Ele sorriu. O sorriso de um predador... apesar desse Jedi ser perigoso, também, e ele não podia se permitir esquecer disso. Sua família confiara nos Jedi uma vez, e os custou tudo.

— Eles virão por mim. — Loden Greatstorm disse. — Minha Ordem. E se eu estiver morto...

Ele inclinou a cabeça, um pequeno sorriso passou por seus lábios.

— ... então eles virão atrás de você.

Marchion Ro procurou dentro de sua túnica e puxou um objeto de pedra e metal, uma haste, três palmos de comprimento, cravejada e entalhada com símbolos, rostos gritando, fogo, correntes. Parecia que havia sido derretida uma vez e reforjada. Quando sua mão tocou o objeto, ele começou a brilhar, uma cor roxa doentia que de alguma forma vencia a iluminação estelar do deque de prisão.

Aquela coisa era tão culpada pelo o que acontecera aos seus ancestrais quanto os Jedi, mas isso era uma história antiga, e era hora de uma nova. Ele podia conquistar o que eles não puderam.

A haste aqueceu-se sob sua mão. Parecia quase viva, respirando. Ele a mostrou para Loden, cujos olhos se estreitaram. Na luz roxa emitida pelo objeto, o rosto do Jedi parecia estranho. Morto.

— Não estou preocupado com a sua Ordem. Se eles pensam que podem me pegar...

Ele sorriu para esse Loden Greatstorm, tão corajoso, tão perfeito Cavaleiro Jedi. Tão destemido.

— ... que venham.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

FAROL ESTELAR.

A estação era uma maravilha, reluzindo no vazio, uma joia intricada brilhando no espaço, uma das maiores estruturas espaciais já construídas. Sua construção taxara mesmo os recursos ilimitados da República Galáctica, mas esse era o ponto. Mesmo os Territórios da Orla Exterior mereciam o melhor da República.

Nós somos todos a República.

Esse era o Farol Estelar, e estava, finalmente, completo. Não um dia antes, nem um dia depois. Ele foi projetado para servir muitos propósitos, para atender as diversas necessidades dos muitos cidadãos da República nessa região.

Talvez duas culturas precisassem de território neutro sobre o qual negociar um litígio, o Farol o forneceria. Ou se esse litígio ficasse agitado, e ameaçasse tornar palavras em guerra, o Farol era uma base militar, com um contingente grande de pacificadores formados de uma base rotativa dos mundos da Coalizão de Defesa da República. Sua superestrutura era 19 por cento de triazurita, um raro mineral que melhorava os sinais de transmissão, permitindo-a servir como um ponto de relé massivo para facilitar comunicações melhores e mais rápidas entre os povos da Orla Exterior. Era um hospital, era um observatório, era uma estação de pesquisa, era um mercado vibrando, comerciando mercadorias de toda a Orla e além.

O Farol Estelar estava aberto para todos os cidadãos, construído para permitir a eles experimentar a República em toda a sua grande diversidade. Dos concertos subsônicos sussurrados dos mestres Chadra-Fan, para a dança oceânica Mon Calamari, para módulos demonstrando a flora e fauna dos mundos de Kashyyyk até Kooriva... isso *era* a República, as exibições mudavam e se atualizavam constantemente para oferecer uma experiência verdadeiramente representativa.

E é claro, não havia República sem os Jedi. O Farol Estelar abrigava o maior templo fora de Coruscant, para servir como centro para as atividades da Ordem na Orla Exterior e além. Projetado pelo renomado arquiteto Jedi Palo Hidalla, e composto por alguns dos mais experientes membros da Ordem, o templo Estelar oferecia tudo o que Younglings, Padawans, Cavaleiros Jedi e Mestres Jedi poderiam precisar para servir às pessoas e à Força.

O quartel Jedi carecia de um líder, após a trágica perda de Mestre Jora Malli na batalha contra os Nihil... mas talvez isso, também, pudesse ser resolvido.

Luminares de toda a galáxia chegaram para marcar a ocasião da dedicação da estação. A *Terceiro Horizonte*, embarcação heroína de tantos eventos recentes de importância galáctica, já atracara, seus passageiros liberados. E aqui, também, estava o cruzador Jedi *Ataraxia*, permanentemente destacado para a Farol Estelar como o modo de transporte da Ordem. Ele reunira Jedi de Coruscant e além, trazendo-os ali para testemunhar um grande momento que mudaria a galáxia para sempre.

Os visitantes desembarcaram, todos vestidos para celebração e cerimônia. Os Jedi em suas radiantes faixas de cerúleo, cinabre e roxo, envoltos no dourado e branco de suas túnicas, com o símbolo da Ordem brilhando, a luz crescente da Força. Os diplomatas da República, guerreiros e líderes da indústria e cultura, vestindo o que melhor refletia a ocasião, um espetáculo de falatórios e agradável pompa.

A equipe do Farol os levou em grupos para demonstrar os muitos recursos da estação, orgulho e otimismo em todos os rostos, visitantes e guias igualmente.

Bell Zettifar viera de Elphrona, junto com Indeera Stokes e Porter Engle. Os membros sobreviventes da família Blythe foram convidados para o evento, mas recusaram, escolhendo ao invés retornar para seus parentes em Alderaan.

Bell estava perdido. Ele não entendeu o que acontecera, como seu mestre podia estar com ele em um momento então... não. Indeera, quem o tomara

como seu Padawan até algum acordo poder ser feito, acreditava que Loden Greatstorm estava morto. Bell não. Tecnicamente, ele poderia ter feito os votos para se tornar um Cavaleiro em Coruscant, mas ele não podia tolerar fazer tal coisa. Loden Greatstorm deveria presidir a cerimônia, como era o certo e apropriado. Mas agora... como?

Ember caminhava ao lado de Bell. Talvez não ortodoxo, mas quem diria ao Padawan que ele deveria ficar ainda mais sozinho?

Porter Engle acompanhava o grupo, quieto, e parecia mal notar as maravilhas do Farol Estelar. Ele estava se lembrando de como era ser a Lâmina de Bardotta, e se lembrando porque escolhera nunca mais ser aquela pessoa.

Indeera pensava sobre cada decisão que fizera durante a tentativa de resgate em Elphrona, e se perguntava se outro caminho poderia ter salvado Loden e Ottoh Blythe. Ela não sabia, e nunca saberia.

Conduzidos por outro guia com um grupo diferente, Stellan Gios, Avar Kriss e Elzar Mann caminhavam pelos corredores claros da estação, juntos, como geralmente ficavam sempre que as questões da Ordem permitiam. Havia rumores sobre quem lideraria o quartel Jedi da estação agora que Mestre Malli se fora, mas o trio não fazia fofoca. Eles eram Jedi. Todos Mestres agora, também. O Conselho finalmente indicou que permitiria Elzar tomar os votos; ele seria capaz de ver o que o aguardava nas profundezas do infinito mar que era a Força.

Eles passaram o Jedi Trandoshano Sskeer, que passara muito tempo no Farol durante sua construção, e então não necessitava de um tour. Ele estava parado a uma janela, olhando para o espaço além. Avar ofereceu uma saudação mas Sskeer não respondeu. Ele sobrevivera a Batalha de Kur, e seu braço perdido crescia lentamente da maneira de sua espécie, mas a ferida em seu coração pela perda da Mestre Jora Malli se provava mais difícil de ser reparada.

Na enorme sala de conferência no coração do Farol, Nib Assek e Burryaga assistiam enquanto a Chanceler Lina Soh fazia o caminho até um tablado no centro da câmara. Ela andava lado a lado com Yarael Poof, um mestre do Conselho Jedi. Cada proeminente Jedi na galáxia estava a bordo da estação, até mesmo Yoda, o que surpreendeu alguns. Geralmente, o mestre ancião evitava eventos sociais não essenciais com alegria determinada, mas lá estava ele com a classe de Younglings que ele tomara sob sua tutela nos meses recentes. Suas razões para comparecer à inauguração do Farol Estelar eram suas. Yoda mantinha o próprio conselho.

Por toda a câmara, mais pessoas estavam reunidas, os guias trazendo os

seus grupos para a sala conforme os passeios terminavam para o principal evento do dia. Mikkel Sutmani. Joss e Pikka Adren. Keven Tarr, Almirante Kronara, mesmo o Chefe Innamin e Tenente Peeples. A prodígio Jedi Vernestra Roh e seu recém obtido Padawan, Imri Cantaros, acabaram de chegar de seu próprio encontro com os Nihil em Wevo. Senadores, ministros, presidentes e mais, pessoas de classe alta e baixa. Milhares de pessoas fizeram esforços extraordinários para assegurar que esse momento acontecesse, e tantas quanto possível estavam presentes hoje. Aquelas que não puderam ou escolheram não participar receberam acesso para um holocanal seguro, para permitir a elas ver e ouvir em tempo real.

— Vocês sabem que visualizo uma galáxia de Grandes Obras, conectada, inspiradora e cheia de paz para todos os cidadãos. Eu acredito que isso seja possível, mas não por minha causa ou alguma capacidade especial minha. Eu acredito que é possível por causa de nós. Porque nós podemos e iremos trabalhar juntos para conquistar isso. Nós somos, cada um de nós, uma grande obra. Eu vejo uma galáxia onde nós usamos nossas forças para fortalecer as fraquezas dos outros, onde entendemos e celebramos nossas diferenças e as sustentamos como valiosas. Nós somos uma República onde cada voz importa, seja no Núcleo ou no planeta mais distante na fronteira da Orla.

Ela continuou, abordando os sacrifícios feitos para trazer segurança para a Orla Exterior e permitir a estação ser completada. As mortes de Hedda Casset, Loden Greatstorm, Bell Zettifar pestanejou nessa, Merven Getter, Vel Borta, Capitão Finial Bright, e muitos mais foram reconhecidas. Um memorial foi proposto, outra Grande Obra, para aqueles mortos no desastre da Legacy Run e nas Emergências que seguiram. Uma escultura com múltiplas peças, com obras situadas nos locais das Emergências em Hetzal, Eriadu e Ab Dalis, contendo os nomes de todos que morreram.

Lina Soh falou pela quantidade de tempo precisamente correta, e concluiu com essas palavras:

— Essa estação será um símbolo da República na Orla Exterior. Um lugar onde celebraremos nossa união, e ajudaremos um ao outro a fazê-la crescer. Mandará um sinal, para qualquer um nesse setor ouvir, a qualquer hora. O farol. O Farol da República. O som...

Aqui ela fez uma pausa, e as câmeras droide capturaram otimismo sincero em seu rosto. Essa não era uma política. Essa era uma mulher que acreditava em cada palavra que dizia.

— ... da esperança.

Por todo o átrio, contra as estrelas, sabres de luz se acenderam. Centenas,

em todas as cores da Ordem Jedi, uma saudação, erguida.

No espaço do lado de fora da estação, qualquer um que olhasse viria um brilho crescente sair do belo espaço aberto em seu coração, afastando a escuridão.

A luz dos Jedi.

O farol foi ativado, um sinal, um som, um sino, um tom que todos mesmo com o equipamento mais rudimentar podia ouvir, por centenas de parsecs ao redor da estação. Qualquer um que estivesse perdido, com medo, confuso, sem esperança... eles podiam sintonizar. Eles podiam ouvir, e o som os ajudaria a encontrar seu caminho.

O Farol Estelar. O primeiro de muitos.

Tudo estava bem.

EPÍLOGO

O INIMIGO

— Esse é um belo lugar. — Elzar Mann disse.

Avar Kriss estava ao seu lado; eles deixaram Stellan Gios na inauguração, mergulhado em conversas com vários membros do Conselho. Elzar e Avar caminharam junto de uma trilha através de um dos módulos de jardim no Farol Estelar: uma grande bolha de transparaço, através da qual uma longa passarela em espiral fora construída. A base da esfera estava cheia com o solo nativo de um mundo chamado Qualai, um pequeno planeta de baixa gravidade na fronteira da Orla Exterior.

Desse solo cresciam árvores, altas, magras e elegantes, alcançando todo o caminho da base do módulo até seu topo, só a alguns trezentos metros acima. Descendo dos galhos azuis claros dessas árvores, uma cortina de vinhas, fitas ondulantes alongando-se da coroa até o chão. Essas tinham várias tonalidades de vermelho e laranja, gradientes graciosos percorrendo seu comprimento. Correntes de ar mexiam as vinhas, então elas varriam gentilmente para frente e para trás, sua fragrância como incenso.

O caminho espiral deixava alguém andar por essas vinhas enquanto elas giravam e se separavam, pequenos insetos e aves iluminados pela bioluminescência voavam por entre como faíscas, cada árvore seu próprio ecossistema.

No centro do jardim, com o espaço surgindo além do transparaço, o

efeito era algo como estar dentro de uma fogueira, olhando para a noite.

— Sim, é mesmo. — Avar disse.

— E é todo nosso. — Elzar disse. — Ninguém mais parece ter encontrado ainda.

— Não por muito tempo. — Avar disse. — Tenho certeza que as pessoas deixarão a festa e encontrarão seus caminhos para cá em breve. Casais procurando por lugares calmos para ficarem sozinhos, provavelmente.

— Então vamos aproveitar enquanto o temos, eh?

Eles continuaram subindo, o som das fitas de chamas banhando a câmara.

— Olhe para nós, huh? Apenas dois Mestres Jedi, aproveitando um momento calmo juntos. Você consegue acreditar nisso? Às vezes eu pensava que isso nunca aconteceria.

Avar sorriu para ele.

— Eu sabia que o Conselho iria promovê-lo eventualmente. — ela disse. — Nunca foi uma questão.

— É fácil para você falar. Você foi feita Mestre alguns anos atrás.

— Ei, o Conselho reconhece o talento quando o vê. Quando acontecerá?

— Em breve, provavelmente. Eu preciso comparecer perante o Conselho, lá em Coruscant. Parece mais uma formalidade, realmente. Eu não consigo imaginar que minha vida mudará tanto como na última elevação.

— Verdade. O salto de Padawan para Cavaleiro Jedi... é onde tudo realmente é assimilado. A escolha de... — a voz dela se perdeu.

Elzar suspeitou que estavam pensando ambos na mesma coisa. Momentos compartilhados como Padawans, tolerados, entendidos e mesmo comuns, mas coisas para serem abandonadas quando um ascendia para se tornar um adulto na Ordem.

Eles não discutiam esses momentos, não há um bom tempo, e nunca com mais de uma oblíqua referência, mas eles nunca estavam muito longe da mente um do outro, especialmente quando estavam juntos.

Essas vezes, muitos anos no passado, pareciam muito presentes naquele momento.

Avar parou. Elzar deu mais um passo antes de perceber que ela não estava mantendo o ritmo, e virou-se para olhá-la.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Ela ergueu a mão.

Ele a pegou. Levantou, olhou para ela, então olhou para Avar Kriss, sua

amiga.

O olhar que ela deu a ele era como o mar que ele encontrava dentro de si, a Força, profunda, infinita e impossível de compreender totalmente.

Você podia se afogar.

— Nós somos Jedi. — ele disse.

— Somos. — ela respondeu.

Ela afastou o olhar, e soltou a mão dele, e ele não estava mais se afogando, mas talvez uma parte dele desejasse estar.

Eles continuaram caminhando.

— Eles me deram a estação. — Avar disse.

— O quê?

— Eu tenho o comando do contingente Jedi do Farol Estelar. Com a morte de Mestre Jora, eles me pediram para assumir. Eu acredito ter impressionado o Conselho após o que aconteceu em Hetzal, e tudo após, e...

— Sim. Você é muito impressionante. — Elzar disse, sua voz suave.

Um pouco além no caminho, andando através das chamas.

— Tenho trabalho em Coruscant. — Elzar disse. — Pesquisa nos Arquivos... o que conquistamos em Hetzal me deu todo o tipo de ideia sobre novas formas como o lado luminoso pode falar conosco. Eu sei que o Conselho nem sempre entende as coisas que tento fazer, mas eu sou um Mestre agora. Parece que essa é minha chance de realmente demonstrar o quão útil posso ser para a Ordem.

— Sim. — Avar disse, sua voz baixa também.

— Não nos veremos com tanta frequência. — Elzar disse. — Você acha que nos acostumamos demais a passar o tempo juntos? Isso foi um erro?

— Não. — ela disse, sua voz certa.

— Eu concordo. E continuaremos em contato.

— Sim. Podemos conversar sempre que quisermos. O projeto de relé de comunicação da Chanceler Soh deixará isso mais fácil do que antes.

— É claro. — ele disse.

Eles alcançaram o topo da trilha, o fim da espiral, onde uma saída levava de volta para o resto da estação. Os sons da celebração podiam ser ouvidos. — tênues e convidativos.

— Parece que está se intensificando. Você quer tomar algumas taças do que tiver? Eu não me importaria em dançar, tampouco. Deveríamos dançar, Mestre Jedi Elzar Mann?

Ele se perguntou o que ela pensava sobre o olhar que ele deu a ela naquele momento. Se ela podia estar se afogando um pouco, também.

— Estarei lá num instante. — ele disse. — É bom aqui, e eu não sei quando poderei ver esse lugar novamente.

— Tudo bem. — ela respondeu.

Avar hesitou, então sorriu, um sorriso cheio, aberto e honesto, e se afastou.

Elzar a assistiu indo, então virou-se e olhou para as estrelas, para o vazio do espaço, a profundeza do mar de tudo. Abaixo dele, as árvores de chamas se agitaram, farfalhando e açoitando, era como estar no topo de um inferno. Ele deixou sua consciência vagar para a escuridão além, olhando, olhando...

A Força tomou conta de sua mente.

Visões terríveis passaram diante de seus olhos, coisas que ele não podia entender, iluminadas por uma luz roxa doentia. Jedi, muitos que ele conhecia, amigos e colegas, mutilados horrivelmente, lutando em batalhas que não podiam vencer contra coisas terríveis que viviam na escuridão. Coisas que viviam nas profundezas.

Os Jedi, aqueles que sobreviveram, fugiam. Não recuavam, mas fugiam.

As visões aumentaram em sua mente, a Força gritando algum tipo de aviso ou profecia para ele, rompendo sua consciência, e elas não paravam.

Elzar caiu de joelhos, sangue escorrendo de seu nariz. Isso não parecia como uma visão desconhecida e evitável do futuro.

Isso parecia inevitável. Certo.

Mal, horror, varrendo sobre a galáxia como uma onda.

Ele viu Jedi morrendo, gritando, e a si mesmo no final, incapaz de escapar do que vinha.

Lentamente, agonizantemente, a visão recuou. Elzar voltou para si. Ele engasgou, e mais sangue se derramou pelo deque.

O que ele acabou de ver? O que ele viu?

O pior não era o caos; as batalhas; a dor; os horrores monstruosos e desconhecidos surgindo da escuridão. Era o que ele viu no rosto de cada um dos Jedi que a Força o mostrara.

O maior inimigo de todos.

Medo.

STAR WARS / Star Wars: A Alta República - A Luz dos Jedi

TÍTULO ORIGINAL: Star Wars / The High Republic - Light Of The Jedi
COPIDESQUE: TRADUTORES DOS WHILLS
REVISÃO: TRADUTORES DOS WHILLS
DIAGRAMAÇÃO: TRADUTORES DOS WHILLS
ARTE E ADAPTAÇÃO: TRADUTORES DOS WHILLS / JOSEPH MEEHAN
ILUSTRAÇÃO: TRADUTORES DOS WHILLS
GERENTE EDITORIAL: TRADUTORES DOS WHILLS
DIREÇÃO EDITORIAL: TRADUTORES DOS WHILLS
ASSISTENTES EDITORIAIS: TRADUTORES DOS WHILLS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
TDW CRB-1/000

S28c Soule, Charles
Star Wars: A Alta República - A Luz dos Jedi [recurso eletrônico] / Charles Soule ; traduzido por Enclave da Força e Tradutores dos Whills.
80 p. : 2.0 MB.
Tradução de: The High Republic - The Light Of The Jedi
ISBN: 978-85-503-0253-9 (Ebook)
1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I.Da Força, Enclave CF. II. Título.
2017.352

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3

tradutoresdoswhills.wordpress.com

Agradecimentos

Projetos de *Star Wars*, ou de qualquer tipo, são sempre um esforço coletivo, de filmes a jogos e brinquedos a este romance... leva a uma galáxia. Isso é particularmente verdadeiro em relação à *Luz dos Jedi*, que é literalmente o resultado de anos de trabalho por um grupo de pessoas que foi apresentado ao mundo pela primeira vez como um grupo de cinco escritores trabalhando no misterioso Projeto Luminous. Eu não conhecia nenhum deles pessoalmente quando o projeto que viria a se tornar A Alta República começou, embora eu conhecesse seu trabalho. Agora, porém, é raro que um dia passe sem que eu não fale com este grupo incrivelmente talentoso de escritores: Claudia Gray, Justina Ireland, Daniel José Older e Cavan Scott. Eles começaram como meus colegas e se tornaram meus amigos, e este livro não existiria sem o seu incentivo constante, verificação e ideias maravilhosas.

Em seguida, é claro, o maestro que montou o Projeto Luminous, protegeu o seu pequeno grupo de escritores de inúmeras tempestades e nos manteve em movimento desde que os primeiros e-mails começaram a circular sobre o que o Luminous se tornaria: Michael Siglain, o diretor criativo da Lucasfilm Publicações. Ele é o melhor, e eu garanto que ninguém que já o conheceu falaria diferente. Ele me trouxe para este passeio, trouxe todos nós, e eu não poderia estar mais agradecido.

O pessoal Grupo de História da Lucasfilm nos deu tempo e foco infinitos enquanto estávamos construindo A Alta República, e gostaria de mencionar particularmente ao Pablo Hidalgo, cujas notas eram sempre aditivas e muitas vezes vinham com diagramas instrutivos sobre a natureza misteriosa do hiperespaço. James Waugh, por seu apoio constante e incansável. Matt Martin e Robert Simpson, Brett Rector, Jen Heddle, Troy Alders... a lista continua. É o que eu disse no início, *Star Wars* é uma galáxia e todos contribuem. É maravilhoso ver.

Elizabeth Schaefer, da Del Rey, por sua perspicácia editorial e alguns tweets muito bons depois de terminar de ler um primeiro rascunho do romance. Ao meu agente, Seth Fishman, para quem nenhum acordo é

impossível. Jordan D. White da Marvel Comics, que me deu minha primeira chance de escrever *Star Wars* e de onde todo o resto veio. Shawn DePasquale, meu primeiro leitor constante. Tommy Stella, meu assistente constante.

George Lucas e as muitas, muitas pessoas brilhantes com quem trabalhou para trazer *Star Wars* à vida (é preciso uma galáxia!). Nenhum de nós estaria fazendo este trabalho sem seus esforços.

E, claro, minha família, Rosemary e Amy, Hannah, Sam e Chris, Jay e Ann, Mary e Jim.

E finalmente, obrigado. Espero que tenha gostado da história.

Todos nós somos a República.

Charles Soule

Verão de 2020

Sobre o Autor

Charles Soule é um romancista, escritor de quadrinhos, músico e advogado que mora no Brooklyn, Nova York. Os seus romances incluem *The Oracle Year* e *Anyone: A Novel*. Embora tenha trabalhado para DC e outras editoras, ele é mais conhecido por escrever Demolidor, She-Hulk, Morte de Wolverine e vários quadrinhos de Star Wars da Marvel Comics (*Darth Vader, Poe Dameron, Lando* e outros) e seu criador da série *Curse Words* (com Ryan Browne) e *Letter 44* (com Alberto Jimenez Alburquerque).

charlessoule.com
Twitter: @CharlesSoule
Instagram: @charlesdsoule

Outros Materiais do Autor

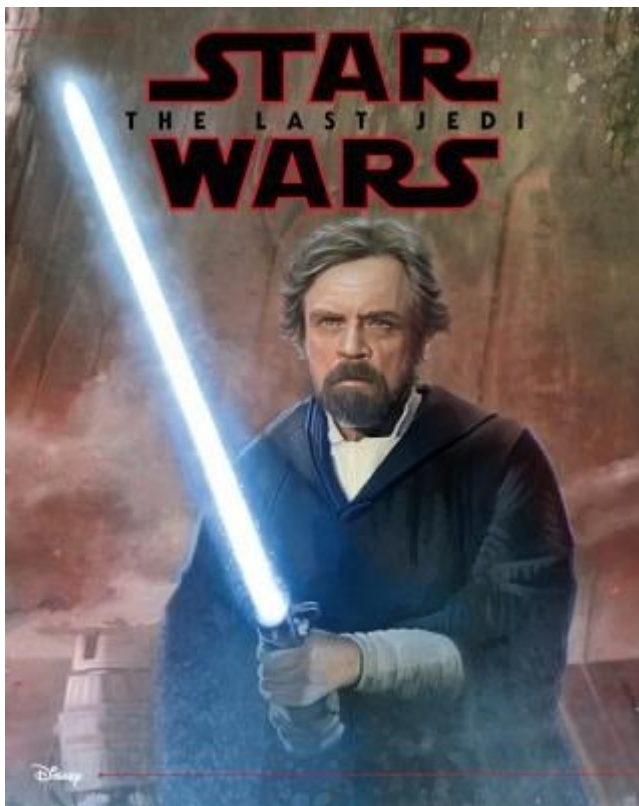
Star Wars: A Alta República: A Luz dos Jedi

O Ano do Oráculo

Alguém: Um Romance

STAR WARS – GUARDIÕES DOS WHILLS
Greg Rucka
240 páginas
Baixe agora e leia

No mundo do deserto de Jedha, na Cidade Santa, os amigos Baze e Chirrut costumavam ser Guardiões das colinas, que cuidavam do Templo de Kyber e dos devotos peregrinos que adoravam lá. Então o Império veio e assumiu o planeta. O templo foi destruído e as pessoas espalhadas. Agora, Baze e Chirrut fazem o que podem para resistir ao Império e proteger as pessoas de Jedha, mas nunca parece ser suficiente. Então um homem chamado Saw Gerrera chega, com uma milícia de seus próprios e grandes planos para derrubar o Império. Parece ser a maneira perfeita para Baze e Chirrut fazer uma diferença real e ajudar as pessoas de Jedha a viver melhores vidas. Mas isso vai custar caro?

Baixe agora e leia

Episódio VIII – Os Últimos Jedi – Movie Storybook
Elizabeth Schaefer
128 páginas

Um livro de imagens ilustrado que reconta o filme Star Wars: Os Últimos Jedi.

Chewie e a Garota Corajosa
Lucasfilm Press
24 páginas

Baixe agora e leia

Um Wookiee é o melhor amigo de uma menina! Quando Chewbacca conhece a jovem Zarro na Orla Exterior, ele não tem escolha a não ser deixar de lado sua própria missão para ajudá-la a resgatar seu pai de uma mina perigosa. Essa incrível Aventura foi baseada na HQ do Chewbacca... (FAIXA ETÁRIA: 6 a 8 anos)

Baixe agora e leia

Star Wars Ahsoka
E.K. Johnston
371 páginas

Baixe agora e leia

Esse é o Terceiro Ebook dos Tradutores dos Whills com uma aventura emocionante sobre uma heroína corajosa das Séries de TV Clone Wars e Rebels: Ahsoka Tano! Os fãs há muito tempo se perguntam o que aconteceu com Ahsoka depois que ela deixou a Ordem Jedi perto do fim das Guerras Clônicas, e antes dela reaparecer como a misteriosa operadora rebelde Fulcro em Rebels. Finalmente, sua história começará a ser contada. Seguindo suas experiências com os Jedi e a devastação da Ordem 66, Ahsoka não tem certeza de que possa fazer parte de um todo maior de novo. Mas seu desejo de combater os males do Império e proteger aqueles que precisam disso e levará a Bail Organa e a Aliança Rebelde....

Baixe agora e leia

Star Wars -Dookan: O Jedi Perdido

Cavan Scott

469 páginas

Baixe agora e leia

Esse é o Quarto Ebook dos Tradutores dos Whills com uma aventura emocionante sobre um Vilão dos Filmes e da Série de TV Clone Wars: Conde Dookan! Mergulhe na história do sinistro Conde Dookan no roteiro original da emocionante produção de áudio de Star Wars! Darth Tyranus. Conde de Serenno. Líder dos Separatistas. Um sabre vermelho, desembainhado no escuro. Mas quem era ele antes de se tornar a mão direita dos Sith? Quando Dookan corteja uma nova aprendiz, a verdade oculta do passado do Lorde Sith começa a aparecer. A vida de Dookan começou como um privilégio, nascido dentro das muralhas pedregosas da propriedade de sua família. Mas logo, suas habilidades Jedi são reconhecidas, e ele é levado de sua casa para ser treinado nos caminhos da Força pelo lendário Mestre Yoda. Enquanto ele afia seu poder, Dookan sobe na hierarquia, fazendo amizade com Jedi Sifo-Dyas e levando um Padawan, o promissor Qui-Gon Jinn, e tenta esquecer a vida que ele levou uma vez. Mas ele se vê atraído por um estranho fascínio pela mestra Jedi Lene Kostana, e pela missão que ela empreende para a Ordem: encontrar e estudar relíquias antigas dos Sith, em preparação para o eventual retorno dos inimigos mais mortais que os Jedi já enfrentaram. Preso entre o mundo dos Jedi, as responsabilidades antigas de sua casa perdida e o poder sedutor das relíquias, Dookan luta para

permanecer na luz, mesmo quando começa a cair na escuridão.

Star Wars – Discípulo Sombrio
Tradutores dos Whills
319 páginas

Baixe agora e leia

Esse é o Quinto Ebook dos Tradutores dos Whills com uma aventura emocionante sobre um Vilões e Heróis dos Filmes e da Série de TV Clone Wars! Baseado em episódios não produzidos de Star Wars: The Clone Wars, este novo romance apresenta Asajj Ventress, a ex-aprendiz Sith que se tornou um caçadora de recompensas e uma das maiores anti-heróis da galáxia de Star Wars. Na guerra pelo controle da galáxia entre os exércitos do lado negro e da República, o ex-Mestre Jedi se tornou cruel. O Lorde Sith Conde Dookan se tornou cada vez mais brutal em suas táticas. Apesar dos poderes dos Jedi e das proezas militares de seu exército de clones, o grande número de mortes está cobrando um preço terrível. E quando Dookan ordena o massacre de uma flotilha de refugiados indefesos, o Conselho Jedi sente que não tem escolha a não ser tomar medidas drásticas: atacar o homem responsável por tantas atrocidades de guerra, o próprio Conde Dookan. Mas o Dookan sempre evasivo é uma presa perigosa para o caçador mais hábil. Portanto, o Conselho toma a decisão ousada de trazer tanto os lados do poder da Força de suportar – juntar o ousado Cavaleiro Quinlan Vos com a infame acólita Sith Asajj Ventress. Embora a desconfiança dos Jedi pela astuta assassina que uma vez serviu ao lado de Dookan ainda seja profunda, o ódio de Ventress por seu antigo mestre é mais profundo. Ela está mais do que disposta a emprestar seus copiosos talentos como caçadora de recompensas, e assassina, na busca de Vos.Juntos, Ventress e Vos são as melhores esperanças para eliminar a Dookan – desde que os sentimentos emergentes entre eles não comprometam a sua missão. Mas Ventress está determinada a ter sua vingança e, finalmente, deixar de lado seu

passado sombrio de Sith. Equilibrando as emoções complicadas que sente por Vos com a fúria de seu espírito guerreiro, ela resolve reivindicar a vitória em todas as frentes, uma promessa que será impiedosamente testada por seu inimigo mortal… e sua própria dúvida.

Os Segredos dos Jedi
Tradutores dos Whills
50 páginas
Baixe agora e leia

Descubra o mundo dos Jedi de Star Wars através desta experiência de leitura divertida e totalmente interativa. Star Wars: Jediografia é o melhor guia do universo Jedi para o universo dos Jedi, transportando jovens leitores para uma galáxia muito distante, através de recursos interativos, fatos fascinantes e ideias cativantes. Com ilustrações originais emocionantes e incríveis recursos especiais, como elevar as abas, texturas e muito mais, Star Wars: Jediografia garante a emoção das legiões de jovens fãs da saga.

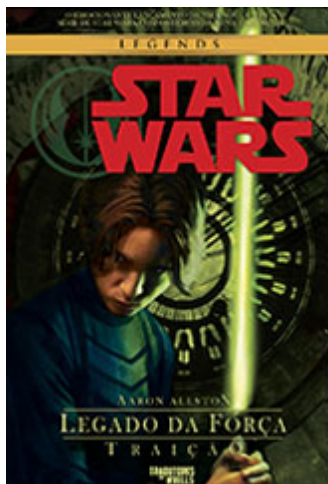
Baixe agora e leia

Star Wars – Thrawn – Alianças

Timothy Zahn

Baixe agora e leia

Palavras sinistras em qualquer circunstância, mas ainda mais quando proferidas pelo Imperador Palpatine. Em Batuu, nos limites das Regiões Desconhecidas, uma ameaça ao Império está se enraizando. Com a sua existência pouco mais que um vislumbre, as suas consequências ainda desconhecidas. Mas é preocupante o suficiente para o líder imperial justificar a investigação de seus agentes mais poderosos: o impiedoso agente Lorde Darth Vader e o brilhante estrategista grão-almirante Thrawn. Rivais ferozes a favor do Imperador e adversários francos nos assuntos imperiais, incluindo o projeto Estrela da Morte, o par formidável parece parceiros improváveis para uma missão tão crucial. Mas o Imperador sabe que não é a primeira vez que Vader e Thrawn juntam forças. E há mais por trás de seu comando real do que qualquer um dos suspeitos. No que parece uma vida atrás, o general Anakin Skywalker da República

Galáctica e o comandante Mitth'raw'nuruodo, oficial da Ascensão do Chiss, cruzaram o caminho pela primeira vez. Um em uma busca pessoal desesperada, o outro com motivos desconhecidos... e não divulgados. Mas, diante de uma série de perigos em um mundo longínquo, eles forjaram uma aliança desconfortável – nem remotamente cientes do que seus futuros reservavam. Agora, reunidos mais uma vez, eles se veem novamente ligados ao planeta onde lutaram lado a lado. Lá eles serão duplamente desafiados – por uma prova de sua lealdade ao Império... e um inimigo que ameaça até seu poder combinado.

Star Wars – Legado da Força – Traição
Tradutores dos Whills
496 páginas
Baixe agora e leia
Esta é a era do legado de Luke Skywalker: o Mestre Jedi unificou a Ordem em um grupo coeso de poderosos Cavaleiros Jedi. Mas enquanto a nova era começa, os interesses planetários ameaçam atrapalhar esse momento de relativa paz, e Luke é atormentado com visões de uma escuridão que se aproxima. O mal está ressurgindo "das melhores intenções" e parece que o legado dos Skywalkers pode dar um ciclo completo.A honra e o dever colidirão com a amizade e os laços de sangue, à medida que os Skywalker e o clã Solo se encontrarem em lados opostos de um conflito explosivo com repercussões potencialmente devastadoras para ambas as famílias, para a ordem Jedi e para toda a galáxia.Quando uma missão para descobrir uma fábrica ilegal de mísseis no planeta Aduman termina em uma emboscada violenta, da qual a Cavaleira Jedi Jacen Solo e o seu protegido e primo, Ben Skywalker, escapam por pouco com as suas vidas; é a evidência mais alarmante ainda que desencadeia uma discussão política. A agitação está ameaçando inflamar-se em total Rebelião. Os governos de vários mundos estão se irritando com os rígidos regulamentos da Aliança Galáctica, e os esforços diplomáticos para garantir o cumprimento estão falhando. Temendo o pior, a Aliança prepara uma demonstração preventiva de poder militar, numa tentativa de trazer os mundos renegados para a frente antes que uma revolta entre em erupção. O alvo modeloado para esse exercício: o planeta Corellia, conhecido pela independência impetuosa e pelo espírito renegado que fizeram de seu filho favorito, Han Solo, uma lenda.Algo como um trapaceiro, Jacen é, no entanto, obrigado como

Jedi a ficar com seu tio, o Mestre Jedi Luke Skywalkers, ao lado da Aliança Galáctica. Mas quando os corellianos de guerra lançam um contra-ataque, a demonstração de força da Aliança, e uma missão secreta para desativar a crucial Estação Central de Corellia; dão lugar a uma escaramuça armada. Quando a fumaça baixa, as linhas de batalha são traçadas. Agora, o espectro da guerra em grande escala aparece entre um grupo crescente de planetas desafiadores e a Aliança Galáctica, que alguns temem estar se tornando um novo Império.E, enquanto os dois lados lutam para encontrar uma solução diplomática, atos misteriosos de traição e sabotagem ameaçam condenar os esforços de paz a todo momento. Determinado a erradicar os que estão por trás do caos, Jacen segue uma trilha de pistas enigmáticas para um encontro sombrio com as mais chocantes revelações… enquanto Luke se depara com algo ainda mais preocupante: visões de sonho de uma figura sombria cujo poder da Força e crueldade lembram a ele de Darth Vader, um inimigo letal que ataca como um espírito sombrio em uma missão de destruição. Um agente do mal que, se as visões de Luke acontecerem, trará uma dor incalculável ao Mestre Jedi e a toda a galáxia.

Star Wars – Star Wars – Catalisador – Um Romance de Rogue One

Baixe agora e leia

A guerra está destruindo a galáxia. Durante anos, a República e os Separatistas lutaram entre as estrelas, cada um construindo uma tecnologia cada vez mais mortal na tentativa de vencer a guerra. Como membro do projeto secreto da Estrela da Morte do Chanceler Palpatine, Orson Krennic está determinado a desenvolver uma super arma antes que os inimigos da República possam. E um velho amigo de Krennic, o brilhante cientista Galen Erso, poderia ser a chave. tativa de vencer a guerra. Como membro do projeto secreto da Estrela da Morte do Chanceler Palpatine, Orson Krennic está determinado a desenvolver uma super arma antes que os inimigos da República possam. E um velho amigo de Krennic, o brilhante cientista Galen Erso, poderia ser a chave. A pesquisa focada na energia de Galen chamou a atenção de Krennic e de seus inimigos, tornando o cientista um peão crucial no conflito galáctico. Mas depois que Krennic resgata Galen, sua esposa, Lyra, e sua filha Jyn, de sequestradores separatistas, a família Erso está profundamente em dívida com Krennic. Krennic então oferece a Galen uma oportunidade extraordinária: continuar seus estudos científicos com todos os recursos totalmente à sua disposição. Enquanto Galen e Lyra acreditam que sua pesquisa energética será usada puramente de maneiras altruístas, Krennic tem outros planos que finalmente tornarão a Estrela da Morte uma realidade. Presos no aperto cada vez maior de seus benfeitores, os Ersos precisam desembaraçar a teia de decepção de Krennic para salvar a si mesmos e à própria galáxia.

Baixe agora e leia

Star Wars – Ascenção Rebelde

Quando Jyn Erso tinha cinco anos, sua mãe foi assassinada e seu pai foi tirado dela para servir ao Império. Mas, apesar da perda de seus pais, ela não está completamente sozinha – Saw Gerrera, um homem disposto a ir a todos os extremos necessários para resistir à tirania imperial, acolhe-a como sua e dá a ela não apenas um lar, mas todas as habilidades e os recursos de que ela precisa para se tornar uma rebelde.Jyn se dedica à causa e ao homem. Mas lutar ao lado de Saw e seu povo traz consigo o perigo e a questão de quão longe Jyn está disposta a ir como um dos soldados de Saw. Quando ela enfrenta uma traição impensável que destrói seu mundo, Jyn terá que se recompor e descobrir no que ela realmente acredita... e em quem ela pode realmente confiar.

Baixe agora e leia

Star Wars – A Alta República – O Grande Resgate Jedi

Baixe agora e leia

Conheça os nobres e sábios Jedi da Alta República! Quando um desastre acontece no hiperespaço, colocando o povo de Hetzal Prime em grave perigo, apenas os Jedi da Alta República podem salvar o dia! Esse ebook é a forma mais incrível de introduzir as crianças nessa nova Era da Alta República, pois reconta a história do Ebook Luz dos Jedi de forma simples e didática para as crianças. (FAIXA ETÁRIA: 5 a 8 anos)

Baixe agora e leia

Star Wars – A Alta República – Na Escuridão

Muito antes da Primeira Ordem, antes do Império ou antes mesmo da Ameaça Fantasma . . . Os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia na Alta República. Padawan Reath Silas está sendo enviado da cosmopolita capital galáctica de Coruscant para a fronteira subdesenvolvida, e ele não poderia estar menos feliz com isso. Ele prefere ficar no Templo Jedi, estudando os arquivos. Mas quando a nave em que ele está viajando é arrancada do hiperespaço em um desastre que abrange toda a galáxia, Reath se encontra no centro da ação. Os Jedi e seus companheiros de viagem encontram refúgio no que parece ser uma estação espacial abandonada. Mas então coisas estranhas começaram a acontecer, levando os Jedi a investigar a verdade por trás da estação misteriosa, uma verdade que pode terminar em tragédia ...

Star Wars – A Alta República – Corrida para Torre Crashpoint

Baixe agora e leia

Muito antes da Primeira Ordem, antes do Império ou antes mesmo da Ameaça Fantasma . . . Os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia na Alta República.

Padawan Ram Jomaram quer cuidar das suas atividades em paz, mas o droide V-18 vem trazer notícias sobre a queda das comunicações. Contudo os outros Jedi estão resolvendo outros problemas e ele é o único disponível para resolver a situação. ...

Baixe agora e leia

POR MILHARES DE GERAÇÕES, OS CAVALEIROS JEDI FORAM OS GUARDIÕES DA PAZ E DA JUSTIÇA.

Muito antes da Primeira Ordem, antes do Império ou antes mesmo da Ameaça Fantasma . . . Os Jedi iluminaram o caminho para a galáxia na Alta República. É uma era de ouro. Os intrépidos batedores do hiperespaço expandem o alcance da República para as estrelas mais distantes, mundos prosperam sob a liderança benevolente do Senado e a paz reina, reforçada pela sabedoria e força da renomada ordem de usuários da Força conhecidos como Jedi. Com os Jedi no auge de seu poder, os cidadãos livres da galáxia estão confiantes em sua habilidade de resistir a qualquer tempestade. Mas mesmo a luz mais brilhante pode lançar uma sombra, e algumas tempestades desafiam qualquer preparação.

Quando uma catástrofe chocante no hiperespaço despedaça uma nave, a enxurrada de estilhaços que emergem do desastre ameaça todo o sistema. Assim que o pedido de ajuda sai, os Jedi correm para o local. O escopo do surgimento, no entanto, é o suficiente para levar até os Jedi ao seu limite. Enquanto o céu se abre e a destruição cai sobre a aliança pacífica que ajudaram a construir, os Jedi devem confiar na Força para vê-los em um dia em que um único erro pode custar bilhões de vidas.

Mesmo enquanto os Jedi lutam bravamente contra a calamidade, algo verdadeiramente mortal cresce além dos limites da República. O desastre do hiperespaço é muito mais sinistro do que os Jedi poderiam suspeitar. Uma ameaça se esconde na escuridão, longe da era da luz, e guarda um segredo.

FICÇÃO CIENTÍFICA